

Série 5.<sup>a</sup> ★ B R A S I L I A N A ★ Vol. 246  
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

---

DAVID CARNEIRO

★

HISTÓRIA  
DA  
GUERRA CISPLATINA

*Edição Ilustrada*

•

1946

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Bahia - Pará - Pôrto Alegre



710011369

IMPRESSO NOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
Printed in the United States of Brazil

## ÍNDICE

<i>Página rostral</i> (Latino Coelho)	
<i>Prefácio</i> . . . . .	7
<i>Introdução</i> . . . . .	15
1. <sup>a</sup> PARTE (A Rebelião da Cisplatina) . . . . .	31
Cap. I — Independência brasileira e ação dos patriotas uruguaios . . . . .	33
Cap. II — Declaração de Florida e ação de Rincon de las Gallinas . . . . .	47
Cap. III — Preâmbulo à batalha de Sarandi . . . . .	57
Cap. IV — A batalha de Sarandi, suas conseqüências e julgamentos . . . . .	67
Cap. V — Ainda conseqüências de Sarandi e a ação de Alencastro . . . . .	79
2. <sup>a</sup> PARTE (A Guerra com as Províncias Unidas do Rio da Prata)	
Cap. VI — Operações e providências de Buenos Aires e do Brasil . . . . .	95
Cap. VII — Organizações dos dois exércitos e primeiras operações militares . . . . .	107
Cap. VIII — Movimentos e aproximações. Ação de Vacacaí . . . . .	117
Cap. IX — A batalha do Passo do Rosário . . . . .	127
Cap. X — Julgamento e diversidades nas descrições. Pormenores . . . . .	137
Cap. XI — As perdas. Parte oficial argentina. Frutos colhidos. Exército inimigo abandona o nosso território . . . . .	151
Cap. XII — Ações de Juca Teodoro. Tentativas de Brown. Invasão de Missões . . . . .	161
3. <sup>a</sup> PARTE (A campanha naval).	
Cap. XIII — O corso, ataques à Colonia e combates.	177
Cap. XIV — Batalhas e aventuras. O combate de Juncal . . . . .	191

Cap. XV — Expedição de Carmen de Patagones. Combate de Monte Santiago — O Salado...	201
Cap. XVI — Incurções de corsários. Luta na lagoa Mirim. Barracas. Punta Chaparra .....	223
4. <sup>a</sup> PARTE (A paz — Os troféus).	
Cap. XVII — Preliminares, até paz completa .....	235
Cap. XVIII — Falsos troféus de Ituzaingó, canhões, restos de Brandzen e peças dos museus platinos	245

## ANEXOS

Boletins e proclamações brasileiras .....	259
Barbacena . . . . .	261
Brown . . . . .	263
Alvear . . . . .	264
Pôrto Alegre .....	267
Folk-lore e a guerra cisplatina .....	274
Bibliografia . . . . .	281

## ÍNDICE DAS GRAVURAS

General J. A. Lavalleja .....	38-A
Mapa da Cisplatina — 1824 .....	40-A
General Don Frutuoso Rivera.....	42-A
Esquema da Batalha de Sarandi.....	58-A
Coronel Bento Manoel Ribeiro .....	62-A
General Rodrigues .....	96-A
General Alvear .....	108-A
Marcha antes da batalha do Passo do Rosário.....	112-A
General S. B. Pereira Pinto.....	114-A
Situação do Passo do Rosário .....	124-A
Marquês de Barbacena .....	128-A
Croquis topográfico do campo de batalha de Ituzaingo..	134-A
General João Crisóstomo Calado.....	148-A
Marechal Gustavo H. Brown .....	164-A
Almirante Brown .....	180-A
Almirante Rodrigo Lobo....	186-A
Almirante Pinto Guedes .....	206-A





## PREFÁCIO

“Falta, porém, uma obra de conjunto, que descreva a guerra nos seus diversos aspectos: militar, econômico, político e diplomático. E esta falta é, entre nós, tanto mais sensível quanto, do lado argentino, existem bons trabalhos especializados sobre a questão.

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO, *Um soldado do reino e do império.*

Um livro sobre a guerra de 1825-1828, dando idéia do conjunto das operações navais e militares, bem como das lutas políticas, constituiu um anseio para mim, sempre insatisfeito. Desejei constantemente ler uma coisa concisa e ao mesmo tempo completa sobre essa interessantíssima campanha, e não encontrei o que me satisfizesse.

A procura causou a bibliografia enorme que possuo sobre essa guerra da Cisplatina e a tentativa que constitui esta pequena obra para aumentar, talvez, a insatisfação de outros que estejam nas mesmas condições que eu. Desde 1937 comecei a pensar na concatenação que agora vem à luz. Entretanto, se não fôra o convite que me fêz o Sr. General Lúcio Esteves, comandante da 5.<sup>a</sup> Região Militar, para uma série de conferências a respeito do meu assunto predileto, talvez o opúsculo nunca saísse do terreno dos anseios e dos projetos.

Ao iniciar a conferência feita no Quartel General de Curitiba, a 3 de dezembro de 1940, disse eu “Aquiescendo ao pedido que me foi feito por S. Exa. o Sr. General

comandante da 5.<sup>a</sup> Região Militar, venho hoje ocupar a atenção da brilhante oficialidade presente, num assunto histórico empolgante, qual seja a campanha de 1825-1828, denominada Guerra da Cisplatina.

Temo que, em continuação à série de conferências patrocinadas pela 5.<sup>a</sup> Região, o tema que me foi confiado perca em minhas mãos o brilho natural que tem por seu valor intrínseco, e que esta palestra que me coube fazer, baixe o nível médio mantido pelos brilhantes intelectuais, militares e civis que me precederem, no desenvolvimento das teses a êles distribuídas.

De qualquer forma não deixarei de cumprir o duplo dever, de patriotismo e de amizade, trazendo à consideração dos Srs. oficiais, assuntos que estão longe de ser novos, mas que também estão longe de ser tratados por todos os brasileiros com o carinho devido.”

---

Há um princípio de psicologia militar que recomenda sempre a prudência, tornando-a tão excessiva que leva à inércia e à defesa estática que não dá vitórias; e outro que prefere a audácia, com todos os excessivos perigos de que se revestem as ofensivas.

Aparentemente em oposição, êsses dois princípios podem ser perfeitamente conciliados, num terceiro que recomenda: *“Nunca se deve entrar em combate, nem temendo nem desprezando o adversário.”*

Êsse princípio encerra uma grande sabedoria. Quando se despreza o inimigo, surge a imprudência, ou quando menos, ficam facilitadas as ocasiões de surpêsa; e sempre que o adversário se mostra superior à conta em que o tínhamos, caminhamos, sem dúvida, para a derrota. Mas não o temendo, atacamos na medida necessária.



Assim, se não nos bastasse o exemplo atual do “*melhor exército do mundo*” destroçado em poucos dias, por julgar-se o “melhor exército do mundo”, aí estariam todos os exemplos que nos fornece a nossa própria história.

Quando os nossos chefes militares entraram em batalha com uma confiança cega na vitória, desprezando o inimigo que haviam batido constantemente, surgiu-lhes o desgraçado reverso da medalha.

Tais foram quase todos os casos da Guerra da Cisplatina; e para não deixar de citar um exemplo local relativamente recente, êsse foi também o caso do Capitão João Gualberto Gomes de Sá, coronel comandante do Regimento de Segurança do Paraná, batido e sacrificado no Irani, por um adversário que êle considerou tão desprezível que levou cordas para trazer os chefes dos fanáticos, amarrados.

A alternativa de vitória e derrota entre os clássicos inimigos europeus mostra bem que não se deve dormir sobre os louros.

A Alemanha, mais prudente, tem aprendido sem cessar com as derrotas, indo estudar as causas delas no armamento e nas condições materiais, ao mesmo tempo que a prudência do seu Estado Maior nunca abandona o ponto de vista oposto à cega confiança; porque êle provoca, como no caso do Marne, em que os soldados alemães contavam com almôço em Paris, seguro, a possibilidade da fragorosa perda.

---

Voltemos atrás: O estudo constante da nossa história militar nos leva sempre à campanha do Paraguai. Conhecemo-la nos mais mínimos detalhes, e tornamo-nos orgulhosos com a vitória dos nossos soldados. Em com-

pensação, passamos de largo na Campanha Cisplatina em que fomos tristemente derrotados.

O meu ponto de vista seria modificar o tema: Passar de largo sobre as nossas vitórias do Paraguai, e estudar em detalhe as nossas derrotas, a fim de evitar outras, sempre contingentes, para o futuro.

Leio na fisionomia de alguns daqueles que me escutam, a dúvida a respeito do que afirmci, com relação à nossa derrota na Campanha Cisplatina, e desejo esclarecer essa dúvida: A guerra é um estado de oposição entre duas vontades coletivas. As operações militares são os choques entre essas duas vontades cada uma tendendo a submeter a outra.

No caso da Campanha Cisplatina a nossa vontade seria não dar a independência ao Uruguai. Para manter a sua submissão foi que lutamos. Se eles ficaram independentes, venceram.

É preciso convir, porém, em que a habilidade política dos próceres uruguaios evitou a vitória Argentina. Entre o Brasil e a Argentina houve um tremendo empate político, senão militar; mas entre Brasil, Uruguai e Argentina, houve um país vitorioso: foi o Uruguai, cuja vontade coletiva ficou satisfeita.

---

Para se bem compreender as causas gerais da guerra que tivemos com a Cisplatina e com Buenos Aires (como se dizia então), é indispensável que nos reportemos à evolução humana moderna, após a desagregação católica. Essa desagregação foi que nos trouxe a formação das grandes pátrias como consequência natural da ausência de acatamento universal ao poder do papado.

Só a sociologia dinâmica pode bem esclarecer, pelas leis especiais de evolução, o que foi o passado, senão para

vê-lo melhor, para explicar, especialmente as seqüências imediatas de certos pontos capitais tomados como marcos de referência, antevendo, quando possível, o futuro.

Para bem penetrarmos os assuntos americanos, é indispensável ir à Europa medieval, para desde aí desenrolar o novêlo dos fatos políticos. O determinismo indiscutível das leis sociais naturais não prescinde das vontades humanas. Nos fatos sociais elas são parte, como o oxigênio é parte no fenômeno fisiológico da respiração. É preciso, pois, que se venha de longe, para, como numa progressão, fixar os elementos que são termos dela, acompanhar-lhe a seqüência e ver aonde vai e a que atinge. Se tomamos na mistura termos de outras progressões que não deviam ser consideradas, e com elas pensamos poder prever, erramos na solução do problema como se fôssemos maus alunos de aritmética.

Em que consiste o início do desenrolar do tabuleiro político europeu que nos vai trazer a independência, e dentro dela a luta com a Cisplatina e Buenos Aires?

Enquanto o catolicismo tinha predomínio perfeito em tôdas as consciências, os monarcas da Europa se entendiam nos assuntos graves de potência a potência, por intermédio do Papado. A diplomacia dos reis só foi instituída sistematicamente por Luís XI de França. Havia antes dessa, porém, a diplomacia dos papas; o papado sendo como que o lubrificante universal a estabelecer contatos, relações, negócios; desfazer atritos, favorecer ou desfavorecer partes através de outros interessados. Depois que o poder espiritual tendeu sistematicamente a anular-se, os reis procuraram entender-se diretamente, prescindindo dos elementos papais de conexão.

Enquanto durante a verdadeira Idade Média, o poder temporal residia efetivamente nas mãos dos senhores feudais, e a Europa estava dividida em feudos de extensão relativamente pequena, tudo correu bem. A escuri-

dão medieval, apesar dos vários pontos em que ela é combatida e ridicularizada, constituiu de fato um período feliz da humanidade. Quando se tem muito que contar é porque se sofre muitas angústias. Veja-se que o período mais historiado da Grécia é também o mais agitado, embora brilhante! É o da invasão. Quem vive sossegado e feliz não tem história, especialmente quando ela diz respeito aos atos, como em geral se faz.

Consequência imediata da ausência de um poder espiritual superior foi a tendência à formação de grandes pátrias.

Os feudos, delimitados ou não por linhas fronteiriças que não tinham significação efetiva, desapareceram para que essas fronteiras nacionais surgissem definidas. O poder feudal disperso deu lugar ao poder central, pela necessidade de coesão e força material. Os reis eliminaram os feudatários no caso mais comum, europeu, e quando os feudos tiveram vitalidade para sobreviver, formaram uma pátria nova. No primeiro caso esteve a França em que Luís XI lutou contra Carlos o Temerário; no segundo, a Holanda, que se separou da Espanha.

A paz, objetivo final da vida nas nações, como a felicidade é o objetivo confesso da vida individual, exigia um meio sistemático para obtê-la, independentemente da vontade dos reis. .

Foi Frederico 2.<sup>o</sup> quem encontrou a fórmula no equilíbrio instável de potência. Ele era representante de uma nação nova, a Prússia, que vinha do século XV, de um simples ducado da Turingia. Formada a Prússia como ele a imaginara necessária para ser fiel de balança na Europa, o velho continente teve paz, a paz da maturidade e da velhice de Frederico o Grande, paz que do equilíbrio, estabelecido por ele, provinha.

Essa paz foi a que durou até o desequilíbrio da Revolução Francesa, desequilíbrio que efetivamente era universal e não local.

A guerra de coligação dos reis contra o povo francês, que eliminava a antiga hierarquia, foi uma reação social da retrogradação contra a anarquia. Ela marca o início das flutuações a que há 150 anos vimos assistindo.

É preciso caracterizar bem o que seja, no sentido positivo, a retrogradação primeiro e anarquia depois:

*Retrogradação*, ensinou-nos A. Comte, é a ordem inmutável; e *Anarquia*, a evolução independente de uma ordem qualquer.

Como se vê, a coalisão dos reis contra os revolucionários franceses foi sem dúvida reação da ordem retrógrada contra a anarquia. Essa reação não conseguindo impor imediatamente a sua vontade, pela força, influiu para a formação de ditaduras que terminaram pelo governo armado de Napoleão Bonaparte, cujas vitórias fizeram desejar sobrepor à própria Europa a sua pessoa, dentro da ordem retrógrada antiga, que os reis quiseram ver restabelecida.

Aceita essa situação, a hipertrofia, dentro dos antecedentes sociais da França e da situação moral de Bonaparte, fica explicada. Napoleão impõe à Espanha seu irmão José, e retém Carlos V em Bordeaux. Resolve em seguida eliminar Portugal. D. João VI se transporta para o Brasil, e aqui forma o seu reinado. Fernando VII continua respeitado pelos vices-reis de Buenos Aires até que, em 1810, o congresso de Tucuman declare livres e independentes as Províncias Unidas do Rio da Prata, formadas pelos elementos do antigo Vice Reinado do mesmo nome, isto é, pela atual Argentina, pelo Alto Peru (Bolívia); pelo Paraguai e pelo Uruguai.

O Uruguai a princípio subordinou-se à Junta diretiva ou governativa de Buenos Aires. Bem cedo porém Artigas sonhou com um estado independente que tivesse como capital a sua cidade natal, Montevideú, estado êsse que se deveria constituir do atual Uruguai, do Rio Grande do Sul e das províncias argentinas de Entre Rios, Corrientes e Missões.

Começou Artigas por rebelar-se contra os espanhóis, e vencê-los. Teve depois que vencer aos argentinos, que se opunham aos seus sonhos de liberdade para uma província que devia ser, segundo pensavam os portenhos, confederada apenas, não independente.

Mas Artigas venceu os argentinos, como vencera os espanhóis. À batalha de Las Piedras pôde êle juntar no rol de suas vitórias a batalha de Guaiabos.

Restava um inimigo a vencer: Portugal, mas Portugal com sua nova sede de govêrno no Rio de Janeiro.

Contra êsse inimigo, Artigas não pôde.

Sete longos anos lutou o libertador, o caudilho admirável, o sonhador excelente; mas acabou sendo vencido, depois de Catalan e de Taquarembó.

A Cisplatina ficou sendo portugêsa, e governada por um capitão general, Lecor, Visconde da Laguna, que tão enérgico e firme se mostra na campanha contra Artigas, quanto fraco e indeciso na guerra de 1825-28.

Envelhecera na alma como nos anos que o calendário mede? Talvez...

Talvez também a vontade de D. Pedro fôsse menos tenaz do que a de D. João VI!?

Essas causas psíquicas não interessam à nossa história. Por isso passamos desde logo a outro assunto.

## INTRODUÇÃO

*Fundação da Colônia do Sacramento. — Guerras pela sua posse. — Fundação de Montevidéu. — Tratado de Madri e a guerra guaranítica. — Cavalos e o Tratado de Santo Ildefonso. — A guerra de 1801. — Artigas e a consciência do Uruguai.*

“Artigas nunca tinha transigido com o ideal de liberação completa do Uruguai. Para êle a sua pátria devia lutar pela independência integral, a exemplo das outras nações da América espanhola. Exatamente por causa da intransigência e da ousadia dêsses planos, nunca pôde Artigas levá-los à vitória...”

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO. *Um soldado do reino e do império.*

Constituía o território atual do Uruguai, no século XVII, um apêndice do conjunto físico brasileiro, que mais dia menos dia se haveria de povoar.

A escassez de população na metrópole portugueza e a fraca densidade de habitantes nesta parte sul da colônia impediram que desde 1531, desde Martim Afonso, o atual Uruguai fôsse português, e, como consequência, brasileiro.

Por outro lado a situação de Buenos Aires, empório comercial importante que assustadoramente crescia forçava os colonizadores portuguezes a pensarem numa posi-

ção à margem esquerda do Rio da Prata, mesmo antes das determinações expressas de fronteiras, segundo os tratados e a diplomacia.

Havia, entretanto, o texto legal servindo de amparo aos colonizadores que se defrontavam nesta parte da América.

Alexandre VI, o Bórgia, papa espanhol, fêz doação ao seu país de nascimento, pela bula de 4 de maio de 1493 "*de extensión e donación apostólica de las Indias.*" de "*tôdas as ilhas e terras firmes já descobertas e por descobrir para as bandas do Ocidente e do meio-dia, tirando-se linha reta do pólo ártico ao antártico, ficando ou não essas e terras firmes para as partes da Índia ou qualquer outro quarteirão do globo.*"

Essa linha corria a "*cem leguas de distâncias das ilhas do Açores e Cabo Verde, sem embargo de quaisquer outras constituições e ordenanças apostólicas em contrário.*"

Espanha, que se iniciara nas navegações com assombrosa felicidade, graças ao gênio de Cristóvão Colombo, vinha fazer o papel de jogador feliz, gozando todos os sacrificios de Portugal, iniciados ao tempo de D. João I e de seus filhos.

Portugal, lesado, reclamou a Alexandre Bórgia a linha injusta. Essa reclamação, levada a efeito por D. João II, motivou o tratado de Tordesilhas, de 7 de junho de 1494, estabelecendo a "*linha a 370 leguas para o poente das ilhas de Cabo Verde*".

Depois do descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral, haveria necessidade de uma exata demarcação da linha.

Marcos portugueses conhecidos foram colocados nas nossas costas, mas não se sabe se êsses sinais de posse estariam de acôrdo com o tratado firmado pelos reis portugueses em 1494, ou se êles abriam uma situação nova



de menos passividade espiritual. De qualquer forma, porém, a inércia portuguêsã, depois do reinado de D. Manoel, prolongou o *statu-quo* até após o reinado de D. João III, D. Sebastião e do cardeal D. Henrique.

Postas sob o cetro dos Felípes as duas coroas da Ibéria, estava cancelado tácitamente o tratado de 1494.

É essa a situação que nasce em 1580, depois do curto reinado do cardeal-rei, e que se prolonga até 1640.

Para o Brasil, livres os bandeirantes paulistas da muralha teórica das Tordesilhas, a união dos cetros foi providencial, permitindo que fôsem brasileiros, isto é, de colonização portuguêsã, todo o atual Oeste de nossa Pátria, campo para esplêndida atividade atual e futura dos nossos homens.

Esse patrimônio, legado pelos bandeirantes, paulistas e curitibanos, será dentro de mais um século a causa da supremacia industrial do Brasil, e a conquista bandeirante foi possível, graças ao desastre de Alcácer Kibir.

Pelo tratado de 1668, a Espanha aceita a situação de independência, proclamada em 1640 pelo duque de Bragança, depois D. João IV. Esse tratado não somente reintegra Portugal nos seus domínios de antes de 1580, como reconhece a plena independência dos reis lusitanos.

Estava revogado o tratado de Tordesilhas? Ainda não, pelo aspecto jurídico da convenção diplomática, mas estava empiricamente, visto que os domínios portuguêses propriamente ditos já haviam extravazado da linha rígida de Alexandre Bórgia.

O Uruguai atual, apêndice do Brasil pelo aspecto físico, mereceu atenção dos reis portuguêses. Viram logo os monarcas lusos que uma feitoria militar deveria ser fundada em frente de Buenos Aires, para garantir a posse da margem de cá do Rio da Prata.

Instruções foram dadas ao governador do Rio de Janeiro, em 1679, Manuel Lobo, para que construísse uma

cidade fortaleza em frente a Buenos Aires, no melhor ponto que encontrasse para semelhante objetivo.

Nesse mesmo ano o Governador Manuel Lobo executa as ordens recebidas, erigindo a colônia e o forte do Sacramento.

Começa então a luta que só vai terminar depois do tratado firmado entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai, conhecido pelo nome do mediador inglês, Lord Ponsonby, em 1829.

Da construção do forte do Sacramento, teve logo notícia o governador de Buenos Aires. Preparou-se Vera Mujica para destruir a fortaleza portuguesa, e meses apenas depois de estar completa, sofreu a colônia o seu primeiro cerco, em 1680.

Vitorioso, Vera Mujica destruiu a Colônia, arrasou as suas fortificações e levou presos para Buenos Aires os seus defensores sobreviventes.

A ação de Vera Mujica, porém, estava contra a diplomacia de alcova dos reis do século XVII, e a sua investida vitoriosa em lugar de recompensa, teve a censura do rei de Espanha.

O ano de 1681 assistiu à restituição dos prisioneiros feitos por Vera Mujica, a refacção da fortaleza do Sacramento e a restituição da Colônia a D. Pedro II de Portugal. Assim recebia, talvez sem o esperar, tôdas as satisfações possíveis, o feliz irmão do infeliz Afonso IV, e ficava de novo senhor da margem esquerda do Rio da Prata.

Essa situação feliz dura pouco menos de cinco lustros, e é a guerra de sucessão da Espanha, de 1705, que destrói a paz da América do Sul.

Portugal tomara o partido dos Habsburgos da Áustria, que era apoiado pela Inglaterra. A Espanha estava sendo governada por Felipe V, neto de Luís XIV, sustentado por êste. Continuava a política de alcova entre os europeus, e para o bem-estar de um descendente de reis, voltam

a sofrer os súditos americanos, ainda não conscientes dos seus direitos.

Declarada a guerra de Sucessão, estabelecida a oposição entre Espanha e Portugal, em 1705, 6.000 soldados saem de Buenos Aires e atacando a Colônia com furioso ímpeto, procuram destruí-la.

Por seis meses a guarnição se defende. Faltando-lhe, porém, munição de bôca e de guerra, embarca na esquadra que estava ancorada no pôrto, e os navios portugueses e iugleses levam para longe do teatro das suas ações bravas a guarnição luso-brasileira.

O tratado de Utrecht, firmado em 1715, põe fim à contenda que teve tantos e tão graves reflexos na América. A Colônia do Sacramento foi devolvida a Portugal.

A situação parecia estável para os monarcas portugueses.

Os espanhóis, porém, sentiam que a estabilidade para Buenos Aires só seria conseguida quando a margem esquerda do Rio da Prata também fôsse espanhola.

Com o objetivo de garantir uma feitoria, do lado oposto a Buenos Aires, trataram de fundar fortaleza ou cidade paralela à Colônia do Sacramento, do lado de cá.

O ponto escolhido foi o mesmo que muitas vêzes os lusos haviam ocupado, ao pé de um cêrro, num pôrto formado por pequena península. Aí, em 1724, Bruno Maurício de Zabala funda Montevidéu, cujo primitivo nome teria sido São Fernando.

Nova guerra na Europa, entre Portugal e Espanha, repercute na América do Sul, em 1735. Miguel de Salcedo comanda o ataque e sítio à Colônia do Sacramento.

Leva o esforço dois anos, e termina por uma formal desistência dos espanhóis ante a tenacidade invencível dos lusitanos.

A paz verdadeira, porém, é assinada por parte de D. José, pelo admirável santista Alexandre de Gusmão,

em 1750. Essa paz constitui o célebre tratado de Madrid, que prolonga o estado de incerteza, na posse da Colônia do Sacramento, conservada até aí à custa de generoso e abundante sangue.

Pelo tratado de 1750 a Colônia do Sacramento passa a pertencer à Espanha. Esta, em compensação dá a Portugal o território das Missões de aquém Uruguai, com os Sete Povos (Santo Ângelo, São Miguel, São João, São Nicolau, São Luís Gonzaga, São Lourenço e São Borja).

Com dois pontos de formação urbana, Montevidéu e Colônia, e logo depois com Maldonado e São Carlos, uma população de origem espanhola se enraizava no futuro território da República Oriental do Uruguai.

Entretanto, pelo tratado de 13 de janeiro de 1750, o rio Ibicui constituía separação entre os reinos de Espanha e Portugal, nesta parte da América.

Comissão de demarcadores, formada de militares dos dois reinos, veio colocar marcos na linha divisória.

Levados, porém, pela palavra dos jesuítas espanhóis, os guaranis das Missões se rebelaram contra o tratado, no desejo de continuarem a ser súditos do rei de Espanha.

O jesuíta Altamirano veio expressamente, encarregado pelo Geral inaciano, para fazer que as ordens régias fôsem acatadas. Altamirano, porém, foi mal recebido pelos índios, e com mêdo de um desacato pessoal, fugiu.

Tal demonstração de fraqueza incendiou o ânimo dos insurretos que, chefiados pelo cacique Nicolau Languiru, resistiram à fôrça mesmo, às ordens emanadas das côrtes européias no tocante à situação do território missioneiro.

Sòmente dois anos mais tarde, a 1.<sup>o</sup> de setembro de 1752, recommençaram as demarcações interrompidas.

Encontraram-se, então, Gomes Freire de Andrade e o vice-rei Valdelírios, e o trabalho de demarcação e sinalização pelos marcos divisórios se inicia, logo continuado pelos sucessores dos vice-reis, os comandantes Cardoso de

Meneses, de parte de Portugal, e Étcheverría, por parte da Espanha.

Quando êstes chegaram, porém, a Santa Tecla, tiveram notícia de que os guaranis rebelados, sob o comando do índio Sepé, iniciavam ação belicosa atacando o fortim do Rio Pardo.

Dois anos dura essa situação deprimente. Só em 1754, com a ação militar conjunta de Espanha e Portugal, a revolta desaparece depois de uma curta batalha (10 de fevereiro), em que morre o índio Sepé.

Tôdas as cidades jesuíticas caíram depois de fraca resistência.

O tratado de Madri ia ser cumprido, ao que parecia, finalmente. Mas a morte de Carlos III de Espanha fêz abortar o tratado de 1750 e os jesuítas espanhóis voltaram à plena posse, de fato, do govêrno de suas reduções.

A situação de fato foi legalizada em 1761, com a convenção pela qual se devolvia a Colônia do Sacramento a Portugal, como compensação às Missões de aquêr Uru-guai, que continuavam espanholas.

Nova conflagração na Europa, entretanto, põe em pé de guerra as populações do Sul.

É a guerra de 1762-3. Cevallos, vice-rei de Buenos Aires, sai desta cidade e põe cêrco à Colônia. A seguir, pela linha do litoral, invade o Rio Grande, tomando o reduto de Santa Teresa. Por certo a ação dêsse homem enérgico far-se-ia sentir por tôda a Capitania de São Pedro do Rio Grande, se a assinatura da paz na Europa não lhe fizesse devolver tôdas as terras da sua recente conquista.

Novamente em guerra, os dois rivais da Ibéria, a ação mavórtica se vem refletir na América do Sul.

Cevallos vem da Espanha com tremenda esquadra.

Toma a ilha de Santa Catarina em fevereiro de 1777 e em maio põe sítio à Colônia do Sacramento.

Pouco mais poderia resistir a histórica praça esquecida havia muito pelo governo de Lisboa, se um novo acordo não viesse midificar a penosa situação. Foi êle o tratado de Santo Ildefonso, pelo qual se devolve a Portugal o território ocupado por Cevallos no Rio Grande, e mais a ilha de Santa Catarina que caíra às suas mãos sem resistência.

Mas por êsse mesmo tratado, pela segunda vez a Colônia do Sacramento passa a ser espanhola. A sua guarnição portugueza (luso-brasileira), que resistira brilhantemente ao sítio de Cevallos, entrega as fortalezas com lágrimas de sangue.

As missões, como a Colônia, continuam a ser dos jesuítas espanhóis, subordinados, portanto, ao rei D. Carlos IV.

Essa situação perdura até 1801, ano em que, já sob a regência de D. João, nova guerra estala na Europa entre Portugal e Espanha.

Afirmam biógrafos do príncipe regente, depois D. João VI, que *“a guerra de 1801 foi idealização de Bonaparte que se valia de Godoy (ministro de Espanha e mentor do rei Carlos) como de um lugar-tenente destacado junto dos reis espanhóis. E o que desejava Napoleão era fechar à Inglaterra os portos da Península”*.

Na América teve a guerra uma feição *sui generis*.

Governava o Rio Grande o Tenente-General Sebastião Xavier da Veiga Cabral. Assim que recebeu a notícia do rompimento, fez correr editais em que se pedia voluntários para iniciar a ação militar.

Graças ao patriotismo da gente do Sul e aos exemplos dados pelos homens de maior prestígio, entre os quais devem ser destacados o Coronel Manuel Marques de Sousa (pai do Conde de Pôrto Alegre) o Coronel Patrício Corrêa da Câmara (avô do visconde de Pelotas), um exército

esteve logo pronto para agir, dando pouca despesa para os cofres públicos.

Mas o mais admirável em tudo foi a ação de chefes arvorados, como Borges do Canto, Gabriel Ribeiro de Almeida, Almeida Lara e Santos Pedroso, que, acompanhados de algumas dezenas de homens, fizeram a conquista das Missões de aquém Uruguai de forma quase incruenta, e sem perderem nenhum soldado.

Quase que se poderia dizer que foi a conquista mais venturosa de quantas a história apresenta nos seus anais.

Marques de Sousa, por sua vez, marchou para o Sul, sobre a fortaleza do Sêrro Largo, que logo se rendeu, também sem grande luta.

Com apenas escaramuças e pequenos combates (o de 23 de novembro, entre outros) finda a guerra que também ficou quase única na história da América.

---

Nesse tempo já várias póvoas se haviam formado no Uruguai, com a predominância muito sensível do elemento espanhol. Apenas na campanha, e nas proximidades da fronteira, havia a mescla do brasileiro com o charrua e o guarani.

As lutas constantes, ou intermitentes, facilitavam a mistura do sangue da orla litorânea e ribeirinha com o elemento do interior, e assim se formou o crioulo do Uruguai com tôdas as suas notáveis características que o tornavam capaz de sentir a pátria nascente.

Submetido à Espanha, continuou o Uruguai até que surgisse, em 1810, a declaratória de Tucuman, pela qual as Províncias que constituíam o vice-reinado do Prata declaravam-se independentes da Metrôpole, embora fiéis a Fernando VII.

Como já foi dito, as Províncias do Rio da Prata constituíam quatro grandes blocos nacionais com grupamentos

urbanos capazes de se transformar, se já não eram, em verdadeiras capitais. Buenos Aires (Argentina), o Alto Peru (Bolívia), Assunção (Paraguai) e a Banda Oriental (Uruguai), eram os elementos a confederar, se fôsse possível naquelas circunstâncias.

Tomou a si o govêrno de Assunção um filho de brasileiro, Dr. Gaspar Rodrigues de Francia, homem eminente, embora misantropo e taciturno, como outros grandes estadistas. Desde logo Francia declarou-se desligado das Províncias Unidas do antigo vice-reinado, não se submetendo à junta governativa de Buenos Aires.

Debalde Belgrano tentou submeter o Paraguai.

Saindo de Curuzú Quatiá êsse chefe argentino, vitorioso embora em seus dois primeiros encontros com as fôrças de França (em Campichuelo e Itapuá), foi batido completamente em Paraguari a 26 de julho de 1810 pelo General paraguaio Cabañas e logo destroçado, com os restos de suas fôrças desfeitas, junto à fronteira paraguaia-argentina, em Taquari.

Frância impôs um armistício a Belgrano, armistício êsse que se transformou logo no tratado de 1812, pelo qual Buenos Aires reconhecia o Paraguai como país independente.

A Bolívia teve Sucre, general de Bolívar, como seu primeiro governador, e foi por êle dirigida no melhor sentido.

Montevidéu, porém, continuou, nas mãos do vice-rei Elío, como oásis de fidelidade espanhola na América.

A junta de Buenos Aires pensou em forçar a mão.

Élio, desamparado da Europa, pediu a intervenção de D. Carlota Joaquina, como princesa espanhola que era e como irmã do rei.

Quando D. João, depois de muita relutância, vencido pela insistência de D. Carlota Joaquina, decide preparar fôrças para a guerra de Montevidéu, já Artigas se



havia levantado em armas e batido os espanhóis em Las Piedras, a 18 de maio de 1811.

Os argentinos se haviam apoderado de Colônia, mas Artigas delega a Benevides a missão de expulsá-los do território da nova pátria, e êste consegue plenamente os seus objetivos.

Artigas (José Gervasio) nasceu em Montevidéu em 1746, e começou a sua vida militar como oficial dos voluntários reais. Morava em Sauce, e quando houve a invasão inglêsa de 1806, que causou o despertar da consciência nacional, Artigas muito se distinguiu nessas lutas pela defesa do solo.

Alistado no partido dos independentes depois de 1810, bateu os espanhóis (como já vimos) e em seguida os argentinos mandados pela junta governativa de Buenos Aires.

A vitória das armas artiguenhas determina o reconhecimento da independência da Banda Oriental.

É certo que Artigas, cujo sonho era formar uma grande pátria, com o atual Uruguai, as Províncias argentinas, Córdoba, Santa Fé, Entre Rios, Corrientes e as Missões, não ficou satisfeito com o pequeno resultado obtido.

É Buenos Aires que fomenta a intervenção de D. João VI. Essa missão é que faz a perda de Artigas, a quem os anos já pesavam nas últimas campanhas.

Depois de seis anos de luta, Artigas perde a partida e vai morrer asilado por França, no Curugati, em 1826.

---

As forças luso-brasileiras, na primeira invasão, entram pelo Uruguai a dentro em duas colunas:

Uma desce pela costa, acompanha a linha do mar passando p<sup>a</sup> a fortaleza de Santa Teresa e pela vila de Maldonado.

Outra vai a Sêrro Largo, cruza pelo Salto e Paisandú e converge com a outra na direção de Montevidéu, seguindo a curva do rio Uruguai.

Assim como a invasão fôra determinada por manejo político da junta de Buenos Aires, também a retirada teve essa causa. As fôrças brasileiras e portuguezas voltaram ao Rio Grande de sua curta campanha sem terem tido senão insignificantes encontros.

Tal foi a guerra de Artigas em 1812.

Buenos Aires logo depois, com um exército que Alvear comanda, ataca Montevidéu. A praça cede a 23 de junho de 1814 e fica instalada a Província Oriental do Rio da Prata.

A vitória portenha, porém, teve duração efêmera. Dorrego, batido por Artigas em Guaiabos, é obrigado a abandonar Montevidéu, que o Libertador volta a ocupar a 27 de fevereiro de 1815.

Soubesse Artigas manejar os bastidores da política sul-americana, fôsse mais diplomata e menos sonhador como soldado, estaria garantida a emancipação do Uruguai desde 1815.

D. João VI, porém, esperava sinal da junta de Buenos Aires e assim que o recebeu, nova invasão teve lugar, sendo pretextado dela os atentados contra os súditos de S. M. católica na linha do Quaraí.

O General Lecor teve ordem de avançar. Movimentou-se desde Santa Catarina, em cinco colunas convergentes:

1.<sup>a</sup> coluna — Lecor — Marcha pelo litoral para Maldonado, Montevidéu e Colônia.

2.<sup>a</sup> coluna — Bernardo da Silveira — Marcha sobre Sêrro Largo, depois Rio Negro até Rio Uruguai (800 homens).

3.<sup>a</sup> coluna — Brigadeiro Oliveira — Estaciona no Salto. Suas fôrças são milicianas da legião de São Paulo, de Curitiba e de Santa Catarina.

4.<sup>a</sup> coluna — Coronel Jardim — Ocupa serras de Santana e Aedo com voluntários do Rio Grande, e alguma força de linha do Sul.

5.<sup>a</sup> coluna — Coronel José de Abreu — Que ocupa as Missões.

Artigas e seus lugares-tenentes preparam-se para resistir. Uma das formas mais eficazes de reação seria a invasão do território de São Pedro do Rio Grande, que ficara desguarnecido.

Sotel e Verdun tentaram essa manobra pela linha do Ibicuí.

Por outro lado, as forças de estacionamento, combatem com firmeza e valentia.

Chagas Santos é obrigado a bater um têrço uruguaio em São Borja.

Abreu faz o mesmo no passo do Butuí.

João Propício Mena Barreto no Arroio Ibirocaí.

Prepara-se uma batalha decisiva que mostre qual dos dois contendores levará a melhor.

Ela tem lugar a 27 de outubro de 1816, à margem do arroio Elias, entre os morros de Carumbé, que dão nome à ação militar.

O brigadeiro Oliveira declara na sua parte:

*“Assim que os colhi a menos de mecio alcance de fuzil, mandei avançar; em pouco mais de 10 minutos tinha voado o centro da linha do inimigo à força de bala e de baioneta da incomparável infantaria da legião de São Paulo”.*

Artigas estava sendo vencido. O infeliz Libertador não chegaria a ver senão os albores longínquos da aurora da liberdade da sua pátria, mas a semente fecunda por êle plantada em terra fértil e generosa, daria resultados excelentes. Artigas conseguiu fazer de pouco mais de uma centena de milhares de habitantes da Banda Oriental,

um povo com idéia de unidade e com sentimento de pátria. Essa é a sua maior glória.

Conseguiu, lutando, amalgamar espanhóis e criolos, charruas e portugueses e guaranis, formando entre correias, como se voltasse ao nomadismo primitivo, um povo de guerreiros para o qual nenhum esforço era excessivo, e nenhum sofrimento invencível.

As vitórias obtidas contra Artigas determinaram uma intensificação de operações. O General Marquês de Alegrete, que assumiu o comando das forças luso-brasileiras distribuiu as suas ordens desde o fim desse ano de 1816.

Artigas, cansado e envelhecido, não comandava mais pessoalmente. Foi um seu tenente, Latorre, quem, a 1 de janeiro de 1817 pensou atacar a retarguarda do Exército luso-brasileiro estacionado próximo ao arroio Catalan, quase na atual fronteira Uruguai-Brasil.

Abreu, que devia ser atacado e sente o movimento do inimigo, manda avisar o Marquês de Alegrete que intervém na batalha.

Catalan é ação entre 3.000 uruguaios de Artigas e 2.400 luso-brasileiros sob o comando do Marquês de Alegrete. Não passa de uma batalha frontal: A esquerda firma-se em defensiva sob o comando do Coronel Curado, enquanto a direita com os dragões do Rio Pardo, esquadões da Legião de São Paulo, voluntários reais das milícias de Curitiba, atacam e envolvem o inimigo.

Relativamente fácil foi a obtenção dessa vitória.

Enquanto Latorre é batido em Catalan, Frutuoso Rivera, outro tenente de Artigas, o é também em Índia Muerta.

Depois destas vitórias os caminhos ficam abertos para Montevidéu, e por eles Lecor avança até a capital.

Atacada por terra pelas forças de Lecor; atacada por mar, por esquadra vinda do Rio para bloquear a praça, Montevidéu não pôde resistir e foi reocupada a 20 de

janeiro de 1817. Todos os sacramentos de solene reincorporação ao reino luso-brasileiro foram levados a efeito. Reconstituía-se a Província Cisplatina.

Não muitos meses depois, porém, ainda nesse ano de 1817, em abril, André Artigas procurou mostrar que a chama dos ideais de independência não estava extinta. Ataca êle o território das Missões, e logo depois Verdum recomeça sua atividade bélica entre o Arapeí e o Quaraí.

Nada pode a bravura contra o número.

As fôrças de Andrés Artigas são dizimadas em São Carlos, pelo Brigadeiro Chagas, a 3 de abril. As de Verdum o são no Queguai Chico, por Bento Manuel, a 4 de julho.

Vencidos embora, não perdem ainda assim, a esperança.

O libertador D. José Gervasio Artigas e seus tenentes refazem suas fôrças e retomam fôlego na província de Entre Rios para voltar ao ataque em 1819, visando a região missioneira de aquém Uruguai.

Ha incursões de Sotel, de Andrés Artigas, de Latorre, de Cairi e de Frutuoso Rivera, sem objetivo patriótico.

Nesta última fase a guerra degenera. As incursões são impedidas quase sempre pelas fôrças luso-brasileiras de ocupação.

Finalmente, em Arroio Grande (agosto de 1819), Frutuoso Rivera vê-se obrigado a jogar uma cartada completa contra Bento Manuel, para ser batido.

Em seguida Sotel, com tôdas as fôrças de José Artigas que o acompanha, vê-se obrigado a jogar também o todo pelo todo em Taquarembó.

Morre Sotel, e outros tenentes de Artigas são apisionados. José Gervasio, vendo desfeitas as possibilidades de realização concreta do seu sonho, foge para Assunção, pedindo asilo a Gaspar Frância. Rivera adere aos portugueses.

Tal é o epílogo da campanha artiguenha no seu sentido concreto e material. Deixou ela, porém, acordados, os ideais de pátria, entre os habitantes da Banda Oriental, cujo amálgama de elementos se constituíra em todo homogêneo, capaz de ser nação.

1.ª PARTE

*A REBELIÃO DA CISPLATINA*





## CAPÍTULO I

*A independência brasileira e seus reflexos no Uruguai. — Os patriotas facilitam a ação do Brasil. — As conspirações do ano 24. — Exílio de chefes. — Lavalleja.*

“Orientais! A guerra está principiada. A divisão dos Voluntários reais, que tão generosamente nos franqueou armas e munições, está em vésperas de embarcar de regresso à Europa, depois que desapareçam as hostes, do Barão da Laguna, que assediam esta praça. Os espanhóis fizeram causa comum conosco. Tudo nos anuncia que é chegado o momento de recobrar-mos o tempo de nossa doce e adorada liberdade.”

Proclamação do Cabido de Montevideu (1823).

— — — — —

A luta entre o Príncipe D. Pedro e as Câmaras portuguesas, desde o movimento da carta, de 1820, e sobretudo depois da volta de D. João VI para Portugal, azedou de tal forma que uma conciliação a todos pareceu impossível. Ou um ou outro havia de se subordinar. D. Pedro, porém, não era fácil de submeter-se, e as Câmaras, de longe, não podiam sofrer a influência pessoal do chefe da Casa de Bragança com relação às possibilidades de vingança ou de perseguição.

Depois do Fico, a atitude das câmaras portuguesas se fez notar como desejosa de restringir a ação do prin-

cipe do Brasil. Juntas governativas foram criadas em cada província brasileira, subordinadas diretamente a Lisboa.

Em Montevidéu, como a província Cisplatina constituía um caso especial, a junta se denominava Conselho Militar, e era dominada completamente pelo Brigadeiro Álvaro da Costa, português de origem como Lecor, mas intransigentemente contrário ao espírito de independência que explodia por todos os cantos da América.

Quando a rebelião de D. Pedro se tornou clara, a arma que as côrtes pretendiam ter contra o príncipe rebelado, foi arma dêle contra a metrópole, porque o elemento de que as juntas se compunham era, em geral, completamente brasileiro.

As juntas apoiaram imediatamente, em tôdas as providências, o ato rebelde de D. Pedro, e aceitaram com entusiasmo a declaração de independência e a convocação para uma assembléia legislativa.

A Cisplatina, ao contrário, proclamou-se ligada a Portugal, havendo na justificativa do Conselho Militar (em que Lecor se declarou votante vencido) a seguinte frase:

*“Conquistada pelas armas portuguezas, não deve esta província destacar-se da causa de Portugal para seguir a sorte do Brasil”.*

A luta latente, dentro da Cisplatina, entre portuguezes e brasileiros, tornou-se logo clara, com a saída ruidosa de Lecor, tenente general e comandante das armas da província, para Canelones.

Os uruguaiois iam assistir de braços cruzados à luta entre os dois conquistadores, a fim de saber a qual dos dois haviam de obedecer ou de qual dos dois governos deveria logo emancipar-se.

Lecor tinha em Canelones uma fôrça brasileira que o apoiava: e a sua saída de Montevidéu foi, evidentemente, inspirada pelo Rio de Janeiro.

Os chefes orientais mais influentes apoiaram imediatamente ao General Lecor que contou, entre muitas outras, com as adesões de Rivera, Lavalleja, Izas Calderon e Julian Laguna.

Também os governos das cidades e vilas da campanha se pronunciaram, aderindo ao Brasil, e contra o governo português de Montevidéu. Sacramento (Colônia), São José, Sêrro Largo e Maldonado foram das primeiras a fazer suas declarações.

Vendo-se suficientemente apoiado, Lecor tratou de promover por terra o cêrco de Montevidéu, enquanto uma esquadra vinha do Rio apoiar à do Almirante Rodrigo Lobo que se pronunciára também favorável a D. Pedro.

Sitiada por terra e bloqueada por mar, Montevidéu não pôde resistir muito tempo.

Máu grado as negociações tentadas por Álvaro da Costa, que comandava, em nome de Lisboa, a praça de Montevidéu, a situação cada dia se tornava para os portugueses sitiados, mais precária.

Os Oribe, que haviam permanecido, na emergência, fiéis a Portugal, procuram mesmo o apôio material de Buenos Aires, mas êsse apôio, de difícil que era, torna-se impossível por causa do bloqueio à praça.

Combates de vanguarda e as infrutíferas sortidas da guarnição portuguêsã obrigaram o General português, Brigadeiro Álvaro da Costa, a celebrar um acôrdo com Lecor, a 18 de novembro de 1823, pelo qual se compromete a entregar imediatamente a praça, ficando, entretanto, os portugueses com a faculdade de se retirarem para Lisboa com as suas armas e pendões.

Dessa forma, vencidos os portuguêses, o domínio estranho da Cisplatina passava a ser somente brasileiro.

Os uruguaios haviam sido espanhóis, depois portuguêses e enfim estavam subordinados ao Brasil.

Buenos Aires, depois das derrotas que lhe haviam in-frigido as Províncias rebeladas, Paraguai primeiro e a Banda Oriental depois, com o feito de Guaiabos, desistiu de intervenções armadas, e procurou reaver os territórios de que se desfalcara por meio de ação diplomática e ma-nejo hábil na côrte do Rio de Janeiro.

Com esse objetivo foi mandado para junto do pri-meiro imperador, como credenciado junto a D. Pedro I, D. José Valentim Gomes.

Sonhava a Junta Governativa de Buenos Aires com a possibilidade de uma desistência portugueza da Banda, que seria desde logo incorporada às Províncias Unidas do Rio da Prata.

O govêrno imperial respondeu às sugestões do em-baixador argentino com a nota de 6 de fevereiro de 1824, rejeitando tôda e qualquer negociação sôbre a posse da Cisplatina como província ligada a Buenos Aires.

D. Pedro, informado da situação do Uruguai por Lecor, tinha' a impressão de que os uruguaios não dese-javam outra coisa que não fôsse a sua incorporação ao império.

Lecor se cercava de elementos simpáticos ao Brasil e tinha em Montevidéu uma verdadeira côrte, cujo ambiente o impedia de ter impressões certas, verdadeiras, precisas, com relação ao ânimo dos habitantes da Cisplatina.

No ato da entrada das fôrças brasileiras em Montevi-déu, jurou-se a constituição política do Império promul-gada por D. Pedro I. Por essa constituição o Estado Cisplantino, em situação de confederado, passava a fazer parte do Brasil.

Montevidéu e as pequenas cidades mais próximas, da orla marinha e das margens do Uruguai, apoiaram os incensadores do govêrno de Lecor na capital, dando im-pressão de que a felicidade interna da Banda Oriental começava desde êsse momento.

A verdade, porém, era outra. Tôda a campanha, onde a antiga ação de Artigas e a mais recente influência dos caudilhos que o sucederam na conservação do anseio de independência, não estava de acôrdo com a subordinação ao Brasil através de Lecor.

Uns pensavam voltar à Confederação, fazendo parte das Províncias Unidas do Rio da Prata; outros desejavam a independência pura e simples, vendo embora tôda a dificuldade para a solução plena do problema assim pôsto.

Quando a notícia dô insucesso de D. Valentim Gomes chegou a Montevidéu, muitos dos patriotas que eram favoráveis à confederação com Buenos Aires, começaram a conspirar sob a proteção da bandeira argentina, dentro mesmo de Montevidéu.

Faziam parte dêsse grupo vários chefes influentes, na grande maioria oficiais do tempo de Artigas.

Tanto os que haviam sido partidários dos portugêses, como os Oribe, como os que se haviam sempre mostrado seus inimigos, agora cooperavam desejosos de ter a união com a Argentina. Formou-se mesmo uma sociedade secreta, dos "Caballeros orientales", cujos ideais eram o combate à dominação brasileira.

As conspirações, porém, foram descobertas pela policia de Lecor, e os mais exaltados inimigos do Brasil, viram-se obrigados a fugir para Buenos Aires.

O govêrno argentino mostrava-se cético em relação às possibilidades de um levante da Banda Oriental, de forma que os auxílios prestados aos chefes que se propunham dar o grito de insurreição eram poucos e frios.

O govêrno de Entre Rios, porém, foi mais liberal nos seus estímulos materiais aos conspiradores que preparavam um desembarque em território uruguaio para daí realizarem o levante da campanha, levante que se devia generalizar tomando conta do país.

Entre Rios foi a província que forneceu as armas de que a revolução necessitava em seus primórdios, assim como cavalos e munições. -

Os patriotas: Manuel Oribe, Paulo Zufriategui, Simon del Pino, Manuel Lavalleja, Manuel Freire, Jacinto Trapani, Gregório Sanabria, Manuel Melendez, Atanasio Serra, Santiago Gadea, Panteleon Artigas, Andres Spikerman. João Spikerman, Celedonio Rojas, Andres Cheveste, João Ortiz, Ramon Ortiz, Avelino Miranda, Carmelo Colman, Santiago Nievas, Miguel Martinez, Juan Rosas, Tibúrcio Gomes, Inácio Nuñez, Juan Acosta, José Leguizamon, Francisco Romero, Juan Arteaga, Dionísio Oribe e Juaquim Artigas, chefiados por João Antônio Lavalleja, ao todo 33 homens, (contando dois remadores), saíram de São Izidro e da parte sul de Buenos Aires em duas chalupas.

Costeando a margem ocidental, para evitar encontros com a esquadra brasileira, reuniram-se as chalupas na ilha do Braço Largo, a 15 de abril.

Postos de acôrdo com alguns patriotas que continuavam a agir do lado uruguaio, os 33 atravessaram o rio a 19 de abril de 1825, e às 11 horas da noite, realizavam o desembarque no Arenal Grande ou na Praia da Agraçada.

*"Amigos, estamos em nossa Pátria",* teria dito Lavalleja, *"Deus ajudará nossos esforços, e se havemos de morrer morreremos como bons soldados em nossa própria terra."*

Ao desfraldar a sua bandeira tricolor, com o lema *"Libertad o muerte"*, que os uruguaios empunhariam até 1829, revogando a de Artigas que era uma bandeira argentina cortada por faixa diagonal vermelha, o chefe dos orientais não deixava patente senão que os seus projetos eram de união com as Províncias Unidas do Rio da Prata e não de independência da Banda Oriental.

Nascido na cidade uruguaia de Minas, em 1786, lutou Juan Antônio Lavalleja ao lado de Artigas, desde 1811.

Durante a invasão lusitana, foi dos que mais ferozmente hostilizaram as nossas fôrças. Estava como comandante da vanguarda de Artigas, perto do Salto, no ano de 1818, em fevereiro, quando, num golpe feliz, o então Alferes Olivério Ortis, das fôrças do Coronel José Abreu, conseguiu aprisioná-lo.

Teve que sofrer durante três anos, na ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, o cativo duro que mais profundo deixou o seu ódio contra o Brasil. Pôsto em Liberdade em 1821, serviu com Rivera, no exército de ocupação, de Lecor, contra os portuguezes, mas esperava apenas uma oportunidade para tentar um golpe de emancipação.

Desde 1823 conspirou com os "caballeros orientales" em Montevidéu, contra o domínio brasileiro. Quando sua ação foi descoberta, emigrou. Voltando à pátria à frente dos 33, com a sua bandeira tricolor em que estava escrita "*Libertad o muerte*", iniciou a campanha feliz que conseguiu abolir definitivamente o domínio estranho na antiga Cisplatina.

Caudilho influentíssimo depois da guerra 1825-1828, veio a falecer em Montevidéu, a 22 de outubro de 1852, depois da guerra contra Rosas em que não tomou parte.

---

A 20 de abril de 1825, contando já com mais de 200 auxiliares, prontos para tôdas as eventualidades, os 33 patriotas (\*) orientais marcham para a pequena cidade

---

(\*) Dos 33 orientais, 16 eram estrangeiros: Onze eram argentinos, um francês, um brasileiro, um paraguaio e dois africanos. (Ver SOUSA DOCA, Rev. do Inst. Hist. Geogr. do Rio Grande do Sul).

de Soriano, defendida por diminuta fôrça comandada por Julian Laguna, veterano de 1811-1818.

Depois da curta escaramuça de São Salvador, a cidade caiu às mãos dos rebelados, a 4, e Julian Laguna, velho soldado de Artigas adieriu francamente ao movimento encabeçado por Lavalleja.

Quando a notícia da tomada de Soriano chegou a Montevidéu, Lecor, como providência imediata, resolveu mandar bater as hostes dos 33, encarregando dessa missão o brigadeiro Frutuoso Rivera.

A ação dos patriotas uruguaios foi tomada como uma loucura ou como ingênua imprudência.

Frutuoso Rivera tivera notícia da rebelião e fôra a ela contrário, não por princípio, mas por achar que era prematuro o movimento que necessitava de largo tempo para um sufficiente amadurecimento.

Os planos sistemáticos traçados pela Junta Preparatória de Buenos Aires, em 1824, de desembarque em quatro colunas (Latorre — esquerda; Lavalleja — centro; Dorrego — direita; Mansilla — refôrço onde fosse necessário, segundo as circunstâncias) para uma invasão da Cisplatina, e combate às fôrças brasileiras, foram abandonados.

Conseqüência da falência dêsses planos era a quichotesca aventura de Lavalleja.

É indubitável que êste chegou ao Uruguai com pleno conhecimento dos habitantes da região.

Das tentativas de Lavalleja para atrair Rivera à sua causa, obteve êle uma negativa, ou restrições com vagas esperanças.

Nomeado comandante militar da campanha da Cisplatina, desde a morte do íntegro Brigadeiro Manuel Marques de Sousa, Rivera, a 13 de fevereiro de 1825 foi banqueteado em Durazno e deu num discurso, a impressão de dubiedade.



Lecor achou que, confiando a defesa da causa brasileira à sua honra, garantia e estabilizava a sua situação como homem de confiança do Império.

Os dados apresentados pelo perpicaz espírito do Major Horacio Vico, eminente historiador uruguaio, são de molde a fazer crer que tôdas as ordens dadas por Frutuoso Rivera, visavam antes, dar notícia das situações, a Lavalleja.

Tal é, por exemplo a carta dirigida a D. Felix Holivera, encontrada no arquivo do chefe dos 33.

Basta raciocinar como faz aquêlê illustre historiador, e considerar-se que Lavalleja, depois de ler a dita carta dirigida a D. Felix de Holivera, decide ir ao campo de Rivera, que está melhor armado e mais forte do que êle para aprisioná-lo, para ver-se que Rivera estava ao tanto da conspiração, decidira ajudar o movimento, e esperava apenas oportunidade.

Rivera sai de Colônia para bater Lavalleja. Sem combate é *aprisionado*, e logo adere. Traindo miseravelmente aqueles que antes o consideravam seu amigo, presta-se ao triste papel de fingir a situação inalterada, iludindo a boa fé dos que nêle acreditaram.

---

Frutuoso Rivera nasceu em Peñarol em 1788.

Capitão desde a batalha de las Piedras, não tinha ainda 27 anos quando foi da batalha de Guaiabos em que pôs fim ao domínio de Buenos Aires.

Erã contrário também ao domínio portuguez, mas serviu ao Brasil de boa vontade, até que, *aprisionado* voluntariamente, a 27 de abril de 1825, pelos 33, contra os quais deviam marchar, aderiu à causa dêles que era a sua, dois dias depois de combinar as condições pessoais em que ficava. Figura proeminente de Rincón, de Sarandí

e das Missões, na Campanha Cisplatina, vem a ser o primeiro presidente constitucional do Uruguai. Oposto a Oribe, que era partidário de Rosas, sustentou a chamada Guerra Grande (1843-1851), como aliado dos unitários, e depois, do Brasil e de Urquiza.

De volta à cidade natal, o fundador do partido Colorado encontra a morte à margem do arroio Conventos (Sêrro Largo) a 13 de janeiro de 1854.

---

Não há dúvida de que a atitude desassomburada de Lavalleja é moralmente superior, sob todos os aspectos, à maneira por que agiu Rivera.

Estando ao lado dos seus compatriotas, decidido a lutar pela independência da sua Pátria, devia ter feito o que os Lavalleja, os Oribe, os Zufriategui fizeram: Abandonar lealmente o serviço do Brasil, serviço que lhes havia de parecer, a todos êles e com razão, supremamente odioso, e ir para Buenos Aires a fim de colaborar na arrancada temerária, mas heróica sem dúvida, dos 33.

A prisão de Rivera é assim descrita, nas Efemérides, pelo Barão do Rio Branco: "*O General Frutuoso Rivera, que saíra de Colônia com uma escolta, a fim de reunir as nossas fôrças e combater a insurreição de que era chefe Lavalleja, foi surpreendido por êste e aprisionado. Após conferenciar com o seu antigo companheiro, resolveu adcriir à revolução e prometen facilitar a surprêsa dos destacamentos brasileiros, valendo-se da autoridade que tinha como comandante geral da campanha.*"

A 1.º de maio, Rivera estava ainda em Mozon. A sua defecção era ignorada no Exército brasileiro.

O Coronel Vicente Rodrigues Borba, que devia juntar suas fôrças às dêle, chegado de São José com milicianos de Curitiba e legionários de São Paulo, cai na armadilha

que lhe prepararam os dois compadres, e tôda a sua fôrça é aprisionada.

O compêndio de História Pátria (do Uruguai), de H. D., refere-se ao fato:

*“De Mozon seguiram os patriotas ao Passo del Rey, onde fizeram prisioneiros o Coronel brasileiro Borba e sua Coluna de 300 homens.”*

Um outro historiador uruguaio, Arreguine, dá os seguintes pormenores do fato:

*“Rivera saiu ao encontro de Lavalleja com 70 homens, e, embora tivesse prometido ser fiel ao Brasil, no manifesto de fevereiro, o certo é que, estando em Mozon o brigadeiro Rivera, despachou um próprio pedindo a incorporação de um subalterno, e êsse próprio sendo aprisionado por Lavalleja, êste imaginou um stratagema a fim de obrigá-lo a passar-se para os patriotas. Com efeito o chefe dos trinta e três armou uma emboscada e tomou Rivera de surpresa quando êste se aproximava com a sua ordenança para reconhecer as fôrças que acreditava serem suas.”*

Arreguine comenta: *“Provavelmente o stratagema foi obra dos dois caudilhos que eram compadres e haviam feito juntos a primeira guerra da independência.”*

Os textos citados dão o seguinte detalhe sôbre a prisão do Coronel Borba, que nos interessa, prisão levada a efeito pelos dois compadres mancomunados:

*“Era uma noite crua de inverno, Rivera e Lavalleja estavam sentados ao fogo, tomando mate e fazendo planos de campanha, quando um oficial brasileiro entrou inesperadamente no rancho. Julgando estar entre os seus, sentou-se e os acompanhou no chimarrão.*

*Depois de algumas perguntas e respostas de interêsse momentâneo, travaram o diálogo seguinte:*

— *Acabo de percorrer os postos avançados do acampamento, (disse Borba) e tôda a nossa gente está alertã; e*

*a propósito, general, (continuou dirigindo-se a Rivera) não sabe V. S. onde está o patife do Lavalleja?*

— *Tenho vontade de vir às mãos com elle para dar-lhe a lição que merece por sua felonía.*

*“Rivera deu asas ao brasileiro para continuar afeando a conduta do antigo tenente coronel de dragões do reino unido.*

*Depois de uma pausa algo prolongada, levantou-se Rivera, e como querendo reparar um olvido, disse ao official brasileiro:*

*“Perdoe-me a inadvertência por não lhe ter ainda apresentado o meu compadre, (frase acompanhada da indicação mímica da pessoa que estava com elle) — o patife do Lavalleja! — e rebentou em ruidosa gargalhada.*

*“Borba levantou-se (conta o escritor citado) e fulminou-o com esta frase digna:*

*“O que me admira, general, é vê-lo convertido em um patife do mesmo quilate do seu compadre!”*

Feito prisioneiro imediatamente. Conta Arreguine que Rivera o enviara para suas linhas, mandando ao chefe da coluna brasileira um recado, comunicando a deserção de Borba. E ao substituto dêste atraiu a uma emboscada. As fôrças sem seus chefes, tomadas de surpresa, entregaram suas armas. Foi êsse o feito de Mozon.

Rivera desejou justificar as suas felonias junto a Abreu, escrevendo-lhe a carta citada pelo Major Vico:

*“Culpa-me V. Exa. do procedimento que tive com as tropas que se achavam sob meu comando e immediata direção do Coronel Borba, desarmando daquelas e a êste; mas não tem V. Exa. em consideração, o iníquo procedimento com que o Visconde da Laguna ordenou ao Tenente-Coronel Manuel Carneiro da Fontoura, em março de 1820, em Três Arvores, que se valesse do armistício feito com Bento Manuel Ribeiro, surpreendendo minha boa fé*

*e me obrigando a firmar uma incorporação forjada pela intriga."*

A Lavalleja, Rivera declarou: "*abraçar a causa de todo o coração, porque sempre desejara sacudir o jugo dos portugueses, embora julgasse o passo prematuro e a empresa precipitada e temerária."*

Como se vê, começou com uma quichotada e com uma felonía, a campanha que devia trazer a independência do Uruguai.

Dizem que os fins justificam os meios..

Não se pode estar de acôrdo com semelhante princípio que é, sem dúvida, imoral.

A ação de Rivera é condenável.

Porém, se se conhecesse de antemão os esplêndidos resultados da insurreição, como uruguaio, o pecado que cometeu êsse esplêndido caudilho, êsse faccioso patriota, êsse egoísta eterno a servir a Pátria, lembrando-se sempre em primeiro lugar de si próprio, que foi "Don Frutos", Rivera ficaria justificado.



## CAPÍTULO II

*Atitude de Lecor ante a defecção de Rivera — Primeiro feito de Vasco Antunes Maciel — O govêrno provisório de Florida — A desgraçada ação de Rincón de las Gallinas — A descrição do General Osório — José Luis Mena Barreto.*

“O combate de Rincón foi o primeiro revés que sofremos, depois de continuadas vitórias na campanha do Sul, desde 1801 até 1820, quando tínhamos sobre os nossos vizinhos a superioridade da disciplina e da instrução militar.”

*Efemérides Brasileiras — B. DO RIO BRANCO.*

---

Exasperado pela defecção de Rivera, Lecor pôs a sua cabeça a prêmio, oferecendo 2.000 pesos por ela. Não contente com isso, ofereceu um prêmio complementar de 1.500 pesos pela cabeça de Lavalleja, segundo dizem os historiadores uruguaiois.

Tôda a campanha se revoluciona. Os mais entusiasmados pegam em armas, e se unem aos chefes arvorados. Os mais tímidos fazem votos pela vitória da causa sagrada.

Os 33 marcham sobre Montevidéu e estacionam no Cerrito. Colônia, por sua vez, ficou sitiada.

A 15 de julho, porém, o Coronel Vasco Antunes Maciel, que se havia de tornar notável pela eficácia das suas sortidas, saindo da praça pela primeira vez, põe em

fuga os sitiados, derrotando-os no combate junto à Quinta do Rico.

Pouco depois, a 18, os brasileiros em Montevideu repeliram o ataque noturno de Oribe, ficando nas mãos dos sitiados, prisioneiro, o Capitão Manuel Lavalleja, que foi remetido para o Rio de Janeiro.

Os patriotas orientais pareciam querer tomar o pulso aos nossos, ou forçá-los a sair a campo raso. A superioridade da sua cavalaria inspirava-lhes essa tática para a que sempre se inclinaram dentro dessa campanha.

A 17 de agosto, perto das muralhas da Colônia do Sacramento, há um combate mais sério entre 300 brasileiros comandados pelo Coronel João Ramos e 400 orientais de Juan Antônio Lavalleja. Estes, depois de renhido combate, retiraram-se com boa perda, sendo a nossa de 24 homens, entre mortos e feridos.

---

Qual seria a situação dessa campanha se os acontecimentos continuassem nesse tranco? Tudo nos leva a crer que as cidades ficariam em nossas mãos e a campanha nas mãos dos orientais, até que reforços consideráveis do Rio, de São Paulo ou do Nordeste viessem ativar a guerra, se algumas ocorrências desgraçadas não modificassem por completo a situação, justamente quando grande parte do nosso Exército guarnecia a Província de Pernambuco onde uma rebelião, surgida em má hora, fôra sufocada.

A 22 de agosto de 1825 às 11 1/2 horas da noite Frutuoso Rivera, à frente de 500 homens, atacou a vila de Mercedes que era defendida por uma pequena guarnição brasileira comandada pelo Tenente-Coronel Francisco de Paula de Avelar Cabrita e pela canhoneira *D. Sebastião*. Depois de algumas horas de fogo o inimigo foi repellido. Tôdas as vêzes que os ataques não eram de campo raso,



ou então com muita superioridade numérica, era isso o que acontecia.

Antes do ataque, guiado por um desertor, filho do país, Rivera conseguiu aprisionar quatro feridos, e um cadete com mais outros quatro soldados, que estavam em uma casa afastada do centro da vila de Mercedes e que servia de hospital.

A situação de Cabrita seria difícil, se não estivesse perto dessa cidade, vindo do Rio Grande, como refôrço às guarnições do litoral, o General José de Abreu, que obrigou Rivera a afastar-se, fugindo ao combate.

A forma de agir dos uruguaiois, sob o comando de Rivera, era sempre semelhante à usada com Vicente Rodrigues Borba, se não pior.

A 29 de agôsto, por exemplo, Rivera escreveu ao Coronel José Rodrigues Barbosa, comandante da nossa vanguarda, pedindo-lhe que o fôsse ver.

O General Abreu, consultado, consentiu na entrevista, acreditando que Rivera, desejasse voltar a agir sob nossa bandeira. Rodrigues Barbosa, entretanto, foi vítima de uma outra felonía do desleal caudilho: Chegando ao campo adversário, foi retido prisioneiro.

---

Demos agora uma vista de olhos na situação da Banda Oriental, nessa altura da Guerra Cisplatina:

Desde 14 de junho um govêrno provisório estava instalado na vila de Florida. Lavallega era seu primaz como chefe do exército, comandando o corpo de 1.000 homens acampados na barra de Santa Luzia Chica.

Rivera comandava fôrça igual em Durazno.

Oribe, com 300 homens, observava Montevidéu e Quirós, com outro tanto, estava nos arredores de Colônia.

A 25 de agosto de 1825, enquanto Lecor recebia em Montevideu 1.200 homens de refôrço, comandados pelo General Maggesi Tavares, os uruguaios reunidos em Assembléia de Representantes em Florida, declararam solemnemente *“irritos, nulos e dissolvidos todos os atos de incorporação e juramentos arrancados aos povos da Província Oriental, proclamando-a livre e independente do rei de Portugal, do imperador do Brasil e de qualquer outro poder do universo, e com pleno poder para dar-se a forma de govêrno, que estimasse conveniente”*.

Nesse mesmo dia a Assembléia declarou unida a Província do Uruguai às demais Províncias do Rio da Prata.

Tudo foi lido na “Pedra Alta”, na margem do Santa Luzia Chica, para os patriotas pelo Padre Larrobla, que como presidente da Assembléia foi aclamado.

Essa declaração visava comover Buenos Aires; mas o govêrno argentino temia a guerra com o Brasil e só veio a decidir-se pela aceitação da *“declaratória de Florida”* depois dos nossos desastres em Rincón e Sarandi.

*“Essa Assembléia”, diz Bauzá, “obrou com habilidade e patriotismo. Encontrando ante si duas nações poderosas (Brasil e Argentina) uma que lhe era hostil e outra que o seria muito breve, rompeu de imediato com a mais temível (Brasil) atraindo o apóio da outra (Argentina), apresentando-lhe as probabilidades de um engrandecimento territorial”*.

---

Abreu, que entrou na campanha do Estado Oriental em junho de 1825 com 1.300 homens, cometeu a imprudência de não esperar a concentração das tropas que ficaram mais tarde dispersas, sob seu comando. Procurou logo atacar o inimigo mais próximo, o que foi medida desastrosa, sem dúvida, como os acontecimentos por si mesmos provaram.

Entretanto, sua marcha sôbre Mercedes foi que salvou Cabrita da ação de Rivera, de forma que a imprudência também teve vantagens.

À margem direita do Rio Negro, numa espécie de península formada pela confluência dos rios Uruguai e Negro, desde a Guerra de Artigas se guardava a cavallhada destinada à remonta do exército em operações na Cisplatina. Esse canto se denomina "Rincón de las Gallinas".

Abreu guarneceu o Rincón com 150 homens, e aí deixou todos os cavalos de reserva e remonta que trouxe do Rio Grande. Da margem esquerda, onde estava, pensou tomar a ofensiva, sendo a sua posição muito favorável em virtude da possibilidade de amplo movimento com a cavallhada do depósito.

Ordenou de começo a Bento Manuel, que estava sob seu comando, que marchasse ao encontro de Rivera, para batê-lo onde o encontrasse. Bento Manuel inicia esse movimento com pouco menos de 1.000 homens.

Rivera pensou evitar qualquer encontrô. Com efetivo reduzido, como se achava, não podia ser outra a sua atitude. Passando para a margem direita do Rio Negro, visava em primeiro lugar, fugir do encontro com fôrças brasileiras iguais ou superiores.

Bento Manuel, porém, procurou-o, e o bateu a 4 de setembro junto do arrôio del Aguila.

Os uruguaioes se portaram com denôdo, iniciando uma carga a arma branca, e tiroteando continuamente; mas perderam 64 homens acutilados, entre os quais o caudilho Mansilla, e dos seus foram feitos 14 prisioneiros, sendo um deles o Capitão Tavares.

*"Bento Manuel, à frente de uma brigada de cavalaria", diz o Barão do Rio Branco, "destroça em Arbolito o General Frutuoso Rivera. Com a notícia dêste combate o General Lavalleja levânta o assédio da Colônia e corre para o interior".*

Esta vitória foi um grande mal, porque tornou Bento Manuel demasiado afoito, levando-o a desprezar o inimigo, que até essa batalha, inclusive, sempre batera.

Abreu, que desejava tomar a ofensiva apoiado na linha Uruguai-Rio Negro, preparava forças para realizar êsse plano.

Havia, porém, necessidade da ação conjunta das forças de Oeste com as de Montevidéu, e Lecor como um novo "Fabio cuntactor" desejava sempre contemporizar. Como êsse princípio, não podia, de nenhuma forma, convir ao árdego e empreendedor Bento Manuel, logo o vemos em busca de realização de plano mais audacioso.

*"Abandonando a 2 de setembro o acampamento próximo a Mercedes", diz o historiador uruguiaio Major Vico, "depois de bater Rivera em Aquilla, dirige-se a Montevidéu com o intuito de convencer Lecor da necessidade de sair à campanha".*

A ação do arrôio "del Aguila", e a vitoriosa sortida do Major Cepeda, realizada na noite de 23 de setembro, em que 1000 soldados brasileiros saindo da Colônia surpreendem o acampamento do Coronel Arenas e lhe dispersam a força com 26 homens mortos e prisioneiros, constituíram, nesse ano de 1825, as últimas ações vitoriosas dessa campanha infeliz.

## A AÇÃO DE RINCÓN DE LAS GALLINAS

Enquanto Bento Manuel ia para Montevidéu, e deixava Abreu reduzido a 600 homens, Rivera, não achando indigno de sua alta jerarquia o roubo de cavalos do depósito de Rincón, atacou pessoalmente a guarda da cavallada na madrugada de 24 de setembro, e degolou os poucos soldados que não morreram no tiroteio e que não puderam asilar-se a bordo da flotilha.

*“Na manhã de 24 de setembro, diz o Barão do Rio Branco, “o General Frutuoso Rivera penetrando no Rincón de las Gallinas ou de Haedo perseguiu um destacamento brasileiro de 50 homens que guardava a entrada dessa península, formada pelas águas do Rio Negro e do Uruguai, e apoderou-se de uma reserva de 6.000 cavalos que ali tinha o General Abreu, então acampado em Mercedes. Os tiros de dois navios da esquadilha do Uruguai comandados por Sena Pereira, detiveram o inimigo, e parte do destacamento pôde salvar-se a bordo desses navios com a perda de 20 homens. Rivera tinha 250 soldados de cavalaria (300 ou 400 segundo a versão brasileira) e ocupava-se em fazer reunir a cavallhada quando recebeu aviso de que entrava no Rincón, uma coluna brasileira”.*

Tal foi a origem da célebre ação de Rincón, início da série de vitórias a que os uruguaios deveram a sua independência.

Rivera enquanto formava lotes de animais para conduzir, foi avisado pelo seus “bombeiros” ou “bombedores” de que numerosa força de cavalaria brasileira, em completa desordem, entrara no Rincón.

Tratava-se de 400 homens, dois regimentos incompletos de cavalaria de milícias, compostos de guaranis de Missões. Eram o 24.º com 190 homens, e o 25.º com 230 comandados respectivamente pelos Coronéis José Luís Mena Barreto e Jerônimo Gomes Jardim.

Os dois regimentos vinham separados entre si por meia légua de distância. Haviam-se encontrado em Paisandú, onde seus comandantes tiveram um atrito porque Mena Barreto, conquanto mais moderno, não se quis submeter ao comando de Gomes Jardim.

A ordem para a marcha, recebida desde o Rio Grande tendo sido de forçar, a fim de que o mais rapidamente possível, objetivos fôssem atingidos. Gomes Jardim procurava distanciar-se de Mena Barreto para patentear a

indisciplina dêste, deixando embora a sua cavallhada em miserável estado. Mena Barreto por sua vez forçava a marcha para evitar a distância.

Rivera, vendo-se sem retirada possível, reuniu tôda a sua gente e tratou de emboscá-la um pouco acima do arrôio Pantanoso.

Descrevendo o combate, êle dizia: "*Tinha eu a maior confiança em que os inimigos deviam ignorar o fato de nos havermos introduzido no Rincón; e por conseguinte que êles se aproximariam como quem vinha encontrar-se com amigos.*"

Referindo em seguida à causa do mau estado da cavallhada dos brasileiros, acrescenta: "*vinham fazendo as marchas mais extraordinárias e precipitadas que se poderia imaginar.*"

Caindo repentinamente sôbre o 25.º Rivera o destroçou completamente, salvando-se pela fuga alguns oficiais e soldados, não lhes sendo possível comunicação com o 24.º que também foi tomado de surpresa e destroçado.

O Coronel José Luís Mena Barreto, cercado de alguns oficiais e milicianos, não quis acompanhar os outros na fuga. Recusou render-se e morreu combatendo, enquanto o seu regimento quase todo, tomado de pânico, procurava salvação, fugindo.

Além de Mena Barreto, perdemos nessa ação 15 oficiais e 120 soldados entre mortos e prisioneiros.

---

José Luís Mena Barreto nasceu em 1798 em São Gabriel. Era filho do Marechal João de Deus Mena Barreto (Visconde de São Gabriel) e irmão dos Generais João Propício (Barão de São Gabriel) e João Manuel. Distinguiu-se de tal forma nas campanhas de 1816 a 1820, que ao começar a Cisplatina, era coronel do Exército, embora tivesse apenas 27 anos de idade.

Basta para demonstrar o seu valor pessoal, o seu denôdo e a sua admirável noção de honra e de dever, o fato de morrer combatendo enquanto seus companheiros fugiam.

A respeito dos fatos relatados, de Aguila e Rincón, Osório nos deixou impressões pessoais através de seu illustre filho e biógrafo, o Dr. Fernando Luís Osório. Diz êle o seguinte:

“Um dos chefes de maior influência da revolução, o General Frutuoso Rivera, tinha em observação a coluna de Abreu. Êste expediu contra aquêle o Coronel Bento Ribeiro, que o encontrou e derrotou a 4 de setembro.

Tendo sofrido êste desastre, Rivera refugiou-se no Perdido.

Aí se refez e marchou sôbre o Rincón de las Galinas com o propósito de arrebatar as cavalhadas do General Abreu. Transpôs o Rio Negro a 23: chegou ao ponto desejado, procedeu à reunião da cavallhada e se preparava para conduzi-la quando teve aviso da aproximação das tropas brasileiras. Eram os Coronéis Jerônimo Gomes Jardim e José Luís Mena Barreto que vinham do Rio Grande do Sul, procurando junção em Mercedes com o General Abreu. Traziam os regimentos 24 e 25, de cavallaria, ambos de guaranis das Missões, com duzentos homens cada um. Fazendo marchas forçadas, vinham os cavalos extenuados e marchando sem ordem e descuidadamente. Não contavam com o inimigo por aquelas imediações. Na frente ia o corpo do Coronel Jardim.

Aproveitando o melhor momento, Rivera mandou carregar sôbre êle de surpresa e com ímpeto. Poucos homens de Jardim tiveram tempo de meter-se em linha de combate, e não podendo lutar vantajosamente, cederam com os demais companheiros à fôrça inimiga que os desbaratou. Perseguidos, foram precipitar-se sôbre o outro

regimento, que atrás seguia também sem ordem e sem formatura, e que, igualmente surpreendido, foi destroçado.

A vitória do chefe oriental foi, portanto, completa, pois conseguiu debandar êste segundo corpo, ferindo e matando quase sem resistência e sem perigo, como facilmente se compreende à vista do estado das duas forças brasileiras. Houve, não obstante, alguns que puderam usar de suas armas com estéril glória, sendo dêste grupo o valoroso Coronel José Luís Mena Barreto, que, cercado e urgido com os poucos que o seguiam, resistindo, depois de haver atravessado mais de um corpo com a sua espada, abrindo claro para si através dos inimigos, teve que ceder ao número, caindo também, por sua vez, banhado no sangue que escapava pelas muitas feridas de seu corpo crivado de golpes de lança e espada.

Foi, pois, sôbre tropas mal dispostas, desprevenidas, destacadas em marchas desordenadas, que os orientais obtiveram triunfo.

Do campo de sua fácil vitória, Rivera foi reunir-se a Lavallega no Perdido.”



### CAPÍTULO III

*Última tentativa de paz, feita por Lavalleja. — A situação dos dispersos de Rincón. — Abreu abandona a costa do Uruguai. — As fôrças que se vão encontrar em Sarandi. — Seus efetivos. — Seus movimentos antes da batalha.*

“A vitória de Sarandi, nitidamente oriental, com sabres de latão e com lanças sem bandeirolas, demonstrou uma vez mais que a alma da Pátria, na grandeza da causa que defendia, podia continuar sua obra gloriosa da independência.”

HORÁCIO VICO, *A Batalha de Sarandi*.

---

Lavalleja, sabedor da esplêndida vitória de Rivera, enviou um ofício a Lecor, em que lhe pedia interviesse junto ao imperador a fim de que fôsem retiradas do Uruguai as fôrças brasileiras e entrasse em entendimentos com os patriotas.

“*Rogo a V. E. (dizia êle) retire dêste território as tropas sob seu comando, para que lhe seja facultado entrar em relações de paz e de amizade, tão precisas entre os povos que estão em íntimo contato por situação geográfica e interesses comuns, poupando o precioso sangue com que vai empapar os desolados campos do Oriente*

*causando aflição a milhares de famílias. A responsabilidade pesará exclusivamente sobre V. Exa. no caso não esperado de desatender um passo aconselhado pela prudência, pela justiça e pela humanidade."*

Lecor devolveu o officio com recado que exasperou a Lavalleja.

Este, desesperado de conseguir a independência de sua pátria por outro modo que não o das armas, preparou-se para uma guerra de extremas conseqüências.

Depois de Rincón, Gomes Jardim reuniu os dispersos, que o alferes David Canabarro salvou de completo extermínio e com quase 300 homens fez a sua retirada para o Arapei, acampando na foz do Tanguerupá com aquêle.

Na noite de 14 de outubro, o Capitão Cuti, índio das Missões, incitou os seus soldados a desertar, indo servir à revolução uruguaia. O Tenente Teixeira ao ouvir semelhante proposta, levantou-se e desfechou-lhe um tiro de pistola; mas foi morto aos golpes dos rebeldes.

Cuti, dando tiros para o ar, provocou o pânico dentro do acampamento que dormia. Saqueadas as barracas, que ficaram vazias de soldados, marchou para Paissandu. Ao amanhecer o Coronel Jardim secundado pelo alferes David Canabarro, reuniu novamente os dispersos, procurando sem êxito, alcançar os desertores.

O General Abreu tendo as suas forças diminuídas, e sabedor da prisão de dois filhos seus na desastrosa ação de Sarandi, que a seguir relatamos, desgostoso também com a de Rincón que o deixou sem reforços, e, sobretudo, sem cavalos; desgostoso mais ainda com o Coronel Sebastião Barreto Pereira Pinto, seu imediato, decidiu retirar-se, embarcando num navio da esquadilha e dirigindo-se para o Norte, onde ficará logo depois como comandante das armas.

Dessa forma ficou abandonado o único plano que podia dar resultados satisfatórios para as nossas armas: A conservação da linha do Uruguai, por onde havia comunicação dos revoltosos com a Argentina, fonte de recursos secretos, de armas e munições. As comunicações, desde que Abreu se retirou de Mercedes, ficaram, para os uruguaios, completamente livres.

---

Bento Manuel Ribeiro sai de Montevidéu a 1.º de outubro, com 1.150 cavalarianos, para fazer junção em Minas, com Bento Gonçalves da Silva. Era Bento Manuel sorocabano, nascido em 1783. Desde cedo ouvira falar nas campanhas do Sul e decidiu-se a procurar o irmão, Gabriel Ribeiro de Almeida, que comandava guerrilhas. Com 17 anos (1.º — XII — 1800) alistou-se no regimento de milícias de Rio Pardo e fez a campanha de 1801. Veterano de tôdas as campanhas do Sul subiu de postos por bravura. Era um oficial invicto e confiante, que se devia encontrar com Lavalleja, depois da junção com Bento Gonçalves e seus 354 milicianos de Jaguarão, antes que Lavalleja por sua vez fizesse junção com Rivera.

## SARANDI

Contavam os patriotas uruguaios com 1.000 homens de Lavalleja e mais com os 1.000 de Rivera, cuja junção não foi obstada.

Havia mais de 300 homens de Montevidéu, de Manuel Oribe, e 300 de Paulo Perez do Cebolati.

As armas usadas pelos revolucionários eram fuzis de pederneira com baioneta, chifarotes, pistolas também de pederneira, espadas, lanças e um único canhão de 4 libras (1 kg,843 — cal. 78 mm,4). Esse armamento foi

todo revisto num arsenal improvisado de Florida, antes de entrar no combate de Sarandi.

A fôrça uruguaia estava, sobretudo, òtamente montada, com dois e até três animais de muda, e salvo um pequeno grupo de infantes, na reserva, tōda a tropa era montada, e assim constituída, ao se defrontarem os dois contendores de Sarandi:

*Centro.* Sob o comando de Manuel Oribe: Dragões da União sob Barnabé Rivera; Dragões Libertadores sob Manuel Freire e Inácio Oribe.

*Esquerda.* Sob o comando de Frutuoso Rivera: Milícias de Soriano sob Miguel Planes; Milícia de Entre Yi e Rio Negro, Julian Laguna; Dragões da União, André Latorre.

*Direita.* Sob Paulo Zufriategui: Milícias de Canelones sob Simão del Pino; Hussares Orientais sob Gregório Perez.

A extrema direitã estava a cargo de Francisco Osório.

Entre os Hussares orientais e os atiradores de Maldonado de Francisco Osório estava o canhão de montanha a cargo de Joaquin de Olivera.

Como reserva, estavam as milícias de Maldonado, sob o comando de Leonardo de Olivera e Milícias de São José, sob João José Quezadas. Nesta fôrça havia alguma infantaria, segundo se depreende da descrição do General Osório.

O comandante da fôrça uruguaia (que contava com mais de 2 mil homens) era Lavalleja.

A fôrça brasileira, exclusivamente composta de cavalaria, era de 1411 homens, sob o comando de Bento Manuel Ribeiro.

A *direita* da nossa fôrça, era comandada por Bento Gonçalves; contava com 354 homens das milícias de Jaguarão, dos dragões do Rio Pardo e do 39.º estas comandadas pelo Coronel Pedro Pinto.

A *esquerda*, comandada por Bonifácio Izas Calderon, tinha os voluntários de Mercedes, uma companhia de voluntários de Montevidéu e voluntários guaranis.

O *centro* comandado pelo Tenente Coronel Néri de Oliveira, tinha os 3.º, 4.º e 5.º, regimentos desfalcados de cavalaria de linha, sob os comandos do Tenente-Coronel Albano de Oliveira Bueno e do Major Alencastro.

Havia ainda o 7.º batalhão de infantaria, que estava montado.

-----

A situação das forças brasileiras de ocupação, obrigára Lavalleja a atender a várias frentes, sendo teatro de operações militares a quase totalidade do território uruguaio, e especialmente, a zona ao Sul do Rio Negro, entre este rio e a costa. A distribuição de forças patriotas estava orientada de forma a se poderem operar fáceis concentrações sobre as frentes consideradas perigosas, controlando as vias de comunicação com a capital.

O trânsito se encontrava a miúdo interrompido pelas crescentes; mas apesar disso Bento Manuel conseguiu convencer Lecor de que devia tomar a ofensiva a todo o custo, atacando os patriotas no seu próprio campo.

“*Lecor concebeu então*”, diz S. Leopoldo em suas Memórias, “*um plano ofensivo que consistia em formar um exército das três armas para bater os orientais separadamente, onde suas tropas se encontrassem.*”

“*O General Magessi*”, diz por sua vez o Barão do Rio Branco, “*reclamou para si como mais graduado, o comando das forças que deviam ser destacadas contra o inimigo. Sem dar decisão definitiva, Lecor ordenou que Bento Manuel fôsse reconhecer o campo adversário devendo antes reunir-se a Bento Gonçalves a quem officiou nesse sentido.*”

Foi nessa ocasião que Lecor deu a Bento Manuel para reforçá-lo, todos os elementos da ala esquerda de Sarandi e mais o 7.º de infantaria, que devia agir montado.

Lecor teria dito a Bento Gonçalves no citado officio, que era necessário o extermínio dos rebeldes antes que o fogo da revolução chegasse a Província de São Pedro do Rio Grande.

Quando, a 1.º de outubro, as fôrças brasileiras iniciam a execução do plano ofensivo, e Bento Manuel sai da praça de Montevidéu, levando pouco mais de 1.000 homens, Manuel Oribe comunica a Lavalleja que Bento Gonçalves cruzava o Jaguarão e se dirigia para o Sul.

A 5 de outubro comunica mais que o invasor (Bento Gonçalves) está na Serra de Nico Perez, e tem 500 homens.

A fôrça brasileira estava tão bem armada que lhe sobravam armas para 100 mulheres que acompanhavam o exército, segundo ficou registrado pelos historiadores uruguaiois.

Rivera, por sua vez, recebe Latorre no Arrôio Grande, ficando completa a fôrça que devia agir em Sarandi.

*“As fôrças patriotas que atuaram nesse combate, tinham em 12 de outubro de 1825 — 238 officiais e 2.122 soldados; total 2.360 homens.”* Tal é a afirmativa do Major Horácio Vico.

As nossas fôrças tinham 1.411 homens, segundo a afirmativa do General Osório. Os uruguaiois tinham, portanto, quase 1.000 homens mais do que nós.

Saindo de Montevidéu na madrugada de 1.º de outubro, Bento Manuel esteve em Minas a 2, às 3 horas da tarde. Continuou sua marcha para o Norte pelo caminho ao passo Polanco do Arroio Barriga Negra. A 4 cruza êsse passo, e a 5 passa as pontas do Cebolati, chegando ao passo Barragan, do Arrôio Godói.

Une-se aí, nesse mesmo dia, a Bento Gonçalves que vinha pela Cochilha Grande.

Manuel Oribe, que estivera até aí como observador das forças brasileiras, por ordem de Lavalleja, entrega essa missão a seu irmão Inácio, e vai reunir suas forças às do seu chefe. Tôdas as outras tropas patriotas recebem ordem de se juntar também ao quartel general.

Rivera, que estava no Arroio Grande, caminha para Leste, toma depois a direção Norte, caminha pela margem direita do Sarandi, passa a 5 o passo Catalayud e vai acampar na margem direita do Tala.

A 6, vai para o arrôio da Cruz e conferencia com Lavalleja, enquanto suas forças continuam a marchar, acampando à margem esquerda do Sarandi.

Rivera acha que Bento Manuel vai para Durazno e por isso repassa o arrôio acampando à direita do Sarandi. Mas a 11, vendo que Bento Manuel dirige-se contra êle, volta a pôr-se à margem esquerda, temeroso de surpresas.

Alguns chefes uruguaiois não podem concorrer ao combate de Sarandi porque têm de controlar os movimentos brasileiros. Assim Felipe Caballero e Miguel Saens, aquêle em Porongos, e êste à margem direita do Rio Negro, onde ainda estavam alguns dos dispersos de Rincon.

Inácio Oribe vem, desde Fraile Muerto, seguindo os movimentos da força brasileira, mas depois da junção, toma a margem direita do Yi, e vai incorporado a Manuel Oribe, juntar-se a Lavalleja.

Bento Manuel marcha primeiro sôbre Durazno, onde supõe que Rivera se encontra. Pensa batê-lo aí, seguindo contra Lavalleja, que acredita estar em Florida. Tal era seu plano primitivo, que logo modifica, premido pelas circunstâncias.

A 11, procurando Rivera, que não estava em Durazno, tem notícia de que êle se encontra na margem di-

reita do Sarandi. Decide então surpreendê-lo no seu acampamento, se possível, com o arrôio pela retaguarda.

Rivera, que não se descuida da segurança de sua tropa, volta à margem esquerda, para que aí se encontre com êle a fôrça de Lavalleja.

Este, seguro já da intenção do inimigo, ordena a Oribe que se incorpore ao grosso, e transmite a Rivera as suas ordens. Oribe, que até a véspera ficara assinalando a progressão da fôrça brasileira, acampa às 2 da madrugada de 12, também no Sarandi.

O plano de Lecor, de extermínio, não podia mais ser realizado, ainda mesmo que não se desse o desastre de Sarandi, se já não havia mais fôrça brasileira barrando o rio Uruguai e garantindo essa linha.

É Rivera quem exige de Lavalleja a apresentação, ao combate, de tôdas as fôrças uruguaias, tanto que, em carta de 22 de agôsto, diz: "*Creio que o que nos convém é concentrar tôdas as nossas fôrças sôbre êstes inimigos e destruí-los, ou quando não obrigá-los a abandonar o ponto que ocupam e que por agora lhes é vantajoso pela facilidade com que se reabastecem de Montevidêu, e de outros centros*".

Rivera estava com a boa doutrina. Os erros foram nossos, e provenientes de um falso julgamento das fôrças materiais e morais do inimigo.

Bento Manuel cometeu nessa ocasião, um dos piores erros de psicologia da guerra: "*Desprezou o seu adversário, sem motivos justificáveis para tal atitude.*"

---

A 10 de setembro Lavalleja havia decidido não mais atacar praças fortes mas a convidar os brasileiros a que saíssem à campanha.



Quando Bento Manuel chegou a Minas, Lavalleja se propôs batê-lo. Aquêlê realizou marchas forçadas, deixou cavallhada cansada, e, longe de suas bases de operações estava isolado, cercado. É inimigo tão seguramente vulnerável que Lavalleja diz em carta a D. Pedro Trapani "*Estou ansioso por medir-me com êle, mesmo dando-lhe vantagens*".

E como já vimos Bento Manuel não tinha vantagens sôbre os seus adversários.

Lavalleja oficia a Rivera para que lhe mande 300 ou 400 homens, mas êste, conseqüente com as suas opiniões, não quer lutar com inferioridade numérica, e decide ir com todos os seus homens, comunicando ao chefe a sua resolução, apoiada pelo conselho de oficiais.

Aproximando-se de Lavalleja convence-o de que não se deve separar fôrças, e que convém esperar o inimigo em Sarandi, onde êle conhece perfeitamente o terreno, apto para um combate de cavalaria, arma de que dispõe e em que tem vantagem.

A distância entre Lavalleja e Rivera é pequena e foi deixada a propósito. Qualquer dêles que seja visado, será socorrido pelo outro em uma hora se tanto, mesmo que haja sido empenhada qualquer ação.

Como Bento Manuel se aproxima de Rivera, Lavalleja e os Oribe, em marcha noturna realizada de 11 para 12 de outubro, vêm para Sarandi onde aquêlê estava acampado.

Grande devia ter sido a surpresa de Bento Manuel quando, acreditando cair de improviso sôbre Rivera, que êle pensava acampado à margem direita do Sarandi, encontra-o na margem esquerda, com todos os recursos de que dispunham os patriotas.



## CAPÍTULO IV

*O campo de batalha; teatro de Sarandi. — A batalha; o entrevero; a derrota. — Conseqüências da ação de Sarandi. — Julgamento de alguns historiadores. — A descrição do General Osório.*

“A vitória alcançada pela Revolução Oriental de 12 de outubro de 1825, no Sarandi, trazendo como consequência o abandono da campanha pelas fôrças brasileiras que se recolheram à Província do Rio Grande, animou extraordinários os revolucionários e foi aplaudida com delirante entusiasmo em Buenos Aires, cujo govêrno, desde setembro, mantinha um exército de observação sôbre o Rio Uruguai, mal disfarçando sua conivência com a mesma revolução.

*História do General Osório* — FERNANDO LUIS OSÓRIO.

---

O rio Sarandi é afluente da margem esquerda do Yi, que, por sua vez, o é do rio Negro. Nasce na Cochilha Grande inferior; percorre 35 quilômetros, e depois de receber o Arrôio Paraná, tem oito metros de largura. Forma lagoas largas e profundas, como as de Barreto, situadas a 11 quilômetros ao norte do passo do Caminho a Polanco. Suas margens têm pouca macega e quase nenhuma árvore de maior porte. Estas começam a aparecer depois

das lagoas, e continuam abundantes depois até à barra do Sarandi, no Yi.

Na margem esquerda tem como afluentes principais o Arrôio Paraná, o do Meio, o Pedras Coloradas e o Tala.

Esta bacia forma quase um anfiteatro, levemente ondulado.

Lavalleja atinge o campo de batalha às 5 horas da manhã, e ao chegar, as suas descobertas assinalam os nossos, a uma légua de distância.

Os uruguaiois têm expansões de alegria, sentindo a sua superioridade numérica, que é incontestável. Lavalleja ordena mudar as montadas e todos tomam os cavalos de reserva quando já Bento Manuel, que se aproxima rapidamente, está apenas a meia légua.

Êste, chegando a Sarandi, e pensando que Rivera está só, concebe uma manobra para impedir a sua junção com seus companheiros (Lavalleja e os Oribe) que acredita estarem mais para Nordeste.

Remonta o Sarandi, passa-o a uma légua do campo uruguaio, atinge as alturas que ficam ao Norte do Arrôio Paraná e ali, à vista do inimigo procede à troca dos cavalos de montada pelos de reserva, com que sua fôrça devia combater.

Observa então o campo adversário e constata que tem diante de si tôda a fôrça uruguaia, de Rivera, de Lavalleja e dos Oribe.

Lavalleja ocupa o centro; Zufriategui, a direita, e Rivera a esquerda. O chefe determina que se espere para atacar depois que os nossos atravessassem o Arrôio do Meio, para deixar a fôrça de Bento Manuel com pouco espaço de manobra.

Lavalleja arenga às tropas: "*Fica proibida a voz de retirar, e o salve-se quem puder!*"

Bento Manuel, embora despreze o inimigo que tantas vêzes batera, aprecia devidamente as circunstâncias. A arte militar não constitui para êle nenhum segrêdo, e sabe que vai correr perigo, expondo ao mesmo tempo a vida de todos os seus homens. Entretanto confia nos golpes de audácia.

Ordena marcha para Oeste e domina as alturas da Cochilha Maciel. As nossas fôrças formam com frente para Leste. À esquerda os guaranis, os moços bonitos de Montevidéu e as milícias de Mercedes, sob comando de Calderón, e do próprio Bento Manuel. Ao centro Néri de Oliveira, Oliveira Bueno e Alencastre, com fôrças de linha. À direita Bento Gonçalves com as milícias de Jaguarão, dragões do Rio Pardo, Legião Paulista e o 39.º de cavalaria, todos desfalcadíssimos, embora bem armados.

A brigada de Bento Manuel não tem reservas. Talvez, por isso mesmo, decide um ataque simultâneo em tôdas as frentes, fazendo o esforço principal pela esquerda, onde vai postar-se, a fim de atender a fôrça em que menos confia.

Lavalleja é obrigado a manobrar à vista dos brasileiros, aprontando e animando os seus homens.

Rivera ficou à esquerda e o general em chefe lhe destina o esforço principal porque suas fôrças, veteranas de Rincón, eram as de melhor moral para aquêle choque.

Às 8 horas da manhã o canhão uruguaio faz o primeiro disparo. A bandeira tricolor de Lavalleja é desfraldada. Os uruguaios lêem a divisa dos 33: "Liberdade ou Morte!" — motivo central da nova fala de Lavalleja que ordena seja o ataque recebido a sabre.

Os disparos se repetem. Bento Manuel dá ordem de carga.

Rivera por sua vez rompe em passo de carga sôbre Bento Gonçalves, que resiste ao choque, mas não pode

impedir que um esquadrão da direita seja desfeito pela esquerda inimiga (milícia de Soriano).

Logo, as milícias de Entre Rios empurram o centro da ala de Bento Gonçalves contra a posição das forças de linha do 3.º, 4.º, 5.º e 7.º que, essas, já não estavam mais ali, por terem partido a galope contra o inimigo.

O centro brasileiro carregou e obteve vantagem, desfazendo Oribe e chegando à reserva de infantaria do centro uruguaio. Lavalleja vê o perigo, e põe as reservas que restaram do seu centro, como cunha, entre Bento Gonçalves e os batalhões de linha, que com isso ficam cortados do resto das forças.

A esquerda brasileira, onde Bento Manuel está, não consegue ver o resto do campo de batalha, posta numa baixa!a. O canhão produz confusão, aproveitada por Zufriategui. As forças de Calderón procuram apóio no centro, e encontram os homens de Rivera, batendo os restos das forças de Bento Gonçalves, enquanto a reserva uruguaia de cavalaria avança.

A dispersão, em poucos minutos, foi completa, e o entrevero, medonho.

Bento Manuel e Bento Gonçalves conseguem tomar o caminho de Polanco. Persegue-os Rivera.

Alencastre, que se dispõe ao sacrifício, a fim de garantir a retirada e proteger a passagem dos outros elementos da brigada, continua lutando.

Rivera carrega contra êle, cerca-o e o toma prisioneiro. Quando chega à margem do Sarandi, os outros já haviam passado.

Brito del Pino descreve: "*Mandou (Lavalleja) por mim, dizer às outras divisões que carregassem; que o inimigo (brasileiros) ia disperso. Mas não puderam atender, e quando chegaram ao passo, já o General Rivera tinha como prisioneiros de guerra aos que compunham a divisão de Alencastre*".

Bento Manuel reúne 400 dispersos e marcha às pressas para o Yi, perseguido por Rivera.

No passo Polanco, do Yi, Bento Manuel atravessou a nádo com seus homens. O rio estava muito cheio. Rivera convidou Bento Manuel para falar com êle. Êste não quis aceitar o convite senão tendo o rio entre ambos, para separá-los. O caso de Mozon e o de Ròdrigues Barbosa davam a Bento Manuel justificadas desconfianças e muito justos receios. Estavam com Bento Manuel, Bento Gonçalves e Izas Calderón. Rivera começou a falar:

— Já é tempo de pôr fim a esta guerra entre irmãos, disse êle, e de deixar os liberais satisfeitos. Dirigindo-se a Bento Gonçalves:

— E onde estão os seus decantados princípios liberais?

Bento Gonçalves respondeu:

— Eu nada posso fazer. Quem comanda aqui é o Coronel Bento Manuel. Êste, interpelado também, respondeu:

— Jurei servir o Imperador e hei de morrer por êle.

Rivera retrucou aborrecido: — Pois então prepare-se que vou correr consigo até à fronteira; e continuou:

— Não pense, Sr. Bento Manuel que agora está brigando com Artigas ou com Latorre.

— Sei com quem falo, disse Bento Manuel; é com Don Frutos. Deixo a minha barba crescer, acrescentou, e não a cortarei enquanto não me tiver vingado de si e de seu compadre Lavalleja.

Frutuoso Rivera, logo depois, corre a campanha para apresar as partidas dispersas e com isso dá tempo a que Bento Manuel se afaste.

Tal é em síntese, a batalha de Sarandi, de transcendentés conseqüências para a independência uruguaia. O obstáculo que Bento Manuel pôs à retaguarda dos patriotas deu-lhe a vantagem do terreno, na ação. Essa ma-

nobra, não prevista pelos patriotas, permitiu a Bento Manuel a formação de sua nova linha de batalha. Ela teria dado ganho de causa aos nossos, se não houvesse por parte do inimigo grande superioridade numérica, que desorganizou na batalha frontal os nossos dispositivos. Aliás, a falta de reservas daria fatalmente êsse resultado. Destruída a constituição de batalha, a brigada de Bento Manuel estaria derrotada, como aconteceu.

---

Julgando a ação de Bento Manuel na batalha de Sarandi, Olinto Sanmartin diz o seguinte:

“Sarandi foi o pelourinho onde foi lavrada a sentença humilhante de uma tradição e de uma glória. E nessa concatenação mágica foi arrastado um exército, um povo, um império. Sarandi abroquelou-se à marcha de um destino contra a impetuosidade de outro destino. A moral de uma força, que se não o era no episódio, podia sê-lo pelos mananciais das suas reservas, apagou a lâmpada de uma dinâmica que perdeu o seu curso inesperadamente. Mas por que teria Bento Manuel Ribeiro tão altivo, tão astuto, tão confiante no seu poder, capitulado estrepitosamente?

A sua primeira derrota traça mais uma vez uma interrogação no cenário dos acontecimentos.

Bento Manuel quando lutava, quando partia para a sagrada missão do revide ao invasor, armava-se de gente destra, guapas falanges em que confiava e tinha fé. Em Sarandi, a sua coluna além de frágil, munida de péssimo armamento (1), compunha-se de homens de pouca têmpera na sua maioria, solapada por uma promiscuidade delapidante.

Displicente, Bento Manuel cuidou que o inimigo não resistiria a impetuosidade das suas cargas, sem lembrar-se

---

(1) Isso não é exato. A força brasileira estava bem armada.



de que os ideais formam resistente muralha e, num mais alto milagre, transformam as tempestades em sol fulgurante de primavera.

Lecor, na opinião de Tasso Fragoso e Pandiá Calogeras, o tardo e infecundo governador de Montevidéu, foi um dos responsáveis do desastre do dia 12. E efetivamente sem ter a noção precisa e lúcida da empresa, do efeito e da repercussão moral, não só deixou de procurar, com rapidez, prover-se dos elementos de que carecia, como ainda consentiu que Bento Manuel Ribeiro partisse, desarvorado, para uma aventura militar como foi a da jornada de Sarandi, cabendo-lhe, assim, alguma culpa. Uma série de motivos cooperou para o imprevisto desfecho. A confiança que Bento Manuel inspirava à sua tropa, a certeza do desagregado moral do inimigo que foi o seu maior erro psicológico; a convicção na sua boa sorte militar e a certeza na vitória, tudo fez que cometesse faltas de que se ressentiram os princípios técnicos para garantir o êxito da empresa.

Dispensou até as reservas, apesar de não lhe sobrar gente para êsse importante detalhe.

Os dois Bentos fizeram a retirada. A coluna dos selvícolas logo defeccionou. Mas a retirada teria sido oportuna naquele momento?

Alencastro não tinha feito prodígios de inconfundível valor, maltratando a própria reserva inimiga que foi chamada a intervir? Talvez não estivesse perdido o combate. Antes da luta, as ponderações de Bento Gonçalves e Calderón eram contrárias ao choque. Não teria isso tudo, em dado momento crítico da peleja, refluído ao pensamento de Bento Manuel, enfraquecendo a sua infibratura, fazendo que se apoderasse dêle o desânimo e a convicção da importância? E' de se investigar severamente. Alencastro resistiu sobranceiro, temível, protegendo a retirada. A uma derrota de tal natureza seria bem mais nobre arris-

car' a total destruição para não perder uma possível vitória. Bento Manuel, triunfante, combatera já os orientais organizados, com caudilhos valorosos à sua testa, lutando de pátria a pátria. Mais fácil ter-lhe-ia sido a vitória agora, já que a sua organização mal se caracterizava e tinha a fisionomia de rebelião apenas .

No entanto, sua fôrça era real, com o traço centralizador que a Argentina espreitava, agitando e auxiliando ocultamente os independentes cisplatinos, até rasgar-se o véu da sua falsa neutralidade. Sarandi foi pròpriamente um encontro de desordem, para as nossas tropas, onde tudo se desarticulou caindo prisioneiro um elevado número de oficiais e soldados, o que dá clara feição do que fôra o inculcado atrito.

Diz Galanti, que Bento Manuel Ribeiro, ao avistar no cimo de uma colina, o inimigo imaginou tratar-se de uma pequena fôrça, e afirma que eram para mais de 3.000 valentes. Isso não exprime verdade histórica. O chefe brasileiro sabia que a fôrça era avultada, tanto assim que houve um preparo antecipado; e não querendo esperar pelos reforços de que carecia, partiu em busca de novas glórias, na crença de novos triunfos. Bento Gonçalves, momentos antes da refrega, ponderara a Bento Manuel a temeridade da ação e Calderón opinara por uma retirada.

Logo, êsse motivo invocado por Galanti, não subsiste, mesmo porque tal afirmativa não apresenta substância documental, quando a que existe é exatamente para destruir êsse errôneo ponto de vista que a história nunca poderá sancionar.

Estamos ainda à espera de um historiador para definitivamente fazer triunfar os motivos essenciais dêsse infeliz malogro e que tão graves conseqüências ocasionou para a estabilidade econômica e política do Império Brasileiro.”

A pedido do Sr. Barão do Rio Branco e respondendo a quesitos que êste lhe propôs, o General Osório fez de Sarandi a seguinte descrição:

“Em setembro dêsse ano (1825), estando o Exército brasileiro de cavalaria, ao mando do General José de Abreu (Barão de Sêro Largo), acampado na vila de Mercedes, costa Sul do Rio Negro, e o General Frutuoso Rivera fazendo-nos frente, foi destacado o Coronel Bento Manuel com 600 homens para o bater. Com efeito, Rivera foi derrotado nas pontas do arrôio de Aguila, fazendo-se-lhe mais de 30 prisioneiros e 40 mortos.

“Bento Manuel foi reforçado com um esquadrão do 5.º regimento e outro do 3.º de linha, e em marchas forçadas atravessou a campanha na direção de Montevidéu, aonde chegamos em fins do mesmo mês de setembro.

“A coluna de Bento Manuel pediu as cavalarias que ali estavam e alguma infantaria e artilharia, para ir bater o exército oriental que se dizia ter mais de 2.000 homens. Bento Gonçalves devia marchar do Sêro Largo em direção a Minas para fazer junção com Bento Manuel que devia sair de Montevidéu.

“A fôrça de Bento Gonçalves era de 354 indivíduos do 39.º Regimento de Milícias, e paisanos irregularmente armados.

“Por único refôrço recebeu Bento Manuel, em Montevidéu, 400 homens, sendo: um esquadrão de guerrilhas do país e portugueses rebaixados; um contingente do 7.º de infantaria, armado como cavalaria, 80 guaranis de infantaria que para o efeito foram armados de lanceiros, um pequeno contingente de condutores de artilharia que com a infantaria do 7.º, transformada em cavalaria, se uniram ao esquadrão do 3.º regimento.

“Os primeiros 600 homens com que Bento Manuel saiu de Mercedes eram dos regimentos de milícias n. 22, (de Olivério Ortis), n. 23 e n. 40; um esquadrão do

4.º regimento de linha; 50 lanceiros guaranis, um contingente de Milícias Orientais de Sandu e Colônia. Tôda a sua coluna, pouco mais tinha de 800 homens ao chegar a Montevidéu.

“Nos primeiros dias de outubro marchamos procurando junção com Bento Gonçalves, e ela se efetuou pelas imediações de Minas. Segundo o que se dizia nas forças, Bento Manuel tinha ordem de operar esta junção e bater o inimigo se fôsse possível.

“Aos primeiros raios da manhã de 12 de outubro passávamos o arrôio Sarandi, da margem direita para a esquerda, aonde estava o exército inimigo acampado como a um quarto de légua acima do passo.

“Este tinha somente 500 homens a cavallo em alarme; o mais estava a pé, e foi completamente surpreendido.

“Depois de nos aproximarmos do campo inimigo e ser a sua força reconhecida, Bento Manuel conferenciando com os seus chefes, mandou a tropa mudar de cavalos e entretanto dispôs-se ao combate.

“Constou-me, por ouvir então os Tenentes-Coronéis Calderón e Bento Gonçalves, que êles foram da opinião de retirarmo-nos, porém que Bento Manuel não quis logo fazer êsse movimento, por nos acharmos em campo raso e em presença de uma força inimiga mais que duplicada da nossa, devendo por isso a retirada converter-se em derrota.

“O inimigo teve tempo de tomar cavalos e saiu logo do seu campo sôbre a força brasileira que por sua vez marchou-lhe ao encontro, em coluna de meios esquadrões, sem reservas nem outras disposições especiais.

“Aproximando-se repentinamente o inimigo formou linha, e carregou, lançando-nos pelos flancos direito e esquerdo, duas colunas de flanqueadores. Estas colunas não acharam, pela nossa inferioridade de forças, quem as con-

tivesse no seu intento. Assim, foram as nossas alas, e principalmente a direita rechaçadas.

“No centro da linha brasileira os nossos esquadrões de 1.<sup>a</sup> linha venceram a carga ao inimigo, de quem também dispersamos a reserva de cavalaria do centro, mas, paramos ao chegarmos a uma pouca infantaria sua, que tinha um canhão que nos fez poucos disparos.

“Nestes momentos o esquadrão a que eu pertencia, e que era comandado por um tenente do contingente de artilharia, teve ordem de acudir a direita que tinha sido rechaçada. Este esquadrão, cumprindo a ordem, foi em poucos instantes cercado. Dêle só escaparam, combatendo braço a braço, nove praças e eu, que nos reunimos ao comandante da ação, e, combatendo em retirada, repassamos o arrôio de Sarandi, em cujo passo nos sustentamos por duas horas, até que se nos reuniu Bento Gonçalves e Felipe Néri com alguma gente.

“O Major Alencastre com pouco mais de 400 homens vitoriosos, cercado no campo, teve que capitular. Com esta notícia Bento Manuel se retirou sôbre um passo do arrôio Yi a onde chegamos ao cair da tarde encontrando porção de dispersos da ala direita e esquerda que formavam, inclusive a nossa fôrça, 580 homens.

“Ouvi depois o Coronel Bento Manuel ditar o officio dando parte do combate, e me recorde de êle dizer que teve em linha de batalha sob seu comando 1.411 praças.

“O combate começou às 9 horas da manhã. Só por parte do Major Alencastre é que teve a duração de mais de três horas, porque êle rechaçou diferentes cargas, e, entrando em parlamento, essa demora facilitou a retirada dos dispersos.

“Não é exato que passasse para o inimigo a infantaria guarani, porque não a tínhamos. Os poucos dessa arma estavam armados de lança e a cavalo.

“O Major Alencastre comandava dois esquadrões do 5.º regimento, porque o Tenente-Coronel Néri era comandante da brigada.

“Os milicianos e paisanos de Bento Gonçalves entraram em ação e foram os primeiros vencidos na ala direita, tomados de frente e flanco. Ora, houve dispersos escapados em diferentes direções, os chefes acima ditos retiraram-se com 580 indivíduos, e, portanto, não podíamos ter 572 mortos, visto que dá o inimigo 573 prisioneiros.”

## CAPÍTULO V

*A Situação do bravo Tenente Osório, em Sarandi. -- A situação de Bento Manuel em face de Osório. -- As perdas na batalha. — O bravo Major Alencastre e sua aventura quixotesca. — Lista dos seus companheiros. — A Argentina que acorda. — Últimas operações militares de 1825.*

“A completa dispersão devia fatalmente produzir-se, pois empenhadas tôdas as fôrças, não exerce sua ação de mando, não tem uma segunda linha que recolha e reorganize, não tem direção de refacção, e só a valente atitude de Alencastro salva-o de total destruição.”

HORÁCIO VICO, *A Batalha de Sarandi.*

---

O filho e ilustre biógrafo do General Osório, o Dr. Fernando Luís Osório, comenta a descrição acima transcrita, da maneira que segue:

“Do esquadrão a que eu pertencia, só escaparam combatendo, braço a braço, nove praças e eu” — disse o General Osório em sua descrição.

“Sim! e foi rompendo um cêrco de ferro e fogo do qual lhe parecia impossível sair.

“Não sei se igual lance de guerra fôra jamais proporcionado a soldado algum: — dez indivíduos apenas,

resistindo à reserva do inimigo, cuja coragem estava duplicada pelo feliz sucesso da batalha, pela vitória já decidida a seu favor!

“Que combate desigual!

“Quanta não era a alegria dos vencedores!?”

“Só poderia ser avaliada pelo pesar ou ansiedade dos vencidos.

“Mas, não havia tempo a perder: “— Vamos, companheiros! ao cêrco! ao cêrco! Um único meio de salvação nos resta, é rompê-lo! Coragem! Vamos! — Assim bradou Osório às praças, e arremessou-se sôbre a linha sitiante, dando o exemplo!

“Não haverá pena capaz de descrever o que então se passou. Imitado o procedimento do Alferes Osório pelos seus 9 companheiros, num momento ficaram êles sendo alvo de múltiplas agressões. Não obstante, saíram ílesos da sua arrojada investida. Abriram claros no meio dos inimigos, e por fim, lutando desesperadamente, passaram zombando das balas, brandindo as espadas!

“Quando Osório varou o cêrco com os seus heróicos companheiros, ouviu êste grito em espanhol — “*és un oficial português!*” —; e imediatamente viu saírem ao seu encaço dois cavaleiros gaúchos. Então, soltando as bridas ao corsel, tratou de correr rapidamente.

“Os gaúchos o seguiram. O primeiro atirou-lhe as *bolas*. Errou o alvo. O segundo arremessou-lhe as *armadilhas do laço*. Não conseguiu prendê-lo. Reclinado sôbre as crinas do corsel, o Alferes Osório dirigia-o formando zigue zagues, conseguindo por êsse modo e por jeitosos movimentos do corpo, livrar-se daquelas armas de jacto dos perseguidores.

“Mas onde, e quando poderia terminar essa cena que, pela velocidade com que disparavam os três guerreiros, mais parecia desenvolver-se no espaço do que à superfície do solo?”



“Ela vai já findar: Osório compreende que os inimigos o alcançam. Volve para trás o rosto, e já os vê mais perto com as espadas desembainhadas. A sua própria espada, êle a conduz dependurada pelo fiel, ao pulso da mão esquerda com que segura as rédeas, para aproveitar o único tiro que ainda leva a pistola que na mão direita empunha.

“Em tão terrível conjuntura, observa que os gaúchos vão a alguma distância um do outro, e acode-lhe a idéia de bater-se com um de cada vez. Encurta as rédeas, sofreia o còrsel; dá ocasião a que o perseguidor da frente se aproxime, estende o braço, desfecha o tiro, e o mata! Com isto, não se apavora o segundo. Avança sempre. Chega, e vibra um golpe de espada. Sua catadura é medonha. Osório apara o golpe com a pistola descarregada que ainda sustenta. Com o choque, nela se parte o ferro inimigo. Vendo o gládio quebrado, solta o gaúcho um brado enfurecido; esporeia o cavalo, aproxima-se mais, e deitando o corpo para a frente, intenta deter a carreira de Osório, agarrando-lhe uma das rédeas. Mas neste instante o Alferes Osório dá-lhe, com a pistola, forte pancada na cabeça, e o derruba! Estava salvo! Mais dois cadáveres jazeram por terra, e dois ginetes sem dono, quẽ, disparando à discrição, desapareceram ligeiros nos campos de Sarandi.

“Por êste modo desembaraçado, Osório tomou a direção de uma sanga que devia transpor, e chegando, viu apeado dentro dela o seu coronel, Bento Manuel Ribeiro. O Coronel passando por ali apressadamente, seu cavalo resvalou e caiu, e então estava apertando os arreios para poder montá-lo de novo; pois não podia fazê-lo com êles frouxos, porque, sendo homem de alta estatura e bastante gordo, ao forcejar sôbre o estribo para subir, êles tomavam com o pêso do seu corpo.

“Ao mesmo tempo Osório divisou um grupo de inimigos que vinha se aproximando. Compreendeu logo o perigo em que se achava o Coronel. Tratou imediatamente de formar ali mesmo, com alguns companheiros, uma guerrilha para entreter o inimigo e dar tempo a Bento para apertar os arreios e salvar-se. E assim foi.

“Que esplêndido exemplo de amor fraternal o sol de outubro iluminou! É o caso que José Ribeiro vendo que seu irmão o chefe Bento Manuel estava ali a pé, em situação arriscada, chegou-se-lhe e disse apeando-se:

“— Aqui tem o meu cavalo; monte e fuja, que o inimigo aí vem”.

“— Eu fico, respondeu o irmão, — em mim a Pátria perde menos”.

“Felizmente não foi necessário o seu sacrifício, graças à guerrilha do Alferes Osório, que o salvou”.

Um livro publicado em 1866, no Rio de Janeiro, sob o título “Apontamentos Biográficos para a História das Campanhas do Uruguai e Paraguai”, diz o seguinte a respeito do julgamento de Bento Manuel feito pelo General Osório:

“Na batalha de Sarandi, retirava o General Bento Ribeiro: após uma porfiada resistência viu o guerrilheiro cair o seu cavalo; e já se dispunha a vender caro a vida, quando um oficial reunindo valorosamente algumas praças dispersas, e formando com elas uma formidável guerrilha, entreteve o inimigo e sustentou com arrôjo vigorosos ataques, até cobrir a retirada do chefe. Esse moço era o Alferes Osório; ganhava as suas esporas e ia, dentro em breve, ser armado cavaleiro. Quando daí a pouco se reunia à fôrça de Bento Manuel, ouvia, ao aproximar-se, estas palavras do grande cabo de guerra: “— *Vem salvo o Alferes Osório? Se aí vem, hei de deixar-lhe o minha lança quando eu morrer; porque êle a levará onde eu a levo.*”

Bem razão tinha o autor que cognominou Osório de “Centauro dos Pampas”. Ninguém o supera em valor, nem em bondade, nem em simplicidade gauchesca! Soldado admirável!

---

A respeito das perdas brasileiras em Sarandi há várias versões.

O jornal *El Piloto*, de Buenos Aires, fala em 58 oficiais e 610 soldados mortos em combate, encontrados no campo. Além disso, dá como mortos pelos habitantes da região, 73.

Quantos às perdas uruguaias apenas 3 oficiais e 39 soldados mortos, e 13 oficiais e 83 soldados feridos.

Uma carta colhida pelo historiador Angel Vidal e reproduzida pelo Major Vico no seu magistral opúsculo sobre Sarandi, faz referência a números que devem ser exatos:

*Exma. Junta do Govêrno Provisório: Em consequência do ofício de S. Exa. de 14 de outubro, digo que passei imediatamente ao campo de batalha a fim de verificá-lo como se me ordenava. Encontrei o vizinho Cáceres encarregado pelo Capitão-General da Província de recolher todos os cadáveres, amontoá-los e inumá-los.*

*Fêz-se o trabalho com muita ajuda, sendo que a totalidade dos defuntos ascende a 490, fora alguns mortos que possa haver fora do dito campo. — Timoteo; 18 de outubro de 1825. (a) Francisco Xavier Caballero.*

A diferença entre as perdas brasileiras e as uruguaias está razoável, considerando-se a natureza da derrota que tivemos.

Prisioneiros ficaram Alencastre e os que o acompanhavam na função de garantir a retirada de Bento Manuel.

No dia seguinte ao de Sarandi, no passo da Tranqueira do Arrôio Perdido, as forças do Coronel Arenas

obtêm a capitulação do Major Antônio José de Oliveira com 125 homens.

Estavam já a 120 quilômetros do local da batalha, o que faz crer não tivesse estado no prélio de 12 de outubro.

Caballero, depois da capitulação do Coronel Pedro Norberto Fuentes, que Abreu deixara a comandar a praça de Mercedes, toma conta da mesma.

Sebastião Barreto partiu quase em linha reta para a fronteira, seguindo os passos de Abreu que se retirara a 16, caminho de Santana, para onde foi também Bento Manuel, depois de vencido. Todos êsses chefes fazem junção no Quarai.

Salto e Paissandu foram abandonadas ao inimigo.

Em poder das nossas forças ficaram somente as praças de Colônia e Montevideu e as fortalezas de Santa Teresa e de São Miguel.

O Major Alencastre, que caíra prisioneiro de Rivera, foi conduzido com 49 oficiais e 70 inferiores e soldados para bordo de um navio ancorado na vila de Paraná (capital de Entre Rios).

Em viagem para um ponto qualquer de concentração de prisioneiros, Alencastre concebeu o plano de sublevação contra a força que os guardava; e tal como combinara com os companheiros realizou o seu projeto antes da chegada a Santa Fé, golpe audacioso que devolveu a todos, a perdida liberdade.

Foi isso a 5 de março de 1826, quase cinco meses após o seu aprisionamento.

O Barão do Rio Branco, nas *Efemérides*, dá a seguinte lacônica notícia do feito: "*Libertam-se nesta data, por serem êles em grande número e haverem hàbilmente preparado o golpe contra a escolta que os conduzia. os brasileiros que tinham caído prisioneiros dos orientais em Sarandí*".

O General Osório, porém, contou assim, com calor e vida:

*“Aos gritos de Alencastre, de Viva o Imperador! — estes prisioneiros heróis atiram-se desarmados sôbre a escotta, e lutando a dominaram. Em seguida Alencastre força o mestre e o práctico do navio a seguir pelo rio Paraná. Passa em frente à bateria defendida por 6 bôcas de fogo. Para não ser atacado, faz içar a bandeira argentina e consegue iludir as povoações de São Lourenço e Rosário. Aproveita-se da noite para furtar-se às baterias de São Nicolau, São Pedro e Serate. Entra no rio Pavão, passa ao Guassú, e ilude também a vigilância de canhoneiras artilhadas, resolvido porém, a meter-lhes a proa se as encontrasse pela frente. Até então, levando inimigos a bordo, tem navegado durante três dias e duas noites, sem nautimentos.*

Os feridos que vão a bordo, são alimentados com caldo de carne salgada. Não há medicamentos. Para que não falte o sustento, Alencastre distribui a ração de carne sêca de 1 onça a cada turma de 170 praças, e faz que pesquem. Engrandece a sua heroicidade com um ato generoso. Não se vinga do inimigo: arrecada todo o dinheiro que tem e o dos companheiros; reúne roupas, arreios, e junto ao povo de Gualaguai desembarca os oficiais e soldados inimigos mandados para os custodiar, fazendo-lhes de tudo isso presente, e os deixa ir em paz. Fica com 25 clavinas, 22 espadas, cananas e cartuchos. Continua a navegar. Procura o Uruguai em rumo a Martim Garcia e depois, avistando a flotilha brasileira, arreia a bandeira que hasteara por cautela e em seu lugar iça outra, feita de forros dos ponches, no mastro grande, aos gritos de — Viva o Imperador!

Perfeitamente salvo e bem acolhido, com os seus camaradas, entrega o navio em que viera (insignificante, e

*apropriado para carregar madeiras), à marinhagem dêle, sem cujos serviços seria impossível a salvação”.*

A façanha, como se vê foi notável. Por felicidade os nomes de todos êsses bravos, foram guardados na parte de Alencastre. Reproduzimos aqui essa lista, para que fique bem gravada nos corações brasileiros.

*Relação nominal* dos oficiais e praças do Exército do Brasil que no estado de prisioneiros de guerra se libertaram com a maior braveza no dia 5 de março de 1826:

Coronel Joaquim Antônio de Alencastre — De 1.<sup>a</sup> linha.

Tte.-Cel. Pedro Pinto de A. Correia — Do 6.<sup>o</sup> Reg. de Cavalaria.

Tte.-Cel. João Marques da Silva Prates — De Milícias do Rio Grande.

Tte.-Cel. Manuel Soares da Silva — Idem, idem.

Major Simão da Silva Figueiredo — Do 9.<sup>o</sup> bat. de caçadores.

Major Inácio José Cabral — De Milícias do Rio Grande.

Major Lourenço José Ferreira — Do Esquadrão de Lanceiros do Uruguai.

Capitão Francisco Fernandes Anjo — do 5.<sup>o</sup> Reg. de Cavalaria.

Capitão Martinho Ruiz — do 6.<sup>o</sup> Reg. de Cavalaria.

Capitão Manuel Ribeiro de Moraes — do 5.<sup>o</sup> Reg. dito — Chefe do E. M. do R. M. de Caçapava.

Capitão Manuel José de Abreu — de Milícias de Entre Rios.

Capitão Cândido José de Abreu — Idem, idem.

Capitão Antônio Gonçalves Meireles — Milícias do Sêrro Largo.

Capitão João Batista Meireles — Idem, idem.

Capitão Manuel José Carvalho — Idem, idem.

Capitão Gabriel Cavalheiro — Idem, idem.

Capitão Manuel Blanco — de Guerrilhas de Montevideú.

Tenente Antônio Lopes de Siqueira — do 3.º Reg. de Cavalaria.

Tenente Sebastião José de Brito — Idem, idem — Pôrto Alegre.

Tenente Zeferino Domingues de Oliveira — do 4.º Reg. de Cavalaria.

Tenente José Joaquim da Cruz — do 5.º Reg. de Cavalaria.

Tenente Felisberto Fagundes de Sousa — do 5.º Reg. de Cavalaria.

Tenente José Antônio de Oliveira — do 3.º Reg. de Cavalaria.

Tenente Matias José de Barros — do Esquadrão de Minas.

Tenente Francisco Pinto Bandeira — de Milícias de Pôrto Alegre.

Tenente Marcos Gularte Pinto — de Milícias de Entrê Rios.

Tenente João Antônio Serrão — de Lanceiros do Uruguai.

Tenente Pedro José de Avila — de Milícias do Rio Grande.

Alferes José Antônio Batista — do 3.º Reg. de Cavalaria.

Alferes Ponciano Gomes de Leiras — do 4.º dito.

Alferes José Vitorino Pereira Coelho — do 5.º Reg. de Cavalaria — Tenente reformado — Pôrto Alegre.

Alferes João Manuel Belmudes — do 5.º Reg. de Cavalaria.

2.º Tenente Ferreira Barbosa — do 2.º C. de Artilharia.

2.º Tenente José Joaquim de Paiva — do Trem de Montevideú.

Alferes Ajudante — Sebastião Francisco da Silva — de Milícias do Rio Grande.

Alferes Firmiano José de Oliveira — Idem, idem

Alferes Francisco José de Lemos — Idem, idem.

Alferes Inácio Alves da Costa — do Regimento de Guaranis.

Alferes Agostinho Antônio de Melo — de Milícias do Rio Pardo.

Alferes João Borges — do Regimento de Lunarejo.

Alferes Francisco Solano — de Lanceiros do Uruguai.

Alferes Francisco Pinto de Moraes — da Guarda de Honra de S. Majestade.

Alferes Teodoro de Avila — de Milícia de Serro Largo.

Alferes Joaquim Gomes de Araújo — Idem, idem.

Alferes Antônio Leite de Siqueira — de Milícias de São Paulo.

Alferes Albano Batista Soares — de Milícias do Rio Grande.

Todos . . . . .	49
Cadetes e porta-estandartes . . . .	2
Sargentos, Furriéis, Cabos e soldados . . . . .	68
	<hr/>
	119

Ilha de Martim Garcia, 12 de março de 1826.

Assinado, Joaquim Antônio de Alencastre, Coronel de 1.<sup>a</sup> linha.

---

O povo cisplatino encontrou todo o apoio dos buenai-  
 renses para a sua sublevação. Esse apoio, entretanto, a  
 princípio, foi velado e não claro.



Foi necessário que os uruguaios mostrassem a sua valentia e o seu desejo de vencer, para que o auxílio por-tenho se fizesse às encâncaras.

Portanto, foram de capital importância nessa cam-panha as vitórias de Rincón e Sarandi obtidas pelos revol-tosos contra as armas brasileiras. Sòmente depois delas a guerra deixa de ser uma rebelião para ser guerra. Só depois delas os contendores passam a ser nações beli-gerantes.

O congresso reunido em fins de 1825 aprova a lei fundamental de 23 de janeiro de 1825, reatando os laços de união nacional, e mais a lei de 11 de maio, que autoriza o Poder Executivo a prover a segurança da Defesa Na-cional, bem como a lei de 31 do mesmo mês, que determi-na as condições de organização do Exército Nacional das Províncias Unidas do Rio da Prata.

A 13 de maio, autorizado pela lei da ante-véspera, Las Heras cria o exército de observação do Uruguai, que deveria contar 8.000 homens, distribuídos por 1 Regi-mento de artilharia ligeira — 6 Regimentos de cavalaria e 4 batalhões de caçadores, além dos diversos serviços.

A lei do Congresso, de 31 de maio, fixava ainda o seguinte: cada batalhão de artilharia seria de 6 compa-nhias, estas de 100 praças. Os regimentos de cavalaria seriam de 4 esquadrões cada um, êstes de duas compa-nhias e estas de 100 praças, além de 13 praças no estado maior de cada regimento. Desde logo o número total de praças, inclusive graduados era de 7.698, no exército per-manente.

A intervenção argentina, anterior à resolução do Con-gresso argentino, de fins de 1825, chegou a ponto de mo-tivar reclamações do cônsul brasileiro em Buenos Aires, seguidas de outras do Almirante Ferreira Lobo.

Dificuldades de protocolo diplomático exigiram do govêrno brasileiro a remessa de um plenipotenciário, Fal-

ção Frota, que o govêrno argentino não soube defender dos vexames populares, e a quem não atendeu em suas reclamações.

A 3 de novembro de 1825, recebeu o ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil uma nota do ministro das Relações Exteriores da República das Províncias Unidas do Rio da Prata (mais tarde República Argentina), anunciando que o Congresso, em sessão de 25 de outubro dêsse ano, declarara incorporada à República, a província Oriental (a Cisplatina). Acrescentava a nota que o govêrno de Buenos Aires estava comprometido por êsse fato a prover a defesa e à segurança da Província Oriental e que por todos os meios trataria de apressar a evacuação dos dois únicos pontos militares (Montevideú e Colônia do Sacramento) que ainda ocupavam as tropas brasileiras.

Entretanto, na nota, dizia o govêrno de Las Heras: *"Estamos dispostos a uma solução pacífica, desde que haja uma honrosa evacuação do território da província por parte das tropas de S. M. I."*

Mas no dia seguinte à entrada da nota, alegando a prática de hostilidades da parte dos navios brasileiros no Prata, Las Heras declarou rotas as relações com o Império. Foi isso a 4 de novembro.

O govêrno imperial respondeu a essa nota com a declaração de guerra, exposta em manifesto de 10 de dezembro de 1825.

Como se vê, Buenos Aires, que não tivera coragem de auxiliar o Uruguai, passava agora a tomar uma atitude responsável, atitude valente que desde a derrota de Guaiabos os argentinos não haviam tido sequer em face dos irmãos transviados, entregues à sua sorte.

Assim, duas derrotas nossas, Rincón e Sarandi, bastaram para levantar o ânimo portenho, fazendo que seu

governo aliado agora ao que se instalara na Cisplatina, se jogasse contra nós.

Apesar da deficiência de forças brasileiras na Campanha Cisplatina, a 7 de dezembro, Bento Gonçalves e Bonifácio Izas Calderón atacam e dispersam no Arróio Conventos perto de Sérro Largo, a divisão de Inácio Oribe, matando-lhe 44 soldados, fazendo um prisioneiro e tomando uma bandeira tricolor, que ainda teríamos como troféu, se não tivéssemos sido desidiosos.

A 21 de dezembro, como preâmbulo da guerra naval, vem o manifesto do Almirante Rodrigo Lobo, comandante em chefe da esquadra brasileira no Rio da Prata, declarando bloqueados os portos argentinos.

Não termina êsse desgraçado ano de 1825 sem que alguns outros pequenos desastres completem os de setembro e outubro.

A 31 de dezembro de 1825 os orientais, comandados pelo Coronel Leonardo Olivera, surpreendem a guarda brasileira de Santa Teresa (Alferes Joaquim de Oliveira) e o destacamento do Chui (Major Inácio José Cabral da Costa). Dos nossos ficaram mortos um capitão e 8 soldados de milícias; prisioneiros o Major Inácio Cabral da Costa, dois tenentes, um alferes e 64 inferiores e soldados. Ficamos, assim, somente com as praças de Colônia, Maldonado e Montevidéu no território Cisplatino.

A partida inimiga entrou no território brasileiro até Santa Vitória do Palmar, fugindo os nossos fracos destacamentos, à sua aproximação.



2.<sup>a</sup> PARTE

*A GUERRA COM AS PROVINCIAS UNIDAS  
DO RIO DA PRATA*



## CAPÍTULO VI

*Situação das Províncias Unidas. — As leis a respeito das suas fôrças armadas. — Depois da declaração de guerra. — As operações militares em 1826. — D. Pedro em face da guerra — Primeiras providências do Marquês de Barbacena.*

“ Enquanto o exército argentino aumentava, organizava-se e disciplinava-se, as tropas imperiais seguiam rumo diverso, presa que eram, de rivalidades e intrigas entre os seus chefes e da incapacidade manifesta de alguns dentre elles.”

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO, *Um soldado do reino e do Império.*

---

Ao começar a Guerra da Cisplatina, ainda as Províncias Unidas não estavam constituídas, definitivamente pelo menos, como nação, tal como desejava ser e como foi depois a República Argentina, embora se tivesse mantido independente e de maneira gloriosa.

Ao iniciar-se o 2.º quartel do século XIX, estava reunida a Constituinte, e as Províncias Unidas não possuíam nem exército nem marinha nacional.

Nessa circunstância o próprio poder executivo ficou confiado provisóriamente ao govêrno da Província de Buenos Aires (lei de 23-1-1825).

Esse govêrno estava, em 1825, nas mãos do General Las Heras, veterano da independência, companheiro de San Martin e herói de Maipú. Ele tinha como secretário e inspirador D. Manuel José Garcia, para quem a sorte da Cisplatina era indiferente, o que explica em parte a desídia inicial com que a rebelião foi tratada.

A lei de 6 de fevereiro de 1826, votada pelo Congresso, e tendo a Rivadávia como inspirador, vinha como reação à situação existente. Ela criava o Poder Executivo Nacional permanente. Foi por força de lei, realizada a eleição e eleito um presidente geral. Rivadávia foi o escolhido.

Tais foram os primeiros passos dados dentro da Argentina, para que ela preparasse a situação de guerra contra o Brasil.

Tudo o que fez inicialmente o govêrno de Rivadávia no sentido de unir as províncias, contrariava a todos os pontos de vista de Manuel José Garcia, de robustecer a nação sem considerar a Banda Oriental como parte dela, e tomar a guerra como fato quase consumado, desde que na Cisplatina se combatia, independentemente da aquiescência de Buenos Aires.

---

Ao começar o ano de 1826, as fôrças de Lavalleja estavam em Durazno, centralizando o contróle às fôrças brasileiras das redondezas, e sobretudo para avisar, dando alarme, em caso de movimento ofensivo que pudessem tomar os brasileiros.

O exército de observação localizado nas costas do Uruguai, e reforçado após os decretos que o deixavam perfeitamente legal, em face das Províncias Unidas, passou, desde 28 de janeiro de 1826, para a margem esquerda do Uruguai, acampando na vila do Salto.



As forças do Gêneral Rodrigues, comandante argentino, estavam formadas por 408 homens de Buenos Aires, sendo metade do corpo de hussares e metade do de couraçeiros (cavalaria); 159 homens de um batalhão de infantaria, e mais de um corpo de artilheiros com 4 peças. De Corrientes haviam chegado artilheiros para a bateria de Punta Gorda, e uma divisão de cavalaria que foi incorporada ao exército.

A infantaria ficou, logo depois, com os batalhões 1.º, 2.º, 3.º e 4.º, sob os comandos respectivos de Manuel Correia, Pablo Zufriategui, Eugênio Garson e Angél Pacheco.

A situação militar não mudara de forma notável. Se no Brasil se levasse a guerra mais a sério do que as questões secundárias de política interna, tratar-se-ia de prover às necessidades bélicas da província do Rio Grande a fim de que esta socorresse as forças dispersas e batidas, da Cisplatina, para que estas voltassem e recomeçassem a luta.

O exército argentino estava nessa ocasião em pleno período de reorganização.

Não seria possível conseguir momento mais oportuno para que os nossos o atacassem. Mas isso infelizmente não foi feito. Ao contrário ninguém obistou a incursão de Rivera pelo Quarai, em que capturou centenas de milhares de cabeças de gado.

As forças brasileiras estavam sendo acumuladas na capela de Santa Ana, e eram comandadas pelo brigadeiro Francisco de Paula Damasceno Rosado, um militar de poucas luzes e quase nenhum prestígio, cuja ação mais importante, depois de assumir o comando, foi de dar ao lugar em que estacionou, o nome de "Acampamento da Imperial Carolina". Além das forças de Santana, havia a de Bento Gonçalves da Silva nas proximidades de Bagé e a de Bento Manuel no Quarai. Este chefe, depois de

alguma relutância, acabou obedecendo ao Brigadeiro Rosado, e indo engrossar, inutilmente o acampamento central d'este.

Durante o ano de 1826, o Brasil manteve dois exércitos imóveis: O de Montevidéu e o de Santana. Se êstes dois se juntassem e agissem com prontidão e descortiuo, a guerra teria tido resultado favorável a nós. Mas os nossos homens fardados de generais (Lecor e Rosado) eram ineptos.

Em fins de 1826 veio enfim, para o Rio Grande, o Imperador. Tivesse tido entre nós a atitude que depois houve por bem adotar no Pôrto, lutando contra seu irmão, o príncipe D. Miguel, e também não teríamos tido a nos lamentar de uma campanha desastrosa.

Saiu êle do Rio a 24 de novembro e chegou a Pôrto Alegre a 6 de dezembro, trazendo 800 homens de infantaria, entre os quais os batalhões de granadeiros e o 27 de hussares alemães. D. Pedro havia decidido substituir Rosado. Se houvesse pôsto em seu lugar o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, que já se havia distinguido na extinção da revolta de 1824 em Pernambuco, teria acertado.

Em lugar de Rosado, pôs o General Felisberto Caldeira Brant Pontes. Êste era nascido em Minas Gerais, em 1773; filho de pais riquíssimos, que haviam sempre ocupado altas e rendosas posições, como contratadores de diamantes, e arrendatários de casas, possuía também altos postos de comando na milícia colonial. Estudou a guerra em Portugal e ingressou nos quadros de tropa. Em 1795 era capitão de mar e guerra.

Quando a família real portugueza veio para o Brasil em 1808, êle veio junto e obteve na Bahia o rendoso pôsto de inspetor geral de tropas. Participante do movimento da independência, deputado à constituinte, foi mandado como plenipotenciário brasileiro à Inglaterra. Aos 54 anos

recebeu a incumbência de comandar o exército que devia esmagar os rebeldes cisplatinos e enfrentar o exército argentino.

Assim que recebeu a sua comissão, veio para o Rio Grande, chegando a Pôrto Alegre antes de D. Pedro.

Com as tropas que trazia o Imperador veio o General Brown (Gustavo Henrique Brown), contratado na Europa, e que havia britanizado o seu nome por ter servido no exército inglês, durante as guerras napoleônicas. Mais tarde serviu também no Exército português, onde se distinguiu, e como coronel apresentou-se para servir ao Brasil, sendo admitido como general de brigada e chefe do estado maior. Vinha fazer no Exército brasileiro o que Beresford fêz no Exército português na campanha de restauração.

Barbacena tomou medidas urgentes e necessárias. Marchou por terra em visita às vilas da fronteira. Esteve em Bagé e São Gabriel, que eram pontos de importância como depósitos do exército, e a 1.º de janeiro chegava ao acampamento da "Imperial Carolina".

Lacônicamente dá o Sr. Barão do Rio Branco esta notícia, nas Efemérides: "*O Tenente General Marquês de Barbacena assume em Santana do Livramento, o comando do Exército brasileiro em operações contra o governo de Buenos Aires*".

Encontrou na Imperial Carolina uma massa informe e heterogênea de homens, sem disciplina e sem nenhum daqueles requisitos que caracterizam um verdadeiro exército. As enfermidades, as faltas de recursos de toda a ordem, a falta de confiança nos chefes que se mostravam inertes e irresolutos, provocavam as deserções, e de tal forma, que o exército se viu reduzido de quase dois mil homens, enquanto estacionou sob o comando de Rosado.

As tropas necessitavam de reação, de um comando eficiente, de um homem cujo caráter e fibra excepcionais

fôssem capazes de comunicar a sua vontade e o seu ardor a todos os batalhões, através dos chefes, da officialidade, dos subalternos. Necessitavam as nossas tropas ainda uma organização sólida que alinhavasse as frações e lhes desse o aspecto de um todo uniforme.

O mapa das fôrças de 1.º de março de 1826, apresentando como existentes 4.525 officiaes e praças, fala nos 7.º, 9.º, 10.º e 11.º. Bat. de caçadores, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º. Rgtos. de cavalaria, 2.º de artilharia, e companhia da côrte, batalhão de artilharia de posição, e corpo de companhias fixas. Além dessas fôrças de 1.ª linha, havia milicias de Rio Grande, Pôrto Alegre e Rio Pardo; 1.º e 2.º corpos de São Paulo, voluntários de Curitiba, lanceiros do Uruguai e companhias de Guaranis.

Tôda esta gente estava, com os destroços referidos, concentrada em Santana, no Acampamento da Imperial Carolina.

Apesar da desídia com que foram encaradas as coisas do nosso Exército, que estava numa guerra latente e quase nominal, o ano de 1826 registra alguns episódios de valor e bravura, embora frutos de ações parciais, em que frações se encontravam visando esmagar-se, sem proveito, porém, para a solução geral da campanha.

Sòmente a guerra naval tem intensidade enquanto os preparativos do Exército argentino para a invasão do nosso território são levados a efeito com tôda a calma.

Já a 5 de janeiro o Coronel Pita, saindo do Sérro, perto de Montevidéu com a cavalaria brasileira, ataca no Saladero de Duran a cavalaria inimiga que bloqueava a praça, perseguindo-a por muitas léguas.

A esquadra argentina, comandada pelo almirante Brown, combinando sua ação com o exército sitiante à Colônia do Sacramento, decide golpes de fôrça que, no caso de successo, deviam ser repetidos nas outras praças da faixa ainda em poder das fôrças brasileiras.

Teve lugar a 26 de fevereiro o primeiro ataque, por terra e mar à Colônia do Sacramento, ataque felizmente malogrado.

Teve lugar o segundo, com igual intensidade e também malogrado, a 1.º de março. Esses ataques se repetem até 14, data em que definitivamente a esquadra de Brown se afasta da Colônia.

*“A guarnição da praça fazia sortidas, para reabastecimentos, pela campanha; então, (diz Baldrich) “Lavalleja, sabedor de que se preparava uma dessas sortidas, organizou a 14 uma emboscada de 200 homens de infantaria do batalhão de Libertos, sobre o qual caiu a coluna inimiga, forte de 500 soldados, com duas peças de artilharia ligeira, sofrendo grande número de baixas os Orientais, que retiraram-se para seu acampamento, em Durazno”.*

O mesmo autor refere que, *“em fevereiro, o comandante em chefe do exército aliado, general Martin Rodriguez, propusera por escrito negociações ao coronel brasileiro Bento Manuel, que se achava entre o Quarai e o Arapeí, para promover um movimento de independência do Rio Grande, por ter sabido que a opinião nessa Província não era favorável à guerra.*

*“A 7 de maio seguinte, Frutuoso Rivera foi atacar as forças brasileiras do mesmo Bento Manuel, que tinham guardas avançadas na direção de Arapeí, surpreendendo-as.*

*“O chefe oriental estacionou, logo em seguida, dando assim tempo a comunicar-se o alarme ao grosso das nossas forças, sobre a fronteira do Quarai.*

*“Não sendo incomodado, pôde Rivera fazer tremenda depredação em toda a zona, entre Arapeí e Quarai, explorada havia anos por vários fazendeiros, na maioria nossos patrícios, calculando-se em cerca de 20.000 cabeças o número de animais levados por esse brigadeiro uruguaio,*

que mandou vender grande parte do gado ao outro lado do Uruguai, em Entre Rios e Corrientes.

*“Expusemos no devido lugar o repudio, que de tal procedimento publicaram seus chefes, e a conseqüente retirada de Frutuoso Rivera do exército platino.*

*“No mês de julho, a brigada do Coronel Bento Gonçalves, que guardava a fronteira, fora e a leste do acampamento de Santana do Livramento, sofreu por sua vez ataques malogrados das partidas inimigas.*

*“Estas haviam primeiro surpreendido um destacamento nosso nas pontas do arrôio Hospital, mas avançando uma forte coluna composta de tropas aliadas, ao mando do Coronel José Maria Paz, contra o grosso da referida brigada, sofreu a sua vanguarda completo desbarato da parte de uma coluna brasileira, com que se encontrou à runo das pontas do Caraguatá, fazendo êsse incidente retirar-se o chefe argentino para o seu acampamento no Yi”.*

*“A Oeste da mesma fronteira do antigo distrito de Entre Rios, entre Ibicuí e Quaraí, partidas inimigas invadiam também e percorriam o território brasileiro, dando-se alguns recontros com as nossas forças, dos quais “o mais notável”, diz Pereira da Silva, “foi sem dúvida o da barra do Toro Passo, onde se achava em outubro um grupo numeroso de orientais...”*

O Brigadeiro Francisco de Paula Rosado, que comandava a fronteira, expediu contra êles o Coronel J. D. Martins, com uma coluna de 500 homens escolhidos de cavalaria.

*“Sofreram os orientais completa derrota, aumentando-se depois da refrega o número de baixas, com o dos afogados no rio Uruguai, que tentavam passar sob o fogo inimigo.*

*“Não eram assim, de levar-se em conta, mesmo postos ao nosso ativo, esses e outros combates de resulta-*

*dos infimos em relação à gravidade do conflito internacional, que só podia e se devia resolver com urgência por uma batalha entre as massas dos exércitos opostos, sendo sempre um crime a procrastinação de guerra, pelos sacrificios impostos à fortuna pública e particular". (Anais das Guerras do Brasil com os Estados do Prata e Paraguai, Coronel Torres Homem).*

A 6 de agosto de 1826 dá-se o combate de Guaraquatá (Uruguai), em que o Major Antônio de Medeiros Costa derrota um corpo de cavalaria sob o comando de Cláudio Verdum.

No mesmo dia o Capitão Gabriel Gomes Lisboa destroça em Toropasso uma divisão de Corrientinos comandada pelo General José Lopes (Lopez Chico).

A 26 de setembro de 1826, o Coronel Vasco Antunes Maciel, que se tornou famoso pelas suas sortidas, da guarnição da Colônia do Sacramento, surpreende e derrota em Colla um destacamento de orientais.

A 12 de outubro, ainda do mesmo ano, o Major Guilherme José Lisboa, que estava postado no reduto Rondeau junto de Montevidéu, descobre e repele uma força oriental que se emboscara para atacá-lo.

A 5 de novembro do mesmo ano, Bento Manuel com 4 brigadas de cavalaria, compostas de milicianos, ataca e destroça junto a Rosário del Miranai, Corrientes, o Coronel Pedro Gomes Toribio, e persegue durante léguas o Coronel Felix Aguirre, cuja coluna fica, por completo, dispersada.

Toribio foi morto e perdeu todo o fruto do saque que fizera em território brasileiro. Tivemos 32 mortos e feridos. Aguirre era o presidente da Província de Misiones compreendida entre o Miranai, Laguna Iberá e o Uruguai.

O General Pedro Gerrá, governador de Corrientes que estava acampado em Curuzu Quatiá, abandonou

essa posição quando teve conhecimento da aproximação de Bento Manuel.

A 19 de novembro de 1826, José Eloi Pessoa ocupa a ilha Gorriti no pôrto de Maldonado com um corpo de artilharia da Bahia.

Como se vê as operações militares são de pouca monta quer quando se as compara com as manobras navais de muito maior envergadura, quer quando se considera os aprestos bélicos dos argentinos, para a invasão que logo devia ter lugar.

O Imperador D. Pedro I, a 24 de novembro de 1826, desejoso de dar um novo impulso à guerra, parte para o Rio Grande por Santa Catarina acompanhado pelo Visconde de São Leopoldo, Ministro do Império. Queria êle ativar tôdas as operações. Segue na nau Pedro I acompanhada da fragata Isabel, da corveta duquesa de Goiás e vários transportes que conduziam o 27.<sup>o</sup> B. C. (alemães) e um esquadrão de lanceiros alemães.

A 29 de novembro a divisão naval que conduzia D. Pedro avista a corveta Chacabuco (Cmte. Busson). A fragata Isabel (Cmte. Teodoro Bonaparte) persegue-a até o cair da noite, sem resultado.

D. Pedro chega a Pôrto Alegre, a 8 de dezembro.

A 11 desse mês ocorre o falecimento de Dona Leopoldina.

Ê preciso não atribuir a êste triste acontecimento, como até aqui se tem feito, o regresso precipitado de D. Pedro. Ao ministro inglês Gordon, que o foi encontrar em Santa Catarina, êle declarou que a sua visita ao Rio Grande do Sul seria curta. Quando S. Leopoldo chegou, a 14 de dezembro a Pôrto Alegre, a viagem de regresso estava resolvida e na proclamação de 16, D. Pedro diz: "*A necessidade da minha presença na côrte, para tratar de negócios de alta importância e mandar-vos mais socorros, faz com que me retire tom brevidade, o que*



*sumamente sinto*". Nessa data não se sabia sequer da moléstia da Imperatriz.

Ficou eliminada, com a volta de D. Pedro I para a Côrte a única possibilidade verdadeiramente notável de movimento de grande envergadura no Sul.

Saindo D. Pedro, voltava o marasmo, ainda mesmo que o Marquês de Barbacena fôsse um grande general.

Em todo o caso, poderia ter sido pior, e ainda foi bom que se não devesse mais favores a êsse grande monarca português que contribuiu para a nossa independência como teria feito a mais descabelada loucura conforme o momento, sem plena consciência daquilo que realizava.

A preocupação de Barbacena, quando ficou só, foi reorganizar os grupos heterogêneos que lhe haviam dado.

Começou bem. Mas não lhe foi possível ir muito além.



## CAPÍTULO VII

*Nova organização do Exército brasileiro no Acampamento da Imperial Carolina e no Serrito, perto de Pelotas. — A junção no acampamento do arrôio de Palmas. — Organização do Exército Argentino. — O plano de invasão. — Proclamações e marchas dos argentinos. — Contatos. — A junção Barbacena-Brown realizada.*

“Não devemos tão pouco esquecer, além de tudo isso, que do lado argentino, Alvear não era absolutamente superior a Barbacena. Seus erros palmares nos sucessos que precederam o dia da batalha são limpidamente demonstrados... O grande problema estratégico para Barbacena, que o resolveu magistralmente, era fazer junção com as tropas de reforço, comandadas por Brown, que tinham partido de Pelotas e Jaguarão ao seu encontro.”

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO, *Um soldado do reino e do Império.*

---

Depois das primeiras tentativas de reorganização do Marquês de Barbacena, o resumo dos mapas apresentava: 1.540 homens de infantaria; 162 de artilharia; 212 de guerrilhas; 198 lanceiros (voluntários de Curitiba e restos da legião de São Paulo); cavalaria do Rio, 308 ho-

mens ; cavalaria da Bahia, 66 ; cavalaria de São Paulo, 323 ; 5.º Regimento de Cavalaria, 125 ; cavalaria de milícias de diferentes procedências, 1.362. O total era de 4.296. Apesar dos reforços remetidos de tôdas as partes do Brasil, o efetivo diminuira, e grande parte dêsse efetivo não se podia mover por estropeada e doente.

O Marquês fracionou o exército em duas divisões, cada uma delas em duas brigadas. A 1.ª e a 2.ª brigadas ligeiras de cavalaria ficaram a cargo dos coronéis Bento Ribeiro e Bento Gonçalves, que tinham missão observadora, de vanguarda, retaguarda, e contato.

Brown, na cidade do Rio Grande, e em tôdas as vilas em que era possível o recrutamento, procurava aumentar o efetivo, mesmo aliciando gente pouco capaz. Na região em que estava, fazia os seus esforços.

Tinha consigo o 27 de caçadores alemães com 500 homens, o 18.º de infantaria, de Pernambuco, com 300. De cavalaria tinha os regimentos 4, 5 e 6 com menos de 250 homens cada um, 80 lanceiros alemães, 120 lanceiros guaranis.

Enquanto o Exército argentino, que passara para o comando do General Alvear, estava todo já em condições da marcha que devia iniciar, seguindo o vale do Rio Negro, em direção a Bagé, o nosso estava completamente separado, dividido em frações que, embora grandes, podiam ser batidas por um exército numeroso como esteve em poucos meses o das Províncias Unidas.

---

O Exército brasileiro tinha prontos a sair de Santana, 3.700 homens ; e com Brown, 1.800 quando muito. Essas duas frações combinaram a sua junção nas imediações do arrôio de Palmas.

Para isso, a 13 de janeiro de 1827, Barbacena iniciou o seu movimento para Leste. Logo depois, em sentido oposto movimentou-se Brown.

Alvear devia fazer esforço para obstar essa junção.

*"Barbacena à frente de uma parte do Exército brasileiro", diz o Barão do Rio Branco, deixa Santana do Livramento e dirige sua marcha para o arrôio das Palmas a fim de fazer junção com as tropas que trazia do Rio Grande o General Gustavo Henrique Brown, enquanto o Exército argentino marchava sobre Bagé".*

Por ser mais numeroso e mais apetrechado do que o do general Brown, o exército de Barbacena devia percorrer caminho maior, para a junção combinada.

---

Desde julho de 1826 a organização do exército argentino começara, sob o comando do General Rodriguez. Levado da margem do Uruguai para Durazno, saiu d'êste ponto para sufocar uma rebelião de Rivera que com seus partidarios se mostrava ciumento de Lavalleja. Para evitar qualquer mau passo, o govêrno da Banda Oriental foi entregue por Lavalleja a Joaquim Suarez. Entretanto os riveristas interceptavam até comboios que se dirigiam a Durazno. Nessa contingência o conselho de ministros sob a presidência de Rivadavia decidiu entregar o comando do exército a Alvear que ocupava a pasta da guerra. Nomeado general em chefe a 14 de agosto de 1826, recebia o comando das mãos de Rodriguez a 1.º de setembro, no acampamento de Durazno.

Decidido a acabar com a rebelião riverista, procurou concentrar suas forças trazendo os corpos que estavam em São José. Em seguida passou para a margem do Rio Negro.

O Coronel Brandzen teve a incumbência de agir pela força, contra os amotinados, contra os quais marchou

com o 1.º de cavalaria. Tendo capturado, por sorte, no passo dos Toros o irmão de Rivera, chefe dos sediciosos, todos os outros tenderam a abandonar a revolta.

Fregreiro descreve o Exército argentino como desprovido de todos os elementos os mais necessários ao conforto e à luta. Discutir qual dos dois estaria pior, se o Exército argentino se o brasileiro, hoje que não se tem elementos para contestação concreta, seria inútil. Sabia-se, entretanto, que o Exército argentino era pago em ouro e papel, e não tinha atraso, enquanto o brasileiro estava com seus recebimentos atrasados de três e mais meses, o que basta para evidenciar a nossa inferioridade nessa luta, acrescida ainda com os apresamentos de armas abundantes, no arsenal de São Gabriel.

Os argentinos contavam com mais de 8.000 homens ao iniciar-se a sua marcha e 16 peças de artilharia. Nós tínhamos 5.500 homens e doze canhões.

O mapa das forças argentinas era o seguinte:

*Artilharia (Tomaz Iriarte) 504 homens*

1.º infant. (Manuel Correia)..	453	homens	} 1.846 inf.
2.º infant. (Ventura Alegre)...	416	"	
3.º infant. (Eugênio Garzon)..	478	"	
5.º infant. (Felix Olazabal)....	499	"	

---

1.º cav. (Brandzen) . . . . .	497	homens	} 3.180 cav de linha
2.º cav. (J. Maria Paz) . . . . .	493	"	
3.º cav. (Angel Pacheco) . . . . .	361	"	
4.º cav. (Juan Lavalle) . . . . .	393	"	
8.º cav. (J. Zufriategui) . . . . .	468	"	
9.º cav. (Manuel Oribe) . . . . .	537	"	
16.º cav. (J. Olavarria) . . . . .	431	"	

Colorados (Vilela) .....	430 homens	} 575 cav.
Couraceiros (Medina) .....	145 "	

Além dêste efetivo contava ainda o Exército argentino com 2.500 homens da vanguarda de Lavalleja.

O Exército todo se dividia em três corpos:

1.º Corpo (com milícia) comandante Lavalleja.

2.º Corpo, 1.º, 4.º, 8.º e 16.º RC e Couraceiros, milícia de Pando e São José, comandante Alvear.

3.º Corpo, 2.º e 3.º RC milícia e artilharia, comandante Soler.

Assim que a revolta riverista esteve terminada, Alvear ordenou a concentração de tôdas as fôrças nas costas do arrôio Grande, para começar a marcha, seguindo rumo geral do curso do Rio Negro, em direção à cidade brasileira de Bagé.

Alvear planeou com acêrto, paralisar os movimentos ofensivos do Exército brasileiro, que tendia continuamente a aumentar, segundo acreditava aquêle chefe.

A viagem do imperador ao Rio Grande mostrava disposições de tomar a guerra a sério, com efeito, mas as suas ações sempre foram as de um volúvel sem remédio, e uma guerra longa como já estava sendo essa da Cisplatina, não despertava maior interêsse a D. Pedro I, quando o seu egoísmo podia estar satisfeito por outro lado.

O retardamento dessa ofensiva brasileira inspirou o bem concebido plano de invasão dos argentinos.

Antes de 1827, concentradas as guarnições das cidades da costa, unidas essas forças às do exército de Santana e somados êsses a outros recursos que se pudessem obter, a completa vitória brasileira ainda era possível. Em 1827 a nossa atitude não pôde deixar de ser defensiva.

Alvear via cinco pontos vulneráveis na nossa fronteira, pelos quais podia entrar:

1.º Quaraí (Fronteira Missões-Entre Rios).

2.º Santana (Êste estava espontâneamente afastado porque os brasileiros podiam esperar intatos a um exército que chegava cansado, depois de atravessar uma extensa zona sem recursos, tendo além disso os seus depósitos de munição repletos e a defesa natural do rio).

3.º Cochilha Grande.

4.º Curso do Rio Negro (o caminho escolhido).

5.º Caminho da Costa — por Santa Teresa.

O caminho do Rio Negro, adotado, era novo, não tinha sido objeto de discussões anteriores em outras campanhas, e por isso Alvear o preferiu, jogando sôbre Santana um corpo de cavalaria.

Começou o movimento de invasão a 26 de dezembro de 1826. Alvear percorreu as linhas do seu exército e arengou às suas forças, depois de falar com todos os chefes, dizendo:

*“Soldados! Um novo momento de glória se aproxima. Ides combater contra os escravos do imperador. Aterrado ao saber que as legiões da República se dirigem contra ele, abandonou o trono e veio pôr-se à frente de suas tropas. Tanto maior será a vossa glória em humilhá-las. A emprêsa é gigantesca, e digna da vossa coragem!”*

*No curso de vossa marcha tereis fadigas e perigos, motivos de mais ardor para os velhos soldados da independência.*



*A história vos acompanha e a posteridade vos aguarda, e milhões de brasileiros vos estendem as mãos oprimidas pelas algemas da escravidão!...*"

Tomado o rumo de Porongos, o exército cruzou os primeiros campos, assolados pelas queimadas recentes.

A 5 de janeiro todo o exército se achava reunido nas costas do Rio Negro, margem direita, acrescido das forças do general Mancilla.

A travessia não foi das mais fáceis, especialmente para quem não estava habituado a lutar contra florestas virgens. Um batalhão de infantaria abria picadas nas proximidades dos rios a atravessar. Todos se queixavam do general em chefe, como se pudesse ter culpa de fazer com seu exército somente 40 léguas de caminho em 20 dias.

Mancilla em seu diário, dizia: "*O general não sabe marchar, nem acampar, nem prover a coisa alguma... Confunde todos os serviços, paralisa o talento e a experiência e põe a cada passo em dúvida, a existência do exército e do país...*"

Fêz Alvear, de fato, muitos movimentos inúteis que o obrigaram a perder tempo precioso que permitiu a junção dos nossos, no arrôio Palmas.

Mas, se Alvear fosse um grande general, o que seria de nós em 1827 com os erros que cometemos? Felizmente para êle todos os nossos eram do mesmo estilo; tinham capacidade intrínseca semelhante.

A 23 de janeiro um próprio do corpo de cavalaria ligeira destacado, vem avisar que os brasileiros iniciaram a marcha contra os argentinos.

Brandzen afirma no seu diário que essa notícia causa geral e contagiosa alegria em todo o exército rioplatense.

A 6 de janeiro o exército argentino vê avançadas imperiais, e põe-se em alarma. Era Bento Gonçalves com a

2.<sup>a</sup> Brigada de cavalaria ligeira, que depois de verificar, mandou comunicar ao Marquês de Barbacena o rumo tomado pelo General Alvear.

Também Sebastião Barreto Pereira Pinto e o Coronel Miranda Brito, que haviam sido encarregados de encontrar posição conveniente para uma batalha, fazendo seu levantamento, aí pelos arredores de Bagé, voltaram comunicando a impossibilidade de realizar a missão por causa da aproximação do inimigo.

A 14 de janeiro Bento Manuel se incorpora ao exército no Cuñapiru. Barbacena ordenou a Barreto que, com algumas forças escolhidas de cavalaria, procurasse se certificar do verdadeiro rumo que os argentinos tomavam.

---

Enquanto isso o Exército imperial marchava com o seguinte itinerário: A 15 e 16 de janeiro mantem-se no Cuñapiru, tendo como atalaia o Cerro de Batovi. A 17 marcha para Leste, em direção ao morro de Batovi Clico e o das Avarias, detendo-se nas suas inediações a 18.

Prossegue a 19, e a 20 para, a oito léguas do Cerro das Pombas, depois de passar os Ibicúis e a lagoa Formosa.

A 21 toma a margem esquerda do arrôio Ponche Verde e lhe segue a direção, a caminho do Norte. A 22 chega ao Santa Maria. A 23 cruza-o pelo Passo Real ou do Prestes e a 24 acampa no Taquarembó mirim, afluente oriental do Santa Maria, permanecendo aí o dia 25 por causa das chuvas torrenciais.

A 26 ocupava a posição de Guarda Velha ou Guarda de São Sebastião do Taquarembó.

Na noite de 26 para 27, chove copiosamente, mas a marcha continua, havendo em caminho a junção do exército com Barreto e com Bento Gonçalves.

A 28 atravessa a Cochilha Geral, começando a vadear a 29 o Camaquan Chico, transbordado. A passagem é difícil e exige dois dias. Barbacena presencia e dirige essa operação. A cavalaria passou a nado. A bagagem passou em pelotas e a infantaria transportou a munição, com água pelo peito.

A 31, pondo alguma artilharia no Camaquan, continuou sua marcha com segurança para o arrôio de Taraziras, um dos que formam o arrôio das Palmas, em cujas pontas Barbacena decidira esperar a incorporação de Brown.

O acampamento era seguro; seus arredores praticamente inacessíveis, especialmente para a cavalaria.

---

Quando levantou acampamento no Santa Maria, supondo regressar a êsse ponto, aí deixou o batalhão alemão, provisório, para cobrir os armazéns e as munições, que depois foram incendiadas porque o inimigo se aproximava.

Também abandonou uma quantidade de equipagem nas costas do Santa Maria, deixando atrás de si os depósitos de São Gabriel. Nas equipagens abandonadas à margem do Santa Maria estavam duas bandeiras brasileiras, sendo uma delas do 3.<sup>o</sup> de cavalaria, hoje exposta como troféu de Ituzaingó, no Museu Histórico Nacional de Buenos Aires.

Barbacena tratou de fazer o deserto ao redor do inimigo, internando gado e cavahada, e mostrando a resolução do povo de combater a todo o transe sem poupar sacrifícios.

Não teve preocupação ofensiva, nem poderia ter, em face da superioridade do inimigo, mas procurou ocupar

sucessivamente posições em que se pudesse manter, caso fôsse atacado.

---

Depois de realizada felizmente a junção com Brown, ficou, porém, *“tão seguro da vitória, que incumbiu um oficial de estado maior de verificar a cuota de despojos a que tinha direito o general em chefe”*. (*Contribuição para a história da Guerra entre o Brasil e Buenos Aires*, página 114 — trad. General Klinger). Este espírito fê-lo perder a prudência e a segurança com que começara a campanha, de forma a quase transformar a batalha de Passo do Rosário em derrota semelhante à de Sarandí.

## CAPÍTULO VIII

*Movimentos. — As possibilidades que Alvear abandona. — A entrada do inimigo em Bagé. — Alvear esperava ser atacado em Bagé. — O canhão de alarme. — O encontro de Vacacai. — Ordem de atacar a brigada de Bento Manuel. — Os exércitos se aproximam um do outro. — Abandono de carretas.*

“Na verdade, enquanto Alvear se demorava sem motivo, em Bagé, por êle occupada, a coluna Brown parte do litoral, progride rapidamente na direção de noroeste, ao encontro do grosso do exército que, partido do interior, vinha marchando no rumo de leste.

AFONSO ARINO DE MELLO FRANCO, *Um soldado do Reino e do Império.*

---

A 20 de janeiro (1827), Alvear, certo de que Barbacena marchava contra êle, repassou o Rio Negro com receio de um ataque de envergadura e perdeu o tempo necessário a alcançar o Exército brasileiro antes da junção de Brown a Barbacena.

Foi o seu maior êrro, êsse de deixar que se afastasse a possibilidade de atacar e envolver o nosso Exército saído de Santana. Teria feito o envolvimento pelos dois flancos, e deixado êsse exército cortado, graças à superioridade numérica das suas fôrças.

Por outro lado, é certo que em lugar das simpatias que esperava encontrar entre a população, que pensava, republicana, só viu antipatia, resistência passiva, a desconfiança, o vazio.

Nesse sentido foi a sua comunicação ao governo nacional de Buenos Aires, escrita em fins de janeiro.

A 23, ás 5½ horas da tarde, Alvear comunica que vai subordinar as suas operações militares ao estado dos seus cavalos, que é precário.

Acreditava êle que as fôrças brasileiras estivessem à margem direita do Aceguá.

Lavalleja, que fazia a vanguarda, entrou em Bagé a 23 de janeiro, e encontrou a vila abandonada pelos seus habitantes.

O saque, tremendo e arrasante, começou a 26 e foi até 28. Poucos oficiais argentinos ficaram com suas mãos limpas, nesses dias, apesar do fuzilamento do Capitão Taxena, um dos ladrões. Os depoimentos argentinos, nesse sentido, são discordantes; mas o diário de Brandzen não dá lugar a dúvidas.

Alvear pensa que a sua vanguarda está passando dificuldades e decide concentrar tôdas as suas fôrças, não abandonar a sua posição e esperar o ataque brasileiro.

Logo que teve melhores notícias a respeito da sua vanguarda, Alvear repassou o Rio Negro pelo passo do Valente com o 2.º e 3.º corpos, reuniu o exército e marchou sôbre Bagé em cujos arredores acampa a 25 de janeiro.

O Exército brasileiro abandonando Santana e Cunha-piru andou oito dias seguidos forçando marchas, a fim de realizar a junção com Brown; sacrificava nesse intento, equipagens e elementos de mobilidade, deixando nas caixas até as bandeiras dos batalhões de linha.

Conhecedor dessas circunstâncias, Alvear poderia ir em perseguição de Barbacena já que contava com uma

superioridade numérica muito grande, mas não o fez, certo de que Barbacena vinha para Bagé, a fim de batê-lo, e tão certo estava disso, que expediu aviso aos chefes e comandantes, de que um tiro de canhão seria sinal de alarme, comunicando textualmente: "*O inimigo marcha sobre Bagé; provavelmente amanhã, 1.º de fevereiro, terá lugar a batalha*".

No boletim n. 3, afirma: "*O general inimigo, depois de haver andado em marchas e contramarchas por falsas direções, em busca do Exército da República, hoje está, enfim, a oito léguas de distância*".

---

Por efeito das chuvas torrenciais Alvear não saiu de Bagé na madrugada de 27. Se tivesse iniciado a marcha, apesar da chuva, teria apanhado Barbacena ainda separado de Brown. A chuva foi providencial para Barbacena, que sabia, aliás, o perigo que estava correndo, mas que apesar disso andava devagar.

A 28 Barbacena realiza, apesar da chuva e da cheia do rio, a passagem difícil do Camacuan, conseguindo por essa forma, ocupar a 1.º de fevereiro a posição inexpugnável de Palmas, onde ficou a coberto, por completo, das possibilidades de ataque do inimigo invasor.

Portanto, a 1.º de fevereiro termina a metódica marcha de flanco de Barbacena, justamente quando Alvear dizia esperar o seu ataque perto de Bagé.

A 2 o Exército republicano deixa a vila de Bagé e acampa sobre as ruínas do antigo forte de Santa Tecla. Manda reconhecer as posições de Barbacena, e convencido da impossibilidade de atacá-lo na posição que ocupa, toma outra iniciativa.

Convencido de que o Exército brasileiro tinha muita infantaria, concebe o plano de internar-se no país, e cortar

a linha de operações do exército inimigo. A superioridade de sua fôrça, em cavalaria, fazia que o seu general procurasse constantemente as planícies, ao passo que os imperiais procuravam as serras, porque a sua infantaria era melhor.

Os dois generais inimigos desenvolveram daí por diante, todo o seu talento e habilidade em atrair-se mutuamente aos pontos em que cada um encontrasse vantagens sôbre o outro.

Também Barbacena tratava de demorar o combate para que os argentinos se enfraquecessem, perdendo seus melhores meios de mobilidade.

Alvear declara na sua Exposição: "*O que mostrava a verdadeira vantagem dêste plano (de atrair os brasileiros) era que o general contrário parecia obstinado em ocupar as serras e lugares mais escabrosos pela superioridade da sua infantaria e a inferioridade da nossa; e atacá-los nos lugares que escolhera, seria demência*".

Brown chegou a Pelotas (então vila de São Francisco de Paula) em meados de janeiro, e tomou o comando dos batalhões 18.<sup>o</sup> e 27.<sup>o</sup> de caçadores, o primeiro de Pernambuco e o segundo de alemães; dos 4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup> regimentos de cavalaria e dos lanceiros imperiais, êste corpo, também de estrangeiros. Em Jaguarão, que nesse tempo era apenas uma paragem denominada Serrito, existia em avançada, o 6.<sup>o</sup> de cavalaria. Estava organizando essas fôrças quando recebeu ordem de procurar incorporar-se ao corpo de exército imperial de Barbacena, passando pelas nascentes do rio Camacuan.

Pôs-se imediatamente a caminho por terra pelas pontas do Jaguarão Chico com os 18.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup> e quatro peças de artilharia, enquanto os 27.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> e mais os lanceiros embarcavam no *Sangradouro* para desembarcar no Serrito. Do Serrito começaram a marcha para São Carlos, capela situada a Leste do curso superior do Candiota, e a 5 de



fevereiro, em esplêndida marcha, chegava Brown, ao meio-dia, ao acampamento de Las Palmas com 2.000 homens das três armas, sem ter encontrado o menor obstáculo.

Alvear não viu que podia impedir essa junção ou não foi suficientemente arrojado e capaz para tentar obstá-la com algum risco.

Brandzen, no seu diário anotava: "*O inimigo (os brasileiros) plenamente conseguiu o seu objetivo e está em comunicação direta e perfeitamente livre com as divisões que espera e estão marchando do Rio Grande e Porto Alegre. O momento decisivo se aproxima*".

Alvear, mau general, não se tendo sabido impor aos comandantes seus subordinados, esbraveja quando as coisas não lhe saem a inteiro contento. Zanga-se com Brandzen e critica acerbamente aos outros comandantes de corpos que estão desgostosos.

Brandzen chega a dizer aos seus subalternos que no dia da batalha agiria independentemente das ordens de Alvear...

No seu diário êle comentava: "*Concentradas as suas forças (dos brasileiros) tomam, sem dúvida e por sua vez, a ofensiva*".

"*Nessas circunstâncias*", continua, "*parece prudente desistir de seguir o inimigo, que o estado dos nossos cavalos (argentinos) não nos permite alcançar; devemos escolher o nosso campo de batalha, procurar remontar a cavalaria e esperar o inimigo*".

"*Tôda a esperança de retirada*", termina Brandzen, "*seria ridícula; é preciso vencer ou morrer*".

A 4 de fevereiro há um conselho de oficiais superiores no Exército argentino e todos êles opinam que não se deve atacar o Exército brasileiro, mas sim manobrar pelas pontas do rio Santa Maria.

A 5 o Exército republicano põe-se em marcha em direção de São Gabriel.

A 7 os argentinos sentem as forças brasileiras no seu flanco direito. Era a primeira brigada de Bento Manuel, mandada em observação desde o dia três, do acampamento de Las Palmas.

A 9, conta Fregeiro, achando-se os corpos 2 e 3 próximos do Arróio Vacacaí, o canhão de alarma anuncia o perigo, e às 8½ a aparição do exército imperial se confirma. Ordens e contraordens determinam movimentos desenhados antes que a linha de batalha se formasse. O general em chefe arenga às tropas, e todos entram em formatura.

No mesmo dia em que tomavam contato nas proximidades do Vacacaí, os dois exércitos em luta, nos arredores de Montevideú, no pôsto del Barbero, o Tenente-Coronel Manuel da Fonseca Lima e Silva (depois barão de Suruí) punha em fuga um corpo de 250 argentinos e uruguaioes que faziam guarnição àquele pôsto.

A 13, diz Fregeiro, o Coronel Lavalle com o seu regimento encontra-se sôbre o Vacacaí com a brigada de Bento Manuel, causando-lhe 30 baixas.

Rio Branco diz o seguinte sôbre essa ação de Vacacaí de 13 de fevereiro de 1827:

*O tenente Marcelino Ferreira do Amaral à frente de 70 milicianos de cavalaria, surpreendeu, junto ao Vacacaí, um destacamento argentino de 100 homens que fugiram, perdendo dois officiaes e 19 soldados, mortos no choque, e na perseguição.*

*Acudiu, porém, o Coronel Lavalle com 700 homens de cavalaria e o Tenente Amaral se retirou incorporando-se ao seu comandante Major Gabriel Gomes Lisboa que tinha 200 milicianos.*

*Não podendo fazer frente a Lavalle, Lisboa continuou retirando, até unir-se a Bento Manuel, chefe da bri-*

*gada a que pertencia. Nessa retirada, tivemos dois mortos e três feridos.*

*Lavalle retrocedeu, assim que viu a brigada de Bento Manuel”.*

O boletim n. 5 do Exército republicano diz textualmente sôbre o caso: *“O Coronel Lavalle teve um encontro com a divisão de Bento Manuel que foi batida e abandonou o campo vergonhosamente com perda de 30 homens. Da nossa parte (argentinos) morreram cinco”.* E em seguida o boletim escreve:

*“À noite o Exército se movimentou, marchando para a Cochilha Grande e acampando sôbre o Cemitério. Este caminho conduz ao acampamento antigo de Santa Maria, desde São Gabriel, pela picada de São Martinho. O primeiro corpo ficou em São Gabriel”.*

*“No dia 14”, continua o boletim do Exército republicano, o exército mudou de direção e tomando pela direita caminhou a noite tôda, tomando posição sôbre o Jacaré às 8 horas da manhã de 15”.*

Mansilla, chefe do Estado Maior, teve ordem de atacar decididamente a brigada de Bento Manuel, que vinha molestando o exército, pelo flanco direito, desde o dia 7.

Compunha-se a sua fôrça de:

300 homens do 8.<sup>o</sup> R.C., sob o comando de Zufriategui.

200 homens do 16.<sup>o</sup> R.C., sob o comando de Olavarria.

100 homens do 1.<sup>o</sup> R.C., sob o comando de Cortinas.

100 homens do 2.<sup>o</sup> R.C., sob o comando de San Martin e Albarracios.

200 homens do Couraceiros, sob o comando de Medina.

Total — 900 homens.

Diz o boletim n. 5 do Exército argentino: *“Esta divisão se encontrou com a de Bento Manuel a 15 pela manhã, e depois de um combate renhido logrou dispersá-la*

*matando 40 homens, e tendo de nossa parte (argentina) 10 mortos e 12 feridos entre os quais dois oficiais”.*

Sôbre esta ação de Sanga Funda ou de Passo do Ombu, segundo a descrição argentina, Rio Branco faz o seguinte comentário e descrição:

“O Coronel Bento Manuel com 850 milicianos de cavalaria, destacado por Barbacena, observava os movimentos do exército argentino.

“Na manhã de 15 de fevereiro (dia do combate) escrevia Bento Manuel a Barbacena: *“O carretame do inimigo baixou hoje pelo campo da Cruz, entre o banhado do Jacaré e o Cacequi. É certa a retirada, por São Simão. Hoje vou ficar em Ibicuí, no passo do Ombu, para por minhas cavahadas em segurança e fazer-lhes guerrilhas, até que passem o Passo, no fundo do Loreto, adiante dcles saindo eu”.*

“Dirigiam-se os nossos”, continua o Barão do Rio Branco”, para o passo do Ombu, quando pela retaguarda apareceu o General Lúcio Mancilla, à frente de uma divisão de cavalaria, de 1.190 homens. Bento Manuel acelerou a marcha encarregando o major Gabriel Gomes Lisboa de cobrir o seu movimento com três esquadrões, e atacar a vanguarda inimiga, se achasse oportunidade.

“Na Sanga Funda, Gomes Lisboa investiu à espadá, destroçando a vanguarda de Mancilla, e foi reunir-se ao seu chefe que já havia tomado posição à margem direita do passo do Ombu, no Ibicuí”.

Mancilla tentou passar o rio e foi repellido pelos nossos atiradores, retirando-se depois de algum tiroteio. Nos choques dêsse dia tivemos 1 oficial e 9 soldados mortos, e 11 feridos.

Como se vê pelas forças oficialmente assinaladas pelos argentinos, as dêles e as nossas se equivaliam, enquanto o Barão do Rio Branco lhes dá mais 350 homens de que os nossos possuíam no Ombu.

Desde 5 de fevereiro, reunidas as forças imperiais perto do Ombu (1), foi preocupação de Barbacena dar-lhes descanso e nova organização. Duas divisões são formadas. A primeira do brigadeiro Barreto (Sebastião Barreto Pereira Pinto), com 1.400 infantes e 900 homens de cavalaria; a segunda, do brigadeiro Calado (João Crisóstomo Calado), com 650 infantes e 450 homens de cavalaria, tendo como base a formação anterior, dada desde o acampamento da Imperial Carolina.

A 9 o Exército imperial rompe a marcha em seguimento do exército argentino.

Estava Barbacena convencido de que os argentinos fugiam, e pôs-se a perseguí-los.

A 13 encontrava-se pelas pontas do Jaguari, quando recebeu a força do Barão do Serro Largo com 590 homens de milícias, mal armados, destinados a servirem de vanguarda.

A 16 penetrava em São Gabriel tendo à vista as divisões do 1.º corpo do Exército republicano. Recomeça a marchar no dia seguinte, perseguindo os argentinos, segundo era a crença geral, dentro das nossas forças. De fato Alvear mandava gente sua para ser aprisionada e espalhar essa notícia. O general brasileiro acreditou na fuga imediatamente, sem submeter a notícia a uma análise raciocinada.

Dizem os autores argentinos que Barbacena procurou obter a junção com a 1.ª brigada ligeira, de Bento Manuel, que Mancilla fizera ir além do Ibicuí. Dizem mais que a ausência de Bento Manuel do campo de batalha de 20 de fevereiro, foi causada por estratagemas dos dois generais.

A 18 as tropas imperiais marcham desde 4 da manhã, desejando a batalha. Barbacena sabia que o Exército ar-

---

(\*) Campo e cochilha do Ombu. Não confundir com o passo do Ombu, onde se deu o combate.

gentino devia estar no Passo do Rosário, no Santa Maria, porque seus passos, desde o dia 14 eram conhecidos pelos nossos com alguma exatidão.

Queixavam-se os argentinos, do mau estado da sua cavallhada, que ficava às dezenas e às centenas em cada etapa de marcha. Foram mandadas patrulhas arrecadadoras, com elementos do 1.º, do 2.º e do 4.º regimentos de cavalaria, que realizaram os seus objetivos satisfatoriamente.

A 18 ainda, à margem esquerda do Cacegueí (Cacequi), afluente do Santa Maria, tendo atravessado o banhado de Inhatium, estava Alvear a três léguas do nosso exército. Compreendeu então, a má posição que occupava. Se Barbacena forçasse a marcha, chegava ao passo do Rosário antes dos argentinos deixando-os encerrados na estreita zona formada pelo Santa Maria, Cacequi e Vacacaí, de campos esgotados, e em péssima situação para a batalha que era fatal por êsses dias.

A ordem que deu então, foi de abandono de cargas não imprescindíveis à soldadesca. Os 32 carros de bagagem foram entregues aos cirurgiões para condução dos feridos e dos doentes que andavam em mais de duzentos.

Justificava o General Alvear, semelhante medida pre-emptória, com as seguintes palavras: "*O que importa é triunfar; tudo o mais é secundário ou de nenhuma consequência, pois se perdermos desaparece o que agora possuímos e se ganharmos, recobramos com usura tudo quanto agora inutilizamos*".

A 18 pelas 4½ horas da tarde, os argentinos começaram a sua marcha e às 4 da madrugada de 19 foi ordenado um alto de duas horas, perto do Campo de Ituzaingó. É o que assevera o general Diaz.

## CAPÍTULO IX

*A formação de marcha dos argentinos. — A travessia do rio Santa Maria. — Os couraceiros de Medina. — A volta; o preparo para a batalha. — A batalha; visão técnica da mesma. — A parte de Calado. — A retirada.*

“Nesta fase o argentino se mostra mais arguto que o nosso compatriota, pois enquanto este supunha que o adversário fugia, êle na verdade fazia uma marcha estratégica com o fim de oferecer combate no momento em que sua cavalaria pudesse sobrepujar a nossa infantaria, que sabia mais forte.

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO, *loc. cit.*

---

Brasileiros e argentinos marcharam em seguimento um do outro. Os nossos inimigos, depois de encontrarem o caminho de São Gabriel ao Rosário, formaram na seguinte ordem:

1.º corpo, artilharia, parque e bagagens (Iriarte).

2.º corpo, com a infantaria, tendo a menos o 5.º, e 2 peças mandadas para proteger o parque do 3.º corpo.

3.º corpo, com o 5.º e a bateria de Martinez.

A marcha continuou até meio-dia de 19, hora em que a ponta atingiu o passo do Rosário.

As 11 horas do mesmo dia, Serro Largo tinha contactado com o flanco direito dos argentinos, enquanto o grosso de nossa força acampava na estância de Antônio Francisco, a duas léguas do Passo do Rosário.

Serro Largo retrocedeu à noite, para evitar uma surpresa ou um golpe de mão, desejando ficar próximo do grosso.

A 19, imediatamente após sua chegada ao passo, o exército argentino começou a passagem do rio. Os couraceiros foram os primeiros a tentar vadeá-lo. O Santa Maria estava a nado e muito correntoso, de modo que alguns soldados e cavalos se afogaram.

Havia ordem expressa do general em chefe, para essa passagem. Soler, que via a situação, chegou a dizer, invejando Alvear: *Se os brasileiros se apoderam dos altos deste detestavel lugar, o exército será obrigado a capitular.*

Um serviço perfeito da vanguarda teria determinado uma marcha forçada para obter semelhante fruto!...

Alvear, quando chegou ao passo com o 3.º corpo, e foi informado do que ocorria, ordenou que os couraceiros repassassem o Santa Maria.

Se Barbacena atacasse o Exército argentino nessa hora, teria tido uma vitória estrondosa. Os argentinos tinham atrás de si um rio caudaloso, sem vão e sem pontes. Pisavam banhado molhado pela enchente, semeado de formigueiros e cupins que dificultavam as evoluções da cavalaria. À frente por vinte quadras, havia colinas sulcadas de sanjas.

Os nossos haviam abandonado as serras em perseguição do inimigo que acreditavam em fuga. Os argentinos haviam chegado às desejadas planícies, mas, se a batalha fosse realizada nesse dia 19, mais amargos seriam os termos de Alvear quando se referisse às "*planícies traidoras da margem do Santa Maria!*"



O descontentamento da tropa rioplatense esteve quase a explodir; a indisciplina quase chegou a tirar das mãos de Alvear o comando em chefe, para pô-lo ou nas mãos de Soler ou de Lavalleja como queriam os uruguaios, ou nas de José Maria Paz.

Houve uma junta, conselho de generais, provocada pela atitude do Coronel Garzon, uruguaio, que foi dizer a Alvear: *“Nas circunstâncias em que nos achamos, só há um caminho de salvação: Voltar sôbre o inimigo e batê-lo!”*

A junta opinou pela saída imediata do campo alagadiço em que o exército se achava, opinou ainda pela marcha retrógrada até dominar as colinas, onde se devia preparar a batalha.

Tivéssemos tido um serviço melhor de “bombeadores” na vanguarda, e nessa noite o Exército argentino estaria liquidado. Mas ao cair a tarde de 19, os argentinos, que não haviam podido passar o Santa Maria, punham-se a caminho das colinas, para ocupar lugar conveniente para a batalha a ser travada no dia seguinte.

A colina em cujas cristas se localizaram os argentinos, tinha à frente (Leste) outra mais extensa que se prolongava para além do caminho real de São Gabriel-Rosário e que terminava no banhado onde no dia anterior, 18, houve contato de vanguardas. O outro extremo ia dar na várzea do Santa Maria, onde êle faz uma volta maior.

Entre as duas colinas havia uma sanja, profunda, arenosa, de bordas escarpadas. As condições atuais do terreno não são já exatamente as mesmas, porque a sanja com a desagregação das margens, transformou-se em banhado, de largo caixão, que enche até a bôca, na ocasião das chuvas.

## A BATALHA DE PASSO DO ROSÁRIO

As 4 horas da manhã de 20 de fevereiro de 1827, o exército imperial continuando sua marcha para Rosário, encontrou a vanguarda do Barão do Serro Largo, com a qual perdera contato.

As 5 horas, as vanguardas dos dois exércitos se avistaram. As 6 horas, o exército argentino tinha trocado de cavalos e esperava ordem de atacar.

Os nossos, que se aproximavam, tinham sob o comando do General Barreto a 1.<sup>a</sup> divisão, com duas brigadas de cavalaria, a 1.<sup>a</sup> com os 1.<sup>o</sup> e 24.<sup>o</sup> regimentos (Calmon), a 2.<sup>a</sup>, com o 4.<sup>o</sup> de lanceiros alemães e regimento lunarejo, e com os 3.<sup>o</sup> 4.<sup>o</sup> e 27.<sup>o</sup> batalhões de infantaria, subiu a colina fronteira à que ocupavam os argentinos e ocupou o centro. A 2.<sup>a</sup> brigada ligeira, de Bento Gonçalves, foi ficar à direita de Barreto, ocupando a extrema direita da linha de batalha.

A 2.<sup>a</sup> divisão — General Calado — tinha as 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> brigadas de cavalaria; a 3.<sup>a</sup> com os 3.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup> R.C. e a 4.<sup>a</sup> com o 6.<sup>o</sup>, esquadrão da Bahia, e o 20.<sup>o</sup>. Como infantaria, tinha os batalhões 13.<sup>o</sup> e 18.<sup>o</sup>. Calado formou perto do Ituzaingó. Depois teve ordem de formar à esquerda da 1.<sup>a</sup> divisão, e aproximou-se por uma marcha de flanco, até ficar na colina. O Barão de Serro Largo ocupava a extrema esquerda da nossa linha de batalha.

A artilharia, comandada pelo português Coronel Madeira, ficou com uma peça à esquerda de Abreu, duas entre as divisões e quatro à direita da infantaria da 1.<sup>a</sup> divisão.

Outras peças ficaram como reserva, com a bagagem.

Começou o contato às 6 horas da manhã, quando os nossos tomavam posição. Era Serro Largo que tiroteava com o 5.<sup>o</sup> de infantaria argentino (Olazabal).

Conta Fregeiro que a bandeira do exército argentino foi entregue a este 5.<sup>o</sup> corpo e que Alvear ao comandante dissera: *Neste ponto faça-se matar!*” Ao que Olazabal teria respondido: *“Derramarei o meu sangue e o dos meus homens para cumprir a ordem que recebo, general!”*

Os canhões brasileiros começam a troar, respondendo à bateria de Chilavert.

Barbacena, convencido de que tinha à sua frente apenas a retaguarda argentina cobrindo a retirada decide um ataque com a 1.<sup>a</sup> divisão. Aliás essa convicção não era só de Barbacena; era especialmente a opinião de Brown o chefe do Estado Maior que comandou a batalha, bem como Machain comandara por Belgrano em Paraguari e Taquari, com resultados desastrosos.

*Fase primeira:*

Lavalleja prepara-se para contra-atacar a nossa esquerda, respondendo ao pequeno avanço das forças de Serro Largo. Quando a força de Paz está descendo a encosta do vale, para atacar a cavalaria brasileira, a 2.<sup>a</sup> brigada da 1.<sup>a</sup> divisão tem ordem de carregar sobre os argentinos. Entre os elementos da 2.<sup>a</sup> divisão, o regimento Lunarejo carrega e distingue-se. A brigada tem ordem de retroceder porque outras forças argentinas se movimentam. Volta ela para a colina.

No vale, avançando, fica Abreu. (Sêro Largo), no extremo da ala esquerda. Lavalleja quis atacar, mas a ordem recebida não foi executada como devia ser.

*Fase segunda:*

Laguna, Oribé e Olivera têm ordem de atacar a direita da 2.<sup>a</sup> divisão brasileira, onde se havia formado um hiato nevrálgico. A 3.<sup>a</sup> brigada, de Calado, repele-os, ajudada pela artilharia e por uma companhia de caçadores, de proteção. Os nossos contra atacam e levam os argentinos até o ponto de onde haviam saído em carga.

*Fase terceira:*

Lavalleja ataca a nossa esquerda.

Sêro Largo e Bento Gonçalves ficam sempre nas suas posições eminentes, enquanto Calado, prevendo o ataque, forma quadrado com os 13.<sup>o</sup> e 18.<sup>o</sup>, deixando a artilharia nos-ângulos.

À esquerda do quadrado o 5.<sup>o</sup> e os cavaleiros da Bahia.

À direita a 3.<sup>a</sup> brigada — 3.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup> regimentos de cavalaria.

A cavalaria argentina (Lavalleja) retrocede, mas vem-lhe em socorro a reserva do 1.<sup>o</sup> corpo, em frações consecutivas.

Abreu recebe um ferimento e morre. Sua fôrça é enredada no entrevero, e recebendo fuzilaria junto com os inimigos atacantes, vem contra o 5.<sup>o</sup>, até esbarrar no quadrado do 13.<sup>o</sup> e 18.<sup>o</sup>.

O 5.<sup>o</sup> se refaz e contra-ataca, conseguindo reaver o canhão deixado pelos milicianos do Rio Grande.

*Fase quarta:*

Fôrça de Lavalleja, passando pelos flancos da 2.<sup>a</sup> divisão, foram assaltar, na contra vertente da cochilha o parque e a bagagem do exército brasileiro.

Nessa ação criminosa, foram acompanhadas por milicianos de Abreu e guaranis.

Machado diz que desde aí, não se pôde mais receber munições.

Nesses transportes estavam, talvez, nas suas caixas, outras bandeiras do Exército brasileiro, depois ostentadas como troféus e multiplicadas.

*Fase quinta:*

Verificando Brown que o centro do inimigo estava mais desguarnecido, decidiu acometê-lo aí.

Mandou vir da esquerda a 3.<sup>a</sup> brigada de cavalaria (6.<sup>o</sup> e 20.<sup>o</sup> regimentos). Avançou então com tôda a 1.<sup>a</sup> divisão, que começou a ser atingida pela artilharia de Clivavert e Iriarte (muito superior à que possuíamos).

O avanço da 1.<sup>a</sup> divisão não foi contido pelos argentinos.

#### *Fase sexta:*

Os argentinos preparam uma grande carga de cavalaria, que é chefiada por Brandzen, com os 1.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> regimentos.

Perto da sanja central, Leitão forma quadrado, com a cavalaria à direita.

O 1.<sup>o</sup> esquadrão de Brandzen transpõe a sanja, mas sem impulso, desordenadamente.

A poucas dezenas de metros o quadrado faz fogo, enquanto a nossa cavalaria os maltrata.

#### *Fase sétima:*

Nova tentativa de arreinêso é desbaratada pela força da 1.<sup>a</sup> divisão.

Nossa força avança e fica entre o Exército argentino e a sanja.

O esquadrão de couraceiros e o regimento de Paz investem, o chefe daquele ficando nosso prisioneiro.

Os Lunarejos e lanceiros alemães investiram, então, até o centro das linhas inimigas (bat. de caçadores e artilharia do 3.<sup>o</sup> corpo).

#### *Fase oitava:*

Os esquadrões argentinos, esmagados pela 1.<sup>a</sup> divisão, deram aos nossos impressão de vitória.

Foi mandada ordem para que a 2.<sup>a</sup> divisão viesse juntar os seus esforços à primeira.

O 2.<sup>o</sup> de caçadores, argentino, atacado pelos lanceiros alemães, recebeu-os a pé firme e os envolveu em fogo, maltratados pela cavalaria do Coronel Olivera. Com isso retrogradaram vergonhosamente os lanceiros alemães.

*Fase nona:*

A brigada de Bento Gonçalves visava envolver o flanco do inimigo, atingindo as reservas, quando receberam o choque da divisão de Lavalle. Metade das forças, com Izas Calderón, desertou nessa ocasião, retirando-se para o interior da província.

No lugar vazio entre as duas divisões brasileiras ficou alguma artilharia, apoiada à direita por uma parte do 24.<sup>o</sup> regimento.

Atacada esta pelos argentinos que haviam desfeito a resistência de Bento Gonçalves, o 24.<sup>o</sup> missioneiro foge.

A bateria de Mallet, que fora atacada por lanceiros argentinos que haviam dito ao General Andréa serem brasileiros para aproveitarem oportunidades, pôde repeli-los com a ajuda de alguns pelotões de caçadores.

*Fase décima:*

Entregue a si mesma, a 2.<sup>a</sup> divisão não podia apoiar a primeira, máxime vendo Calado, que "*o inimigo se preparava para atacar-nos de novo com dez esquadrões formados em duas linhas, quando recebia ordem de seguir com a divisão para a direita*".

Calado refaz o quadrado, ficando com o 5.<sup>o</sup> R.C. à sua retaguarda.

O inimigo se aproxima e é metralhado.

A nossa cavalaria não pode perseguir porque os cavalos estavam extenuados. Eram 2 horas da tarde.

*Facé undécima:*

Não podendo sustentar-se na sua posição de vitória, por falta de apoio, a 1.<sup>a</sup> divisão retrograda a fim de evitar

envolvimento, com a formação em quadrado, fazendo fogo sôbre os lanceiros ou terçando arma branca com êles.

Não pudera colher os louros da vitória a nossa brilhante infantaria, depois de atingir e vencer os cimos das colinas em que os argentinos se haviam de início localizado.

Barbacena achou que não podia continuar a luta porque tinha mais de 1.500 desertores que não haviam sido vencidos, e lhe faziam falta.

A nossa artilharia, de menor calibre do que a argentina, não tinha mudas para retirár as viaturas.

O parque de munições estava destruído.

Lavalleja pusera fogo na macega que envolvia a posição brasileira.

A 1.<sup>a</sup> divisão teve retirada penosa, e deixou muita coisa que a 2.<sup>a</sup> divisão recolheu, quando também retirou do campo.

O inimigo começou a perseguir frouxamente, sendo os argentinos mantidos à distância pelos nossos atiradores e afastada do caminho a cavalaria de Lavalleja, que quis impedir a marcha dos nossos.

---

O Exército brasileiro bivacou a 18 nas margens do Cacequi a 5 léguas do campo de batalha no mesmo ponto em que estivera Alvear a 18.

*Fase duodécima:*

Quando os cavaleiros argentinos retiraram, sem terem podido quebrar a rigidez dos nossos quadrados, o 5.<sup>o</sup>, impulsionado pelo comandante da divisão, carregou contra a cavalaria argentina, contra os retardatários especialmente.

Calado diz na sua parte :

*“Duas da tarde. Avisam-me que a direita se retira.*

*“Dois esquadrões inimigos avançam sôbre o meu flanco direito, como para cortar o 5.º regimento. O quadrado faz fogo à ordem do comandante da brigada. Do 1.º esquadrão argentino, ficaram poucos a cavalo. O 2.º esquadrão debandou.*

*“Principio a minha retirada como já fizera a 1.ª divisão, levando a infantaria em quadrado, feridos ao centro, a 4.ª brigada de cavalaria em atiradores, na retaguarda.*

*“O resto ia em coluna, à frente. O inimigo perseguia, mas pouco intensamente.*

*“Encontro a nossa artilharia dispersa, carros de munição, cavalhada, boiada, e tudo levo comigo.*

*“Nesta deligência arriscada tenho a eficiente cooperação do comandante do 5.º R.C. que mantém os perseguidores à distância, enquanto trilhamos o campo incendiado, um vulcão sôbre o qual éramos obrigados a marchar.*

*“À noite a 2.ª divisão, invicta, chega também ao Cacequi”.*



## CAPÍTULO X

*Julgamento técnico dos fatos conseqüentes à batalha. — Culpa de nossa derrota. — Descrição da batalha do Rosário feita pelo Barão do Rio Branco. — Depoimentos especiais, número de fôrças, detalhes.*

“Enquanto José de Abreu, barão de Serro Largo pelejou e perdeu a vida em Passo do Rosário, para Bento Manuel Ribeiro até hoje se busca uma explicação que justifique sua ausência na mesma batalha.”

JOÃO PANDIÁ CALOGERAS, *O Marquês de Barbacena.*

---

Os escritores brasileiros têm se degladiado no tocante à interpretação dos fatos conseqüentes à batalha do Passo do Rosário e no que diz respeito a ela mesma, uns dizendo que do choque do Passo do Rosário nada resultou, e que por isso a batalha deve ser classificada como indecisa; outros acham que ela foi uma derrota tática; e outros mais precisos acham que fomos derrotados.

Entre os primeiros está o Dr. Max Fleiuss; entre os segundos, Calógeras; entre os últimos, o General Tasso Fragoso.

No fundo seria procurar iludir-nos a nós mesmos com direito a louros que não possuímos.

Os argentinos, pelo contrário, sempre disseram que Ituzaingó foi sua vitória, e para demonstrar o fato exibem

no Museu Nacional do Parque Lezama, espadas brasileiras, pastas de sabre, tambores e outras peças brasonadas do 1.º reinado, juntamente com as bandeiras imperiais tomadas nas carretas da bagagem.

Nós não fomos vitoriosos, e sôbre isso não há a menor dúvida.

Mas também nós não fomos vencidos, porque a nossa vontade não foi esmagada, nem a nossa possibilidade de continuar a luta e de obter dela, ou nela, ainda, numerosas vantagens, garantindo a posse da Cisplatina.

A idéia de derrota só nos vem quando consideramos circunstâncias exteriores ao mérito intrínseco do choque militar: Deixamos o campo nas mãos do inimigo; retiramos; fomos perseguidos; não guardamos troféus.

É provável que tivéssemos perdido menos gente do que os argentinos; tivemos somente 262 homens fora de combate, segundo partes oficiais!...

Mas Passo do Rosário foi uma série acumulada de tremendos erros, sem justificativa. Houve culpa por não termos tido aí uma vitória estupenda; e essa culpa pode ser imputada:

1.º À administração superior da guerra, porque

a) Não forneceu elementos abundantes ao exército do Sul, para operações decisivas.

b) Conservou um chefe insuficiente (Damasceno Rosado) mais tempo do que devia ter sido.

2.º Ao comando, porque

a) Não concentrou tôdas as fôrças que possuía para um golpe decisivo.

b) Não unificou perfeitamente o comando. Deixando as divisões agirem separadas; a 1.ª atacando, sem poder contar com o apôio da segunda;

A segunda conservando-se na defensiva, durante todo o tempo, desunida da 1.<sup>a</sup> que constituía a maior massa.

c) Não apressou o ataque colhendo os argentinos em situação crítica (a 19 de fevereiro).

Comparem-se os resultados imediatos e remotos de Sarandi e Rosário, e logo veremos como a primeira nos foi muito mais prejudicial do que a segunda, sob todos os aspectos pelos quais se considere.

---

A respeito da Batalha do Passo do Rosário, o barão do Rio Branco, nas Efemérides, nos diz: “Menos de uma légua a leste do Passo do Rosário no Rio Santa Maria, o terreno apresenta três linhas de lombas, chamadas Cochilhas de Santa Rosa quase paralelas ao rio. Essas lombas terminam ao Sul, no Ituzaingó, por onde passa a estrada de São Gabriel para o Passo do Rosário.

“O Exército argentino-oriental, comandado pelo general Carlos Maria de Alvear ocupava as lombadas de Oeste, mais próximas do Passo do Rosário. O brasileiro, dirigido pelo Tenente-General Marquês de Barbacena, que ia em marcha de São Gabriel para o Passo do Rosário, tomou posição na lombada oriental.

“O vale entre essas alturas, era cortado em tôda a sua extensão por um barranco ou sanga, que só dava fácil passagem em alguns lugares, e seguia a direção Norte-Sul, das colinas.

“Foi nesse vale e sôbre as duas lombadas paralelas, que se deu a batalha.

“A distância entre as duas posições” (diz Seweloh) “é a do alcance de canhão calibre 6, ou seja de mil passos”,

“Compunha-se o Exército brasileiro de 6.338 homens assim divididos:

“Estado Maior . . . . .	25	
“Infantaria . . . . .	2.294	
“cavalaria . . . . .	3.734	
“Artilharia . . . . .	285	6.338

(361 — cav. 68 inf. 40 art. para condução do parque, hospital, bagagem, etc.) . .

“Empregados . . . . .	469	
“Doentes em S. Gabriel . . . . .	271	
“Presos . . . . .	6	746
Total . . . . .		7.084

“A 1.<sup>a</sup> brigada ligeira, de Bento Manuel Ribeiro, era composta de 1.101 homens de cavalaria, depois de reforçada com elementos tirados da 2.<sup>a</sup> brigada ligeira.

“Bento Manuel foi destacado desde 6 de fevereiro para observar a direção da marcha do inimigo que quase todos os chefes riograndenses acreditavam em plena retirada. Na manhã de 20 estava no passo do Ombu, no Ibicuí do Monte Grande, entre a margem esquerda dêste e a direita do Cacequi, a 6 ou 7 léguas do campo de batalha, onde poderia ter chegado às 11 horas porque um dos piquetes avançados deu aviso às 7,30, de que ouvia fogo de artilharia e mosquetaria na direção do Passo do Rosário.

“Bento Manuel em vez de procurar reunir-se ao seu general, afastou-se para Leste, indo acampar em frente do Passo de São Pedro.

“O Exército brasileiro tinha à direita a 1.<sup>a</sup> divisão, do General Sebastião Barreto (1.<sup>a</sup> brigada de inf. Coronel Leitão Bandeira 1.496 homens; 1.<sup>a</sup> brigada de cavalaria

Coronel Egidio Calmon, 431 homens; 2.<sup>a</sup> brigada de cavalaria Coronel Araújo Barreto, 466 homens).

À esquerda a 2.<sup>a</sup> divisão, do General Calado (2.<sup>a</sup> brigada de inf. Coronel Leite Pacheco, 645 homens; 3.<sup>a</sup> brigada de cav. Coronel Barbosa Pita, 662 homens; 4.<sup>a</sup> brigada de cav. Coronel Tomás da Silva, com 477 homens).

“Em frente da nossa esquerda, tiroteava com a direita do inimigo, um corpo de voluntários de cavalaria, comandado pelo Barão de Sêro Largo (550 homens). À direita a 2.<sup>a</sup> brigada ligeira, Bento Gonçalves, com 352 homens.

“A artilharia 11 peças cal. 6 e 1 obus cilíndrico de 6 polegadas, tinha por comandante geral o Coronel Tomé Madeira, e foi repartida em baterias, dispostas da direita para a esquerda:

8 bôcas de fogo (1.<sup>o</sup> art. montada do Rio de Janeiro).

- 2. Tenente Mallet;
- 2. Tenente Português Pereira.

#### Na 1.<sup>a</sup> divisão

- 2. Capitão Correia Cãldas;
- 2. Capitão Lobo Botelho.

4 bôcas de fogo (1.<sup>o</sup> art. posição de Santa Catarina)  
Comte. Major Samuel Paz — 2.<sup>a</sup> divisão.

- 3 à direita;
- 1 com o barão de Sêro Largo.

“Cada brigada se compunha de dois ou três corpos, mas muito incompletos.

“Lutaram no Passo do Rosário os seguintes corpos brasileiros:

1.<sup>a</sup> Divisão

Tenente-Coronel Freire

3 BC Rio de Janeiro  
Major Crisóstomo

4 BC Rio de Janeiro  
Tenente-Coronel Freire

27 de Alemães

Mj. L. M. de Jesus

1.<sup>a</sup> Brigada de Cavalaria

1 RC Rio de Janeiro  
Tenente-Coronel Silveira

24 R. de Milícias Guaranis  
Major Severino Abreu

4 RC Rio Grande do Sul

Tenente-Coronel Barreto Pinto

## Lanceiros Alemães

Capitão Von. Quast

40 r. de Milícias de Sta. Ana

(Lunarejo) Tenente-Coronel J. R. Barbosa

2.<sup>a</sup> Divisão2.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria

13 BC Bahia  
Tenente-Coronel Moraes Cid

18 BC Pernambuco  
Coronel Lamenha Lins

3.<sup>a</sup> Brigada de Cavalaria

6 RC Rio Grande do Sul

Major Bernardo Correia

Esquadrão da Bahia

Major Pinto Garcês

20 R. de Milícia — Pôrto Alegre

Coronel J. J. da Silva

4.<sup>a</sup> Brigada de Cavalaria

3 RC São Paulo

Tenente-Coronel Xavier de Sousa

5 RC Rio Grande do Sul

Tenente-Coronel F. Néri de Oliveira

2.<sup>a</sup> Brigada Ligeira

21 R. Milícia Va. do Rio Grande

Major M. Soares da Silva

39 R. Milícia (Sêrro Largo)

Tenente-Coronel Izas Calderón

Guarda às bagagens

Jerônimo Gomes Jardim

(c/127 lanceiros do Uruguai)

O Exército da República das Províncias Unidas do Rio da Prata compunha-se de 9.803 homens, sendo 7.644

de cavalaria, 1.674 de infantaria e 485 de artilharia com 18 peças. Era muito superior em cavalaria e artilharia (em número e alcance).

Estava além disso descansado no campo de batalha que escolheu, enquanto o nosso, avançando em marchas forçadas, caminhava desde 1 hora da madrugada, entrando em ação às 6.

---

## DIREITA

Cnte. Lavalteja — 4.545 homens de cavalaria,  
sendo 3.255 orientais

9.º RC — Manoel Oribe

Dragões Orientais

Servano Gomes

Dragões Libertadores

Inácio Oribe

Milícias de Maldonado

Leonardo Olivera

Adriano Medina

Milícias de Paissandu (Raña)

Pando (Burgueño)

Colônias (Arenas)

Mercedes

São José (esquadrão)

N.º 8.º RC argentinos — J. Zufriategui

N.º 16.º RC lanceiros — J. Olavarria

Esquadrão Couraceiros — Anacleto Medina



## CENTRO

Cmte. General Soler — 3.949 homens das 3 armas  
1.674 homens

- 1.º BC Buenos Aires  
Coronel Manuel Correia
- 3.º BC Entre Rios  
Coronel Eugênio Garzon
- 2.º BC Orientais  
Coronel Alegre
- 5.º BC Salta-Jujuí  
Felix Olazabal

485 homens

R.A.L. (18 bôcas de fogo)  
(Buenos Aires)  
Coronel T. Iriarte

- 1.º RC Cuyo e Córdoba  
Coronel F. Brandzen
- 2.º RC Coronel J. M. Paz
- 3.º RC Buenos Aires  
Coronel Angel Pacheco

---

 ESQUERDA

Cmte. Julian Laguna

- 4.º RC Buenos Aires  
Coronel Lavalle
- Colorados de Conchas Buenos Aires  
Coronel Vilela
- Esquadrão alemão  
Barão Heine.

“Alvear para defender-se das acusações que lhe foram feitas, diz que só tinha em campanha 6.200 homens (excluindo Lavalleja). Exagera por sua vez o número dos brasileiros elevando-os a 10.000.

“Lavalleja em carta existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (22 de fevereiro de 1827) calcula os nossos em 8.000.

“Os mapas oficiais brasileiros remetidos ao Ministério da Guerra, antes e depois da batalha, dão 6.338 homens combatentes.

“Às 7 1/2 horas da manhã começou o fogo de artilharia.

“Pouco depois, por ter seus cavalos cansados o Coronel Bento Gonçalves deixou a posição ocupada junto de Sêrro Largo e vai para a extrema direita de nossa linha.

“O Marquês de Barbacena, de acôrdo com Brown, resolve tomar a ofensiva e leva ao centro inimigo a 1.<sup>a</sup> divisão. Começaram então, as cargas de cavalaria. A 2.<sup>a</sup> brigada (cavalaria), Coronel Araújo Barreto, repele e persegue na direita os colorados de Conchas, distinguindo-se o 40.<sup>o</sup> de milícias (José Rodrigues Barbosa).

“Na esquerda Sêrro Largo, apoiado pela 3.<sup>a</sup> brigada de Cavalaria, Barbosa Pita, destroça a coluna de cavalaria com o 9.<sup>o</sup> regimento de Oribe, que, indignado com os seus soldados, *arrancou bruscamente suas dragonas de coronel, exclamando: Quem comanda soldados que fogem, não é digno de levar estas insígnias.*

“O 8.<sup>o</sup> RC argentino (Zufriategui), encarregado por Lavalleja de ataque de flanco sôbre os voluntários de Sêrro Largo, em lugar dessa evolução, voltou as costas (carta de Lavalleja — B. Nal. R. de J. 22-2-1827).

A 1.<sup>a</sup> brigada de infantaria, do Coronel Leitão Bandeira, avança sôbre o centro argentino *de un modo formidável*, diz o boletim argentino.

“As duas brigadas de cavalaria continuavam a repelir as cargas de cavalaria Argentina.

“Quatro peças que havíamos perdido, uma na derrota dos voluntários de Abreu, três na carga de lanceiros do Coronel Olavarria, foram retomadas pelo 5.º RC e pelo 20.º de milícias (Felipe Néri e J. J. da Silva).

“As 12 1/2 horas o Coronel Lavalle à frente do 4.º (couraceiros) dos Colorados de Conchas e do esquadrão alemão (1.300 homens) caiu sobre a 1.ª brigada de cavalaria (Egídio Calmon), 1.º RC e 24.º RC Milícias. O 24.º, ficando sem o comandante, Coronel Severino de Abreu, foi lançado fora do campo de batalha, mas o 1.º bateu-se a espada e ficou lutando até ser socorrido, no que se distinguiu o Major Cabral (Barão de Itapagipe, mais tarde).

O Marechal Leitão Bandeira disse: *“Maravilhou-me a resignação, a bravura, o brio, dos que compunham o gahardo 1.º regimento da Côrte; poucos voltaram do combate, mas nem um só voltou cara ao inimigo”*.

“O General Sebastião Barreto (comandante da 1.ª divisão), com a 2.ª brigada de cavalaria e o 21.º de milícias (Bento Gonçalves) acudiu aos restos do 1.º regimento e perseguiu o inimigo até o alto de suas posições.

“O 39.º de milícias (Calderón) já tinha abandonado o campo da luta; segundo uns, porque tinha sido cortado; segundo outros, porque Bento Gonçalves ordenara que fôsse para Jaguarão. (Bento Gonçalves e Bento Manuel já eram mais políticos do que militares, nesse tempo, e os chefes fechavam os olhos aos seus atos de indisciplina).

A última carga da cavalaria argentina contra a cavalaria da nossa 1.ª divisão foi comandada pelo Coronel Paz, que nela sofreu grandes perdas e foi repellido.

*“... En la carga que dio el General Paz en esta batalla, fué rechazado y se vio obligado a retirar-se a una larga distancia”*.

“Alvear mandou contra êsse três batalhões, o Coronel Brandzen, francês de nascimento, veterano das guerras de Napoleão e da Independência (coronel argentino e general peruano).

“Brandzen, com o 1.º regimento (680 homens), lançou-se contra o quadrado do 4.º de caçadores; os coronéis Paz (2.º regimento, 540 homens) e Pacheco (3.º regimento, 564 homens) contra os do 3.º e 27.º.

“Essas cargas foram repelidas com grandes perdas dos argentinos; caíram mortos junto dos nossos quadrados o Coronel Brandzen e o Tenente-Coronel Bezares (do 2.º RC.).

“A 2.ª brigada de cavalaria (Araújo Barreto), tendo a incitá-la o comandante da 1.ª divisão, General Sebastião Barreto, perseguiu os fugitivos. Eram 11 horas.

“Pouco depois, na nossa esquerda, os dragões orientais (Servando Gomes) e o esquadrão de couraceiros (Anacleto Medina) atacavam de flanco e destroçavam os voluntários do Barão de Sêrro Largo, que, envolvidos com o inimigo, correm sôbre os batalhões de caçadores ns. 13 e 18. O general formou com êstes um só quadrado, e viu-se forçado a fazer fogo sôbre amigos e inimigos.

“Aí caiu mortalmente ferido o General José de Abreu, Barão de Sêrro Largo.

“As 3.ª e 4.ª brigadas de cavalaria, perseguiram o inimigo.

“Os voluntários dispersos foram levar a notícia do seu revés à guarda da bagagem.

“Já então numerosos esquadrões do inimigo apareciam nos flancos do nosso Exército, dirigindo-se para a retaguarda.

“Os fugitivos do Barão de Sêrro Largo, os lanceiros do Uruguai (guaranis) e o inimigo, todos de mistura caíram sôbre a bagagem e sôbre o parque, dentro de um banhado”. (Descrição do Barão de Caçapava).

“Com o destrôço do corpo de voluntários de Abreu, do 24.º de milícias, a retirada do 39.º e as grandes perdas sofridas pelo 1.º RC; estando perdidos os carros de munição e tendo a cavalaria inimiga incendiado o campo à nossa retaguarda, o Marquês de Barbacena ordenou a uma hora, que a 1.ª divisão voltasse do vale onde se achava, para a posição ocupada antes.

“O fogo continuou frouxo, conservando-se o inimigo em suas posições, porque a sua cavalaria muito sofrera nas sucessivas cargas.

“O comandante geral da nossa artilharia, segundo o testemunho do general em chefe, perdeu no fim da batalha, tôda a presença de espírito. Mas sucedeu o mesmo ao comandante da artilharia argentina, que... *“quando viu a dispersão dos orientais, e que perseguidos pela cavalaria imperial vinham sôbre a bateria, montou a cavallo e pôs-se a salvo até o fim da ação”*.

(*El Liberal*, de Buenos Aires, n. de 25 de abril e 13 de maio de 1828).

“Feridos dois comandantes de baterias, na nossa direita, coube ao 2.º Tenente Emílio Mallet, depois general e barão de Tapevi, a glória de comandar dêsse lado a nossa artilharia.

“As 2 horas da tarde não havia mais do que 8 ou 12 cartuchos por cofre de artilharia, e os dois exércitos continuavam imóveis cada um na sua posição de antes de iniciar a batalha.

“O Marquês de Barbacena fez soar, então, o toque de retirada.

“O inimigo só nos levou fora do campo de batalha porque nos saltaram as munições, embora tivesse quase o dôbro das nossas forças”. (Depoimento do General E. L. Mallet).

*“Marchou então o exército com a direita em frente, já reduzido a cerca de 4.700 praças, repelindo atiradores de cavalaria, com verdadeira disciplina, invulgar sangue-frio e valor, poupando munições e não dando tiro sem emprego. E porque os cavalos e parelhas e mesmo a tropa careciam de repouso, fez alto. Puseram-se as linhas de atiradores, onde convinha, tiraram-se os freios aos cavalos e muares para pastarem sobre os cabrestos; e passadas mais de duas horas continuou a marcha, deixando o inimigo, mal anoiteceu, de acompanhar o Exército Imperial”.* (Depoimento E. L. Mallet).

*“Esta retirada”, diz Seweloh, “foi executada à custa de muitos esforços, na maior ordem, mostrando os soldados grande serenidade e sangue frio como eu nunca esperei ver no Brasil. Se o Exército de Buenos Aires era superior em patriotismo, tática, organização e força numérica, nós não nos mostramos inferiores na brilhante disposição da nossa retirada, para o que muito concorreu a calma e inexcedível coragem do General em Chefe”.*

“Por outro lado conta o Barão de Caçapava :

*“O inimigo incendiou o campo por onde tínhamos de marchar. Uma forte coluna de cavalaria veio cortar-nos o passo e uma voz forte e sonora à sua frente, gritou: Viva la patria! Esse brado foi logo respondido com o grito geral de Viva o imperador!, e com um marche marche tão cheio de furor que o inimigo nos deu as costas e foi buscar longe o abrigo de outras forças”.*

“O Exército brasileiro acampou à meia-noite no passo do Cacequi, conduzindo toda a sua artilharia, menos uma peça que foi abandonada durante a marcha por ter as rodas quebradas.

“No dia seguinte continuou a retirada para o passo de São Lourenço no Jacuí, onde chegou a 2 de março, ficando em São Sepé parte da cavalaria com o General Barreto”.

## CAPÍTULO XI

*A questão das perdas de parte a parte. — A questão da nossa perda em canhões. — A batalha segundo a parte oficial argentina. — Os frutos colhidos da batalha do Passo do Rosário. — Situação do Exército argentino voltando para o seu país.*

“A derrota tática do Passo do Rosário foi conhecida no Rio no correr de março... Politicamente, vários problemas novos apareciam, com essa conjunção de sucessos...”

JOÃO PANDIÁ CALOGERAS, *O Marquês de Barbacena*.

---

O Exército argentino não incomodou a retirada do Exército brasileiro, e na mesma tarde de 20 contramarchou, indo acampar no Passo do Rosário, onde deixara suas bagagens. Apenas Lavalleja com 2.000 homens de cavalaria acompanhou de longe o nosso Exército até às 6 ½ da tarde, sem disparar um tiro.

O boletim de Alvear (n. 5) diz: “*Una gran parte de la caballeria siguió en persecución del enemigo hasta media noche*”, e que “*el resto del exercito campó sobre unas isletas inmediatas a Cacequi*”.

“Paz, em carta de 26 de Maio diz o seguinte:

“*Me llené de un profundo pesar, quando la tarde de la batalla contramarchamos al Passo del Rosario y permanecemos la mayor parte del 21... El 22 a media noche llegamos a Cacequi*”.

“O Exército argentino entrou em São Gabriel a 26 e aí descansou três dias. A 1.º de março começou sua retirada para Corrales (Cisplatina).

A nossa perda na batalha, segundo relação oficial, foi de 172 mortos e 91 feridos, êstes os que acompanharam o Exército, e 74 prisioneiros. Total 337 homens.

Mas como não estão computadas as perdas do 24, do 39 e a guarda da bagagem, 200 mortos, 150 prisioneiros, 91 feridos, 800 dispersos, devem ser números mais exatos para representar a nossa perda total.

O argentino teve 83 mortos, 131 feridos, 15 dispersos nos corpos 2.º e 3.º e mais 76 mortos e 122 feridos no 1.º corpo, ou divisão de vanguarda a cargo da Lavalleja. Sem contar os dispersos, portanto 159 mortos e 253 feridos, segundo as partes oficiais.

O Barão do Rio Branco dá 147 mortos, 231 feridos para os argentinos, 64 mortos e 100 feridos para os uruguaios, ou sejam 542 homens fora de combate.

No officio de Alvear ao Ministro da Guerra, e no boletim n. 5 está escrito que perdemos duas bandeiras, e 10 peças de artilharia.

Durante a batalha apenas 5 batalhões de caçadores levavam suas bandeiras e nenhuma delas se perdeu, porque os quadrados de nossa infantaria repeliram tôdas as cargas do inimigo.

Os corpos de cavalaria, porém, entraram em combate sem os seus estandartes, depositados em São Gabriel na bagagem, e foi em algumas das carretas da retaguarda que se encontravam as duas insígnias a que se referem os citados documentos.

Quanto à artilharia, a declaração dos generais argentinos foi inqualificável mentira.

Todos os officios escritos pelos generais e chefes brasileiros logo depois da batalha, tôdas as descrições escritas



pelos generais Lima e Silva, Barão de Caçapava, Elisário Brito, Emilio Mallet e por oficiais estrangeiros a nosso serviço, são acordes em declarar que abandonamos apenas uma peça que não podia ser conduzida, por ter as rodas quebradas.

Seweloh diz: "*Encravamos e abandonamos uma peça que não pôde ser conduzida porque suas rodas se quebraram*".

E tratando da marcha do dia 21: "*Os 11 canhões eram puxados pelos restos do 24 de cavalaria por meio de laços para ajudar as mulas*".

O Tenente Seidler:

... "*Os soldados ainda que mortos de cansaço puxavam 11 canhões... Apenas um canhão cujas rodas se quebraram caiu em poder do inimigo. Este foi o seu único troféu da jornada...*"

Numa carta de 26 de março, Lavalleja diz:

"*Dije en mi anterior que se habian tomado al enemigo cinco piezas de artilleria, pero esta noticia fué por la relación que me hizo el general, al dia siguiente de la accion. Es verdad que nosotros en varias cargas dejamos à nuestra retaguarda piczas de artilleria, pero probablemente deben haberlas vuelto a tomar los enenigos, pues no aparece mas que una*". Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

## BATALHA DE ITUZAINGÓ

(Boletim n. 5, do Exto Argo.)

A 20 o sol assomava no horizonte quando se encontraram os exércitos contendores. O imperial, que ignorava a contra marcha do republicano, foi surpreendido à sua vista, marchando pelo seu flanco esquerdo ao passo de Santa Maria onde acreditava encontrá-lo acampado. O general em chefe, então, proclamou aos corpos do Exér-

cito com a veemência dos seus sentimentos, animado pela grande solenidade desse dia, e determinou o General Lavalleya para que com os valentes do 1.º corpo, carregasse sabre em mão, sobre a esquerda do inimigo, para envolvê-la e desbarata-la.

A divisão Zufriategui, composta dos regimentos 8 e 16, lanceiros, comandados pelo bizarro Coronel Olavarria e do esquadrão de couraceiros com seu bravo comandante Medina, ia em segunda linha para sustentar o ataque do primeiro corpo.

A 3, às ordens do General Soler, formou-se sobre umas alturas que se ligavam à posição do primeiro: As divisões Brandzen e Paz, do 2.º ficaram de reserva um pouco à retaguarda entre o 1.º e o 3.º e a divisão do bravo coronel Lavalleya foi designada para ficar à esquerda deste.

Em tal disposição, e apesar do vivo ataque do primeiro corpo, "*o inimigo se dirigiu de um modo formidável*" sobre o terceiro: Três batalhões, entre os quais o de alemães sustentado por mil cavalos e seis canhões eram os que iam sobre ele.

Um forte canhoneio fêz-se sentir então, em toda a linha, e o combate se empenhou de ambas as partes com tenacidade e vivacidade à direita e à esquerda. As cargas de cavalaria foram rápidas, bem sucedidas e com alternado sucesso.

Entretanto o Coronel Lavalleya, com sua divisão, havia mandado pela esquerda toda a cavalaria que estava à sua frente, acutilando-a e arrojando-a a léguas e meia fóra do campo de batalha.

Apesar deste sucesso brilhante, a ação não estava decidida; as forças principais do inimigo carregavam sobre a nossa direita e centro e em tais circunstâncias foi necessário deixar só em reserva o 3 de cavalaria e lançar mão das divisões Paz e Brandzen.

Esta força em ação, já o todo de ambos os exércitos estava empenhado no combate. Então o intrépido Coronel Brandzen, destinado a romper uma massa de infantaria ficou gloriosamente no campo de batalha.

O batalhão 5, de Olazabal, havia rompido seus fogos. O 2 de Alegre, atacado por forças de cavalaria, que tinham à sua frente os lanceiros alemães, os abraçou e obrigou a abandonar o campo. O Coronel Olivera com a divisão de Maldonado e o 1.º de cavalaria, sabrearam essa força em sua retirada, dispersando-a e pondo-a fora de combate.

Na direita Gomez e Medina disputavam glória entre eles: Carregaram uma coluna forte de cavalaria, sabrearam e obrigaram-no a refugiar-se debaixo dos fogos de um batalhão que estava protegido por algumas árvores.

O ardor dos chefes levou até ali a tropa que um fogo abrazador fez retroceder um pouco; a massa de cavalaria lançou-se sobre eles nesse instante.

O regimento 16 recebeu ordem de sustentar seus companheiros de armas; os couraceiros e dragões acorreram pela direita e pela esquerda, pondo-se a seus flancos e os bravos lanceiros, manobrando como em dia de parada, sobre campo já coberto de cadáveres, carregaram, romperam o inimigo, lancearam e perseguiram até uma bateria de três peças que também tomaram.

O regimento 8 sustentava essa carga. Foi decisiva. O coronel Olavarria manteve aí a reputação adquirida em Junin e Ayacucho.

A cavalaria inimiga pelo centro havia sido obrigada a ceder terreno seguindo sua infantaria perseguida por nossos quatro batalhões: Três posições tentou tomar e foi desalojado no mesmo instante, de todas.

Os generais Soler, Lavalleja e Laguna, pelo acerto de suas disposições e por sua bravura nessa jornada, cobriram-se de glória imortal.

O Coronel Paz à frente de sua divisão, depois de haver prestado serviços assinalados desde o princípio da batalha, deu uma última carga à cavalaria do inimigo que se apresentava sôbre o campo e obrigou o Exército imperial a precipitar a retirada.

O Coronel Iriarte com seu regimento de artilharia ligeira mereceu os elogios, não só do general em chefe, como também de todo o exército republicano.

A serenidade dos artilheiros e o acêrto de suas pontarias foi o terror do inimigo. Todos os chefes dêste corpo e os capitães Chilavert, Arengrein e Piran distinguiram-se de forma especial.

Os Coronéis Olazabal, Oribe, Garzon e Correa e os comandante Oribe, Arenas e Medina, do 4.<sup>o</sup>, sustentaram a reputação bem adquirida em outras batalhas, da mesma forma que o Coronel Dessa, 2.<sup>o</sup> chefe do EM.

Os ajudantes do general em chefe responderam satisfatoriamente à confiança que nêles se depositou. O corpo de engenheiros, com seu comandante Trolé, desempenhou-se de igual modo.

O exército inimigo abandonou enfim, o campo de batalha deixando nêle 1.200 cadáveres, entre êles os de vários chefes, oficiais, e o General Abreu, grande número de prisioneiros e armamento, parque e bagagens, duas bandeiras e 10 peças de artilharia, além da imprensa. Tais são os troféus do Exército. Sua perda vai a 500 homens entre feridos e mortos, sendo dêstes o comandante Bezares, do 2.<sup>o</sup> Regimento.

---

Não foi possível a Alvear colhêr frutos da batalha do Rosário além daqueles que já estavam em suas mãos.

Esta batalha era o último alento do exército das Províncias Unidas, que devia ficar, daí por diante, esgotado,

e sem possibilidade de receber novos recursos. Não era isso em todo o caso, o que dizia nas suas proclamações o General Alvear aos seus homens:

*“Soldados. Ontem, em Ituzaingó dêsteis um novo dia de glória à Pátria! Quando a notícia dêsse triunfo chegar à República Argentina, todos os nossos concidadãos entoarão louvores ao vosso valor!*

*“Soldados! Sois bem dignos do aprêço da República.*

*“Em 55 dias de marcha não tivêsteis um único de descanso, e sofresteis privações de todo o gênero.*

*“Vosso General está contente com a vossa resignação e com a serenidade com que suportásteis tôdas as fadigas, entre os raios de um sol abraçador.*

*“Soldados: Vossa glória é imensa, pois que fizêsteis triunfar o pavilhão argentino em Vacacai, em Ombu e em Ituzaingó.*

*“As águias imperiais não puderam olhar de frente os rostos republicanos.*

*“Os resultados de vossa campanha são imensos: Tomásteis os depósitos de armamentos, munições e vestuários que o inimigo armazenou para um ano.*

*“Essa coluna formada com o temerário intento de profanar algum dia o solo sagrado da Pátria, viu num só instante desfazerem-se as orgulhosas pretensões do Imperador do Brasil.*

*“Nos campos de Ituzaingó fica a memória eterna das vítimas sacrificadas à sua ambição.*

*“A guerra que sustentais é a mais justa das guerras e o soberano do universo se compraz em premiar com os louros da vitória a todos os bravos que marcham pelo caminho da honra.*

*“Soldados: Segui vosso destino. A República premiará a mancheias, vossos esforços, e algum dia, depois de concluída esta guerra sagrada, quando volteis ao seio*

*de vossas famílias, levareis em vosso coração o nobre orgulho de poder dizer que fosteis soldados do Exército republicano na campanha do Brasil*".

Marchou o Exército argentino a 21 para Cacequi, devendo Paz acompanhar de mais perto o Exército brasileiro.

Os soldados dos regimentos alemães começaram a se apresentar em grande quantidade, a 25, dia da marcha do exército inimigo para São Gabriel.

Nas fileiras republicanas, já a 26, estavam 140 alemães. Também oficiais riograndenses se apresentaram (Francisco Rocha e um filho; Alferes Machado, Tenente Gerônimo e Alferes Araújo) oferecendo seus serviços, desejosos de contribuir para a independência do Rio Grande. Alguns dias depois se apresentaria a Alvear o Sargento-mor D. Alexandre Luís Queiroz de Vasconcelos, oferecendo seus serviços para libertar sua pátria: O Continente. Em consequência disso, foi nomeado coronel do Exército republicano ficando encarregado de levantar uma legião, a dos "Libertadores do continente do Rio Grande" que deveria seguir o Exército da República.

O Exército brasileiro continuou a sua retirada indo colocar-se no acampamento de São Lourenço, e a 26, enquanto os nossos se aproximavam de Cachoeira, os argentinos reentravam em São Gabriel, acampando à margem do Vacacaí. Aí encontraram abandonadas algumas viaturas, equipagem, reposto de munições, tudo avaliado desde logo em 250.000 pesos.

Foram mandadas forças em tôdas as direções para prender os dispersos do nosso Exército e recolher cavalhadas.

Essas forças volantes encontraram na margem do Santa Maria, as mochilas, equipagem da oficialidade e pertences, 25 peças de fazenda e *duas bandeiras* do 3.º ba-

talhão de caçadores. Tudo isso havia sido abandonado como se nenhum valor tivesse.

Uma das coisas mais curiosas, caídas também em poder do inimigo foi o boletim de 17 de fevereiro seguido da proclamação de Barbacena, de que as forças brasileiras só tiveram notícia através da história, muito mais tarde, porque as composições caíram nas mãos dos invasores ainda virgens.

Estaciona o Exército argentino em São Gabriel. Sabe Alvear que o Exército brasileiro trata de se refazer, e a sua correspondência com Buenos Aires chega a ser quase angustiada.

Pinta a sua situação com negras côres e pede socorros.

Mostra que está desmontado, desde que sacrificou a sua cavalaria nas planuras "del Ituzaingó".

---

A batalha indecisa do Passo do Rosário, batalha que só foi considerada vitória pelos argentinos muitos decênios depois de ter ela passado, trouxe uma situação curiosa: "Nem eles nem nós brasileiros pensámos mais numa batalha campal decisiva. A tendência foi aos expedientes, aos ataques onde o inimigo estivesse evidentemente mais fraco, para daí tirar partido geral. A guerra de recursos, porém, não tem fim. Parecia, portanto, que se chegaria à paz pelo cansaço dos beligerantes se a guerra tivesse que ser resolvida pelas armas e em terra.

Pareceu, portanto, depois do encontro fatal do Passo do Rosário, que ambos os contendores, e especialmente seus respectivos generais comandantes conheciam e seguiam aquele preceito do Padre Antônio Vieira: "*Melhor é sofrer 10 anos de guerra furtando-lhe o corpo, do que um só dia de batalha em que tudo se perca*".





## CAPÍTULO XII

*Situação diária. — Canaquan Chico. — A prisão de Oribe em Sêrro Largo. — Passagem do Jaguarão. — Travessia do Candiota. — Estacionamento do exército de Alvear em Sêrro Largo. — A ação de Aceguá. — Juca Teodoro, quase consegue aprisionar o General Alvear. — Situação das fôrças de beira-mar. — Refacção do Exército brasileiro por Brown. — Laguna nomeado comandante. — Os planos de Brown, abandonados, apesar da nossa superioridade. — A invasão de Missões causada pela nossa inércia. — Bento Manuel.*

“ Rivera, que por sua insubordinação continuava a fazer bando à parte, conseguiu em março de 1828, ajustar com o governador de Santa Fé, uma expedição ao território do Rio Grande. Nem o govêrno de Buenos Aires, nem o General Lavalleja podiam sancionar tal procedimento. Foi mandado o Coronel Oribe a perseguir Rivera, mas aquêta nada pôde fazer pela defeecção da sua milícia. ”

(CORONEL TORRES HOMEM — *Guerras do Brasil*)

---

A 6 de abril o Coronel Calderón derrota uma partida argentina no Cunapiru.

Sòmente a 15 de abril ,recomeça o exército rioplatense a marchar, lentamente, para, acampar no dia seguinte no Pirai Grande.

Batedores de vanguarda sob o comando de D. Manuel (ou. Inácio?) Oribe (diz o boletim argentino), foram mandados para Bagé, para surpreender alguma partida brasileira e para evitar a emigração da população. Diz o boletim argentino n. 8 que êsse duplo objetivo foi atingido.

A 18, depois de fortes tiroteios, o invasor, de volta de sua recorrida, ocupou Bagé. Infantaria acantonada na vila, e cavalaria nos arredores.

Aí o General Alvear tem notícias seguras do nosso Exército: Os alemães foram embarcados em Cachoeira para o Rio Grande (400 homens). Os de Ituzaingó estão em São Lourenço, e à sua frente estão Bento Manuel, Bento Gonçalves e o General Barreto.

Continuam os tiroteios entre as avançadas dos dois exércitos.

A 21, porque a chuva fôsse muita, o Exército argentino não se moveu. No dia seguinte, 300 homens do 1.º corpo, sob o comando de Lavalleja, mais as fôrças de Lavalle, Zufriategui e Pacheco, montaram a cavalo, e sob o comando geral de Alvear vão ao encontro do Exército brasileiro decididos a dar um ataque de surpresa. Foi a essa ação que se deu o nome de combate do Camaquan Chico (23 de abril de 1827).

Eram 8 ½ horas quando um dos nossos postos avançados foi atingido, e três homens mortos. O resto fugiu, dando o alarme. Mandou Alvear trote, mas deu num desfiladeiro onde só se podia passar a dois de frente. Logo a vanguarda voltou a dizer que tôda a fôrça brasileira estava a postos. Diz a parte argentina que de comêço foram apreendidos 400 cavalos e 25 dos nossos homens ficaram mortos. O combate se generalizou com forte tiroteio.

Lavalleja teve ordem de forçar o passo da direita; Mansilla o da esquerda, enquanto o resto da coluna se ocupava em passar o primeiro desfiladeiro.

Os brasileiros (apesar da vantagem do terreno — diz o boletim argentino) não tiveram coragem de resistir senão debilmente, pondo-se em retirada a trote.

*“As divisões que deviam persegui-los (aos brasileiros) sofreram a forçosa demora do segundo desfiladeiro, em cujo meio tempo elles se adiantaram de um quarto de légua”.*

“Logo porém, os 300 homens do 1.º, os couraceiros e a fôrça de Mansilla se arrojaram sôbre o inimigo (brasilieiros) que fez frente por pouco tempo, logo depois fugindo, corrido por várias léguas”.

“Sem o funesto acidente do desfiladeiro, tôda a cavalaria continental teria sido morta ou aprisionada, pois foi surpreendida, não imaginando a nossa marcha de 10 léguas pela serra, e por caminhos desconhecidos.”

“O combate de Camacua é de grande importância, pois nele se dispersaram as divisões dos três chefes de mais crédito do continente, com 1.600 homens de cavalaria.”

Segundo o boletim argentino teríamos perdido 53 homens, sendo a perda argentina de um oficial e 10 soldados feridos.

O Barão do Rio Branco descreve a ação de 23 de abril da seguinte maneira:

*“O General Sebastião Barreto, com 760 homens de cavalaria, bate-se no rincão de Camaquan Chico, quando retirava, com as fôrças do General Alvear que o foram atacar com 2.433 homens.*

*“O caminho escolhido para a retirada era estreito e escabroso, não permitindo que Alvear desenvolvesse a sua coluna para flanquear a nossa, de sorte que nada conseguiu, e teve o desgosto de ver os seus primeiros esqua-*

*drões destroçados por uma carga da retaguarda de Barreto."*

A nossa situação era de expectativa e de contemporrização, tanto que em carta de Barbacena, citada pelo Barão do Rio Branco, diz Barreto:

*"Se o inimigo por aqui se conservar e não me atacar com força, por aqui hei de estar, só me retirando em último caso."*

Parece que a retaguarda de Barreto era constituída por forças de Bento Gonçalves, mas não também de Bento Manuel, conforme diz o boletim argentino.

Apesar da ausência de nosso espírito ofensivo e de desejo de vencer, a inação de Alvear em nosso território era considerada como favorável por Barbacena que, escrevendo a Brown, dizia:

*"Mal fez êle (Alvear) de perder quase dois meses, dando-me tempo de vestir a maior parte das minhas tropas, juntar cavalos, receber munições de guerra, fortificar a vila do Rio Grande do Sul e meter aí, guarnição."*

O exército argentino sai a 7 de Bagé, pelo caminho que conduz ao Rio Grande, e consegue chegar a 10 às cabeceiras do Rio Negro, que foi transposto, acampando os três corpos de exército.

Alvear havia destacado Oribe para reunir desertores. Este chefe ficou 11 dias inativo em Sérro Largo. No décimo segundo dia, depois de um baile (boletim argentino n. 10) em que passou a noite, foi surpreendido no seu quartel, onde, depois de uma inútil resistência, viu-se obrigado a render-se com seu fiscal, D. Firmino Lavalleja, 12 oficiais e 34 soldados.

O fato, descrito pelo Coronel Torres Homem, tem um aspecto mais vivo:

"Em seguida a uma marcha forçada durante a noite de 8 para 9 de maio, o Tenente-Coronel Izas Calderón surpreendeu Oribe no seu quartel no Sérro Largo.

“Recebendo intimação para entregar-se com sua força, o bravo comandante oriental preferiu a luta, abrindo nutrido fogo contra os assaltantes, que destroçaram, porém, uma partida de cavalaria que veio em socorro dos sitiados.

“Êstes não abandonando, ainda assim, a resistência. um tenente do Rio Grande, Juca Teodoro, pôs fogo ao quartel, a fim de obrigá-los à final rendição.

“O inimigo teve 41 mortos e 111 prisioneiros, sendo 12 oficiais, entre os quais, Oribe”.

Rio Branco dá como perdas dos orientais 155 homens entre mortos e prisioneiros, entre os quais 16 oficiais.

Nessa ocasião foram colhidos despojos importantes, carretas de uniformes e cavalhada, tudo destinado, naturalmente, ao exército de Alvear.

---

Marcharam os argentinos para o lado do Jaguarão a 15 de maio. Êsse rio foi transposto a 27. Houve serviço de flanqueadores para o lado de Piratini, sem novidade.

A 24 de maio, Bento Gonçalves com 220 milicianos, derrota no passo de São Diogo um trôço de cavalaria argentina, retomando-se a cavalhada que levava para Cisplatina.

A 25, dia seguinte, houve a ação chamada de Pedras Altas.

Juca Teodoro, como vanguardeiro de Calderón, derrota na Cochilha de Pedras Altas, um destacamento de Lavalle. Êste retira, perseguido por Calderón até o Passo dos Carros, no Candiota. As escaramuças dessa perseguição cessaram à noite. Lavalle, que foi ferido, comandava 891 homens de cavalaria regular, enquanto Calderón tinha consigo somente 400 milicianos. Alvear dando esta ação como sua vitória, chama-a Yerbal.

O boletim n. 11 argentino diz:

*“A 25, baixando da serra do Herval, de regresso, o General Lavalle, apresentaram-se à sua retaguarda dois esquadrões com 200 homens. O general fez sustentar a sua marcha por 50 homens do 4.º (Capitão Maciel) e 50 do 16 (Capitão Olmos).*

*“O inimigo, confiado em seus cavalos e na vantagem da decida, tiroteava com vivacidade. Lavalle foi atingido, mas o inimigo foi sabreado, e acabou fugindo.*

*“Nessa carga foi desgraçadamente ferido o General, um capitão, um sargento e quatro soldados.*

*“Esta carga fez calar por êsse dia a selvagem gritaria do inimigo”.*

A 27 houve novamente um pequeno encontro. Lavalle se retirou para o Candiota, que foi atravessado a 28 à vista dos nossos soldados.

A 29 foi passado o Jaguarão, fazendo o acampamento à margem direita.

*“Finda assim êsse mês, diz o Coronel Torres Homem, “ingrato para o General Alvear que, achando-se com falta de recursos para as suas tropas, sem remonta, sofrendo os rigores da estação, em campinas desertas, e não querendo deparar nova Moscou em São Francisco de Paula (Pelotas) resolveu passar a 1.º de junho para a outra margem do Jaguarão, indo logo acantonar em Cerro Largo”.*

Nova ação a 2 de junho, na estância do Sego, dá vantagem a Bento Gonçalves sobre a força de Lavalle.

A 20 de junho, por sua vez, Barbacena, mais próprio para intrigas palacianas do que para ações decisivas, entregou o comando do exército em operações no Rio Grande do Sul ao General Gustavo Henrique Brown.

O contato entre o Exército argentino retirante e as nossas patrulhas foi mantido, distinguindo-se em pequenos feitos a força do Coronel Bonifácio Izas Calderón, que

a 21 de junho de 1827 (fôrça sob o comando de Juca Teodoro da Silva) atacou e dispersou no Aceguá a escolta de Alvear, que pôde escapar com dificuldade, perdendo 16 soldados e dois oficiais, entre mortos e prisioneiros.

Pouco mais tarde, a 30 de junho, o Tenente Joaquim Teixeira Nunes, derrota, no Camaquan Chico, um destacamento argentino, apoderando-se de 3.000 bois e muita cavallhada.

---

Vejam os agora o que se passava do lado da faixa marítima mantida entre Colônia e Maldonado, e onde as sortidas vitoriosas não davam descanso ao inimigo.

Na sortida de 12 de abril, o Coronel de milícias João Ramos surpreende e derrota os sitiantes. Mas, ferido às 5 horas da madrugada, vem a falecer às 2 horas da tarde.

A 17 de maio a fôrça brasileira do Tenente-Coronel Salustiano Severino dos Reis avança rapidamente até Maldonado e dispersa as fôrças inimigas que tentam opor resistência. Foi aprisionado o comandante da vanguarda inimiga Tenente-Coronel Escobar, perdendo a sua fôrça, nessa ocasião, duas bandeiras que foram remetidas para o Rio, como troféus (que desapareceram por desídia nossa).

No encontro tivemos um morto e um ferido.

Dez dias mais tarde nova sortida é realizada pelos da Colônia do Sacramento, comandados pelo Coronel Vasco Antunes Maciel, que dispersa os sitiantes, queima-lhes o acampamento e regressa com prisioneiros e muito material apreendido. Essa façanha se repete a 13 de julho.

Por outro lado, em Montevidéu o Major Luís Alves de Lima realiza muitas proesas demonstrativas do seu valor. A 5 de junho, emboscado em Moron com uma com-

panhia do batalhão do Imperador, destroça um corpo de cavalaria oriental.

Dois dias depois repete a façanha, voltando com prisioneiros, e uma semana mais tarde, com 150 homens, atravessa as linhas sitiadas, toma de assalto o porto de Buceu e aprisiona um lanchão inimigo.

A 7 de agosto tem um encontro com Francisco Oribe e o derrota, voltando a Montevideu com prisioneiros.

A ação sobre Maldonado, realizada pelo Tenente-Coronel Salustiano Severino dos Reis teve uma reação que veio a ser sentida a 19 de agosto, quando Lavalleja, à frente de 1.113 argentinos e uruguaios atacou o reduto de Punta de Leste em Maldonado. O ataque foi realizado alta madrugada, sendo o reduto defendido por 240 praças sob o comando do Coronel Salustiano Severino dos Reis com 13 canhões do regimento de artilharia da Bahia.

Os homens de Lavalleja foram repelidos com perdas, provocando esta ameaça do chefe oriental: *"Este ha sido um pequeno contraste que mui pronto lo pagaran com uzura los enemigos"* :

Pouco mais tarde, a 28 de agosto, o General Magessi ordena a evacuação de Punta de Leste, declarando que não podia sustentar o reduto sem proteção da esquadra e o almirante declara não poder distrair navios para proteção em terra.

Do lado da fronteira, um encontro, a 27 de agosto, entre o destacamento de cavalaria brasileira, sob o comando do Coronel Antônio Carlos Soveral, e outro de tropa uruguaia, é favorável às nossas armas.

A 6 de dezembro de 1827, nos arredores de Montevideu ainda, foi dispersado pelas nossas avançadas um piquete argentino, comandado pelo Alferes José Venceslau Paunero, que foi pelos nossos aprisionado.

No dia seguinte foram aprisionados mais o Major Aguirre e o Capitão Paredes do regimento de Colorados.



Também nesse dia caem em nossas emboscadas e ficam prisioneiros o Major Lourenço Balcarce, o Capitão Feliciano Mariño, os Tenentes Pedro Luna, Juan Fernandes Aguirre e um sargento. Nas nossas avançadas de Montevidéu, sob o comando do General Duarte Guilherme Correia de Melo, muito se sobressai o Major Lima e Silva, que com 5 mortos e 15 feridos, durante o ano de 1827, causou 67 mortos (3 oficiais) e 68 prisioneiros (10 oficiais).

Em 1828 as ações nas praças continuam.

A ação de Caballada, perto da Colônia do Sacramento, não é das menos importantes. Foi a 11 de janeiro, e nêle o Coronel Vasco Maciel repeliu brilhantemente os orientais, infligindo-lhes pesadas perdas.

---

Assim que assume o comando do Exército, a 20 de junho de 1827, Brown vai a Pôrto Alegre tomar providências.

Volta êle dessa cidade a 9 de julho, resolvido a mudar o acampamento brasileiro, tirando-o de São Lourenço, cujo local não era sadio nem tinha espaço suficiente para exercitar as fôrças, segundo suas declarações e justificativas.

Brown tinha noticia de que Alvear lançava quartéis de inverno em Sêrro Largo. Achou bom atacá-lo lá, assim que tivesse recebido reforços esperados do Rio.

Infelizmente o Rio sômente prometia recursos, mas não os mandava.

A situação política de D. Pedro I, não era firme. Preocupado com ela, o "rei cavaleiro" não presta atenção às suas obrigações, desleixando os seus deveres.

Para facilitar o seu intento, Brown achou que devia mudar-se para a margem do Jaguarão, para lugar próximo

à Lagoa Mirim. Foram transportados por água para o Serrito muitos corpos dos estacionados no Rio Grande do Sul.

Foram por terra o 1.º e o 3.º Regimentos e o 5.º esquadrão da Bahia para fazer junção no Pirai com o General Barreto.

Calado comandou em Serrito, enquanto Brown providenciava de Pôrto Alegre.

Laguna, o principal responsável por todos os desastres e sofrimentos do Exército, o causador do levante da Cisplatina, voltou a ser nomeado comandante do Exército, quando este estava em condições de marchar. A 20 de janeiro de 1828 foi que Brown entregou o comando do Exército, ficando em posição subalterna, mas ativa.

Esse exército que êle conduzira bem, na guerra e na paz, devia ver-se logo aumentado com os 24 e 25 RC de Missões, bem como dos batalhões 14, 17 e 26.

Enquanto os argentinos contavam com 6.000 homens, tendendo os seus efetivos a diminuir, os brasileiros estavam já com 9.000 homens em armas, na mesma região. Brown pensou logo em movimentos ofensivos, invadindo a Cisplatina pelo Aceguá e Cochilha Grande. Visava Brown, conforme suas declarações expressas:

1.º Proteger a reunião de forças de Montevidéu e Santa Teresa, para fazer de tôdas elas um grande exército.

2.º Cobrir a fronteira de Jaguarão.

3.º Sustentar o exército à custa da Cisplatina e não do Brasil.

4.º Poupar por completo a zona não devastada do Rio Grande.

5.º Subtrair os cisplatinos à sugestão dos que eram contra nós, evitando a fermentação futura dos espíritos imaginosos e dos fracos.

6.º Fazer sentir os males da guerra aos cisplatinos afim de obrigá-los a pedir a paz, sem condições.

7.º Elevar o moral dos riograndenses com ações ofensivas constantes.

8.º Ter cavallhada em bom estado com os bons pastos cisplatinos para tôdas as eventualidades.

9.º Levantar homens aguerridos no Rio Grande.

10. Dar arguimentos para os negociadores de paz obterem vantagens.

Além dos 9.000 homens de Jaguarão, contava Brown com 6.000 nas praças do Rio da Prata; fôrças bastantes para derrotar fâcilmente o inimigo.

Laguna, porém, evitava sistemáticamente os choques com o inimigo, dizendo sempre: "*Ninguém sabe as ordens que eu tenho do govêrno*".

A ação de Laguna, contemporizando entre Barreto e Brown, que se tornaram inimigos, nessa ocasião, foi das mais perniciosas.

Medroso ou contemporizador, Lecor evitava que Brown tomasse a ofensiva como desejava. Com isso Lecor tornou impossível melhorar as nossas condições para a paz.

Não é, portanto, para estranhar que Lecor seja festejado pelos uruguaaios, como co-autor da sua independência. Para os brasileiros e o Brasil, se não foi traidor, merecendo estigmatização, foi um inerte e deve ter o nosso desprezo.

## A INVASÃO DE MISSÕES

No mês de março de 1828, a nossa fronteira foi novamente invadida pelo inimigo, pelo lado do Quarai, em direção às Missões, desguarnecida dos 24 e 25RC de Milícias, que constituíam sua guarnição permanente.

Frutuoso Rivera, formando bando à parte, segregado do exército em operações contra o Brasil, conseguiu um ajuste com o governador de Santa Fé, Don Estanislau Lopez para expedição ao território do Rio Grande. A invasão começou a 20 de abril, e se destinava ao saque de Missões.

Rivera recrutou gente no Estado Oriental, charruas e minuanos, corrientinos e gauchos da margem do Uruguai, e no passo de Santana atravessou o rio, seguindo para o passo de Mariano Pinto no Ibicui.

Forçada a passagem, a 21 de abril a guarda brasileira deixou de existir depois de heróica resistência, realizada pelo Tenente Mariano Pinto com 40 homens, a maioria dos quais morreu no seu pôsto, como o bravo comandante da guarda cujo nome ficou ligado ao local.

O govêrno de Buenos Aires não podia admitir semelhante procedimento.

Manoel Oribe foi mandado para perseguir e submeter Rivera, mas Oribe se viu enfraquecido pelas defecções em sua milícia, e abandonou a missão.

Enquanto isso o governador de Santa Fé obteve o apóio do presidente Dorrego para a ação tentada pelo caudilho Rivera. Buenos Aires mandou, então, recursos de tôda a espécie, em soldados, em fundos e em material, para a reconquista das Missões.

Esse auxílio implicava subordinação legal de Rivera, mas êle a negou.

As autoridades brasileiras se retiraram de São Borja e das outras localidades missioneiras: São Nicolau, São Luís, São Lourenço, São João, São Miguel e Santu Angelo.

Os restos dos corpos de guarnição se dispersaram diante do inimigo, deixando o seu comandante o bravo Coronel Alençastre na contingência de fugir precipitada-

mente, o que com razão preferiu, antes do que cair nas mãos do caudilho uruguaio.

Nessa ocasião Frutuoso Rivera se apossou de mais uma bandeira, a quinta, das que figuram no Museu Histórico de Buenos Aires, e sempre extra-combate.

A devastação nessa região foi completa; maior, por certo, do que foi a de 1817.

Rivera tratou de arrebanhar todos os animais que pôde. A êsse respeito Brown emite a seguinte opinião:

“O regimento 25 que vinha em marcha de Missões com alguns voluntários, poderia ter evitado o estrago causado pelo inimigo, cuja fôrça não excedia 400 homens”.

“O Visconde, lembrado da minha proposta de mandar reforçar Alencastre com um batalhão de cavalaria, um regimento de cavalaria e mais duas baterias, concordou com as minhas objeções sôbre o perigo de desgarnecer Missões, mas fêz o que quis, com funesta consequência”.

Parece que Brown era o brasileiro, e Lecor fazia política pelos rioplatenses. É verdade que, nascido em Portugal, aderente de última hora, aclimatado no Uruguai, êle não sentia como brasileiro.

O saque de Missões não ficou nisso. Rivera obrigou as famílias a seguirem com êle, carregando os despojos roubados aos templos e às casas.

Bento Manuel, que estava no Alegrete à testa da 1.<sup>a</sup> brigada de cavalaria ligeira, teve ordem de atacar. Foi ao encontro de Rivera no Toropasso mas depois de longa conferência, afastou-se para dar ao caudilho saqueador livre passagem pelo território brasileiro, entre Ibicui e Quarai, onde fêz novas prêsas e mais cativos. Tal foi, nessa ocasião, a conduta nunca assaz afeiada de um tipo execrável como brasileiro, desde 1825, e daí por diante.

Rivera passou, glorioso, para o território do Uruguai, e rodeado de respeito viveu como até aí vivera.

Tal foi a célebre investida de Missões cantada em prosa e versos pelos nossos inimigos de então.

O Exército argentino, já no fim de 1827, ficou sob o comando efetivo de Lavalleja, e interino do General Paz, chefe do Estado Maior.

A linha geral do Jaguarão foi respeitada em todo o resto do ano de 1827, não havendo mais do que as escaramuças apontadas atrás.

Em comêço de 1828 o Exército argentino invadiu o nosso território até três léguas de distância do passo do Sarandi, por onde o Jaguarão foi transposto.

A ação do arrôio do Telho, seguida de aproximação de força abundante mandada por Lecor, obrigou os argentinos a repassarem a fronteira ficando além do Jaguarão, enquanto as forças brasileiras guarneciam o passo do Sarandi.

Em abril Lavalleja decidiu-se a inquietar novamente as nossas forças, mandando um destacamento para tomar o gado existente nas campinas próximas ao Jaguarão.

Brown conseguiu então, a muito custo, que Lecor consentisse na reação.

A 4.<sup>a</sup> divisão sob o comando de Brown ataca Las Cañas, na margem direita do Jaguarão, destroçando e pondo em fuga a cavalaria inimiga, e assenhorando-se do acampamento dos chefes orientais.

O Bárão do Rio Branco conta assim o feito:

“A 15 de abril o General Gustavo Brown atravessa o Jaguarão e desaloja de Las Cañas o Coronel Andrés Latorre, com 4.000 homens de cavalaria, e o General Julian Laguna, com 1.300 homens e quatro canhões, apodegando-se dos acampamentos de ambos. A perda do inimigo foi de seis mortos (um oficial) e 20 prisioneiros”.

Assim as nossas forças começavam a ação de retenção, para reação futura que não chegou a ter lugar.

3.ª PARTE

*A CAMPANHA NAVAL*





## CAPÍTULO XIII

*A situação da guerra naval depois da declaração de 10 de dezembro de 1825. — Cartas de corso. — Relação dos corsários. — Batalha naval de Corales. — Ataques à Colônia do Sacramento. — Substituição de Rodrigo Lobo por Pinto Guedes. — Combate de Montevidéu. — Apresamento no rio Santa Luzia.*

“Na Cisplatina o Império se abalança pelo, da guerra, altissono halali. Ao sul, impávido, o inimigo avança, nos prélios de Rincón e Sarandi. Prosseguem de roldão, Ortis, Corales e mais Montevidéu, Santa Luzia, Sacramento — um enisol de acerbos males, um vulcão sôbre o mar — Martin Garcia.

GASTÃO PENALVA — *Rajada de Glorias.*

---

A declaração de guerra do Brasil a Buenos Aires, de 10 de dezembro de 1825, não foi seguida, como se poderia esperar, de preparativos de grande envergadura, quer em terra, quer no mar.

Em todo o caso, por veleidades incompreensíveis de bloqueio efetivamente impossível, uma ação naval foi iniciada, após o manifesto de 21 de dezembro de 1825, pelo qual o Vice-Almirante Rodrigo Lobo, comandante em chefe da esquadra brasileira no Rio da Prata declarava bloqueados os portos argentinos.

Disse Armitage a respeito da nossa esquadra de então as seguintes judiciosíssimas palavras:

*"O Brasil, por motivos de ostentação, querendo infundir às nações estrangeiras uma idéia avantajada de sua força naval, havia seguido o sistema de comprar e fazer construir sua esquadra de modo a não se prestar à guerra do Rio da Prata, nem proteger o seu comércio de cabotagem. Embarcações pequenas e veleiras seriam mais próprias para o serviço do país; a ambição de D. Pedro e a mesma judiciosa política do Marquês de Paranaguá, Ministro da Marinha, só cuidaram em compor a esquadra de fragatas, corvetas e outros navios de alto bordo".*

Não contava por certo o Brasil com reação imediata, porque se contasse não teria caído num erro tão flagrante aos olhos de todos aquêles que estudam, há um século de distância, a luta por manter um bloqueio, mais desastroso certamente para a esquadra bloqueadora do que para o país bloqueado que pouco perdeu.

Os elementos navais com que os argentinos podiam contar eram escassos. Sua frota estava em início, era incipiente quando começou a guerra. O afan patriótico, todavia, não amorteceu.

Reagindo à declaração de bloqueio, o governo da República das Províncias Unidas do Rio da Prata autoriza o corso contra os navios brasileiros de quaisquer espécies e procedências.

Dos corsários argentinos, muitos foram armados nos Estados Unidos, como sendo o corso um ótimo negócio a ser tentado. Outros foram de procedência local (Buenos Aires, Salado e Patagones). Todos ou quase todos eram tripulados por estrangeiros, e quando não completamente pelo menos o comando nos corsários argentinos não cabia nunca a nacionais, mas a inglêses, americanos e franceses. Aliás, (em gráu bem menor, é certo) essa era a situação, também, do Brasil.

Os corsários armados em guerra pelas Províncias Unidas foram os seguintes (de acôrdo com a relação do Sr. Barão do Rio Branco): *Sin Par*, *General Mancilla*, *Vengadora*, *Argentina* (chamado depois *Rayo Argentino* e enfim *Cazador*), *Presidente Bolívar* (depois vencedor de Ituzaingó), *Libertador Bolívar*, *General Brown*, *Bonaireense*, *Estrella del Sur*, *Esperanza*, *Triunfo Argentina*, *Profeta Bandarra*, *Rápido*, *Constante*, *San Martin*, *Oriental*, *Argentino*, *La Prezidenta*, *Florida*, *General Brandzen*, *Pampero*, *Bella Flor*, *Lavalleja*, *Niger*, *Feliz*, *Margarida*, *Federal*, *Peruano*, *Cacique*, *Hijo de Julio*, *Hijo de Mayo*, *Unión Argentina* (depois *Bravo Coronel Olavarría* e enfim *Federal Argentino*). As corvetas armadas foram: *Governador Dorrego*, *Colombiana*, *Empresa*, *Flor de Mayo*, *Gaviota*, e mais alguns lanchões.

O govêrno argentino determinou que corvetas e brigues de guerra fôsem fazer o curso nas costas do Brasil. Foram êsses navios a *Chacabuco* e a *Ituzaingó*; o *Congresso*, o *Patagones*, o *General Rondeau*, o *Ocho Febrero*, e mais as escunas *Sarandi*, *Unión* e *Argentina*.

Diz o Comandante Lucas Boiteux a respeito do teatro da guerra naval que se ia encetar:

“O teatro das operações, isto é, parte do teatro da guerra em que deveriam desenrolar-se efetivamente as operações da campanha marítima contra a nossa rival, abrangia não só o vasto estuário do Prata, com cêrca de 400.000 milhas quadradas, como ainda tôda a costa atlântica, comprehendida entre os cabos de Santo Antônio e das Virgens, com 1.350 milhas, sem falarmos nos grandes estirões navegáveis dos caudalosos Uruguai e Paraná.

“Era o estuário, sem mêdo de errar o dizemos, verdadeiro cemitério de navios. Além dos impeços apontados vinham a êles juntar-se os ventos tempestuosos daquelas paragens: o pampero e o minuano, no inverno; as suestadas e lestadas no outono; as nordestinas do verão e as

grandes baixas das águas, sem nos esquecermos também das fortes correntadas e dos nevoeiros prolongados e densos.

*“Todos os portos da margem oriental, Maldonado, Montevidéu, Colônia do Sacramento, eram pouco abrigados, de profundidade insuficiente e mesmo imprópria a navios de porte médio, e com vários pontos perigosos ainda não assinalados nas cartas.*

*“A costa argentina, além de pouco entretalhada, é baixa, arenosa, bordada de parcéis e com seus escassos fundeadouros varridos pelos temporais.*

*“O acesso ao pôrto de Buenos Aires, nesse tempo, se fazia por três canais viáveis a embarcações de mór ou menor calado;...”*

Referindo-se ao comandante da nossa esquadra, o inerte Almirante Rodrigo Lobo, o Comandante Boiteux diz ainda, o seguinte:

*“A guerra naval para êle (Rodrigo Lobo) homem de meias medidas, resumia-se, pois, única e simplesmente, nas operações de bloqueio: confinar o inimigo e esperar com a paciente tática de gato velho e sonolento, que o camondongo atrevido se resolvesse abandonar o seguro esconderijo...”*

*“O mau tempo, muito comum àquelas paragens, oferecia ao inimigo frequentes e favoráveis probabilidades de se fazer ao mar sem batalha, com a retirada forçada ou grande afastamento da linha bloqueadora”.*

Tais eram as condições da luta que encetamos:

Meio hostil, naturalmente desfavorável, esquadra em más condições para as águas em que se devia mover, péssimo comando...

## BATALHA NAVAL DE CORALES

Desde a declaração de bloqueio por parte do Governo brasileiro, não tinha havido possibilidade de encontro im-

portante com a esquadra argentina que fugia ao combate, esperando oportunidade para agir com vantagem.

A primeira troca de tiros, deu-se a 9 de fevereiro de 1826, data em que a frota de guerra do Brasil, sob o comando do Almirante Rodrigo Lobo, e que operava no Rio da Prata para manter o bloqueio, investe por duas vêzes a esquadra argentina comandada pelo Almirante Brown, que foge.

A frota brasileira se compunha das unidades abaixo discriminadas: Corvetas *Liberal* (22 canhões com a insígnia do almirante), *Itaparica* (22 canhões, comandante Diogo Jorge de Brito); *Maceió* (18 canhões); brigues *29 de Agosto* (18 canhões); *Cabôclo* (18 canhões); *Real Pedro* (18 canhões); *Dona Januária* (14 canhões); *Rio da Prata* (10 canhões); brigues-escunas *Pará* (oito canhões) e *Local Paulistana* (seis canhões); escunas *Liberdade do Sul e Conceição*; *barca n. 8* (um rodízio) e lancha *Montevideana*.

A esquadra argentina, sob as ordens do Almirante Brown, e formando duas divisões comandadas a primeira pelo Comandante Espora e a segunda pelo Comandante Rozales, constava de 19 naus com um total de 110 canhões.

Era a esquadra composta da corveta *25 de Maio* (navio almirante, com 28 canhões); brigues *Congresso Nacional* (18 canhões); *República Argentina* (18 canhões); *General Belgrano* (16 canhões) e *General Balcarce* (16 canhões); escunas *Sarandi* (três canhões) e *Nepa* (três canhões). Além desses navios de maior porte havia 12 barcas-canhoneiras com duas peças de 24, uma à proa e outra à pôpa, e três peças por banda.

No dia 9 de fevereiro foi avistada, ao amanhecer, a esquadra argentina saindo, em linha de fila e com amuras a bombordo, do pôrto de Buenos Aires.

Os nossos navios estavam fundeados ao largo daquele pôrto, muito próximos aos bancos que orlam a sua entrada.

Ao ser percebido o movimento do inimigo, o Almirante deu sinal de suspender ferros.

Para ganhar barlavento, navegou a nossa esquadra até 7 horas da manhã com amuras a bombordo, quando fêz a capitaneia sinal para amurar papafigos e caçar joanetes.

Vinham pela pôpa dos nossos, mas um tanto distanciados, os navios de Brown.

Sòmente às 10 horas fez Rodrigo Lobo sinal para virar de bordo e começar a caça. A uma hora e meia da tarde leram os navios brasileiros, na capitaneia, o sinal: "*O Almirante lembra a glória da nação, neste dia, e espera que todos se batam com o mais decisivo valor*". Pouco depois a ordem: "*Atacar o inimigo logo que cada um puder*".

"Correndo as duas esquadras ao ataque, em movimento convergente, a distância entre elas encurtava com grande rapidez. A nossa manobra satisfatoriamente, conseguindo sustentar a vantagem do barlavento, o que demonstrava estar o almirante brasileiro disposto a assumir a ofensiva. E como o único meio de desenvolver todo o poder combatente de sua artilharia era dispor os navios de flanco, tomou a *linha de fila* (hoje *coluna*). A formatura de navegação ia ser a de combate; e nesta ordem, com acêrto, manteve o chefe sua fôrça, muito embora o andar ronceiro e as qualidades evolutivas da maioria dos seus vasos não lhe permitissem conservar uma formatura perfeitamente regular, cerrada, coêsa". (LUCAS BOITEUX, *A tática nas campanhas navais nacionais*, pág. 78).

Às 2 e 45, como mais veleiras, avisinharam-se do inimigo, a *Liberal* e a *Itaparica*, iniciando o combate contra a *25 de Maio* e os três brigues e sustentaram o fogo com extrema galhardia.

Os brigues inimigos, porém, logo abandonaram o combate, exemplo seguido pelas canhoneiras, compreendendo

pelas manobras dos nossos que a sua retaguarda ia ser cortada e que não poderiam mais tarde voltar ao pôrto. Isolada a *25 de Maio*, também se retirou.

Às 5 horas da tarde os nossos navios conseguiram ainda uma vez acercar-se do inimigo.

A *Liberal* e o *29 de Agosto* cortam a prôa à *25 de Maio* e à *Congresso*, rompendo intenso fogo que durou uma hora e meia.

Sofreu a nossa esquadra a morte do comandante do *29 de Agosto*, que mais de perto seguia o almirante argentino; o *Liberal* teve o mastaréu de gata, partido, e um rombo no costado, afora outras pequenas avarias. A *Itaparica* teve o gurupés partido e feridos o comandante e um oficial; o *Dona Jamária* perdeu o mestre e teve um ferido; na *Maceió* houve um morto e dois feridos.

Ao que parece nenhum plano foi feito pelo Almirante Rodrigo Lobo, que nem sequer deu instruções aos seus comandados sôbre a maneira como deviam agir durante o combate. Entretanto, conforme diz o Comandante Boiteux, "*percebe-se que a sua intensão era parar a contrabordo da linha argentina, varrendo-a com nutrido fogo, para em seguida cortá-la, separando do corpo principal as canhoneiras, para então bater em detalhe as suas frações*".

Dêsse mesmo combate os jornais de Buenos Aires falam em seis mortos e 15 feridos em sua esquadra.

Ao anoitecer a frota brasileira foi lançar ferros entre os bancos Ortiz e Chico.

O comandante do *29 de Agosto*, que perdemos nessa batalha, era o 1.º Tenente João Rodrigues Gliddon. Em sua parte oficial o Vice-Almirante Rodrigo Lobo declara que foram nulos os serviços prestados pelos brigues *Caboclo* e *Rio da Prata* nos dois combates.

Era a primeira vez que a esquadra argentina do Almirante Brown ousava enfrentar a nossa.

O resultado não lhe foi favorável.

Todavia o Almirante Rodrigo Lobo não soube tirar partido da situação, porque lhe faltava iniciativa e lhe sobejava indecisão.

---

Desesperando conseguir resultado, pelo menos imediato, numa ação direta contra a nossa esquadra, Brown tenta um golpe de força contra a Colônia do Sacramento, combinando a ação do mar com a de terra.

Foi isso a 25 de fevereiro.

Compunha-se a esquadra atacante, da fragata *25 de Maio* (capitânea com 36 canhões), brigues *Congresso*, *República*, *Belgrano* e *Balcarce*, com 15 canhões cada um, e da escuna *Sarandi*, com 7 canhões.

Ramon Cáceres sitiava a praça por terra com 400 homens.

Brown intima o brigadeiro Manuel Jorge Rodrigues a render-se, porém a resposta que deu foi: "*A sorte das armas decide da sorte das praças*".

Ao amanhecer de 26 estavam todos nos seus postos.

No reduto do Tambor estava Mariath com o Brigadeiro Rodrigues, comandante da praça. O Tenente Antônio Leocádio do Couto na bateria de Santa Rita; o Tenente Joaquim José Inácio, a bordo e José Inácio de Santa Rita na bateria de São Pedro.

A esquadra argentina, aproximando-se pelo lado de Sudeste, recebia o fogo da bateria de São Pedro, a que respondia sem esmorecer.

Ao passar a ponta de São Gabriel, o brigue *Belgrano*, afastando-se da formatura, encalhou, e apesar dos esforços das embarcações pequenas mandadas em seu socorro, e do denôdo do seu comandante, a quem uma bala do forte de Santa Rita matou justamente quando tratava de salvar o vaso de guerra que lhe fora confiado, adernou sobre o bombordo e foi abandonado depois de ver 17 homens de sua guarnição fora de combate.



Esse fato inesperado produziu confusão, e as guarnições das peças dos outros navios, preocupadas com o socorro da *Belgrano*, abandonaram os seus canhões e os navios argentinos tornaram-se alvo inerte das nossas baterias.

Ao Almirante Brown ocorreu um luminoso estratagem, para evitar que continuasse essa situação.

Içou sinal de parlamentar e mandou nova intimação ao governador da praça: *"Me parece que es llegado el momento que tendrá efecto el ofrecimiento que hice en el día de ayer; por consiguiente espero que en el momento se decida por la justa intimación, e si no sufrirá toda severidad que merece la tenacidad del Señor Gobernador"*.

O Brigadeiro Rodrigues mandou a Brown esta lacônica resposta pelo parlamentar: *"Diga ao Almirante que o dito, dito!"*

O combate recomeçou então, tenazmente sustentado pelos argentinos que pouco depois se afastaram indo fundear entre as ilhas de Hornos, fora do alcance dos canhões da praça.

Durante a noite o Tenente Mariath tentou incendiar o brigue *Belgrano*, temeroso de que a maré cheia o fizesse flutuar. Fez partir a escuna *Conceição*, mas esta, perseguida de perto, viu-se obrigada a seguir até Montevidéu, onde deu notícia do que se passava na Colônia.

O Almirante Rodrigo Lobo, em vez de acudir às fortalezas, ficou, a exemplo do que fazia Lecor, à espera de que o atacassem no seu posto, deixando que se tornasse precária a situação da praça forte de Colônia, tão importante e tão digna de atenção nesse momento, por todos os motivos.

A 1.º de março; três dias depois, portanto, o Almirante Brown renova o seu assalto à Colônia do Sacramento, mas desta vez com plano assentado com Lavalleja. Os seus navios foram os mesmos do ataque anterior. A

atuação por terra foi mais acentuada. Durou o assalto 3 horas e meia. Por fim os atacantes se retiraram, derrotados, embora a esquadra voltasse a fazer disparos sôbre a praça.

A inatividade do Almirante Rodrigo Lobo causava muito desgosto entre os combatentes brasileiros no Sul, os quais, se não viam atividade nas armas de terras, onde tínhamos inferioridade de condições, desejavam ao menos que no mar a iniciativa da luta estivesse sempre conosco.

Também na côrte, a inatividade do Almirante Rodrigo Lobo era mal vista, e êle foi substituído pelo Almirante Rodrigo Pinto Guedes, que chegou a Montevidéu para assumir o comando da esquadra a 12 de março pela madrugada, só assumindo, porém, a responsabilidade da direção da esquadra a 12 de maio dêsse ano de 1826.

Dois dias depois da chegada de Pinto Guedes a Montevidéu, isto é, a 14 de março, temendo provavelmente que o novo comandante brasileiro trouxesse maior atividade nos ataques, Brown foi-se de vela para Buenos Aires, abandonando definitivamente os seus intuitos de tomar Colônia.

As perdas brasileiras, ocorridas na defesa da praça, foram de 32 mortos (sendo um major) e 52 feridos (dois oficiais).

Os argentinos, além dos estragos materiais em tôdas as embarcações, perderam quase 500 homens entre mortos e feridos.

Depois de quase um mês de inatividade, ou de reparações, a esquadra argentina saiu de Buenos Aires, e passou ao Largo de Montevidéu, a 11 de abril.

Quando da fragata *Niterói* foram avistados navios suspeitos, o comandante Norton, com a sua fragata e quatro pequenas escunas, preparou-se para lhes sair ao encontro, ou obstar-lhes passagem.

A *25 de Maio*, que trazia bandeira francesa, arvorou a bandeira argentina pouco depois de meio-dia, assim como foi içado o pavilhão de Brown.

A *Niterói*, acompanhada das escunas, perseguiu a *25 de Maio*, que velejou em retirada assim que sentiu disposição de combate nos navios brasileiros, navegando à bolina com amuras a bombordo.

O vento soprava do oceano. Norton soltou todo o pano, e como as escunas não o puderam acompanhar, a *Niterói* ficou isolada. Às 3 horas começou Norton fogo cerrado, por haver distância de tiro. Pouco depois o brigue *República*, que vinha de Sudoeste, passou pela proa dos combatentes, disparando uma banda à *Niterói*, e virou de bordo nas águas da *25 de Maio*.

Os dois navios argentinos conservaram-se sempre pelo través de barlavento da *Niterói*, a meia distância de tiro.

Às 6 horas arribaram, mostrando propósito de passar pela proa da fragata brasileira; ela, porém, arribou ao mesmo tempo, e largou tôda a sua banda, com o que orçaram imediatamente os contrários e fizeram força de vela.

A *Niterói* somente suspendeu a perseguição à noite, quando de todo perdeu de vista os navios argentinos.

A fragata brasileira e a argentina eram da mesma força.

A *Niterói* montava 38 bôças de fogo, enquanto a *25 de Maio* tinha 36. Ambas haviam sido navios de comércio, armados depois. O *República* tinha 18 peças e caronadas.

Se dêsse combate, a que se deu o pomposo título de combate naval de Montevidéu, não houve perdas de nossa parte, na barra de Santa Lúcia, ainda a 11 de abril, a escuna *D.<sup>a</sup> Paula*, comandada pelo Tenente Antônio Leocádio de Oliveira, teve que defender-se do ataque de um brigue argentino, e do tiroteio resultaram três feridos.

Ainda nesse dia 11 de abril em outro ponto do mesmo rio Santa Lúcia tivemos pior sorte. A baça argentina *Congresso* apresou a nossa escuna *Isabel Maria*, que vinha rebocando um iate de mantimentos.

Para não sofrer o vexame de ser obrigado a fugir, Brown faz nova tentativa de ataque aos nossos navios ancorados nas proximidades de Montevidéu, diante do pôrto, trazendo maior fôrça.

A 28 de abril a fragata *Imperatriz*, de 54 bôcas de fogo foi atacada por Brown, que trazia sob seu comando sete navios montando 116 bôcas de fogo. Começou o ataque à uma hora da noite de 27 para 28 e durou pouco mais de quarto de hora. Diante da enérgica defesa, e tendo a tentada surprêsa falhado, vendo mais que os outros navios da esquadra se punham em movimento, os argentinos retiraram-se.

Foi morto logo no comêço da ação, o comandante da *Imperatriz*, Capitão de Fragata Luís Barroso Pereira, nascido em Minas Gerais. O imediato Rebelo da Gama assumiu o comando. Era êste oficial de valor já comprovado nos combates sustentados nas costas da Guiana Francesa.

Novamente se aproxima da nossa esquadra a 3 de Maio da frota de guerra argentina, para fugir logo após o primeiro contáto. Era uma tática de Brown: Provocar a perseguição a ver se os navios brasileiros, de maior calado, encalhavam nos bancos da foz do Rio da Prata, ficando à mercê do ataque conjunto de todos os seus navios menores.

Brown, nesse combate de 3 de maio, foi perseguido. Os navios menores da esquadra brasileira passam livremente sôbre o banco Ortis, mas a fragata *Niterói* encalha, e nessa posição bate-se com a 25 de Maio, que, atacando o navio brasileiro, também vara.

Os dois navios safam-se ao mesmo tempo quase. Enquanto a esquadra argentina vai para Buenos Aires, a

*Niterói* foi incorporar-se à nau almirante, obedecendo a sinais que Rodrigo Lobo fazia.

Já sob o comando de Pinto Guedes, que assumiu o comando a 12 de Maio, tem lugar a ação de 23, entre a 2.<sup>a</sup> divisão da esquadra brasileira do Rio da Prata (Norton) e a esquadra de Brown.

Ao cair da tarde, Norton, que perseguia o inimigo com risco de encalhar, abre fogo. Brown desejava atrair os nossos navios a encalhe. Norton desistiu da perseguição. Da troca de tiros tivemos quatro homens fora de combate, sendo dois mortos. Os argentinos tiveram perda muito mais considerável: seis mortos e 22 feridos.

A 25, ação semelhante se repete, quasi à mesma hora e entre os mesmos navios. Não tivemos perdas de homens enquanto os argentinos tiveram dois mortos e três feridos.



## CAPÍTULO XIV

*Batalha de Los Pozos. — Duas tentativas. — Combate de Lara Quilmes. — Ação dos corsários. — Aventura de Fournier. — Tomada da Leal Paulistana. — Brown na costa brasileira. — Combate de São Sebastião. — Fournier mal sucedido. — Combate do Banco de Santana. — Captura da São José Americano. — Desgraçado combate de Juncal.*

“Mais felizes não andavam no mar as nossas armas. Ainda naquele mesmo mês fatídico do insucesso de Ituzaingo, sofriam elas dois desastres, não se sabe qual mais de escarmento. Foi o primeiro junto a Juncal, na foz do rio Uruguai.”

*História do Brasil* — ROCHA POMBO.

---

Coube a 11 de junho de 1826, 39 anos antes da batalha do Riachuelo, às nossas fôrças navais, atacar o inimigo no seu próprio ancoradouro. À frente da 2.<sup>a</sup> e da 3.<sup>a</sup> divisões reunidas, o Capitão de Mar e Guerra James Norton tentou atacar, no ancoradouro de Pozos, em Buenos Aires, a esquadra do Almirante Brown. A ação, começada à tarde, não foi mais do que uma tentativa sem resultado nenhum definitivo, nem coisa parecida, de trazer os argentinos a combate geral.

O Comandante Norton partiu de Quilmes com 31 navios, mas as escunas e canhoneiras se atrasaram e não

puderam tomar parte no fogo, e os navios de maior calado tiveram que ancorar fora do alcance de tiro.

Os navios argentinos, 11 primeiro e 17 depois (seis de reforço vieram da banda Oriental por cima do Banco das Palmas), não podendo ser atingidos por tiro que não fôsse muito elevado e incerto, fizeram simples escaramuça, em que os argentinos perderam um homem somente e a nossa esquadra nenhum.

Aproximaram-se do inimigo, em todo o caso, as escunas *D. Paula* (Norton) e *Sena Pereira*, *Providência* (Wenceslau Lisboa), *Itaparica* (Petra Bittencourt), brigue *Caboclo* (Greenfel) e *Januária* (A. P. de Carvalho).

Assim que o sol deixou de iluminar o campo com seus raios diretos, às cinco horas da tarde, Norton ordenou a reunião, desistindo da tentativa. Brown transformou essa canhonada inútil num renhido combate em que se apresentou como herói que, com grande inferioridade de forças, repeliu ataque da esquadra brasileira.

Impossibilitados de destruí-los no seu ancoradouro, os nossos navios esperaram uma oportunidade de atacá-los quando saíssem, mas isso não se deu, de forma que nova tentativa de ataque foi realizada a 29 de julho, às 11 horas da manhã, pelo Comandante Norton.

Deu êle fundo nas Balizas exteriores de Buenos Aires, com 11 navios da segunda divisão do seu comando, e quatro da terceira comandada pelo Capitão de fragata *Sena Pereira*. Eram os nossos navios: *Niterói* (chefe Norton, Comandante Parker; com 28 bôcas de fogo); corvetas *Maria da Glória* (Teodoro Beaurepaire, 30 canhões), *Itaparica* (Eire, 20); *Maceió* (J. Maia, 20), *Liberal* (Barth Hayden, 20); brigues *Caboclo* (Greenfell, 18) *29 de Agosto* (Rafael de Carvalho, 18); *Pirajá* (Carter, 18); escunas *Conceição* (Thompson, 4); *Doña Paula* (Leocádio de Oliveira, 4) e *Itaparica* (Petra Bittencourt).



A segunda divisão se compunha: Canhoneira escuna *Leal Paulistana* (chefe Sena Pereira, Comandante Antônio Carlos Ferreira, 8); iates *9 de Janeiro* (Germano Aranha, 2); *12 de Outubro* (Roberto Steel), *7 de Março* (Francisco de Paulo Osório, 3); êstes quatro últimos pertenciam à 3.<sup>a</sup> divisão.

As escunas *Conceição* e *Dona Paula* conservaram-se à vela durante tôda a noite nas vizinhanças do canal que conduz ao ancoradouro de Pozos. Soprava Nordeste e Norte.

As 10  $\frac{1}{2}$  a *Conceição* dá sinal de saída do inimigo.

Minutos depois, a fragata argentina *25 de Maio* foi avistada a barlavento da *Niterói* e trocou alguns tiros com esta e com o *Caboclo*.

Os nossos, seguindo ordens de Norton, largaram amarras sôbre boia e velejaram com amuras a bombordo.

Na altura da ponta de Lara, a *Niterói* que ia em gáveas atravessou a gata e fez sinal de reunião porque a escuridão não permitia descobrir os navios inimigos. Ao amanhecer do dia seguinte é que pôde ser empenhado o combate.

O almirante argentino saiu de Pozos com os navios: fragata *25 de Maio*, Comandante Espora, 36 canhões, brigues *Congresso* (Tisher, 18); *Independência* (Bathust, 22); *República* (Clark, 16); *Balcarce* (George, 14); corsário *Oriental-Argentino* (Dautant, 13); escunas *Sarandi* (Pinedo, 8); *Rio* (Rozales, 1) e *Pepa* (Dandreys, 1) e mais nove canhoneiras com igual número de canhões.

Deu-se então o combate de Lara Quilmes.

Soprava brisa do Norte e oito navios argentinos estavam fundeados a barlavento, em linha paralela à dos nossos.

Foi o nosso brigue *Pirajá*, que estava entre as duas linhas, que rompeu fogo. As esquadras puseram-se em movimento concomitantemente.

A argentina virou em roda e orçou com amuras a estibordo.

A brasileira virou por davante e a *Niterói* e o *Caboclo* que iam à frente, cortaram a linha inimiga, ganhando barlavento e aproximando-se, a tiro de pistola, da *25 de Maio*. Esta meteu em cheio e todos os outros navios argentinos bateram em retirada, fazendo fôrça de vela.

O combate se reduziu a uma ativa perseguição.

A *25 de Maio*, separada do resto da esquadra, viu-se apertada de barlavento pela *Niterói* e pelo *Caboclo*, e de sotavento pela *Maria da Glória*. A *Leal Paulistana* acompanhou-a de perto, batendo-lhe a pôpa com rodízio de proa. O fogo de um dos brigues inimigos cortou o braço grande e fez atravessar a gávea, do *Caboclo*, ferindo o Comandante Greenfell, depois do que êste brigue atrasou-se.

Às 10 1/2 horas a fragata inimiga quase completamente desmantelada, arribou até ter o vento pela alheta.

A *Niterói* arribou também e nessa ocasião tocou no fundo.

A *Maria da Glória* já tinha sido obrigada a virar por falta de água. A *Liberal*, muito' atrasada não podia alcançar mais o inimigo. O *Pirajá* ficara distanciado por manobrar mal. A *Itaparica* tinha desarvorado o mastaréu de velacho, atacando os brigues inimigos que fugiam.

Os outros navios brasileiros: *29 de Agôsto*, *Leal Paulistana* e *Maceiô* continuaram a caça, acompanhando os brigues e as escunas argentinas, de sorte que a *25 de Maio* ainda pôde escapar indo encalhar sôbre o banco "*de la ciudad*" onde ficou protegida pelas canhoneiras e pelos fugitivos que aos primeiros navios se reuniram.

Às 11 horas Brown passou o seu pavilhão para o *República*, e Norton fez o sinal de levantar a caça e reunir. Alguns navios inimigos encalharam num banco mais afastado.

Tivemos seis mortos e 24 feridos entre os quais Greenfell, Rafael de Carvalho e J. Taylor, oficial da *Niterói*.

Quanto às perdas argentinas, o *Correio Nacional*, de 1 de agosto declara: “; ...*parece que no excede de 30 muertos y 70 heridos*”. Outros jornais da mesma época falaram em 48 entre mortos e feridos. “Um ano depois porém, o *British Packer* de 17 de junho de 1827 declarava que os argentinos haviam tido 55 homens fora de combate.

A fragata *25 de Maio* não pôde mais servir, e quando entrou em pôrto, rebocada pelas canhoneiras, só tinha como velas o traquete, o velacho e a rabeca.

O combate naval de Lara Quilmes não foi de tão pouca eficácia que não impedisse à esquadra argentina fazer novas tentativas de sortida.

Entretanto, os corsários continuaram agindo com essa liberdade de aventureiros irresponsáveis que caracteriza os piratas oficializados.

O aventureiro francês Cezar Fournier, que tinha carta de corso concedida pelo govêrno de Buenos Aires, na noite de 21 de setembro conseguiu abordar e tomar, em Maldonado, a nossa escuna canhoneira *Leal Paulistana*, de dois rodízios, seis caronadas e 66 homens.

Fournier realizou essa surpresa com três lanchas e 27 homens (ingêses, norte-americanos e franceses).

O comandante da *Leal Paulistana*, Tenente Antônio Carlos Ferreira ficou ferido, ficando como êle, também feridos, mais dois marujos. Um terceiro jogou-se ao mar e morreu afogado.

Dos abordantes um só ficou ferido. A prêsa, conduzida a Buenos Aires, foi comprada pelo govêrno argentino e recebeu o nome de *Maldonado*.

Três meses mais tarde Fournier tenta repetir a façanha, no mesmo lugar da sua primeira vitória, mas dessa vez é repellido, como devia tê-lo sido na noite de 21 de se-

tembro, se a bordo da *Leal Paulistana* houvesse vigilância, disciplina e respeito ao cumprimento de todos os deveres militares.

Este é o único exemplo de um navio de guerra brasileiro que se deixa surpreender e tomar por lanchas, episódio entristecedor, sem dúvida, como muitos outros desta infeliz campanha da Cisplatina.

A *Leal Paulistana* fôra comprada pelo Brasil ao Almirante Cochrane, que com ela tomou uma fragata espanhola protegida pelos fortes de Calláo, no Pacífico.

O comandante da *Leal Paulistana*, ao ser aprisionado, havia sido condecorado por atos de bravura. A 13 de junho de 1828 voltou a servir à esquadra, trocado por outro oficial argentino prisioneiro. Comandando a *2 de Julho* saiu de Montevidéu para o Rio de Janeiro, no fim da guerra, e em fevereiro de 1828 pereceu no naufrágio da escuna que comandava.

Para facilitar a vigilância, o Coronel José Elói Pessoa foi mandado para a ilha Gorriti com um corpo de artilharia da Bahia, a fim de guarnecê-la. Foi isso a 19 de novembro.

A 20, o almirante argentino Brown tentou passar entre a ilha de São Sebastião e o continente, quando estava de curso pelas costas do Brasil.

Tinha com êle a escuna *Sarandi* e a corveta *Chacabuco*.

Recebendo, porém, vivíssimo fogo dos canhões, e fuzilaria do forte de Vila Bela e pela bateria do Rabo Azêdo, perdendo mesmo alguns mortos e feridos, resolveu regressar, sendo, porém, hostilizado na volta pela bateria do Rabo Azêdo e pela de Sipituba.

O comando do forte de Vila Bela estava com o Tenente-Coronel Lopo da Cunha d'Eça e Costa, e o da bateria do Rabo Azêdo com o Capitão de milícias João Correia Alves Marzagão.

Poucos dias depois D. Pedro saía do Rio de Janeiro (24-11-1826) para o Rio Grande e em viagem a divisão naval que o conduzia avistou a corveta *Chacabuco*, que foi perseguida, mas que conseguiu escapar.

Os corsários argentinos estavam cruzando os nossos mares a fazer presas e depredações.

Quando, em viagem do Rio para a Bahia o brigue transporte *Ururau* (de seis bôcas de fogo), passava perto de Cabo Frio, foi atacado pelo brigue corsário *Oriental Argentino*, de 13 canhões. O ataque foi repellido com energia pelo Comandante Joaquim Leão de Sousa Machado.

Chega a Pôrto Alegre a 8 de dezembro, a esquadra que levava D. Pedro I a seu bordo.

A 16 de dezembro de 1826 o brigue *Rio da Prata* (12 canhões e 71 homens) fundeado a noroeste da ilha Gorriti, foi atacado entre duas e três horas da madrugada por um lanchão de 20 remos e mais oito baleeiras conduzindo 200 homens sob o comando do mesmo corsário Fournier, da ação de 21 de setembro.

As baleeiras foram repelidas pela metralha do brigue, mas o lanchão conseguiu atacar pela proa, travando-se vivo combate a arma branca, em que ficaram mortos quase todos os abordantes, prisioneiros dois, caindo em nosso poder o lanchão. A guarnição do brigue teve dois mortos no combate e 15 feridos, dos quais três morreram logo depois.

O Almirante Pinto Guedes em officio n. 133, comunica:

*"Promovi o Comandante José Lamego Costa a primeiro tenente; o guarda-marinha Diogo Inácio Tavares a segundo-tenente; o pilôto Pedro Inácio Moroni a segundo tenente em comissão; Jesuíno Lamego Costa, que andava como voluntário e sem vencimento, a segundo tenente em comissão. Todos êstes se distinguiram nobre-*

*mente, assim convo o comandante do destacamento, cabo da 2.<sup>a</sup> companhia do 2.<sup>o</sup> batalhão da imperial brigada de artilharia de marinha, Manuel José Vieira”.*

Diogo Inácio Tavares, foi quem conheceu, de noite, e em distância, que os inimigos se aproximavam, e que deu parte ao comandante que pôde tomar tôdas as necessárias providências. Diogo Tavares chegou a almirante, assim como Jesuíno Lamego Costa, mais tarde Barão de Laguna (2.<sup>o</sup> dêsse título).

A êste feliz acontecimento succedeu outro a 21 de dezembro, e de natureza semelhante.

Foi a tomada por navios da divisão Sena Pereira, da escuna de guerra argentina, *Rio*, comandada por Antônio Richitelli, perto de Conchillas.

Quiseram os argentinos vingar-se e a 28 de dezembro a esquadrilla argentina, comandada pelo Almirante Brown, atacou a nossa esquadrilla do Uruguai (3.<sup>a</sup> divisão da esquadra em operações) que se achava fundeada junto à bôca do Jaguari (Rio Negro). O comandante Sena Pereira repeliu o ataque sem dificuldade, ataque que foi repetido no dia seguinte, e que também foi repellido facilmente, mesmo estando os navios brasileiros fundeados. A esquadra de Brown retirou-se para Martin Garcia, que em má hora havíamos abandonado, e que os argentinos imediatamente ocuparam, fortificaram e guardaram compreendendo a importância e o valor do ponto ocupado.

## COMBATE DO BANCO DE SANTANA

A 18 de janeiro de 1827 a corveta *Maceió* (Comandante Frederico Mariath), que comandava também a divisão que devia auxiliar a esquadrilla do Uruguai, estava fundeada com a escuna *Dois de Dezembro* (Comandante José Narciso de Bruun) entre os bancos de Playa Honda e Santana, cinco milhas abaixo da ilha Martin Garcia,

quando às 5 horas da manhã êsses dois navios foram atacados por Brown com a *Sarandi* (navio chefe), o *Balcarce*, escunas *Unión*, *Maldonado*, *Guanaco*, *Pepa* e *Uruguai*, e mais oito canhoneiras.

Ao cabo de uma hora de combate, e apesar da inferioridade visível com que lutávamos, os navios argentinos retiraram-se em desordem e com a maior precipitação, para Martin Garcia.

As 7 horas da manhã os brigues *Caboclo* (Comandante J. Inglês), *Rio da Prata* (J. Lamego Costa), *Real* (R. Mackintosh); escunas *Providência* (A. Leocádio do Couto); *Conceição* (Tomas Thompson), *Itaparica* (Petra Bittencourt) reuniram-se à *Maceió* e à *Dois de Dezembro*.

Eranr 10 horas quando voltou a esquadilha argentina, para ser mais uma vez repelida, retirando uma hora depois com visíveis avarias.

Neste duplo combate perdenos seis homens e tivemos 10 feridos, sendo dos primeiros o guarda-marinha José Justiniano Gonçalves.

---

A 24 de janeiro a chalupa mercante *São José Americano*, que conduzia pólvora para a divisão brasileira comandada por Mariath, foi capturada perto de Martin Garcia, por ter o seu patrão ido fundear à noite, confundindo a esquadilha argentina com a brasileira, entre os navios da esquadra inimiga.

O Almirante Brown considerou o fato, no seu Memorando da Marinha Argentina, como de valor muito maior do que de fato tinha.

### COMBATE DO JUNCAL

A 8 de fevereiro a esquadra argentina investe contra a 3.<sup>a</sup> divisão brasileira chamada também flotilha do Uruguai, sob o comando do Capitão Jacinto Roque de

Sena Pereira. O fortíssimo tiroteio foi interrompido pelo vendaval, um pampeiro de rajadas vindo do Sul. Uma escuna mercante a cujo bordo estava um oficial argentino prisioneiro, foi, atingida pela impetuosidade do vento, parar entre os navios da frota de Brown, a quem o dito oficial forneceu informações detalhadas a respeito da esquadra imperial, animando-o a reencetar a peleja.

Na manhã de 9, apanhando ainda dispersa a flotilha brasileira, a esquadra argentina favorecida pelo vento, investe contra a nossa e consegue desbaratá-la, apesar dos prodígios de valor de Sena Pereira na escuna *Oriental* e dos realizados pelo Tenente Jorge Brown na *Bertioga*, os quais mereceram do próprio almirante argentino rasgados encômios.

Além da *Oriental* e da *Bertioga*, e do brigue *Dona Januária* (que tinha como comandante Antônio Pedro de Carvalho e como imediato Francisco Manuel Barroso — o futuro Barão do Amazonas), os demais vasos da 3.<sup>a</sup> divisão eram iates e saveiros transformados em canhoneiras.

Comentando esta triste derrota das forças navais brasileiras, e referindo-se ao comandante geral da esquadra a qual em parte se pode de fato atribuir êsses desastres, o Barão do Rio Branco diz: "*Rodrigo Pinto Guedes, depois Barão do Rio da Prata, que então era o comandante de tôdas as nossas forças navais em operações na guerra Cisplatina, inseriu também a 7 de março, em seu acervo de derrotas, mais a da expedição dirigida pelo Capitão Sheperd a Carmen de Patagones*".



## CAPÍTULO XV

*Combate do banco das Palmas. — Expedição à Carmen de Patagones. — Desastrosas conseqüências materiais e morais dessa tentativa. — Combate de Monte Santiago. — Ação dos corsários na costa brasileira. — O feito da Uruguai. — Corsários em Paranaguá. — Combate do Salado.*

“Tão levemente concebida fôra esta trágica expedição da Patagônia, quanto imprudentemente executada. Importou ela em tamanho desastre para o império, que não conseguiu atenuar-lhe o efeito uma ação marítima subsequente, que o Capitão Norton praticou, a 8 de abril, em frente ao monte Santiago.”

*História do Brasil — ROCHA POMBO.*

---

Os argentinos, orgulhosos com a ação de Juncal, saíram às 9 horas da manhã de 24 de fevereiro, do seu fundeadouro de Conchillas para atacar a nossa esquadra que estava em Quilmes.

As 4 1/2 horas da tarde começou o combate que se prolongou até o pôr do Sol.

A divisão da esquadra brasileira estava sob o comando do chefe João Carlos Pedro Prytz, dinamarquês a serviço do Brasil, nascido em Copenhague a 16 de agosto de 1798. Serviu êle à marinha dinamarquesa e depois à francesa, nas guerras do 1.º Império.

Ao Brasil serve seis anos (1825-1831), indo falecer em Copenhague em 1862 (18 de novembro).

Distingue-se muito neste encontro do Banco de Palmas o Capitão de Mar e Guerra João Francisco de Oliveira Botas, baiano ilustre que sobe de contramestre dos cais do arsenal de marinha da Bahia (1809) até o posto de Capitão de Mar e Guerra, no qual vem a falecer em 1833. É herói da independência, tendo comandado a flotilha de Itaparica, em cujo comando foi promovido por bravura por Lord Cochrane.

Distinguiu-se sobretudo na guerra do Sul, em cujos combates contribuiu para as vitórias brasileiras.

João Francisco de Oliveira Botas, que se tornara célebre no Recôncavo da Bahia, em 1823, confirma a bordo do *Pirajá* a reputação que tinha, de valente e denodado.

Segundo as partes oficiais argentinas, os nossos adversários tiveram sete mortos e 10 feridos.

O combate do Banco das Palmas teria sido uma vitória nossa, se durante o tiroteio não lavrasse fogo na escuna *Dois de Dezembro*, e com tal intensidade e rapidez, que da sua tripulação apenas três praças puderam ser salvas, e essas foram recolhidas pela escuna *Sarandi*.

## EXPEDIÇÃO A PATAGONES

Para completar a série de eventos desgraçados desse mês de fevereiro de 1827, a 28, naufraga a corveta *Duquesa de Goiás* na entrada da Barra do Rio Negro (República Argentina).

O Almirante Pinto Guedes havia sido informado de que aquêle porto era depósito dos objetos tomados aos navios mercantes brasileiros pelos corsários argentinos. Pensou então organizar uma expedição composta de duas corvetas (*Duquesa de Goiás* e *Itaparica*) e de duas escunas (*Escudeira* e *Constança*), confiando-a ao desastrado ca-

pitão Sheperd, que levava ordem de capturar ou incendiar os corsários que encontrasse na foz do Rio Negro.

Ao enfrentar-lhe a barra, porém, a *Duquesa de Goiás* (capitânea) bateu sôbre um banco e afundou com tal rapidez, que a muito custo pôde ser salva uma parte da tripulação.

Também a *Itaparica* encalhou, mas pôde safar dias depois.

Esta foi a expedição a Carmen de Patagones, que havia de ter o seu epílogo a 7 de março, e da maneira seguinte, conforme carta do Almirante Tamandaré que assistiu como testemunha ocular do triste acontecimento:

*“O Capitão de Fragata James Sheperd, depois de haver perdido a “Duquesa de Goiás” à entrada do Rio Negro, e de estar oito dias inativo dentro do dito rio, ignorando que nêle houvesse fôrças navais inimigas e vendo-se contrariado pelos ventos e correntezas que se opunham à viagem de nossas fôrças até à Vila del Carmen, resolveu desembarcar o maior número de praças que pudesse armar, com carabinas, para com elas marchar sôbre a dita vila e apoderar-se da fortaleza e embarcações mercantes que estivessem no pôrto.*

*“Nesse sentido deu ordens, e eu, como comandante da escuna “Constança”, tive de as cumprir, sendo esta a razão por que, às 2 horas da manhã de 7 de março de 1827, entreguei interinamente o comando daquela escuna ao conselheiro Joaquim José Inácio, então segundo tenente, com só 16 praças disponíveis e estas mesmas por não sobraarem espingardas com que se as armasse, pois tôdas as que havia, tinham sido distribuídas pela gente de desembarque.*

*“A fatal decepção por que passou o Capitão de Fragata Sheperd, quando, ao chegarmos à vila del Carmen, viu ser a nossa fôrça hostilizada por cinco embarcações inimigas, fê-lo conhecer a imprudência que havia cometido*

*em se ter aventurado à empresa de marchar sobre aquela vila sem o preciso conhecimento dos seus recursos de defesa, e mais reconhecendo a grave falta que cometera deixando desguarnecidas as escunas "Constança" e "Escudeira". Resolveu então a retirada da nossa força para tentar, com ela, defender as escunas, se a força pudesse chegar a elas antes das embarcações inimigas.*

*"Sheperd morreu aos primeiros tiros das guerrilhas inimigas, sendo logo substituído pelo Capitão-Tenente Guilherme Eyre, que efetuou a retirada o mais aceleradamente possível, mas assim mesmo improfícua, pois apenas chegamos a avistar as nossas escunas quando, por já lhes não restarem meios de defesa, eram presa dos inimigos, muito superiores em número de navios, artilharia e guarnição.*

*"Tôdas as praças que pertenceram a essa expedição sabem do valor com que o conselheiro Joaquim José Inácio secundou os esforços do Primeiro-Tenente Poutier, comandante da "Escudeira", repelindo o ataque do inimigo, e que, mesmo depois de se ter esta rendido, S. Exa. correu na escuna do seu comando rio abaixo, tentando reuni-la à corveta "Itaparica", ancorada a nove milhas de distância.*

*"As praças dêsse tempo sabem igualmente que, tendo-se aterrorizado a pouca guarnição que tinha a escuna, algumas praças pediam que as entregassem ao inimigo e que um marinheiro chegou à ousadia de arriar a bandeira, no que foi impedido por S. Exa. que sobre ele atirou uma acutilada.*

*"Havendo, porém, encalhado a escuna, e sendo abordada pelas forças inimigas, coube ao conselheiro Joaquim José Inácio, a sorte de ser prisioneiro de guerra, com a triste, mas gloriosa circunstância de, ainda depois de vencido, querer um oficial inimigo matá-lo, por haver acutilado o marinheiro que tentara arriar a bandeira' . .*

Debalde tenta a guarnição que resta na Itaparica, uma manobra qualquer que a salve de ser aprisionada, mas foi tomada logo pelos homens de Santiago Bysson.

Cortada a retirada dos homens que haviam seguido por terra (600 homens aproximadamente), Eyre decidiu entregar-se por ver inútil e sem destino qualquer resistência.

Resolvido o transporte dos prisioneiros para o Rio Salgado, 93 deles foram postos no porão do brigue *Ana*, ficando os oficiais em liberdade, à proa.

Era uma esquadilha, a que ficara formada com as presas: *Chacabuco*, *Itaparica* (presa), *Escudeira* e *Constança* (presas) e as canhoneiras corsárias do Rio Negro.

O brigue *Ana* teve a sua guarnição dominada pelos prisioneiros e voltou a servir na esquadra brasileira.

A 6 de abril o Almirante Brown saiu com a esquadra de seu comando, do ancoradouro de Buenos Aires, durante a noite. Tinha quatro navios, e o seu objetivo era iludir o bloqueio. Às 11 horas da noite a corveta *Maceió* fez o sinal: *Navio inimigo à vista*. Obedecendo às ordens dadas pelo Almirante Pinto Guedes, parte da nossa esquadra desceu o rio para impedir a saída dos adversários.

Começa então o combate naval de Monte Santiago, de 7 e 8 de abril de 1827.

## COMBATE DE MONTE SANTIAGO

Dos navios com que Brown saíra de Buenos Aires, dois, os brigues *Independência* e *República*, encalharam, e a barca *Congresso*, refugiou-se na Enseada, para fugir à nossa perseguição.

A escuna *Sarandi* tomou posição junto dos navios varados.

O Almirante Pinto Guedes, ouvindo os tiros, reuniu-se a Norton, que dirigia a perseguição. Por ordem do

almirante entraram em ação os brigues *Pirajá* (Comandante Botas), *Independência ou Morte* (Clare), *29 de Agosto* (Rafael de Carvalho), escuna *D. Paula* (Costa Pereira), *Conceição* (Wilson), *Itaparica* (Petra de Bittencourt) e o iate *29 de Agosto* (Carvalho Melo).

Ao meio-dia a corveta *Liberal* trouxe o Capitão de Mar e Guerra Norton para dirigir o fogo, mas a água, escassa, e o vento, também escasso, tornaram impossível nesse dia um combate decisivo.

Às 5 horas da tarde o almirante deu ordem para cessar fogo, e "*Vigiar de perto os movimentos do inimigo*".

Às 11 horas da manhã do dia seguinte (8 de abril), os navios da esquadra brasileira, auxiliados pela viração que se levantou, puderam renovar o combate. As escunas *Dona Paula*, *Conceição*, *Itaparica*, *Maria Teresa* (Eduardo Wandenkolk) e depois a *Rio* (Cowen), foram dar fundo em duas linhas nos lugares designados por Norton.

Entraram também em fogo, mas a distância e não ao mesmo tempo, as corvetas *Liberal* (Hayden), *Macció* (Raposo), o lugar *Príncipe Imperial* (França Ribeiro), e os brigues *Caboclo* (Inglis), *29 de Agosto* (Rafael de Carvalho) e *Rio da Prata* (Lamego Costa). Nunca, entretanto, mais de oito navios brasileiros puderam estar em fogo, porque era sempre preciso ter navios destacados para Oeste vigiando a *Congresso* na Enseada.

Às 11 1/2 foi morto o comandante Rafael de Carvalho.

Ao meio-dia retirou-se a *Liberal* porque fazia muita água, e tinha suas munições esgotadas.

Às 2, o *Rio da Prata*, estando na mesma situação do anterior, abandonou o combate a chamado do almirante, e foi fundear a grande distância.

Com a enchente da maré, a fragata *Paula* (Parker) seguiu rebocada para o lugar da ação, mas, assim que chegou à distância de tiro, encalhou, só podendo funcio-

nar com as peças de proa. Isso foi às 2 horas. Às 4 o *Independência* (argentino), muito desmantelado, esgotado de munições, arriou a bandeira. Foi abordado pelos esca-leres e pelas lanchas dos nossos navios.

A noitinha Brown faz incendiar o *República*, e duran-te a noite conseguiu fazer a sua retirada para Buenos Aires, na *Sarandi*. A *Congresso* conseguiu fugir da En-senada.

O *Independência* não sendo possível de desencalhar foi destruído (ordem do almirante), no dia 9 de abril. O *Independência* montava 24 peças e o *República*, 18.

---

Assim descreve o comandante Lucas Boiteux o com-bate naval de Monte Santiago:

*“Desiludido o govêrno de Rivadavia de quebrar nos-sa firmeza, procurou, então, nova diretiva para forçar-nos à almejada composição.*

*“Florescente era o nosso comércio marítimo e de ca-pital importância se nos apresentavam as linhas de comu-nicações navais, em vista da lamentável escassês e defi-ciência de linhas e vias terrestres. “A guerra é uma ques-tão de comunicações.*

*“Nessas condições, a 26 de março de 1827, em nota reservada, o Almirante Brown recebia ordem e instruções para com quatro navios assolar as costas brasileiras e de-predar a nossa navegação mercantil.*

*“Os argentinos apegavam-se, destarte, ao sistema de guerra de expediente, atirando-se como à tábua salvadora, qual moribundo ao balão de oxigênio, aos riscos e aven-turas do curso. Entretanto, grave êrro cometiam êles no ataque ao nosso comércio, quando ainda se mostravam im-potentes para dominar as nossas fôrças navais.*

*"Tal processo, que aguçava sobremodo a ambição e estimulava as propensões já manifestadas pelo almirante anglo-argentino e seus comandados, só servia para alongar um pouco mais a resistência que, fatalmente, havia de esgotar-se diante da pertinácia brasileira.*

*"Após os indispensáveis preparativos e outras medidas que julgou acertado tomar, a fim de conseguir burlar a vigilância da nossa divisão bloqueadora, dando cumprimento às ordens recebidas embarcou-se a 5 de abril o chefe inimigo a preclibar grandes lucros.*

*"Durante a noite de 6 fez-se de vela dos Pozos e rumou ao SSE com os seguintes navios: brigue "República" (capitânea), de 16 canhões, comandante Gránville; Independência" de 22 peças, comandante Brumond; barca "Congresso" de 18 peças, comandante Cõe, e escuna "Sarandi". A nossa divisão bloqueadora (2.<sup>a</sup>), sob a chefia do bravo James Norton, compunha-se destas unidades: corveta "Liberal (capitânea), de 22 canhões, Comandante Hayden; "Maceió", de 20 peças, Comandante Raposo; lugre "Príncipe Imperial", de 16 peças, Comandante Ribeiro; brigue "Caboclo", de 18 peças, Comandante Inglis; "29 de Agosto", de 18 canhões, Comandante Carvalho; e brigue "Rio da Prata", de 10 canhões, Comandante Lamego Costa; e achava-se fundeada a oito milhas a ESE do canal exterior.*

*"Apesar do tempo nublado, pelas 11 horas da noite, a Maceió percebeu movimentos suspeitos do inimigo e deu logo alarma.*

*"Ao sinal do chefe, suspenderam os nossos e começaram a manobrar para manter o contato e cortar a retirada dos vasos argentinos.*

*"Pelas 2 horas da madrugada, graças ao vento fresco de nordeste, alcançaram os lenhos nacionais posição dominante, compelindo o inimigo a aceitar combate ou a atirar-se à esparcelada costa.*



"Brown, na esperança de uma escapada, fez força de vela, esquivando-se ao nosso fogo, que lhe castigava tenazmente a cauda, e procurou, mercê do pouco calado de seus barcos e à perícia dos práticos, já que se lhe tornava impossível o regresso a Buenos Aires, ganhar o canal que o levasse a salvamento ao ancoradouro de "Ensenada". A maré, no entanto, estava de vazante e o mar assaz picado.

"As nossas embarcações mais veleiras e de menos calado não davam treguas ao antagonista, batendo-o com certo fogo. Assim fustigados, arribaram os argentinos para ESE e em louca e desordenada corrida foram encastrar, cinco milhas a Leste, no cairel do banco de Santiago, entre as pontas do Confisco e do Palo-blanco, os brigues "Independência" e "República".

O "Congresso", calma e prudentemente dirigido, embora bem maltratado pelo fogo da "Maceió", encontra salvador refúgio no ancoradouro de Ensenada, enquanto a pequena e brava "Sarandí", fundeia devotadamente ao flanco dos companheiros encalhados para prestar-lhes ajuda e compartilhar de sua glórias e sacrificios.

"Lutam em vão os inimigos por livrar-se de tão crítica situação, alijando dos navios os objetos dispensáveis e os materiais inúteis.

"Os nossos, impossibilitados de se aproximarem devido ao calado, conservaram-se de alcatêia, trocando de espaço tiros por elevação, enquanto os chefes Pinto Guedes e Norton providenciavam para aniquilar a força naval adversa.

"Foi, então, chamada a 3.<sup>a</sup> divisão, estacionada na Colônia, constituída de pequenas escunas, como mais adequada às operações em vista.

"Entre preparativos e curtos e intermitentes canhoenios passou-se o dia 7. Ao amanhecer do seguinte começaram os movimentos; e de acôrdo com as instruções re-

cebidas, velejaram em demanda do inimigo os seguintes navios: escuna "D. Paula", de 4 peças, Comandante Costa Pereira; "Conceição", de 4 peças, Comandante J. Wilson; "Itaparica", de 2 canhões, Comandante Bitencourt; "Maria Teresã", de 12 canhões, Comandante E. Wandenkolk; e "Rios", de 1 rodízio, Comandante Cowen.

"Formadas em duas colunas flanquearam, a tiro de pistola, os três vasos argentinos. Mais distanciada, devido ao forte calado e aos bancos, a linha irregular dos navios da 2.<sup>a</sup> divisão; e, ao largo, fora do fogo, meros espectadores da gloriosa e sanhuda justa, as possantes unidades da 1.<sup>a</sup> divisão, onde se desfaldava o pavilhão do Almirante Pinto Guedes.

Às 11 horas da manhã o chefe Norton, arvorando sua insígnia na escuna "D. Paula", iniciou o combate. Abrem fogo os brasileiros com tôda a energia e entusiasmo, correspondido pelo inimigo com bravura e resolução.

"Manobram os nossos brigues, procurando insinuar-se nos tredos canais e secundar os esforços das suas fracas companheiras. O "29 de Agosto" entra em ação com grande arrôjo; mas, dentro em pouco, lamenta a perda de seu galhardo comandante; o "Rio da Prata" ajuda-o com calor, porém, após algum tempo de fogo, bate no banco, abre água e vê-se constrangido a retirar. Não se descreve o encarniçamento da refrega; os vasos argentinos sustentam com denôdo a honra de sua bandeira. O mar já não é tão agitado e a brisa vai abonançando.

"Completamente desarvorados apresentavam-se os leões adversos e lutavam ainda com ardor.

"Norton, audaz, insofrido, determina então a abordagem. Arriam-se rapidamente os escaleres e, pejados de bravos e resolutos marujos, vogaram em demanda do inimigo sob uma cerrada cortina de fogo. Cada qual mais se afadiga por ser o primeiro a galgar as lampejantes amu-

radas e pisar o sangrento convés do destemido antagonista. O "República" recebe a onda assaltante com decisão, mas os seus marujos não resistem por longo tempo a arremetida dos brasileiros; e, rijamente acutilados, tombam, escabujam em sangue uns, rendem-se outros ou atiram-se às águas e às embarcações, procurando a salvação a bordo da "Sarandí".

"A bandeira do vaso inimigo se abate, murcha, às nossas armas. Chega a vez do "Independência", já completamente desmantelado pela metralha.

"A resistência a seu bordo não é tão acalorada, pois seus defensores, atropelados, desorientados, o abandonam ao primeiro golpe de abordagem.

"A "Sarandí", onde balouça a insínia de Brown, coberta de avarias, meio esborcinada, cheia de estropeados e fugitivos, com o almirante mal-ferido, consegue, mercê seu fraco calado, arrastando-se sobre os bancos, escapar-se à fúria destruidora e à perseguição dos nossos, entretidos em incendiar os brigues aprezados.

"A vitória foi sangrenta, gloriosa, e terrivelmente funesta aos argentinos. Além de perda total dos dois brigues, da ruína flutuante a que ficou reduzida a escuna, perderam 23 mortos, 52 feridos e 69 prisioneiros. As nossas baixas foram de oito mortos e 22 feridos, além das naturais avarias no material.

"Os argentinos, quando relembram êsse tremendo desbarato, referem-se, para atenuá-lo, à nossa superioridade numérica. Na verdade foram espectadores da encarniçada pugna as 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> divisões da esquadra nacional, mas entraram em fogo, apenas, oito pequenos vasos da 3.<sup>a</sup> divisão.

"Esquecem-se, naturalmente dos ensinamentos táticos que mandam concentrar com rapidez e vigor para alcançar o almejado triunfo. Nesse pressuposto não será demais

pô-lhes a par da reflexão do avisado General Chanzy: "Não é bastante ser tão forte quanto o inimigo para vencê-lo; é preciso ser superior a êle".. O fato é que "o revês de Santiago — segundo a confissão de um historiador argentino — assumiu as proporções de uma catástrofe nacional, e foi o último combate de linha..."

"Destarte, dávamos em Santiago o tiro de honra na pretensão argentina de nos arrebatat o predomínio dos mares sul-americanos, hegemonia que até 1895 conseguimos manter, mas que, assaz e erradamente preocupados com a estreita, pessoal, deletéria política interna, deixamos criminosamente que nos fôsse arrebatada com grave prejuízo da segurança e dignidade da Pátria.

---

"Se passarmos agora a analisar, embora em ligeiros traços, o combate acima descrito, a fim de fazermos ressaltar os princípios táticos nêle aplicados pelos contendores e deduzir lição proveitosa ao nosso estudo, notamos logo que o chefe brasileiro Norton com superior critério, soube bem praticar os ensinamentos adquiridos na escola de Nelson e de Cochrane.

"James Norton era, reconhecidamente, um habilíssimo e valente oficial e perito homem do mar. Caráter justo e honrado, cavalheiresco, belo coração, querido da maruja, acatado pela oficialidade, embora demonstrasse por vêzes gênio um tanto assomado. "Era mais idôneo — diz o barão de Melgaço, que foi seu assistente — para comandar um navio do que uma esquadra ou divisão".

"Entretanto, durante tôda a campanha sempre esteve à testa de unia fração das nossas forças navais com as melhores referências dos chefes e sempre vitoriosa nos encontros com o inimigo.

*“Além das qualidades acima apontadas, apresentava ele virtudes de valor bem acentuado, características dos grandes capitães do mar.*

*“Suas tenacidade e perseverança, aliadas a uma atividade infatigável, eram surpreendentes. Graças a essa sua divisão — qual a de Hawke a afrontar os temporais de inverno do golfo da Biscaia — manteve um bloqueio cerrado, não deixando uma só vez de anular as tentativas do inimigo para forçá-lo, apesar de todos os contratemplos, em um estuário naufragoso como é o do Prata.*

*“Faz-lhe devida justiça o historiador argentino Carranza, quando declara: — “Norton manteve no bloqueio tal vigilância, que não puderam quebrantá-lo nem os mais rijos temporais do segundo quadrante (suestadas), tão temíveis nestas latitudes durante a estação de pleno inverno em que se encontrava, e, além disso, muito perto do equinócio, não menos perigoso em ancoradouros sem abrigo como o nosso”. Tínhamos nessa guerra um semelhante honroso da campanha inglesa de 1799 a 1816. O arrojado chefe brasileiro bem sabia que “fazer a guerra é estar vigilante, é mover-se, é atacar”. A descoberta do inimigo, a rapidez e constância em segui-lo, a decisão de não lhe perder a pista de manter sempre o contato, de cortar-lhe a retirada durante a noite, demonstram sobeja e claramente que nos movimentos táticos que deram em resultado a vitória de Santiago, não foram esquecidos a compreensão do dever e a missão a cumprir na divisão nacional; que a influência de Norton, chefe ainda moço e vigoroso (tinha 48 anos), cheio de ardor e perspicácia, de iniciativa, de espírito combativo, de vontade, era real e verdadeiramente benéfica, de resultados positivos.*

*“A vigilância, a preocupação de ganhar barlavento e alcançar assim posição dominante sobre o adversário, a hábil manobra de cercá-lo, de constrangê-lo a aceitar o combate ou ser atirado, como foi, contra uma costa es-*

parcelada, embora amiga, as disposições tomadas para que o antagonista não se escapasse durante a noite, à concentração das fôrças e dos fogos, a abordagem na ocasião oportuna, de sobra indicam que o galhardo chefe nacional, apesar de ter um contendor hábil, tenaz, conhecedor da arena em que lutava e da sua profissão, sabia aplicar com justeza e maestria os ensinamentos táticos e técnicos a alcançar a vitória decisiva.

“Muito embora lutando com elementos inadequados às condições hidrográficas do tabuleiro em que jogava sangrenta partida, contra um rival astuto, disposto e bravo, soube Norton, com aneistrado golpe de vista, com discernimento de verdadeiro chefe, aliado a grande decisão e firmeza, tirar o máximo proveito de suas fôrças sem, contudo, sacrificá-las em pura perda; e, da situação embaraçosa em que atirara o inimigo arrancar um assinalado e decisivo triunfo, que desvaneceu completamente tôdas as prêensões argentinas e compeliu o govêrno inimigo a enviar emissários com pedidos de paz”.

---

A 28 de abril a fragata *Imperatriz*, fundeada perto de Montevidéu, é atacada pelo Almirante Brown que tinha às suas ordens sete navios com 116 bôcas de fogo.

Começou o ataque a uma hora da madrugada de 27 para 28 de abril e durou, muito pouco.

Os argentinos se retiraram diante da enérgica defesa que encontraram, e por verem que os outros navios da nossa esquadra já se estavam pondo em movimento.

Foi morto no comêço da ação o comandante da fragata *Imperatriz*, Luís Barroso Pereira, sendo substituído por seu imediato, Rabelo da Gama, cujo valor já era conhecido desde os combates da Guiana Francesa.

## AÇÃO DOS CORSÁRIOS NA NOSSA COSTA

Quase um mês depois, a 19 de maio, um dos corsários argentinos que andavam assolando as nossas costas fundeou diante da Ilha Grande e mandou à terra três lanchas com marinheiros armados para saquear a fazenda Dois Rios.

Esse corsário era o *Vencedor de Ituzaingó*.

O proprietário da fazenda armou os seus escravos e repeliu o ataque tomando uma das lanchas e fazendo 14 prisioneiros. Dos defensores da terra morreu apenas um dos escravos.

O mesmo corsário seguiu viagem para o Norte e perto da barra de Vitória tentou submeter o brigue transporte *Ururau*, comandado pelo piloto José de Souza Pico, mas êste se defendeu bem e repeliu a tentativa com vantagem.

Os corsários argentinos não estavam muito felizes nas suas depredações. A 10 de junho a fragata *Isabel*, do Comandante Beaurepaire, captura, na costa do Salado, o corsário *Hijo de Julio*, do Comandante Bibois.

Outro corsário, o *Presidente*, desembarca na Ponta dos Castelhanos, da Ilha Grandê, a 23 de junho, e é repellido e destruído pelos milicianos de Bento José Gomes.

O brigue corsário *General Brandzen* (oito peças) do Comandante Kay, na altura de Castilhos, após prolongado combate com a escuna brasileira *Isabel*, de um só rodizio, e comandada pelo Tenente Vigodet, consegue capturá-la. Foi isso a 26 de junho.

Na Ilha de São Sebastião a 8 de julho, desce um destacamento argentino, de um corsário. O Tenente de artilharia Antônio de Almeida derrota e repele os atacantes que reembarcam em desordem, deixando 10 mortos no campo. Para vingar o revés o comandante do corsário

pôs fogo à casa de uma fazenda, em outro ponto da ilha de São Sebastião, que era visada pela segunda vez.

A todos êstes desastres os argentinos tiveram que acrescentar mais um ainda em julho, e quase em frente à sua capital, na região da Colônia do Sacramento. O Coronel Vasco Antunes Maciel, fazendo uma sortida por terra, apoderou-se de um corsário no arrôio do Rosário e retomou duas prêsas.

A 20 de agôsto a canhoneira brasileira *Greenfell*, comandada pelo Tenente Francisco Xavier de Brum, que ia reunir-se à esquadra do Rio da Prata, tendo sido ela construída no arsenal-estaleiro de Santos, encontrou na altura do Cabo Santa Maria com a escuna-corsário *Estrella del Sud*, do Comandante argentino Andréa. Após curto combate o corsário rendeu-se.

O corsário *Profeta Bandarra*, do Comandante Fournier, conhecido aventureiro, perseguido pela nossa canhoneira *Leal Paulistana*, comandada pelo Tenente Antônio Carlos Ferreira, lançou-se sôbre a costa de Maldonado e naufragou.

Foi isto a 9 de setembro. Maldonado tinha sido evacuada desde 28 de agôsto, pelas tropas brasileiras, e isso porque na guerra frouxa que iamos mantendo, o Almirante Pinto Guedes aconselhou o abandono da posição por não poder distrair navios (declarou) para proteger o reduto que ali mantínhamos. A guarnição do corsário *Profeta Bandarra* teria sido fatalmente aprisionada se a retirada não tivesse tido lugar antes de meados de setembro; mas alcançando a praia a nado, encontrou-se protegida pelos uruguaios.

A 10 de setembro o corsário *Rápido*, comandado por José Maria Pinedo, foi apresado pela fragata *Paula* em que ia o chefe de divisão Diogo Jorge de Brito.

A 11, na altura de Pernambuco, tivemos uma derrota.



O brigue *Cacique*, comandado pelo Capitão de Fragata George Manson, foi ao encontro do brigue corsário *General Brandzen*, comandado por D. Kay, com o intuito de apresá-lo. Mas os marinheiros estrangeiros, mal dispostos para a luta, levantaram-se tornando a ação de ataque impossível, e a própria defesa não pôde ser eficiente, quando os marinheiros do corsário jogaram-se à abordagem. O *Cacique* foi aprisionado.

A 13, na altura de Alcatrazes, o brigue *Pampeiro*, de 16 bôcas de fogo, comandado pelo Capitão Pedro Ferreira de Oliveira, encontra o corsário *Triunfo Argentino*, armado em Buenos Aires, de 10. canhões (Comandante Villiar). Depois de vivo combate, o argentino sentiu a sua inferioridade e fugiu a remos, favorecido pela cerração.

A 23, o brigue de guerra argentino *Patagones* (seis bôcas de fogo — Comandante George Lewis Love) atacou e conseguiu submeter na altura de Maraú (Bahia) o transporte *Pojuca*, de dois canhões, comandado pelo Pilôto José Lourenço da Silva.

Mas o brigue *Imperial Pedro*, comandado pelo Tenente Joaquim Leal Ferreira conseguiu alcançar, no mesmo dia, a êsses dois navios, e, batendo-se contra ambos, rendeu o *Patagones*, cujo comandante morreu no combate. O *Pojuca*, porém, conseguiu fugir e foi armado em guerra pelos argentinos com o nome de *Honor*.

A 2 de outubro escaleres brasileiros capturam debaixo do fogo da bateria da Ensenada, o brigue americano *Brutus* que, forçando o bloqueio, e perseguido pelas escunas *Bela Maria* (Parker), *Conceição* (Wilson), *Paula* (Read) e *Rio* (Gonçalves Camacho) e mais pela canhoneira *Primeiro de Dezembro* (Joaquim Eugênio Avelino) aí foi encallar. Os navios brasileiros sustentam o fogo contra a bateria argentina, mas como não conseguem fazer safar o brigue, põe-se fogo a 3.

Na altura de Cabo Frio naufraga a fragata brasileira *Paula*, quando ia para o Sul, incorporar-se à esquadra bloqueadora.

A 18 de outubro outro navio tenta forçar o bloqueio, mas é capturado pelas escunas *Bela Maria*, *Paula* e *Rio*. Isso foi realizado à entrada do ancoradouro de Pozos, em Buenos Aires. Tratava-se do brigue sardo *Asunta*.

As escunas brasileiras e mais o brigue *Maranhão* sustentam, das 10 às 12 horas, um pequeno combate de artilharia contra as escunas argentinas *Sarandi* (Brown), *Juncal* e *Presidente*, que tentaram salvar o brigue apreendido.

Três dias depois desse feito, Pinto Guedés, ainda não escarmentado com o que acontecera na expedição a Carmen de Patagones, envia em perseguição ao corsário *Gaviota* (antes *Condessa da Ponte*), visando destruí-lo ou capturá-lo, a corveta *Maceió* (Comandante Eyre) e os brigues *Independência ou Morte* (Comandante Clare) e *Caboclo* (Comandante James Inglins). O resultado dessa expedição foi quase tão ruinoso quanto o da anterior ao Rio Negro. A *Maceió* e o *Independência ou Morte* naufragaram à entrada da baía de São Braz.

O único que escapou foi o brigue *Caboclo*, que salvou 19 homens da guarnição do *Independência ou Morte* (inclusive o comandante) e 22 da *Maceió*. Morreram afogados 40 homens; salvaram-se, chegando à praia, uns 20, e o brigue corsário *Gaviota* recolheu em seu bordo 63 homens que, com os outros chegados à terra, ficaram prisioneiros.

As expedições à Patagônia, assim, deram quase 1.000 prisioneiros da Marinha brasileira aos argentinos, sendo três comandantes e dezenas de oficiais.

Alguns dias mais tarde, a 26 de outubro, o *Ururau* (brigue transporte de duas peças), comandado pelo Pi-

loto Manuel João, navegando para Montevidéu levando de conserva a galera *Santista*, foi atacado na altura do cabo de Santa Maria, às 4 horas da tarde pelo corsário escuna *Presidente*, de oito peças e 70 anglo-saxões de guarnição comandados por Thomas Allen.

O combate durou 1 hora e 40 minutos à distância de tiro de pistola.

O *Ururau*, afinal, tomado de abordagem, tendo 24 mortos, inclusive o comandante Manuel João e o imediato. O corsário teve oito mortos e o seu comandante ficou ferido.

Na parte de combate dada pelo Comandante Thomas Allen, dizia êle do intrépido Piloto Manuel João: "*The captain, a Brazilian, killed by the boarders, was a very brave man*".

Tomado o brigue, também a galera foi capturada, seguindo o *Presidente* com as suas prêsas para o Salado.

## CORSÁRIOS EM PARANAGUÁ DURANTE A GUERRA CISPLATINA

Paranaguá não pôde fugir às contingências da campanha movida pelos corsários argentinos, alguns dos quais se haviam de transformar em piratas depois de terminada a guerra, a fim de não largarem a proveitosa e aventureira vida.

A 10 de dezembro de 1825, portanto bem no início da campanha naval da Guerra Cisplatina, um corsário de Buenos Aires apresou duas sumacas paranaguenses. Foram elas a *Aurora* e a *Menália*.

Vieira dos Santos registrando o fato, faz referência a um "corsário de Lavalleja" porque a Guerra Cisplatina começara pelo levante daquele general, e por seu desembarque com os 33 na *Agraciada*.

Os donos das sumacas *Aurora* e *Mendília* eram ambos parnanguaras desejosos de intensificar o transporte de herva mate daqui para o Sul conflagrado, onde obtinham preços elevadíssimos.

Na sumaca *Aurora*, uma das aprisionadas, a guarnição brasileira era boa e entre os seus elementos estavam escravos do Capitão-Mor Manuel Antônio Pereira, dedicadíssimos ao seu senhor.

Depois de um dia de marcha, em alto mar, os escravos se aproveitaram da possibilidade de uma surpresa, e deram um golpe feliz, matando a machado o homem do leme, jogando ao mar o oficial de vigia, e fechando no porão os marinheiros armados que deviam guardá-los.

Aproveitaram da noite escura para mudar de rumo e não foi a sua fuga percebida. A 19 de dezembro a *Aurora* entrava de volta em Paranaguá, sendo recebidos os elementos da sua guarnição com muitas festas.

Os prisioneiros foram encarcerados.

D. Pedro teve notícia da ocorrência e mandou que os escravos fôsem alforriados por sua conta, e que se desse de prêmio uma certa importância em ouro, aos homens livres.

Três anos mais tarde, estando pronto o brigue de guerra *Santa Cruz*, construído nos estaleiros de Paranaguá pelo ilustre paranaguense Manuel Francisco Correia, o velho, e por êste, também, guarnecido de marinheiros escolhidos, houve ordem de seguir o navio para o Rio Grande, onde devia ser armado para a guerra.

O brigue corsário *Sarandi*, porém, na altura de Santa Catarina consegue apresar o *Santa Cruz*, ainda desarmado, aprisionando os 11 oficiais que ela conduzia e que tentaram inútilmente resistir.

Êsse infeliz sucesso teve lugar a 30 de julho de 1828.

Pouco depois, Manuel Francisco Correia, o velho, recebia do govêrno imperial a comenda do Cruzeiro, como recompensa pelos serviços prestados como armador, serviços desgraçadamente inúteis, como acabamos de ver.

## COMBATE DO SALADO

O Almirante Pinto Guedes teve notícia da tomada do *Ururau* e decidindo desafrontar a nossa Marinha dêsse ultrage encarregou o Comandante Prytz de retomar ou destruir as prêsas conduzidas pelo *Presidente*.

Levava Prytz a fragata *Imperatriz* de que era comandante, brigues *Caboclo* (Inglis) e *Pirajá* (João Batista de Sousa), escunas *Bela Maria*, *Greenfell*, *Paula* e a *Vitória da Colônia* (C. L. Desuza).

Êsses quatro últimos navios abriram fogo às 2 horas da tarde de 16 de novembro de 1827, contra a galera, o *Ururau* e uma sumaca armada, que haviam encalhado a tiro de metralha da bateria do Salado.

Estas três embarcações, protegidas pela bateria de costa, sustentaram o combate.

Às 5 horas da tarde uma lancha (Diogo Inácio Tavares) e dois escaleres, comandados pelos tenentes Joaquim José de Aguiar e Luís Brown, foram abordar a galera. Os argentinos puseram fogo à sumaca.

Ao amanhecer de 17, escunas e canhoneiras brasileiras ancoraram a tiro de metralha do brigue *Ururau*. Êste, e mais a bateria, responderam ao fogo. Às 9 horas da manhã o inimigo incendiou o brigue por ver que seria abordado. Os mesmos navios foram atacar o corsário *Presidente*, também encalhado perto da bateria. Não podendo fazer dano, porém, àquele, em vista da posição ocupada, o chefe Prytz suspendeu o combate às 10,30 horas da manhã.



## CAPÍTULO XVI

*Continuam as incursões dos corsários argentinos. — Troféus. — A luta na lagoa Mirim. — O Niger ataca um comboio brasileiro e é repellido. — Combate de Barracas. — Encontros de aventura. — A intervenção da esquadra francesa de Roussin. — A ação de Punta Chaparra.*

“No mar eram mais eficazes os esforços dos argentinos. Armando corsários que não deixavam tranquilos os nossos portos e costas, faziam grandes males ao nosso comércio.”

*História do Brasil — ROCHA POMBO.*

---

Na costa brasileira continuavam as incursões de corsários argentinos. Na enseada das Palmas (Ilha Grande) o Tenente de milícias José Fernandes da Silva repele e destroça um destacamento desembarcado do brigue *Congresso*, comandado pelo aventureiro Fournier.

A 21 de novembro o corsário *Oriental*, argentino, do Comandante Bibois encalha no banco São Tomé, costa do Estado do Rio. Este corsário tinha como elementos da sua guarnição muitos dos prisioneiros da desgraçada expedição de Carmen de Patagones. Estes se revoltaram e, conseguindo ficar senhores do navio, voltaram a servir na marinha brasileira.

No dia 7 de dezembro James Norton, que vinha desde a véspera perseguindo o brigue de guerra *Congresso* e o *Harmonia dos Anjos*, aquele comandado por Fournier, vê-os encalhar perto da ponta de Lara. De madrugada Norton os atacou com a escuna canhoneira *Greenfell* (Comandante Isidoro Néri), as escunas *Paula*, *Bela Maria* e canhoneiras *Vitória da Colônia*, 1.º de Dezembro (Bernardo J. de Almeida) e *Esperada* (José Ferreira Guimarães).

Pelas 11 horas as guarnições argentinas, fugiam para terra em escaleres e a nado, seguindo o exemplo de Fournier, que abandonou a bordo o cirurgião com 35 feridos, dos quais 24, mortalmente.

Brown deu da ação de Fournier a seguinte parte:

*“Después de una pobre defensa, fueron abandonados los heridos, mas atento Fournier a salvar sus cofres que a pelear”.*

Os nossos escaleres, recolhendo os feridos e prisioneiros, trouxeram também as bandeiras dos dois navios e a insígnia de comando que era um guião formado com as côres argentinas, tendo na faixa central branca o nome do comandante. Os dois navios ficaram muito arruinados e não sendo possível pô-los a flutuar, foram incendiados.

A 8 de dezembro Brown desejou lavar a mancha deixada por Fournier com a sua ação na ponta de Lara. Saiu de Buenos Aires com alguns navios, desejoso de atingir a Ensenada.

Na altura de Quilmes, porém, a 2.ª divisão brasileira sob o comando de Oliveira Botas, obriga-o a retroceder.

A 30 de dezembro o corsário argentino *General Mancilla* (6 canhões — Comandante Handerson), perseguido por navios brasileiros, encalha na costa da Madalena (Buenos Aires) e é incendiado pela escuna brasileira, *Rio*.



Entrou o ano de 1828 com a perseguição do *Federal Argentino* por parte de alguns navios da nossa esquadra até junto da Ensenada.

O *Federal Argentino* bateu num casco e, vendo que acabaria subjugado pelos nossos, o Comandante Fisher pôs-lhe fogo.

A 4 de janeiro o Almirante Brown, saindo de Buenos Aires com 11 escunas e canhoneiras, captura pela manhã a nossa baleeira *Corsário-Mosquito*, comandada por Antônio Joaquim da Silva.

A bandeira do *Mosquito* foi recolhida pelo Almirante Brown com grande aparato, sendo levada a Buenos Aires como valioso troféu.

Pouco depois, com a divisão brasileira sob o comando de Oliveira Botas, travou-se um combate durante o qual a esquadilha argentina perdeu duas presas, voltando a Buenos Aires pelo banco das Palmas.

---

Alguns lanchões corsários argentinos no mesmo dia, sob a direção de Gerônimo Soriano (Chentopé), tomaram na Lagoa Mirim o iate canhoneira *19 de Outubro*; sua guarnição, composta de 24 homens, resistiu por algum tempo e teve cinco mortos e vários feridos.

A canhoneira *Catalã*, comandada por Sousa Junqueira, repele um ataque da *19 de Outubro* no dia seguinte (4 de janeiro), mas como esta canhoneira argentina estava acompanhada de vários lanchões, conseguiu apresar dois iates mercantes que a *Catalã* protegia.

---

A 15 de janeiro os brigues *Caboclo*, *Maranhão* e *Constança* perseguem desde o banco dos pescadores até a ponta Santiago, uma esquadilha argentina comandada

pelo Almirante Brown, composta das escunas *Maldonado*, *9 de Fevereiro* e do brigue-escuna *8 de Fevereiro*.

Travou-se um combate sempre a vela em que este último navio perdeu o mastareu de velacho.

Chegados à ponta Santiago em pouca água, os navios argentinos meteram em cheio e com vento em pôpa, protegidos pela noite, voltando a Buenos Aires. Nesta ação tivemos dois mortos e alguns feridos, entre os quais o comandante do brigue *Maranhão*, Anderson.

No mesmo dia a corveta *Maria Isabel* (Comandante José Inácio Maia), de 150 homens de guarnição, ia comboiando do Rio para Santos doze pequenos navios mercantes, quando o *Niger*, brigue corsário argentino, comandado por John Holsted Coe, pelas nove horas da noite, investiu de proa, a pôpa da corveta e tendo metido gurupês por entre a enxárcia do mastro de mezena ficou preso.

A abordagem comandada por Coe foi enérgicamente repelida.

O corsário conseguiu, porém, desprender-se e fugiu, sendo perseguido pela corveta. Como a noite estava muito escura, o *Niger* conseguiu confundir-se com os navios do comboio.

A bordo de *Maria Isabel* houve dois mortos e nove feridos.

O *Niger* perdeu onze homens e teve vinte feridos, entre os quais o Capitão Bartlett e os Tenentes Goodrich e Brown.

Dois dias depois o *Niger* apresou uma escuna mercante, já fora da proteção da corveta, a *Triunfante*.

À 20 de janeiro, na lagoa Mirim, o *Catalã* é atacado por vários corsários argentinos. Depois de enérgica resistência o comandante do *Catalã*, Tenente Junqueira, queima seu navio e desembarca com a tripulação.

A 1.º de fevereiro, aproveitando uma enchente provocada por chuvas copiosas em coincidência com maré de lua, uma divisão da esquadra brasileira zarpa do seu ancoradouro para acometer a esquadra argentina que foge com precipitação para colocar-se sobre os bancos da margem, ficando assim fora do alcance dos nossos canhões.

### COMBATE DE BARRACAS

Deu-se a 17 de fevereiro.

O brigue americano *Sicily* tentou forçar o bloqueio e foi perseguido pelos navios brasileiros. Fugindo para a cidade, encalhou junto da praia de Barracas, entre La Boca e a ponta de Quilmes. A tripulação estava sendo conduzida para bordo dos nossos navios quando chegou uma esquadilha argentina comandada por um grego, o Capitão Nicolas George, e composta das escunas *18 de Janeiro*, *29 de Dezembro*, *Uruguai*, *Guanaco*, *11 de Junho* e *30 de Julho* e de mais seis canhoneiras.

Um praticante de piloto e um escrivão que tinham sido deixados no *Sicily*, caíram prisioneiros.

O Comandante Norton a bordo do *Caboclo* rompeu fogo às 9 horas da manhã com êste brigue, o *29 de Agosto*, comandado pelo Tenente José Lamego da Costa, o brigue escuna *9 de Janeiro*, as escunas *Paula*, *Providência*, a bombardeira *14 de Outubro* (Comandante Leverger) e as canhoneiras *Greenfell* e *1.º de Dezembro*.

O brigue *29 de Agosto* encalhou justamente no momento mais intenso da ação e foi atacado por vários navios inimigos.

A *Greenfell* (que tinha como imediato o Tenente Joaquim José Inácio) tomou posição à pôpa do *29 de Agosto* e obrigou os contrários a afastar-se.

Não havendo água bastante para o livre movimento dos brigues, Norton levou sua insígnia para a escuna *Paula* e continuou o combate com os navios menores.

A 1 1/2 da tarde a escuna argentina *29 de Dezembro* recebeu um rombo ao lume d'água e pôs-se fora de combate, passando por cima do banco de "la Ciudad".

A água diminuiu tanto, que a pequena escuna argentina *Guanaco* e a canhoneira n. 11 encalharam.

Norton suspendeu o fogo à tarde e foi dar fundo a pequena distância, na altura de Quilmes para esperar outra maré.

As 9 1/2 da noite os argentinos incendiaram o brigue *Sicily* e retiraram-se para os Pozos, deixando abandonada a canhoneira n. 11 que na manhã de 18 foi tomada pelas lanchas brasileiras, apesar do fogo de fuzilaria dirigido da praia de Barracas.

Como não foi possível fazê-la safar, a canhoneira foi incendiada, levando-se para bordo do navio chefe uma peça de alcance (que está no Museu Histórico do Rio de Janeiro) armas portáteis, a bandeira e a flâmula.

Tivemos no combate dois mortos e dez feridos, entre os quais Norton. Os argentinos tiveram maior perda, e entre os feridos estava o comandante de uma canhoneira e dois capitães da infantaria de marinha.

Continuaram pelo ano de 1828, os corsários argentinos a fazer as suas incursões em nossa costa. A 29 de fevereiro o brigue *Bonfim* (Comandante Venâncio da Fonseca), vindo do Pará para o Rio, conduzindo recrutas e praças de 1.<sup>a</sup> linha teve que enfrentar desde às 7 horas da manhã até meio-dia, uma escuna corsária de Buenos Aires. Esgotada a munição e arruinada de um costado, o *Bonfim* rende-se e é saqueado, tendo sido lançada ao mar a artilharia. Para não ser incendiado, teve que encalhar o navio na praia, salvando a guarnição.

A 23 de março o brigue argentino *Niger*, com que já havíamos tido encontros nesta guerra, foi tomado pelo *Caboclo*, êste comandado pelo Capitão James Inglis.

Às 11 1/2 Inglis ordenou ao *Niger* que se rendesse e ante recusa rompeu fogo. Tentou o inimigo por três vêzes passar pela pôpa do *Caboclo*, mas êste se conservou à linha do costado do *Niger* até obrigá-lo a render-se.

Tendo saído de Buenos Aires nesse mesmo dia, o *Niger* tinha além do comandante, seis oficiais, seis capitães de presas e 80 homens, dos quais 5 morreram na ação e 12 ficaram feridos.

A 12 de abril houve um pequeno combate entre três navios brasileiros, sob o comando de Inglis, e três argentinos de Brown, diante de Buenos Aires, mas êsse combate não teve efeito.

Quatro dias depois, escaleres brasileiros queimam, debaixo do fogo da bateria do Salado, um navio que tentara violar o bloqueio, e a 22 do mesmo mês de abril, na costa do Salado, o lugar *Príncipe Imperial* (Comandante Roze) toma a escuna de guerra argentina *Honor* (Comandante Wildblood).

A 24 de maio, ainda na costa do Salado, era o corsário argentino *Feliz* perseguido pelo *Niger*, comandado por Thomas Craig, quando encontrou de frente com o *Caboclo* (Inglis), que o tomou por abordagem. O *Feliz* foi incorporado à nossa esquadra.

Pouco mais tarde, a 25, o *Ocho Febrero*, comandado por Espora, foi atacado pela nossa escuna *Bela Maria* (Comandante Marques Lisboa) e pela canhoneira *26 de Fevereiro* (Comandante Usher), apoiadas pela canhoneira *Greenfell* (Comandante Isidoro Néri) e pelo brigue *Constança* (Comandante Parker).

Depois de algumas horas de combate o navio argentino entregou-se aos seus opositores.

A 16 de junho o brigue brasileiro *Niger* ataca e persegue no Rio da Prata o corsário *General Brandzen* (George Kay) que voltava dos Estados Unidos depois de ter feito muitas prêsas.

Com o troar dos canhões acudiram outros navios da esquádra, da divisão Norton, e o *General Brandzen* acabou encalhado debaixo dos fogos da bateria de Punta de Lara.

O *Niger* e outros navios de maior calado tiveram que fundear ao largo.

Por ordem de Norton, o brigue escuna *2 de Julho* (William Mac Erwing), a bombardeira *19 de Outubro* (Augusto Leverger) e a escuna *União* (Cecil Browning) foram atacar o corsário e deram fundo a distância de tiro de pistola.

Ao cabo de 20 minutos de fogo, a guarnição do corsário arriou bandeira e fugiu para a praia. Nessa ocasião, o brigue escuna *9 de Janeiro* (John Williams) indo reunir-se aos combatentes encalhou.

O combate continuou entre os nossos navios e a bateria enquanto se trabalhava para fazer flutuar a prêsa e o *9 de Janeiro*.

Norton dirigiu-se em um escaler para bordo deste último e aí teve o braço partido por uma bala, o que obrigou à amputação horas depois.

Na manhã de 17 de junho Norton deu ordem para que fôssem incendiados os navios encalhados.

O comandante do *9 de Janeiro* e três marinheiros, demoraram-se a bordo e foram feitos prisioneiros, justamente quando o inimigo que viera de terra, fazia esforço por apagar o incêndio.

Dois dias depois o Almirante Brown saiu de Buenos Aires com uma esquadrilha de escunas e canhoneiras e dirigiu-se à Ensenada, navegando muito próximo da costa.

Alguns navios brasileiros da 2.<sup>a</sup> divisão aproximaram-se e fizeram fogo com as peças de maior alcance.

A 4 de julho foi apresado o corsário argentino *Peruano*, pela corveta *Maria Isabel* (Comandante Greenfell) na altura de Cabo Frio.

---

No dia seguinte entraram na barra do Rio o Almirante Roussin com a nau *Jean Bart* e as fragatas *Terpsichore*, *Aréthuse* e o brigue *La Railleuse*. No pôrto do Rio já estavam as corvetas *Isis*, *Lesbye*, e o brigue *Iris*, que faziam parte da divisão do Atlântico Sul. A 8 chegaram ao Rio da Prata o *Cysne* e a fragata *Magicienne*.

O almirante Roussin pediu a restituição dos navios franceses apresados pela nossa esquadra no Rio da Prata, e foi atendido.

A 2 de agôsto, quatro pequenos corsários brasileiros da Colônia do Sacramento, sob o comando de Francisco Sardo, tomam por abordagem, na Punta Chaparra, o lugre de guerra argentino *Martin Garcia*.

A 14, o brigue *15 de Agôsto* comandado pelo Tenente Felipe Marques de Figueiredo bate-se perto de Cabinda com um corsário argentino e o obriga a fugir.

A 24 a corveta corsário argentina *Governador Dorrego* (Comandante Jean Soulin) foi aprisionada pela corveta brasileira *Bertioga* (comandante Jorge Broom) à saída do Rio da Prata. Foi incorporada à nossa esquadra em operações no Rio da Prata, ficando sob o comando de Leverger.

Enfim a 28 de agôsto houve a convenção preliminar de paz entre o Império e a República das Províncias Unidas do Rio da Prata, assinada no Rio e com a mediação da Inglaterra. Os governos brasileiro e argentino renunciaram às suas pretensões sôbre a Banda Oriental,

criando nela um estado independente com o nome de República Oriental do Uruguai.

Entretanto, por ainda a nossa esquadra não ter tido notícia da convenção, os combates no Rio da Prata continuavam.

A 30 de agosto a bateria do Salado, uma canhoneira e o corsário argentino *Emprêsa*, teve que sustentar o ataque do brigue brasileiro *2 de Julho* (Comandante William Mac Erwin) e a bombardeira *19 de Outubro* (Leverger).

Esses navios se aproximaram por ordem do Capitão Inglis para proteger os escaleres que iam incendiar debaixo dos fogos da bateria os navios neutros *Huzzar* e *Lord Eldon*, que, forçando o bloqueio, encalharam ali.

Enfim a 26 de setembro, com bandeira de parlamento hasteada, a escuna argentina *Sarandi*, sai do fundeadoiro de Pozos, em Buenos Aires, para levar ao chefe da 2.<sup>a</sup> divisão brasileira, Norton, a notícia da conclusão do tratado preliminar de paz de 27 de agosto.

A escuna *Sarandi* salvou a bandeira brasileira e a fragata *Niterói* respondeu à saudação.

No dia 30 o Comandante Norton notifica o capitão do porto de Buenos Aires o levantamento do bloqueio.

A 3 de dezembro as praças uruguaias do Rio da Prata que conservavamos, começam a ser evacuadas.

A primeira foi Colônia e a última Montevideu.

A 7, com o Almirante Pinto Guedes partem de Montevideu a fragata *Pirangã* e a corveta *Carioca* e outros navios menores conduzidos para o Rio de Janeiro o batalhão do Imperador e contingentes de outros batalhões e regimentos.

Depois foram saindo outros corpos, ficando em Montevideu somente uma divisão, sob o comando do General Andréia, que embarcou para o Brasil a 23 de abril de 1829.



4.<sup>a</sup> PARTE

*A PAZ — OS TROFÉUS*



## CAPÍTULO XVII

*As preliminares da paz. — A mediação da Inglaterra. — A proposta brasileira e argentina. — D. Pedro I decide a independência completa do Uruguai. — Atitude da Lavalleja. — Trapani, o herói uruguaio na diplomacia. — A paz.*

“Mas é incegável que o Brasil perdeu a partida para o Uruguai e não para a Argentina. Porque, se o sonho de levar a fronteira até o Prata se esboroou, para o Império, não há dúvida que, da mesma forma, o sonho argentino de recuar os limites além do Prata se esvaiu, igualmente, para nunca mais.”

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO — *Um soldado do reino e do império.*

---

A 27 de agosto de 1828 houve a convenção preliminar de paz entre o Império do Brasil e a República das Províncias Unidas do Rio da Prata, convenção assinada no Rio de Janeiro graças à mediação da Grã Bretanha, por intermédio do seu representante, Lord Ponsonby.

Historiadores uruguaiois acreditam que o chanceler inglês Canning tenha proposto, sem interesse de parte da Grã Bretanha, um ano antes da batalha de Ituzaingó, para cidade e o território de Montevidéu, uma situação semelhante à das cidades hanseáticas da Europa, e nesse sentido

dizem que teria instruído Ponsonby, o mediador entre os contendores, para que tal fôsse a solução da contenda.

Essas sugestões, feitas em instruções provisórias, não eram propostas de paz, ainda mesmo que constituíssem desejo britânico, porque Ponsonby nada podia propor. O desejo de Buenos Aires era indenizar pecuniariamente ao Brasil e ficar com a Banda Oriental. Tais foram as suas primeiras bases de proposição.

Ponsonby não podia ser senão um intermediário de propostas, pois que lhe estava proibida, expressamente, a faculdade de fazer sugestões, e mesmo de emitir opiniões.

Conhecida a proposta de Buenos Aires, desde que se aceitou a mediação inglêsa, restava saber qual seria a brasileira, e esta foi de independência completa do Uruguai, apoiando o anseio dos patriotas locais, anseio que era vago, e seria espontaneamente realizado.

Ponsonby, referindo-se ao Govêrno brasileiro, diz:

*“No decurso da negociação nenhuma objeção que não fôsse razoável foi formulada pelo govêrno imperial”.*

E quanto aos argentinos (especialmente referindo-se ao General Balcarce) teve que usar de linguagem enérgica, porque êles criavam obstáculos às negociações.

Uma das condições impostas pelo Brasil, como essencial ao tratado de paz, foi a desocupação imediata das Missões Orientais do Uruguai pelas fôrças argentinas. Os argentinos e uruguaioes resistiram. Ponsonby ameaçou abandonar a mediação, e os rioplatenses acabaram cedendo.

Também D. Pedro I exigia que a paz fôsse tratada e assinada no Rio de Janeiro, e a Argentina teve que mandar o seu plenipotenciário para a Côrte, porque o Brasil não mandaria representantes ao Rio da Prata.

Quando foi firmada a convenção preliminar de paz, a independência uruguaia já havia sido decidida. É o que

diz com acêrto o Dr. José Salgado, historiador uruguaio, falando sôbre a sessão de 14 de agôsto de 1828:

*“A atitude dos delegados brasileiros foi tão decisiva que se abandonou a desgraçada fórmula da independência provisória”.*

A atitude de Ponsonby, especialmente no início das negociações, não foi das mais claras.

Ponsonby, mau grado a boa idéia que dêle se fazia no Brasil, ao receber a proposta brasileira não a comunicou oficialmente a Buenos Aires, o que não foi correto. Apresentou-a sim, mas em caráter privado e sugerindo a recusa.

Gordon, acreditado junto a D. Pedro I, recebeu uma carta de Ponsonby de 21 de janeiro de 1828, em que comunicava a proposição argentina, baseada nas cláusulas:

- 1.<sup>a</sup> Independência da Banda Oriental;
- 2.<sup>a</sup> Aceitação, por tratado, da não incorporação da Banda, nem à Argentina nem ao Brasil;
- 3.<sup>a</sup> Entrega das fortalezas aos orientais.

O Governo brasileiro disse que já havia proposto coisa semelhante em cinco artigos, que ficavam de pé, e assim resumidos:

- 1.<sup>o</sup> S.M.I. tratará da paz sôbre base da independência do Uruguai;
- 2.<sup>o</sup> O novo Estado não se poderá unir por incorporação a nenhum outro Estado;
- 3.<sup>o</sup> S.M. consente em entregar as praças fortes aos orientais.

Mas, de fato, a Argentina não fizera nenhuma proposta de independência plena do Uruguai, de forma que essa solução era a apresentada por D. Pedro.

Ponsonby chegou (na sua função de mediador) a zangar-se com os argentinos, especialmente com o General Dorrego, e a concitar Lavalleja a unir-se ao Imperador do Brasil contra os argentinos, caso Dorrego continuasse a não concordar com a independência uruguaia.

Lavalleja esteve durante muito tempo disposto a tratar da paz em separado com o Brasil.

J. Frazer, secretário da legação britânica no Rio, contou o seguinte sobre a atitude de Lavalleja nessa emergência:

*“Embora em público e, particularmente, na presença de oficiais das tropas de Buenos Aires, se mostrasse muito desejoso de lutar, chegando a dizer que atacaria Lccor em sua forte posição atual, assegurou-me que era sua intenção, se possível fôsse, manter inativas suas tropas até o final da negociação da paz”.*

Balcarrec, por sua vez, protelava, certo de que poderia conseguir vantagens se as forças de Buenos Aires obtivessem vitórias decisivas sobre as do Império.

Como se vê, Lavalleja já estava decidido a aceitar a paz brasileira, e embora fingisse lealdade aos argentinos que o haviam ajudado no início da revolta, dispunha-se até mesmo a aliar-se aos brasileiros contra os argentinos, caso estes não conviessem na independência completa da Banda Oriental.

No fundo, Ponsonby manejava o caudilho para tirar vantagens, mas de fato não pôde tê-las senão precárias; embora seja verdade que se lhe atribui a iniciativa das propostas de independência do Uruguai, quando essa glória deve ser conferida a D. Pedro I que raciocinou assim: Não pode ser brasileira a Cisplatina? Também não será argentina, pois hei-de fazê-la livre.

Como muito bem frisou o Coronel Sousa Doca no seu trabalho *A missão Ponsonby e a Independência do*

*Uruguai*, os inglêses foram tratados em nosso país, durante as preliminares de paz, de igual para igual, pois sempre que algum dêles arriscou insinuação ou ameaça, velada ou clara, foi repellido com altivez.

Aliás D. Pedro poderia ter feito outras propostas, como por exemplo, conservar as praças fortes do litoral, que nunca deixaram de estar em mãos brasileiras, abandonando a campanha aos argentinos; mas não fez, e nisso foi de grande visão, porque a sua proposta foi a que prevaleceu, a sua vontade não se viu reprimida, nem a sua dignidade afetada no mínimo que fôsse, embora tivéssemos tido tantas derrotas em tôda a campanha.

A paz, entretanto, não foi fácil como à primeira vista poderá parecer.

A 3 de dezembro de 1827, Gordon disse a Ponsonby, que como intermediário andara mal e sem habilidade:

*“O imperador disse-me na cara que a Inglaterra era causa da continuação da guerra, e que ia tratar da paz por meios seus”.*

Ponsonby declarava também:

*“É com íntimo pesar que cumpro o dever de comunicar ao meu govêrno que em ambos os países encontrei a mesma determinação de continuar a guerra”.*

Pelo tratado de paz de 24 de maio de 1827 a República das Províncias Unidas do Rio da Prata renunciava seus direitos sôbre a Província de Montevidéu que, com o nome de Cisplatina, devia continuar incorporada ao Brasil.

Mas Garcia que, como embaixador de Buenos Aires, assinara êsse tratado, ficou mal visto, e foi desautorizado. Ituzaingó e os desastres navais que tivemos, firmaram a suposição argentina, de que a paz devia ser assinada com a incorporação da Banda.

Por isso se vê que D. Pedro I raciocinou muito bem, quando deliberou não ganhar na partida, mas também

não dar a ganhar a Buenos Aires, que aliás estava esgotada, e não podia mais prosseguir.

Tivéssemos tido generais nesse final de guerra, e tudo seria diferente!...

Em fins de 1827 Ponsonby recomeçou o seu trabalho, e voltou a mediar a paz trazendo de Buenos Aires como bandeira a independência temporária da disputada Província.

O Governo brasileiro manifestou-se pela independência completa, imediata e definitiva.

Em agosto de 1828 os argentinos foram ao Rio de Janeiro e sem a intervenção de Ponsonby declararam aceitar a cláusula da independência completa do Uruguai.

Assim, quando Lord Ponsonby chegou ao Rio, a 15 de agosto, as bases brasileiras de paz já estavam aceitas.

A independência uruguaia foi resolvida definitivamente pelo Brasil e pela Argentina, as conferências para a paz tendo sido realizadas à revelia do mediador britânico.

Os governos brasileiro e argentino renunciaram desde essa preliminar às suas pretensões sobre a Banda Oriental do Uruguai, ficando na antiga Província Cisplatina estabelecida uma nova república independente.

É verdade que essa independência resultou do choque das vontades iguais do Brasil e da Argentina, e que esse choque produziu a anulação das maiores forças em oposição, vencendo o anseio dos uruguaios, que, aliás, visando autonomia apenas, obtiveram independência plena.

Bem razão tem o Coronel Sousa Doca quando afirma que o Passo do Rosário foi para os argentinos uma vitória de Pirro, pois que os fez pensar na paz imediata e a qualquer preço, confiando-se a missão ao Dr. García, cujas instruções eram as seguintes:

“O objeto principal da missão do Sr. D. Manuel José García é acelerar a terminação da guerra e o res-



tabelecimento da paz entre a República e o Império do Brasil, segundo exigem imperiosamente os interesses da nação”.

Desautorizado depois o tratado assinado pelo Dr. García, os argentinos se firmaram na independência temporária, o que devia significar: Liberdade de escolha entre o domínio brasileiro e o argentino, ou ainda liberdade de escolha para a submissão definitiva.

Se em fins de 1827 e começo de 1828 o exército rioplatense conseguisse vitória completa sobre as forças brasileiras, é claro que a Banda não ficaria independente. O governo argentino, com efeito, consolando Lavalleja, pela paz que se via obrigado a assinar, dizia:

*“Muito mais se poderá esperar se conseguirmos até lá vantagens decisivas sobre as forças do Império”.*

Como é fácil de ver, se Lavalleja obtivesse vitórias, elas impediriam a independência do Uruguai.

Até certo ponto, pois, é justo pensar que a independência completa da Cisplatina foi uma vitória parcial do Brasil, e uma derrota argentina, apesar de Ituzaingó, de Juncal, e das outras propaladas vitórias rioplatenses.

Desde a cruzada dos 33 se via o anseio de liberdade dos uruguaios, e êsse anseio produziu a independência. Entretanto, é preciso ver que a atuação não foi imperativa, ou impositiva, depois mesmo de Sarandi, de Ituzaingó, etc.... e isso por falta de elementos para que os nossos inimigos nos impusessem a paz.

De fato, os uruguaios desejavam obter autonomia da sua província, em que ficasse ela como efetivamente confederada às outras províncias do Rio da Prata, mas regendo-se por suas leis.

Lavalleja mesmo, temia a independência completa, e foi D. Pedro Trapani, o herói, quase obscuro, na luta de bastidores, convencendo aos próprios elementos dos 33

para que pugnassem pela independência completa já que para isso era chegado o momento.

Eram suas expressões a Lavalleja indeciso:

*“Não temais que ficando só a Província possa ser atacada pelos portugueses (brasileiros), porque isso seria explicado e bem assegurado no tratado”*.

Lavalleja chegou a querer desertar da luta.

Trapani aguentou-o com o seu ardor e com a sua firmeza. Assim, se foi Lavalleja o herói da cruzada dos 33, o grande homem de 1825, Trapani o foi de 1828, para os uruguaiois, embora a sorte da sua pátria já estivesse resolvida à revelia dos seus filhos. O seu mérito esteve em aproveitar a neutralização das forças iguais e opostas do Brasil e da Argentina, conseguindo a resultante nacional do Uruguai, sobreposta ao ideal federativo ou confederado, anteriormente existente.

Por outro lado a atuação de D. Pedro recusando qualquer negociação antes da evacuação do território de Missões, foi tão digna quanto a exigência da independência completa do Uruguai.

Ponsonby emitiu de D. Pedro, o seguinte conceito:

*“S.M.I. observou uma conduta que põe em evidência seu sincero desejo de paz ao mesmo tempo que faz crer numa política firme, digna do chefe de uma nação”*. (Nota de Ponsonby a Dorrego — 30-8-1828).

De outra feita:

*“S.M.I. procedeu com constância desde que resolveu pôr fim às hostilidades”*. (Nota de Ponsondy a Aberdeen — 20-10-1828).

Graças ao tratado de paz, a 3 de dezembro de 1828 a Colônia do Sacramento que desde 1811 pertenceu ao Brasil foi evacuada pelas tropas brasileiras. O seu defensor desde 1825, foi o General Manuel José Rodrigues

que conseguiu conservá-la apesar das investidas de Brown e do cerco sistemático das forças de Quiroz. Quando a Colônia foi abandonada, era seu comandante o General Vitor Lourenço Angleviel de Baumaille.

Em 7 de dezembro de 1828 partem de Montevideu a fragata *Piranga* e a corveta *Carioca* com destino ao Rio, levando também tropas brasileiras que evacuavam a Cisplatina. Entre essas estava o Batalhão do Imperador, de que fazia parte o futuro Duque de Caxias.

Enfim, a 3 de abril já do ano de 1829 embarca em Montevideu o General Andréia com as últimas forças brasileiras que ocupavam a praça.

Eis como terminou, sem nenhum proveito para os maiores contendores, a guerra que foi iniciada com a revolução da Banda Oriental do Uruguai.



## CAPÍTULO XVIII

*Os falsos troféus de Ituzaingó. — As bandeiras. — Os canhões. — Os restos de Brandzen. — As outras peças dos museus platinos.*

“O cuidadoso exame da documentação existente, realizado com o sincero e leal empenho de fazer ressaltar exclusivamente a verdade histórica, demonstra, de modo cabal, que os dísticos aludidos precisam desaparecer, porque na célebre batalha por nós denominada do “Passo do Rosário”, e pelas repúblicas platinas. “Batalha de Ituzaingó” nenhuma bandeira imperial foi tomada pelas tropas republicanas.”

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES — *Os falsos troféus de Ituzaingó.*

---

Não se podendo falar na Guerra Cisplatina, sem se falar nos troféus de Ituzaingó, expostos no Museu Histórico Nacional Argentino, permita-se-nos também que façamos nós o nosso resumo a respeito do debatido assunto e dos debatidos troféus que arguimos de falsos.

Na parte de 21 de fevereiro de 1827, Alvear salienta os depósitos de armamentos, munições e vestuários tomados no campo de batalha por terem sido abandonados pelas forças brasileiras, e não fala em bandeiras.

Também na parte oficial remetida ao governador da Província Oriental, enumerando os troféus colhidos, não

cita bandeiras imperiais. Ao Ministro da Guerra, embora também não fale em bandeiras, diz ter colhido dez peças de artilharia. (Como se sabe, o exército brasileiro contava somente com 11 peças. Houvéssemos perdido 10, e só uma nos restaria).

É preciso que se saiba, entretanto, que desde 11 de fevereiro de 1827, isto é, desde 9 dias antes de Ituzaingó, já estavam três bandeiras imperiais em mãos argentinas (troféus do Exército, como costumam designar), encontradas que foram nas margens do Santa Maria, onde haviam sido deixadas as equipagens de três batalhões de infantaria, na marcha de Santana a Palmas.

Danel, referindo-se a êsse encontro, declarou:

*"Também apoderei-me de três caixas em cada uma das quais achei a bandeira de um batalhão, e que sigilosamente pus em mãos de meu Coronel".* E acrescenta: *"São algumas das que se conservam abatidas na igreja metropolitana de Buenos Aires".*

É estranho que nas partes do dia, e consecutivas, fale-se em artilharia, fuzis, munições, cavalos como ganhos do Exército argentino, e que se cale por completo as bandeiras.

Seidler fala num canhão cujas rodas se quebaram, como único troféu da jornada; e Fregeiro diz textualmente:

*"Os troféus da vitória a pouca coisa se reduziram: Alguns prisioneiros, uma peça de artilharia, abandonada por ter a roda quebrada, 50 cavalos e as armas jogadas no campo".*

Lavalle, nem Lavalleja, embora tivessem chegado a flanquear as nossas forças, não tomaram as nossas bagagens senão depois de saqueadas pelo Regimento de Cavalaria de Missões, encarregado da sua guarda.

Depositadas na Catedral as três bandeiras, tiradas por Danel das bagagens abandonadas na margem do Santa

Maria, figuram desde 1892 no Museu Histórico, quatro flâmulas brasileiras.

Alberto Palomeque atribui essa quarta bandeira a colheita de Rivera em Missões.

Clemente Fregeiro atribui à marinha.

O Dr. Macedo Soares adota a versão Palomeque, justificando assim: "*No ofício ao governador Dorrego (16 de maio de 1828) Frutuoso Rivera diz: vi-me obrigado a retrogradar trazendo o estandarte do Império tomado à tropa, o qual faço conduzir à sua presença por meu ajudante, o Capitão J. A. Pasolo*".

A quinta bandeira atribuída a Ituzaingó procede de doação de descendentes de D. Tomas Garcia de Zuñiga, e a afirmativa dos doadores proveniente de tradição de família, é falsa, visto que nenhum documento da época, quer brasileiro, quer argentino, justifica a sua origem.

Três bandeiras saíram da margem do Santa Maria, tiradas das bagagens abandonadas.

Uma — vem das Missões.

E como é que se exibem cinco bandeiras como tomadas em Ituzaingó?

Ainda mesmo que o boletim n. 5 do Exército republicano, atrás citado, fôsse a expressão completa da verdade, haveria como verdadeiras, duas, troféus de guerra como quer Fregeiro, mas nunca cinco bandeiras.

Assim, verificados os exageros, e reconhecidos e demonstrados, da parte do general em chefe argentino, podemos crer que se tivesse resolvido fantasiar os troféus, apresentando-os como tomados em Ituzaingó, quando teriam sido colhidos na margem do Santa Maria.

Mas nessas condições seriam três, e não cinco.

As outras duas são forjadas? Teria sido uma colhida nas bagagens?

Há a possibilidade atrás apontada, de ter sido uma encontrada por Rivera em Missões, e ainda de ser outra de navio de guerra.

### INSCRIÇÕES DAS BANDEIRAS

- 1) 3.<sup>o</sup> B. de C. de 1.<sup>a</sup> L. do Ex.<sup>o</sup> (3.<sup>o</sup> Batalhão de Caçadores de 1.<sup>a</sup> linha do exército).
- 2) 3.<sup>o</sup>... 1. C. da 1.<sup>a</sup> I. do Ex.<sup>o</sup> (3.<sup>o</sup> ? de Caçadores da 1.<sup>a</sup> linha do Exército?).
- 3) B. de C. de 1.<sup>a</sup> L. N. 18 (Batalhão de Caçadores de 1.<sup>a</sup> linha n. 18).
- 4) C 3 .....
- 5) Lista branca sem inscrições....

---

Para contestar essas inverdades, o Sr. Barão do Rio Branco escreveu: Tanto o ofício dirigido por Alvear ao Ministro da Guerra, como o boletim n. 5, assinado pelo seu chefe de estado maior, dizem que foram tomadas aos brasileiros duas bandeiras e dez canhões. Durante a batalha apenas os cinco batalhões de caçadores levaram suas bandeiras e nenhuma delas se perdeu, porque os quadrados de infantaria repeliram tôdas as cargas do inimigo.

É preciso fazer notar, porém, que não existem somente, como troféus brasileiros, no museu de Buenos Aires, as cinco bandeiras.

Há ainda quatro pastas de sabre (porta pliegos), sendo duas de cada feitio, duas espadas do 1.<sup>o</sup> reinado com coroa e sigla P. I.<sup>o</sup>, uma espada colonial, de bronze dourado, e um tambor também do primeiro reinado.

Tôdas essas peças são declaradas "tomadas em Ituzaingó".

Estou inclinado a crer que tôdas elas tivessem sido não tomadas, mas colhidas no campo onde os nossos as tivessem abandonado.



É possível também que, quando os argentinos tiveram licença de ir buscar os corpos de Brandzen e Bezares, colhessem, *com vagar e para lembrar*, tudo aquilo que depois foi figurar como troféu de Ituzaingó em Buenos Aires.

Barbacena, em sua *História da Campanha do Sul em 1827*, faz estas perguntas: Quais são os troféus do vencedor? Os despojos tomados no campo? Os feridos e os mortos? (pág. 439) e adiante (pág. 445) responde com firmeza: “Ao retirar-se de Ituzaingó Alvear levantou o que se achava sôbre o campo de batalha, enviando tudo isso a Buenos Aires como troféus que decerto não foram tomados no combate, *esses mentirosos troféus* que adornam a catedral argentina”.

Na carta do Marquês de Barbacena ao Brigadeiro Cunha Matos, êste fazia referência ao saque às bagagens, da seguinte maneira:

“Enquanto a segunda divisão repelia o inimigo, a maior parte dos fugitivos saqueava nossas bagagens, e depois continuaram roubando casas, estâncias e pessoas que encontravam na sua passagem”.

E falando sôbre os objetos furtados, dizia:

“Nos dias imediatos foi cada um tendo notícia ou descobrindo, parte da sua bagagem, e eu mesmo tomei de alguns soldados a minha carteira, o casacão, etc...”

Em tais condições não seria difícil que peças de uniforme, brasileiras, fôssem cair nas mãos dos argentinos; o que se não devia admitir é que no Museu Histórico de Montevidéu (antes da direção P. Devoto) se exhibisse como *tomada ao Marquês de Barbacena, em Ituzaingó*, uma manta de cavalo comum, sem sigla nem coroa, de origem qualquer, porque a finalidade dos museus é instruir, não mentir!

Os argentinos de comêço falaram em dez peças de artilharia tomadas aos brasileiros, mas isso é difícil de mostrar concretamente, com a feitura da época. Entretanto, não seria para admirar fôsem forjadas expressamente, ou melhor dito, fundidas as nove faltantes.

É verdade que o zero à direita, fazendo dez o que é um, foi corrigido pelo próprio Lavalleja, conforme observação do Sr. Barão do Rio Branco:

... *"Dije en mi anterior que se habian tomado al enemigo cinco piezas de artilleria, pero esta noticia fué por la relación que me hizo el general al dia siguiente de la acción (no mesmo dia 21 Alvear anunciava ao seu govêrno a tomada de 10 peças e ao General Lavalleja a tomada de 5). Es verdad que nosotros en varias cargas dejavnos a nuestra retaguardia piezas de artilleria, pero probabelmente deben haberlas vuelto a tomar los enemigos, pues no aparece mas que una"*.

Uma só em poder do inimigo, eis o que ficou. O Tenente Carl Seidler, referindo-se à nossa fôrça, comenta:

*"... Os soldados, ainda que mortos de cansaço, puxavam onze canhões..."* *"Apenas um, cujas rodas se quebraram caiu em poder do inimigo. Este foi o seu único troféu da jornada"*.

Barbacena, porém, mostra que nas mãos dos argentinos ficaram mais algumas coisas:

*"Dois carros manchegos, uma forja e alguns objetos sem valor, deixados para não sobrecarregarem as bestas já fatigadas, foram apanhados e arrecadados como despojos, que a jactância argentina sobremaneira encareceu"*.

Pelo que diz o Marquês de Barbacena, e aliás parece lógico, os argentinos retrocederam, transpuzeram o Santa Maria e deixaram o campo que fôra teatro da batalha, deserto de gente viva e devorado pelas labaredas do incêndio.

Enquanto Barbacena no Cacequi, tinha certa vigilância sobre o terreno em que o combate se travou, Alvear perdera o controle do mesmo, tanto que, informa o Marquês:

*“No dia seguinte Alvear mandou pedir licença para recolher o cadáver do Coronel Brandzen, ao que o Marquês acedeu, mandando um oficial auxiliar e facilitar a diligência”*.

E continua a comentar:

*“Este fato, que é incontestável, conhecido desde aquela época e é sabido de todo o exército, demonstra que Alvear não ficou senhor do campo de batalha e não se reconhecia vitorioso”*.

O general em chefe do Exército brasileiro deu nova direção à marcha das forças e os argentinos ainda para mais longe se afastaram, conforme convinha:

*“Retirado, então, dias depois, Alvear mandou pedir para arrecadar os despojos dos seus oficiais mortos”*.

Nesses relatos deve haver engano de data, porque D. Rosa Brandzen conseguiu trazer os despojos do marido para Buenos Aires em fins de 1827, graças à permissão do general brasileiro, e essa licença foi dada não mais a Alvear mas ao Coronel Angel Pacheco. (MAX FLEIUS, *Rev. do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 97, pág. 301).

Os pedidos de Barbacena se justificam plenamente.

Houve, antes da aquiescência e do pedido, uma tentativa, ou à força, ou sigilosa, de retirar os restos de Brandzen, e o resultado dessa tentativa foi o aprisionamento do executante, Tenente Vial.

É o que se pode ler em Fregeiro (pág. 186):

*“Habiendo quedado tendido en el campo de batalla el cuerpo de Brandzen, adelantóse a recoger sus restos el teniente de ingenieros José Estanisláo Vial, compatriota*

*de aquel. Pero lo hizo com tan mala fortuna que cayó prisioneiro, sin poder realizar su generoso designio”* .

Ao contrário disso, o capitão brasileiro Epifânio da Luz arrecada do corpo de Brandzen as comendas expostas à cobiça das aves de rapina, e mais tarde manda entregá-las à viúva do bravo comandante inimigo.

A respeito disso, nada os museus de Buenos Aires dizem.

Exibindo a legião de honra e a ordem do Sol, do Peru, pertencentes ao comandante do 1.º Regimento de cavalaria argentina, silenciam a forma como houveram essas relíquias.

Entretanto, não bastasse o que já ficou dito, citemos a notícia do Coronel Antônio Pedro Sá Barreto (veterano da Independência) por um seu filho:

“Ao entrar o verão (portanto fim de 1827) um enviado argentino buscou o nosso quartel de general em chefe, tendo por missão obter licença para, do campo de batalha de Ituzaingó serem retirados os ossos do intrépido francês Coronel Brandzen, morto pela baionetas dos nossos quadros”.

Ninguém se poderá queixar do cavalheirismo dos brasileiros, e os argentinos sempre estiveram tão seguros desse espírito cavalheiresco dos nossos soldados que entregaram à nossa guarda feridos seus, e cirurgiões seus, que não podiam marchar com o seu exército, como se vê desta carta citada pelo Dr. MAX FLEIUSS, *Rev. do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 97, pág. 299:

“Cuartel General en San Gabriel, febrero, 28 de 1827.

“Quedan en este Pueblo los oficiales heridos del Ejército de la República, capitán don Lucio Donado, ayudante don Mariano Boedo, teniente 1.º don José Felix Boedo y alféres don Juan Ramón Dicos. Se han portado como bravos en la jornada del 20. Quedan igualmente los oficiales prisioneros del Ejército Imperial don Juan Por-

tugés Pereira, don Joaquim Antonio y don Antonio Benito da Silva, lo mismo que varios soldados heridos del Ejército de la República y del Ejército Imperial prisioneros en la batalla del 20.

“El general en jefe cree dar una prueba de su humanidad al dejar estos bravos donde puedan encontrar algún alivio a la suerte que les ha cabido por desgracia. La de los bravos nunca puede ser indiferente a los que nos honramos con la profesión militar.

“El Facultativo del Ejército, don Luis Echeverria, queda encargado de cuidar los heridos de una y otra Nación.

“El señor general conocerá muy bien que este individuo jamás podrá ser considerado prisionero de guerra, y que se las maniobras de ella permitirán que los heridos que quedan en San Gabriel entren en el Hospital del Imperio, el señor general en jefe cometerá el acto de justicia de volver el citado facultativo al seno del Ejército Republicano con la custodia y siguridades correspondientes.

“El general en jefe del Ejército de la República aprovecha esta oportunidad para hacer saber al señor general del Ejército Imperial que los prisioneros de guerra de esa Nación que existen en la República Argentina disfrutaban de una pensión mensual, tanto oficiales como soldados.

“Al infrascripto no le queda duda que de acuerdo con el derecho de gentes, seguirán igual conducta los generales del Ejército Imperial.

“Con esta oportunidad el general en jefe del Ejército Republicano ofrece al general a quien se dirige su distinguida consideración. — *Carlos de Alvear*”.

Além dos troféus considerados acima, os argentinos exibem mais um. É o hino da vitória, dizem êles, com-

posto para ser tocado após o desbarato das fôrças de Alvear.

Encontrado entre as peças colhidas com a viatura e a imprensa do Exército brasileiro, ficou o hino, que não é senão um dobrado ou marcha militar, para ser tocado nos desfiles do Exército, em 25 de maio e 9 de julho.

E esse dobrado que é conhecido como um hino de vitória, e a que se deu por lá o nome de Ituzaingó, tem também a história da sua origem, ou a sua lenda, repetida por todos os argentinos em exibição de civismo.

## CONCLUSÃO

“Sinceros ou hipócritas, a verdade é que não se propondo a lutar pela independência, como Artigas, mas, e apenas, a mudar de senhor, os dois sócios, Rivera e Lavalleja, conseguiram esta mesma independência que em vão buscara o maior chefe dos orientais.”

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO — *Um soldado do reino e do império.*

---

Consideram os argentinos a batalha de Ituzaingó, como sendo uma das suas grandes vitórias. O conjunto desta obra é de molde a mostrar que, se nós não podemos de nenhuma forma considerar a batalha de 20 de fevereiro de 1827 como sendo vitória, nem por isso temos vergonha em exhibi-la tal qual foi, em todos os seus gloriosos pormenores.

A preocupação argentina foi sempre torcer a verdade através dos seus monumentos de arte, de maneira a fazer crer ao seu povo que a verdade foi, não o que realmente tenha sido, mas uma fantasia sua.

Alvear tem uma estátua em que se lê: “*Al vencedor del Brasil*”. E no entanto Alvear foi obrigado a responder a conselho de guerra por não ter cumprido com eficiência o seu dever.

A guerra, que Alvear teria vencido, terminou pela desanexação da Banda Oriental do território das Províncias Unidas, e pela consideração definitiva de ausência de seu direito quanto a essa Província.

O Brasil, não foi vitorioso, está certo, mas a Argentina foi?

A guerra é a imposição da vontade de um país, a outro país. Ora a vontade argentina não nos foi imposta, nem por vitórias esmagadoras, nem por manobras diplomáticas.

Nós não vencemos, sem dúvida. Tivemos muitos desastres, comando ineficiente, falta de cooperação, ausência de espírito ofensivo, chefia sem vontade de vencer... Mas, contudo, não conseguiram os argentinos levar-nos a palma.

Desde logo, de entre tais argumentos, uma pergunta fica pairando: E quem foi o vencedor?

Responderemos sem hesitação: o Uruguai!

As circunstâncias o ajudaram, sem dúvida, mas se houve em tôda a Campanha Cisplatina chefes capazes pela ação, pela demonstração de vontade, êsses foram os uruguaios Lavallega, Rivera, e, depois, na diplomacia, Trapani.



ANEXOS



## BOLETIM DO COMANDANTE DO EXÉRCITO BRASILEIRO

(Apreendido pelas forças argentinas com as  
máquinas de imprensa)

Quartel General de São Gabriel, 17 de fevereiro de  
1827.

Hoje pelas 9 horas da manhã entrou o exército nesta povoação, havendo a retaguarda inimiga, comandada por Lavalleja, feito a sua retirada ontem pelas 4 horas da tarde. O General Alvear o havia precedido de quatro dias com a infantaria, artilharia e bagagem, logo que soube da passagem do Camacuan pelo exército imperial. Quando este exército constava apenas de três mil e oitocentos homens, não ousou Alvear atacá-lo estando a menos de quatro léguas de distância: quando veio ao seu encontro fuge vergonhosamente; Eis o resultado de tanta fanfarronada! Os dias 6, 7 e 8 foram empregados nas disposições necessárias para repelir ou atacar o inimigo, e sobretudo em procurar cavalos e receber algumas munições de guerra, vindas de São Francisco de Paula. Neste último dia houve certeza de que o grosso do exército inimigo havia deixado as margens do Camacuan com direção para o interior. A 9 principiou o exército a sua marcha, e não encontrando o inimigo em São Gabriel vai em seu seguimento. Os desertores e prisioneiros chegam ao exército todos os dias. As nossas partidas têm constantemente batido as do inimigo, sempre que aceita combate. No dia 13 muito se distinguiram o Major Gabriel Gomes, o Tenente

Marcolino Ferreira do Amaral e o Alferes Antônio Correia de Melo, porque com perda de dois homens resistiram a mui superior força inimigã, matando-lhe 20 soldados e dois officiais. O Tenente José Teodoro também tomou três carretas do inimigo, todo o gado que havia roubado da estância de Manuel Rolhano, 150 cavalos, sete clavinas, seis pistolas e sete espadas, fazendo oito prisioneiros. Entre estes veio o infame e conhecido traidor Américo, que será julgado em comissão militar. — Na tipografia imperial do exército.

---

## PROCLAMAÇÃO

Soldados! Quando o inimigo se apresentou nesta fronteira estava o centro do exército imperial a mais de 80 léguas de distância das divisões da esquerda; estáveis sem transportes, e até com falta de armamento e munições de guerra. Vosso valor, vosso patriotismo venceu tôdas as dificuldades e por marchas forçadas e atrevidas quase à vista do inimigo e estando os postos avançados em constantes tiroteios, conseguísteis fazer a junção com a maior parte das tropas da esquerda no dia 5 do corrente; as outras se reuniram nos dias 11 e 13. Então fazia o inimigo tôdas as demonstrações de atacar-nos, e pôsto que por sua superioridade numérica e pela linguagem de suas proclamações, o ataque que parecia provável não passou de demonstrações, e deixando as margens do Camacuam, coloriu aquele princípio de retirada dizendo que nos esperava nos campos de São Gabriel ou que seguiria para Pôrto Alegre. Por novas marchas forçadas aqui chegásteis esta manhã, e longe de encontrarmos o inimigo, achamos a certeza de sua vergonhosa e precipitada fuga, havendo a retaguarda, comandada por Lavalleja, deixado a

povoação de São Gabriel ontem pelas quatro horas e meia da tarde, entretanto, que Alvear adiantou de quatro marchas a infantaria e artilharia. Bem quisera eu dar-vos algum descanso depois de tantos centos de léguas de marcha com sol abrazador, e até alguns dias sem água, muitos sem pão ou farinha, mas um instante de demora nos privará de colher os frutos dos nossos trabalhos e de terminar a guerra para sempre como exige a honra e glória do Exército Imperial.

Soldados! Redobremos de esforços e em poucos dias alcançaremos o inimigo: a vitória é certa e na cidade de Buenos Aires vingaremos as hostilidades cometidas nas pequenas povoações de Bagé e São Gabriel. Quartel General de São Gabriel, 17 de fevereiro de 1827.

a) Marquês de Barbacena.

---

## MARQUÊS DE BARBACENA

Descendente de uma família holandêsa, nasceu no arraial de São Sebastião, cidade de Mariana, em 1772, Felisberto Caldeira Brant, futuro Marquês de Barbacena. Estudou preparatórios em Minas Gerais, e depois seguiu para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Academia de Marinha. Fez um curso brilhante, e obteve tantos prêmios que saiu da Academia com direito ao posto de capitão de mar e guerra. Mas em vez dêsse deram-lhe o posto de major do Estado Maior, como ajudante de campo de seu tio, que fôra governar Angola. Foi promovido a tenente-coronel de um dos regimentos de infantaria da Bahia, onde casou com uma senhora riquíssima. Foi novamente a Portugal, de onde regressou em 1808 com D. João VI, passando a comandar o 1.º Regi-

mento. Nêsse pôsto teve papéis salientes. Em 1817 contribuiu para que a Bahia não aderisse à revolução de Pernambuco, e em 1820 procurou fazer que a Bahia proclamasse a independência do Brasil. Partindo para a Inglaterra procurou levar os ministros inglêses a favorecerem a insurreição do Brasil.

Foi eleito deputado à Constituinte brasileira em 1832; nomeado depois Visconde e em seguida Marquês de Barbacena. Foi encarregado de negociar um empréstimo em Londres, e o reconhecimento definitivo da independência do Brasil. Depois foi nomeado senador, e mais tarde comandante em chefe do exército cisplatino. Nesse pôsto teve a infelicidade de perder a batalha de Passo do Rosário, que foi um desastre completo para as tropas brasileiras. Com a perda dessa batalha o seu prestígio ficou muito abalado, mas procurou recuperá-lo no campo da diplomacia. Encarregado por D. Pedro de acompanhar D. Maria II a Viena D'Áustria, modificou a sua viagem, levando-a para Londres, ao saber que D. Miguel se proclamara rei absoluto de Portugal. Com isso evitou que a rainha constitucional de Portugal caísse nas mãos de Metternich, o que poderia causar a perda da liberdade portuguêsã.

De volta ao Rio de Janeiro foi encarregado pelo imperador de organizar ministério, e conseguiu imprimir ao govêrno um caráter brasileiro e constitucional, mas isso desagradou ao Imperador que o demitiu bruscamente das suas funções. Começa aí uma campanha de Barbacena contra o Imperador. Depois da abdicação de D. Pedro I, já em 1836, Barbacena foi nomeado pelo Regente Feijó ministro plenipotenciário na Inglaterra. Dêsse cargo volta ao Brasil gravemente doente, falecendo em 13 de junho de 1841.

Barbacena desempenhou um papel dos mais importantes no início da nossa história como país livre. Mas foi

um general mediocre, senão péssimo, sendo talvez o único — sinão principal responsável pelo desastre de nossas armas em Passo do Rosário.

---

## MARECHAL DE CAMPO GUSTAVO HENRIQUE BROWN

O Marechal de Campo Gustavo Henrique Brown nasceu em Hanover, na Alemanha, em 178. ., tendo servido no Exército inglês e português. Neste último serviu 13 anos, e prestou também serviços ao Exército brasileiro por um período de 3 anos. No Exército inglês obteve a patente de Coronel e no Português a de Marechal de Campo.

Quando o Brasil proclamou a sua independência, e pouco depois, quando entrou em guerra com a Argentina, o Marquês de Barbacena, então Ministro do Brasil em Londres, convidou o Marechal Brown para entrar a serviço do Exército brasileiro. O Marechal Brown apresentou as suas condições, e tendo Barbacena voltado ao Rio, o governo brasileiro transmitiu ordens ao seu sucessor, Visconde de Itabaiana, para anuir a tôdas as cláusulas propostas. Dando conhecimento dessa resolução ao Marechal Brown, êste desligou-se do Exército Britânico, para firmar contrato que devia fazer com o Visconde de Itabaiana. Mas, segundo as palavras do Marechal Brown, o Visconde de Itabaiana agiu com “incrível perfídia”, demorando a assinatura do contrato até a véspera do dia em que o Marechal devia embarcar, apresentando nessa ocasião o contrato com a eliminação de uma cláusula essencial. Pela pressa que havia, e confiando no Visconde, êsse documento foi assinado de “boa fé” pelo Marechal, que

não leu os seus termos, conforme declara no protesto que fez posteriormente.

Ao serviço do Brasil esteve em Passo do Rosário, onde foi ferido numa perna, tendo sido declarado "contuso" pelo Marquês de Barbacena.

Promulgada a lei de 24 de novembro de 1830, foi o Marechal Brown atingido por ela, e por isso excluído do Exército.

Por êsse fato, fez uma representação ao govêrno brasileiro, em 22 de junho de 1848, alegando a "incrível perfídia" do Visconde de Itabaiana no contrato com êle assinado em Londres, e que lhe devia assegurar a admissão no Exército brasileiro não por um tempo determinado, mas por tôda a vida.

O Marechal não foi atendido em sua pretensão, e morreu logo depois em sua cidade natal.

---

## CARLOS DE ALVEAR

Nasceu em Misiones, Yapeyú, em 25 de outubro de 1789. Era filho do sábio marinheiro espanhol Don Diego de Alvear, que com o jovem Carlos sobreviveu ao desastre da divisão naval espanhola quando esta foi atacada pela frota inglêsa em 1804. Começou a sua carreira militar na Espanha, onde se bateu contra os franceses em Talavera, Ciudad Real e outros lugares. Chegou a Buenos Aires em 1812, em companhia de San Martin, Zapiola e Vera. Era nessa época tenente de cavalaria, e dedicou-se, com San Martin, a criar o famoso regimento de Granadeiros a cavalo. Em 1813 foi nomeado presidente da Assemblêia Geral Constituinte. Em 1814, como general em chefe das fôrças sitiadoras de Montevidéu,



deu um vigoroso impulso nas operações, obrigando o general Vigodet a capitular em 20 de junho de 1814. Voltando a Buenos Aires, foi designado para reprimir a sublevação de Artigas, batendo-o em Mercedes, em Yi e em Minas. Em janeiro de 1815 foi nomeado diretor supremo, mas apenas três meses depois teve que abandonar o poder, devido a revolução de Fontezuelas, emigrando para o Brasil até 1820. Tomou parte na guerra civil desse ano (1820), sendo desterrado. Em 1824 foi-lhe confiada uma importante missão diplomática junto aos governos de Inglaterra e Estados Unidos, e foi acreditado como ministro plenipotenciário na Colômbia. Este último cargo não chegou a desempenhar, por ter sido enviado em comissão para felicitar o General Bolívar pela sua vitória de Ayacucho.

Em 1826 foi nomeado general em chefe do exército de operações na Banda Oriental, estando presente ao combate de Ituzaingó em 20 de fevereiro de 1827. Combate que venceu pela inépcia de Barbacena.

Em 1829 foi Ministro da Guerra. Dez anos depois foi nomeado ministro plenipotenciário nos Estados Unidos, pôsto que desempenhou até 1852, ano em que faleceu.

\* -

O CONDE DE PÔRTO ALEGRE, conquanto não seja figura de destaque na guerra de 1825-1828, figura neste conjunto ao lado dos maiores chefes, como homenagem que desejamos tributar à sua memória, não somente pelo que o Brasil lhe deve em esforços e sacrifícios, em tôdas as guerras e-teriores de nosso país, mas também pelo que fez e desejou fazer no sentido das reivindicações morais de nossa Pátria.

Pôrto Alegre, além de ter sido um dos heróis da batalha de 20 de fevereiro de 1827, citado expressamente na parte do Brigadeiro Sebastião Barreto Pereira Pinto — *“Os oficiais empregados às minhas ordens, Manuel*

*Marques de Sousa, tenente do Estado Maior do Exército, e Francisco Felix da Fonseca, do 23.º B. C., cumpriram seus deveres.*

*“Contudo suplico a V. Ex.ª todo o favor e justiça pelo Tenente Manuel Marques de Sousa, pois muito me coadjuvou”.* — Foi o comandante da força brasileira que, ao lado dos mesopotâmios e dos unitários de Urquiza, bateu os federais de Rosas em Santos Lugares a 3 de fevereiro de 1852.

Além de ter sido o general brasileiro que arrastou a sua espada, como general vitorioso, pelas ruas de Buenos Aires, foi o patriota brasileiro que convicto da falsidade dos troféus de Ituzaingó expostos a seu tempo na Catedral Metropolitana da capital argentina, resolveu arrostar com tudo numa atitude desassombrada, para apagar uma ofensa que só contribui tácitamente ou expressa e conscientemente para nos separar dos argentinos, quando tudo devia laborar para a união e o mútuo apóio pan-americano.

Um biógrafo ilustre do Conde de Pôrto Alegre, o Sr. Alfredo Rodrigues, referindo-se à sua vida de soldado durante a Cisplatina, diz o seguinte:

*“Na batalha de Ituzaingó fez prodígios de valor, sendo promovido a capitão em recompensa de seu brilhante comportamento. (20-3-1827).*

*“Assistiu ainda em 28 de abril ao combate travado nas pontas do Camaquan e a seguir esteve em outros encontros parciais. Seus serviços valeram-lhe promoção ao posto de major. (28-3-1828).*

De fato a guerra da Cisplatina só terminou em 1852, com a queda de Rosário, isto é, só terminou quando os federais abandonaram por completo as suas veleidades de intervenção em Montevidéu, e essa guerra do Uruguai, de 1851-52, tem sua origem na garantia da independência da Cisplatina, dada pelo Brasil ao assinar a paz em 1828, conforme vimos.

Não é de estranhar, portanto que ponhamos aqui o rápido perfil do general ilustre que comandou as forças brasileiras na última batalha contra os nossos rivais do continente sul-americano e é de lastimar que com êle não tenham voltado para o Brasil, apagando motivos de rancores, os troféus falsos de Ituzaingó .

---

## CONDE DE PÔRTO ALEGRE

“ Marquês de Sousa foi o mais brilhante tipo de soldado: Heróico e patriota.”

MARQUÊS DE BARBACENA.

Manuel Marques de Sousa, barão, depois visconde de Pôrto Alegre, era filho e neto de militares ilustres do mesmo nome.

Manuel Marques de Sousa, o terceiro, era nascido na cidade do Rio Grande, a 13 de junho de 1804, e sua mãe se chamava Senhorinha Inácia da Silveira, de sangue bandeirante. (Rio Branco di-lo nascido em 1805).

Sentou praça aos 13 anos de idade no 1.º Regimento de Cavalaria Ligeira da divisão de voluntários Reais que se achava em Montevidéu como elemento de guarnição.

Tomou parte ao lado de seu pai na última fase da guerra de Artigas. Estava com êle (que era então Coronel) quando o Coronel Manuel Artigas foi surpreendido e preso em Canelones, a 26 de maio de 1818. Por feitos de bravura foi promovido o futuro Conde de Pôrto Alegre ao posto de Alferes, embora contasse apenas 14 anos. Depois tomou parte nos combates de Pando e Manza. Depois do 7 de setembro e da coroação do primeiro imperador, foi dos escolhidos para integrarem a comitiva destinada a cumprimentar D. Pedro I por sua elevação

ao trono. Ainda antes de matricular-se na Academia Militar, em 1823, esteve no combate de Las Piedras, o que lhe valeu a ascensão ao posto de Tenente. Era ajudante de Lecor, quando seu pai, a 21 de novembro de 1824 morreu envenenado, em Montevidéu. O Brigadeiro Manuel Marques Sousa (2.º) filho do Tenente General do mesmo nome, nasceu também no Rio Grande em 1780 e era veterano das campanhas de 1801, 1811-12, 1816-20 e 1823-24, a primeira do Rio Grande do Sul, as outras no Uruguai, onde acabou seus dias como comandante da cavalaria brasileira, tendo sido o vencedor de Chafalote (24-9-1816), da Índia Muerta (19-11-1816) e de Paso de la Arena (8-10-1819).

Voltemos ao Conde de Pôrto Alegre.

Declarada a revolução Cisplatina (19-4-1825), voltou ao Rio Grande do Sul, incorporando-se às forças da primeira divisão (Sebastião Barreto Pereira Pinto), sob cujas ordens se bateu e se distinguiu no Passo do Rosário, pelo que foi logo depois promovido a capitão do Exército brasileiro. Transferido, mais tarde, para o 4.º Regimento de Cavalaria, teve o posto de Major. Durante a revolução farroupilha, serviu sempre à legalidade, distinguindo-se no combate dado aos rebeldes. Feito prisioneiro a 7-4-1836, perto de Pelotas, foi levado para o navio-prisão "Presiganga" que estava ao largo, no Rio Guaíba, e onde vários de seus companheiros faleceram. Principal fator da reação de 16-6-1836, fez reentrar a capital (Pôrto Alegre) no regime da legalidade e foi dos chefes na sua defesa. Efetivado no posto de Major a 18-11-1837, seguiu para a Côrte, a fim de tratar-se, seguindo mesmo para a Europa com êsse objetivo. De volta, Tenente-Coronel por decreto de 20-8-1838, assumiu o comando do 3.º Regimento de Cavalaria e logo foi Coronel Comandante do mesmo, passando a distinguir-se na luta contra os farroupilhas. Em 1845 foi o oficial escolhido para levar a

D. Pedro II a notícia da pacificação da Província do Rio Grande. Por decreto de 14 de março de 1847 foi elevado a Brigadeiro Comandante da 2.<sup>a</sup> Brigada de Cavalaria. Daí seguiu para a campanha do Uruguai (contra Rosas), e enquanto o Marquês de Caxias organizava um desembarque por Quilmes, Pôrto Alegre passava o Tonelero e ia tomar parte a 3 de fevereiro de 1852 na batalha de Moron, de Monte Caseros, ou de Santos Lugares. Foi agraciado, então, com o título de barão com Grandeza, de Pôrto Alegre (3-3-1852) e promovido a Marechal de Campo. Recebeu a grande medallia de ouro da campanha do Uruguai, e passou a ser comandante das armas no Rio Grande do Sul. Logo depois foi grande dignitário do Cruzeiro. Tenente-General a 20-2-1856, foi elevado a Visconde em 1858 (2 de dezembro). Foi político militante e ocupou a cadeira de deputado em diferentes legislaturas, bem como a pasta da Guerra no gabinete Zacarias. Com a declaração de guerra ao Brasil por parte de Solano Lopes, Pôrto Alegre se colocou às ordens do govêrno, e foi nomeado comandante em chefe dos exércitos em operações no Rio Grande do Sul. Seguiu para a guerra a 21 de agôsto de 1865 e em dois dias estava marchando com suas quatro divisões.

É conhecida a sua attitude intransigente por ocasião da retomada de Uruguaiana, que causou a vinda de D. Pedro II. Atuou em Curupaiti. Tendo adoecido foi para Pôrto Alegre, de onde voltou para a campanha em 1867 (1.<sup>o</sup> de março) assumindo o comando do 2.<sup>o</sup> corpo, com o qual contribuiu para a Vitória de Curuzu. Depois dos combates de Ombu, Palmares, Tatibá, Potreiro Ovelha e outros que dirigiu, e tendo tomado as fortificações de Tagi, voltou novamente à Pátria para tratar da saúde abalada (16-1-1868). Foi Conde de Pôrto Alegre por decreto de 11-4-1868. Grande do Império, Grã Cruz de Cristo, dignitário do Cruzeiro, de Aviz e

da Rosa, tinha as medalhas da Cisplatina, de 1811 e 1815, e a do Uruguai de 1852. Tinha mais a do mérito e bravura militar, a de ouro de Uruguaiana, e tôdas as da campanha do Paraguai de 1865-70. Morreu em 1875 no Rio de Janeiro a 18 de julho, tendo dito a seu respeito o Barão do Rio Branco, que foi "*Um dos mais ilustres guerreiros que há tido o Brasil*", frisando que "*como glorioso comandante do Segundo Corpo do Exército brasileiro na guerra contra o ditador do Paraguai renunciou a todos os vencimentos a que tinha direito*". Embalsamado o seu corpo foi transportado para Pôrto Alegre, onde repousam os seus gloriosos restos e onde tem uma estátua.

---

Duas atitudes do admirável Conde de Pôrto Alegre devem ser sempre assinaladas para que mostrem o seu amor à Pátria, o seu espírito liberal e adiantado, e a sua energia.

Conta General Osório que Pôrto Alegre foi vítima de injustiças de D. Pedro II, preterindo os verdadeiros patriotas para elevar medalhões. (História do General Osório, I, pág. 534):

*"Contra tôda a expectativa dos adversários da liga, o Imperador recebendo a lista senatorial, escolheu para senador a Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, preterindo o Barão de Pôrto Alegre... E além de o escolher senador, deu-lhe o título de Barão de Quaraim".*

Não havia pois, motivos da fetichica admiração que alguns lhe atribuem por D. Pedro II, e isso explica perfeitamente a atitude tomada junto ao Marquês do Herval, que não era "*nem o idolatra de sua individualidade (de D. Pedro II), nem o monarquista sistemático*".

Pôrto Alegre teria ido procurar o Marquês do Herval para somarem o seu prestígio e fazerem a República sem

sangue derramado. Já ambos eram suficientemente admirados para irem atrás de novos aplausos por derrubarem um trono; o que desejavam era o bem do país sem sofrimento para o imperador que ambos tiveram como chefe durante tantos anos. Mas Herval, certo de que *“a República não era uma idéa triunfante na opinião nacional, e que as espadas que se desembainhassem para defendê-la tentariam uma imposição, sem que lograssem fazer a felicidade da Pátria”*, desaconselhou a idéa, e o movimento nem sequer foi tentado. É o que se lê na História do General Osório — 1.º vol. pág. 106):

*“O General Conde de Pôrto Alegre fez ao Marquês do Herval convite (para que proclamassem a República). O Marquês repeliu a idéa, apesar de convencido de que nada seria mais fácil a ambos, nas circunstâncias em que se achavam para com o Exército”*.

Pôrto Alegre, o fidalgo, o nobre, era um republicano portanto, desde que a Pátria necessitasse para a sua felicidade, do novo regime.

---

Outra atitude característica foi a que assumiu em Buenos Aires por ocasião da sua vitória de Santos Lugares em 3 de fevereiro de 1852, e dias subseqüentes. O caso nos é relatado por um grande e tradicional inimigo do Brasil, D. Pedro S. Lamas (Etapas de una Gran Política) págs. 166 e seguintes:

*“Quase simultâneamente com a notícia da queda do tirano (Juan Manuel Rozas), chega ao govêrno imperial a de um incidente surgido em Buenos Aires, entre o General Urquiza, que assumiu o govêrno da República, e o Barão de Pôrto Alegre, chefe das fôrças do Brasil. Este chefe pretendeu que se lhe entregassem as bandeiras brasileiras tomadas em Ituzaingó, que se encontram na cate-*

dral da metrópole argentina. O General Urquiza dispôs-se a ceder ao pedido, desde que o formule ou ratifique o govêrno de sua Majestade. Este ia preencher essa formalidade, quando meu pai, conhecedor do fato, dirige-se pessoalmente ao Imperador para rogar-lhe que não leve a efeito uma ação que por si só viria desnaturalizar os elevados propósitos em que a aliança se inspirou (de 1851). Com efeito se poderia dizer que o Brasil pretendia uma retribuição pelo seu contingente militar, convertendo-se em mercenárias as armas que na realidade se haviam movido somente por impulsos de um pensamento de transcendência internacional. Além disso o General Urquiza não havia meditado, por certo, sobre a significação do ato; tocar nessas reliquias históricas, seria impopularizar-se, justificar uma sublevação no sentimento público, ferir uma legítima suscetibilidade nacional, e ao govêrno imperial não convinha desprestigiar o caudilho com que se vinculava e cuja missão era já, por si mesma, bastante árdua e delicada.

“O Imperador prometeu estudar o assunto com o seu gabinete, sem manifestar sua opinião a respeito.

“Sem dúvida lhe sorrira a idéia de recuperar aquelas reliquias, de borrar, até certo ponto, a afronta que Ituzaingó representava.

“Meu pai, inquieto, nervoso, viu o Ministério no dia seguinte, e constatou com efeito, que o assunto não era tão simples, e que além disso podia complicar.

A derrota de Ituzaingó foi, sobretudo, um revés riograndense (sic) e eram os riograndenses que compunham a maior parte do Exército brasileiro que venceu em Caseros, os que formalavam a pretensão de levar suas bandeiras.

Já estavam concordando, por outro lado em que lhas levariam.



*Como iam tomar a desaprovação imperial a êsse respeito?*

*Em todo o tempo o Rio Grande se impôs até certo ponto nos conselhos do govêrno central, que teve motivos para contemplar a esta província no tocante especialmente aos assuntos do Rio da Prata.*

*Meu pai via perigar sua intervenção. Urgia o tempo e êle temia que o govêrno se limitasse a deixar a solução ao seu representante diplomático, que tratava novamente com Urquiza, fazendo constar, em todo o caso, que o ato não implicaria em apreciação histórica senão em simples cortesia internacional. Êsse tempêro lhe havia sido insinuado como um têrmo médio, pelo ministro; e conquanto meu pai o tivesse impugnado em absoluto, temeroso de que assim se procedesse, resolveu-se a anunciar ao govêrno imperial uma immediata reclamação por parte e em nome da República Oriental do Uruguai, fundando-se em que aquelas bandeiras eram, ao mesmo tempo que troféus argentinos, troféus do seu país.*

*“A tese era sustentável e meu pai (Andres Lamas) a sustentou em memorando preliminar e confidencial que produziu os desejados efeitos, convindo-se depois, que êsse documento se retiraria para que não ficasse rasto do incidente, desejando o govêrno imperial, desde que se resolvia que ficassem suas bandeiras em Buenos Aires, que não apparecesse cedendo a uma reclamação. Nesse memorando fazia meu pai, sucintamente, o histórico daquela campanha em que os orientais, por seus triunfos exclusivos, anteriores à intervenção argentina, haviam preparado o desenlace em que tomaram aquelas bandeiras, que eram na realidade troféus coletivos da Argentina e do seu país.*

*O fato de se acharem êsses troféus em Buenos Aires não significava que êles não fôsem coletivos; também se achavam na República Argentina as bandeiras de recon-*

*quista de Buenos Aires, tomadas aos inglêses e que por Real Ordem se haviam attribuído à cidade de Montevidéu. Do mesmo modo se opunha hoje (1852) o govêrno oriental a que se devolvessem os troféus de Ituzaingó — que foi, além dos precedentes recordados, um triunfo devido em bôa parte aos orientais, como o reconheceu o próprio General Alvear em carta dirigida ao General Garzon — se oporia a que fôsem entregues a Inglaterra aquelas bandeiras, no dia em que se lhe occurresse proceder nesse sentido ao govêrno de Buenos Aires.*

*O documento concluía por reflexões no sentido de emprovar a inutilidade de um ato que, além de oferecer os inconvenientes assinalados, não teria jamais a virtude de modificar a história nem de mudar o caráter dos successos que haviam feito época sua, recordando vários exemplos de nações que, não obstante suas vitórias, haviam respeitado os troféus que consagravam seus anteriores descalabros, o que nem era o caso atual, pois o Brasil não havia combatido nem vencido a República Argentina.*

E o fato é que as bandeiras brasileiras ficaram onde estavam e onde permanecem ainda”.

### Folk-lore poético da Cisplatina

#### I

▽

#### BARBACENA

A desgraça do govêrno  
nos levou a tal estado  
que deu valor desmarcado  
ao exército inimigo.

#### II

Bravos heróis se perderam...  
(Faz pasmar a triste cena!...)  
devido à rude vileza  
Do General Barbacena.

## III

Como condutor de negros  
que trouxesse do Valongo  
Conduziu a nossa gente  
Inda pior que o rei do Congo.

## IV

Dando princípio ao ataque  
Sem junção de uma brigada,  
nem mandou juntar bagagens  
carretas, bois, cavahada.

## V

Assim foi que acometeu  
sem nada determinar  
e só entrou nessa luta  
quem por gôsto quis entrar...

## VI

Fazendo carga no centro  
Sem dar proteção aos flancos,  
lá leixou bastantes mortos  
muitos feridos e manços.

## VII

Ganha à fôrça o inimigo  
Cavalaria do Rio  
Mas por pequena, essa fôrça  
logo rompida se viu;

## VIII

O grande Abreu em socorro  
Inimigos atropela  
Mas um quadrado dos nossos  
Matou-o junto com ela

## IX

Já então a vil canalha  
Que ficou fora de forma  
Vai a correr pelos campos  
Sem disciplina e sem norma.

## X

Lá se foram os cobardes  
Que na luta não entraram  
Talvez mais de três mil homens  
que honra desampararam.

## XI

Muitas chinás percorriam  
Os pantanais, os banhados  
levando como cadelas  
aos dez, aos doze soldados.

## XII

No número dos cobardes  
Iam muitos oficiais  
que se esqueciam das ordens  
e vozes dos generais.

## XIII

Ó augusto Imperador  
dai-lhes um justo castigo  
Eles devem ser julgados  
Muito pior que ao inimigo.

## XIV

Por êsse motivo enorme  
Nossa ação foi malfadada  
Haveindo nas nossas tropas  
Oficiais feitos do nada.

## XV

Quando devem dar exemplo  
exercitam a fugida  
por isso, augusto senhor,  
foi nossa causa perdida.

## XVI

Rege a ordem militar  
dar o sôldo, mas também  
dar castigo ao delinqüente  
premiando o servir bem.

## XVII

Tendo sido bem visível  
Nossa inteira perdição,  
o herói Bento Gonçalves  
Veio ser-nos salvação.

## XVIII

Eu aposto, se quiserdes  
Uma soma não pequena  
que não sabem nossas praças  
Como atacou Barbacena.

## XIX

Zelou muito a retirada,  
Deixou os centros cansados  
Joga assim um general  
A vida dos seus soldados...

## XX

E como braço, de certo,  
De cada rio fez um muro...  
Muito além de São Lourenço  
Não se julgando seguro!

## XXI

Se quereis triunfo certo  
Mudai pois tôda esta cena  
não dando heróis combatentes  
ao mando de um Barbacena!

---

20 DE FEVEREIRO DE 1827

## I

Agora, eu vou cantar  
Combate fero, guerreiro  
Dado lá pelo Rosário  
Num vinte de fevereiro.

## II

Os bombeiros confirmavam  
Mais de cinco mil soldados  
Que contra nós caminhavam  
Nos deixando desolados.

## III

O inimigo aproximou-se  
só até uma certa altura  
onde se deu o entrevêro  
Nos campos do Boaventura.

## IV

Os pátrias nos perseguiram  
Com guerrilhas pelos flancos  
E inda mais nos consumiram  
Pondo em fogo os nossos campos.

## V

As fogueiras começaram  
Na nossa esquerda primeiro  
Na direita o que faltou  
Foi general, foi guerreiro.

## VI

Pois que o nosso Barbacena  
Depois que fez a burrada  
fez montar a gente tôda  
e se pôs em retirada.

## VII

Marchamos pro Cacequi  
Tôdos morrendo de sono.  
Quando foi no outro dia  
Quanto cavalo sem dono?!...



## BIBLIOGRAFIA

### *Fontes Rioplatenses*

- ÁLVARO ALZOGARAY-ANGEL VIDAR — *Diario de operaciones de la escuadra republicana* — Campaña del Brasil — 1826-1828.
- ARTEAGA — *El Cerro de Montevideo*.
- ARREGUINE — *Historia del Uruguay*.
- Boletín de Informaciones E. M. del Ejército* — Número especial en homenaje al Brig. Gal. D. Frutuoso Rivera, en el 106 aniversario del Rincon de las Gallinas.
- Centenário de Ituzaingó* — Boletins do Ejército republicano e proclamas del General em Jefe.
- Documentos para servir al estudio de la Independencia Nacional* — I. N. G. del Uruguay.
- EDUARDO ACEVEDO — *Historia del Uruguay*.
- ENRIQUE UDAONDO — *La Campaña del Brazil y la batalla de Ituzaingó*.
- Exposición del General Alvear*.
- F. A. BERRA — *Bosquejo historico de la República Oriental del Uruguay*.
- FERNANDO CAPURRO — *La Colonia del Sacramento*.
- FREGEIRO — *Ituzaingó*.
- H. D. — *História Americana*.
- H. D. — *História Pátria (Uruguay)*.
- J. A. BALDRICH — *Historia de la Guerra del Brasil*.
- JUAN A. LAVALLEJA — *Archivo del General (1826-1827)*.
- LUIZ M. LAFINUR — *Los treinta y tres*.
- LUIS ARCOS FERNAND — *La cruzada de los Treinta y Tres*.
- MAYOR HORACIO VICO — *La Batalla de Sarandí*.
- ORESTES DE ARAÚJO — *Historia compendiada de la civilización uruguaya*.
- PEDRO S. LAMAS — *Etapas de una gran política*.

UDAONDO — *Uniformes del Ejercito argentino.*

*Fontes brasileiras*

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO — *Um soldado do reino e do império.*

AFONSO DE CARVALHO — *Caxias.*

ALCIDES CRUZ — *Epítome da guerra entre o Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata.*

AMILCAR SALGADO DOS SANTOS — *A batalha de Ituzaingó.*

ANTÔNIO A. DE AGUIAR — *Vida do Marquês de Barbacena.*

ARMITAGE — *História do Brasil.*

BERTOLDO KLINGER (General) — *Contribuição para a história da Guerra entre o Brasil e Buenos Aires.*

CALÓGERAS — *Marquês de Barbacena.*

DANTON G. TEIXEIRA — *História Militar do Brasil.*

F. L. OSÓRIO — *História do General Osório.*

F. L. OSÓRIO FILHO — *Esprito das armas brasileiras — Alma e sangue do Rio Grande.*

GUSTAVO BARROSO — *História Militar do Brasil.*

J. C. DE MACEDO SOARES — *Os falsos troféus de Ituzaingó.*

JÔNATAS RÊGO MONTEIRO — *A Colônia do Sacramento.*

JOSÉ PESSOA (General) — *Chefes da Cavalaria brasileira.*

J. S. TÔRRES HOMEM — *Anais das Guerras do Brasil com os Estados do Prata.*

J. WASTH RODRIGUES — G. BARROSO — *Uniformes do Exército Brasileiro.*

LEITÃO BANDEIRA (Marechal) — *O Marechal Leitão Bandeira a seus caros filhos.*

LUCAS BOITEUX — *A tática nas campanhas navais nacionais — Ministros da Marinha.*

MELO MORAIS — *Crônica Geral do Brasil.*

MACHADO DE OLIVEIRA — *Recordações históricas.*

OLINTO SAN MARTIN — *Bento Manuel Ribeiro.*

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, T. 97, vol. 151.

RIO BRANCO — *Biografia do Coronel José de Abreu, Barão de Sêrro Larga.*

RIO BRANCO — *Efemérides Brasileiras.*

ROCHA POMBO — *História do Brasil*.

TASSO FRAGOSO — *A Batalha do Passo do Rosário*.

TITARA — *Memórias do grande exército aliado libertador do Sul*.

---

#### BIBLIOGRAFIA DISPERSA

“A missão Ponsonby e a Independência do Uruguai” (Coronel Sousa Doca) — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*.

“As missões orientais do Uruguai e o Coronel Joaquim Antônio de Alencastro” (P/s/ neto) — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*.

“Batalha de Ituzaingó”, pelo Tenente H. O. Wiederspahn — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*.

“Cartas de Bento Gonçalves, Frutuoso Rivera e Bento Manuel (João de Deus Martins) — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*.

“Defesa e Relatório do Marechal Gustavo Henrique Brown (1929) — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*.

“Documentos do Marechal Brown” — *Revista Militar Brasileira*, vol. XXIV.

“Documentos relativos à Guerra Cisplatina” (Barão do Rio Branco) — *Revista Militar Brasileira*, vol. XXIII.

“História da Campanha do Sul em 1827” — “Batalha de Ituzaingó” — Oferecido pelo Visconde de Barbacena — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1886.

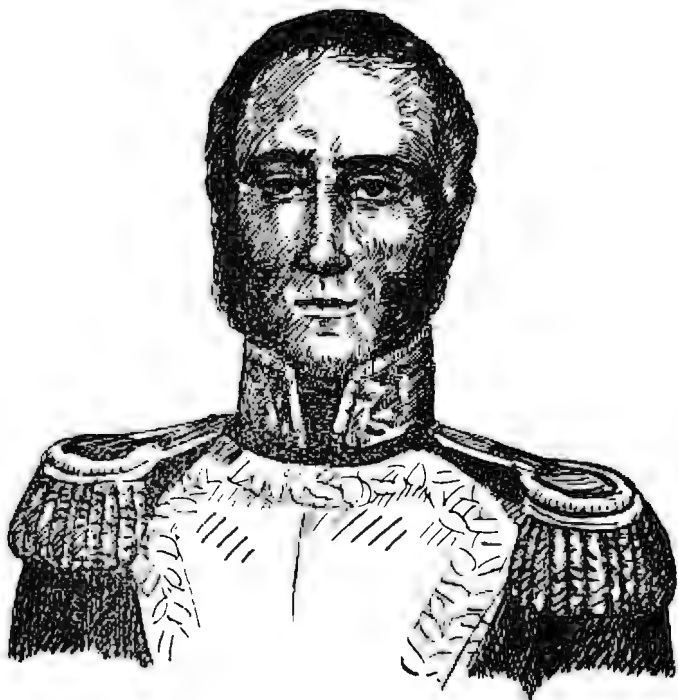
“O soldado de 1827” — *Revista Militar Brasileira*, vol. XXVI. *Poesia do Povo* (Walter Spalding), 1933.

“Recordações históricas que se prendem especialmente à campanha de 1827” (J. J. Machado de Oliveira) — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo XXIII, 1860.

“Reminiscências da Campanha contra Buenos Aires” (Coronel Seweloh) — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1886.

“Guerra Cisplatina” — *Guia do candidato à Escola de Estado Maior do Exército*.

1946  
IMPRESA NACIONAL  
RIO DE JANEIRO — BRASIL



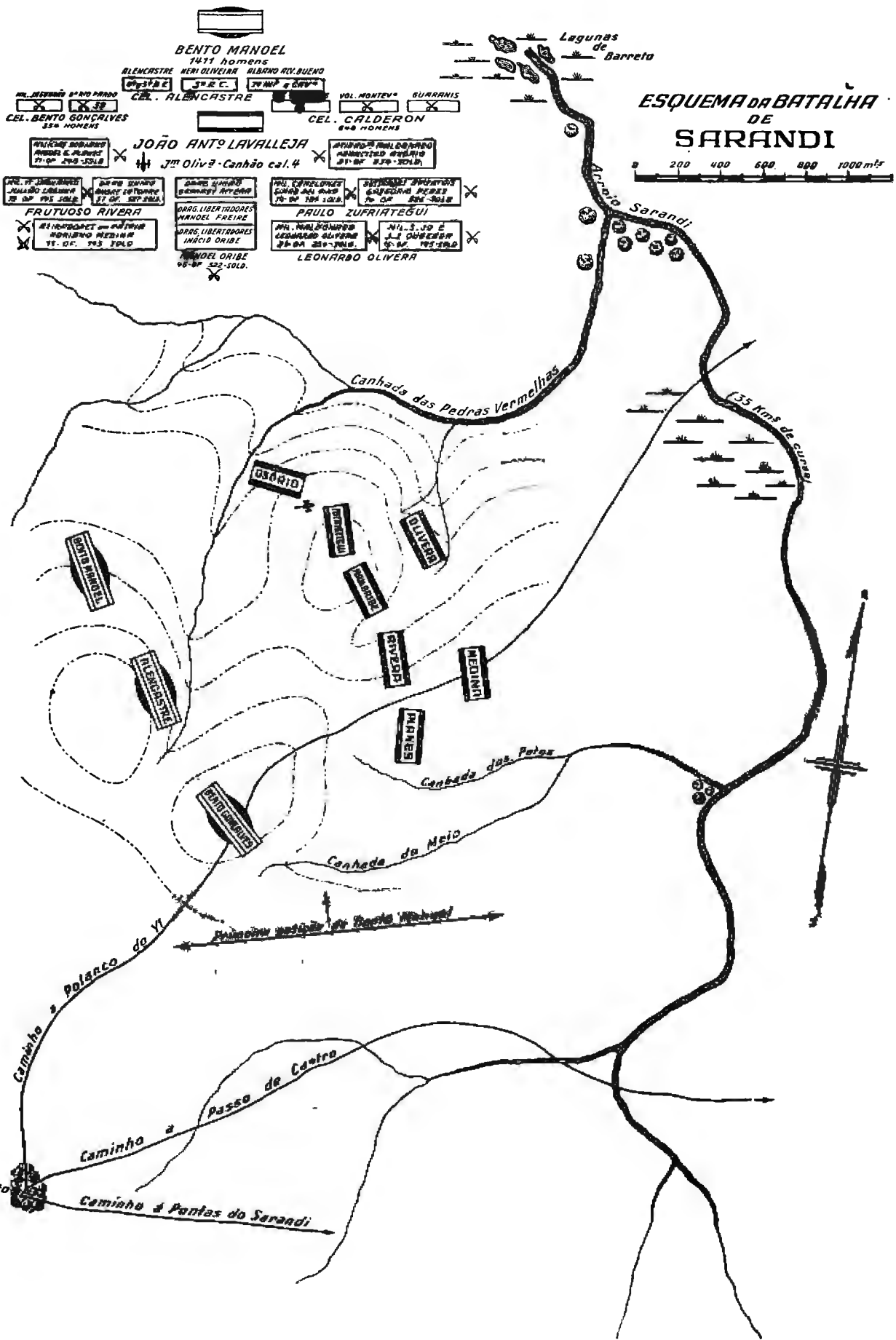
General J. A. Lavalleja.





General Don Frutoso Rivera.

# ESQUEMA DA BATALHA DE SARANDI



**BENTO MANOEL**  
1411 homens

ALENCASTRE NERI OLIVEIRA ALBANO DE BUENO  
3<sup>o</sup> B. E. 2<sup>o</sup> B. E. 2<sup>o</sup> B. E.

CEL. BENTO GONCALVES  
354 HOMENS

CEL. ALENCASTRE

CEL. CALDERON  
898 HOMENS

**JOÃO ANTONIO LAVALLEJA**

7<sup>o</sup> B. Oliv. - Canhão cal. 4

CEL. CALDERON  
898 HOMENS

CEL. BENTO GONCALVES  
354 HOMENS

FRUTUOSO RIVERRA  
71 OF. 298 SOLD.

ANG. LIBERTADORES  
MANOEL FREIRE

PAULO ZUFRIATEGUI

ANG. LIBERTADORES  
MANOEL FREIRE

FRUTUOSO RIVERRA  
71 OF. 298 SOLD.

ANG. LIBERTADORES  
MANOEL FREIRE

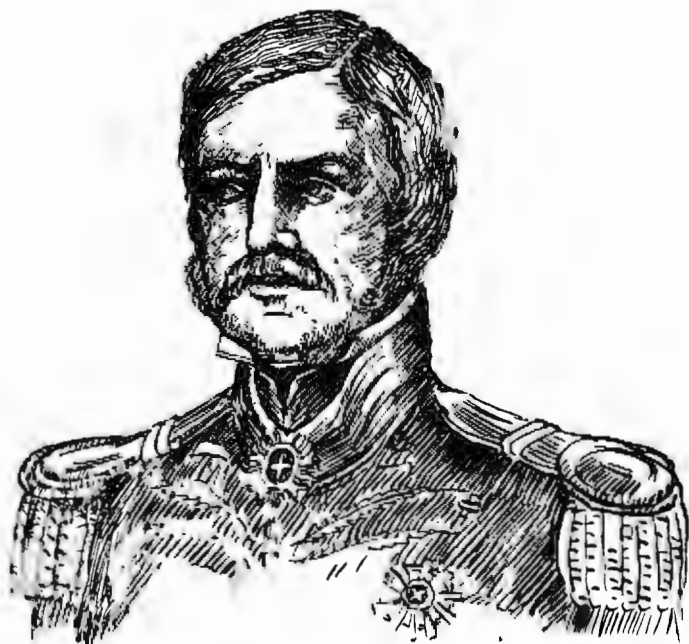
PAULO ZUFRIATEGUI

ANG. LIBERTADORES  
MANOEL FREIRE

LEONARDO OLIVEIRA

ANG. LIBERTADORES  
MANOEL FREIRE





Coronel Bento Manoel Ribeiro.



General Rodrigues.

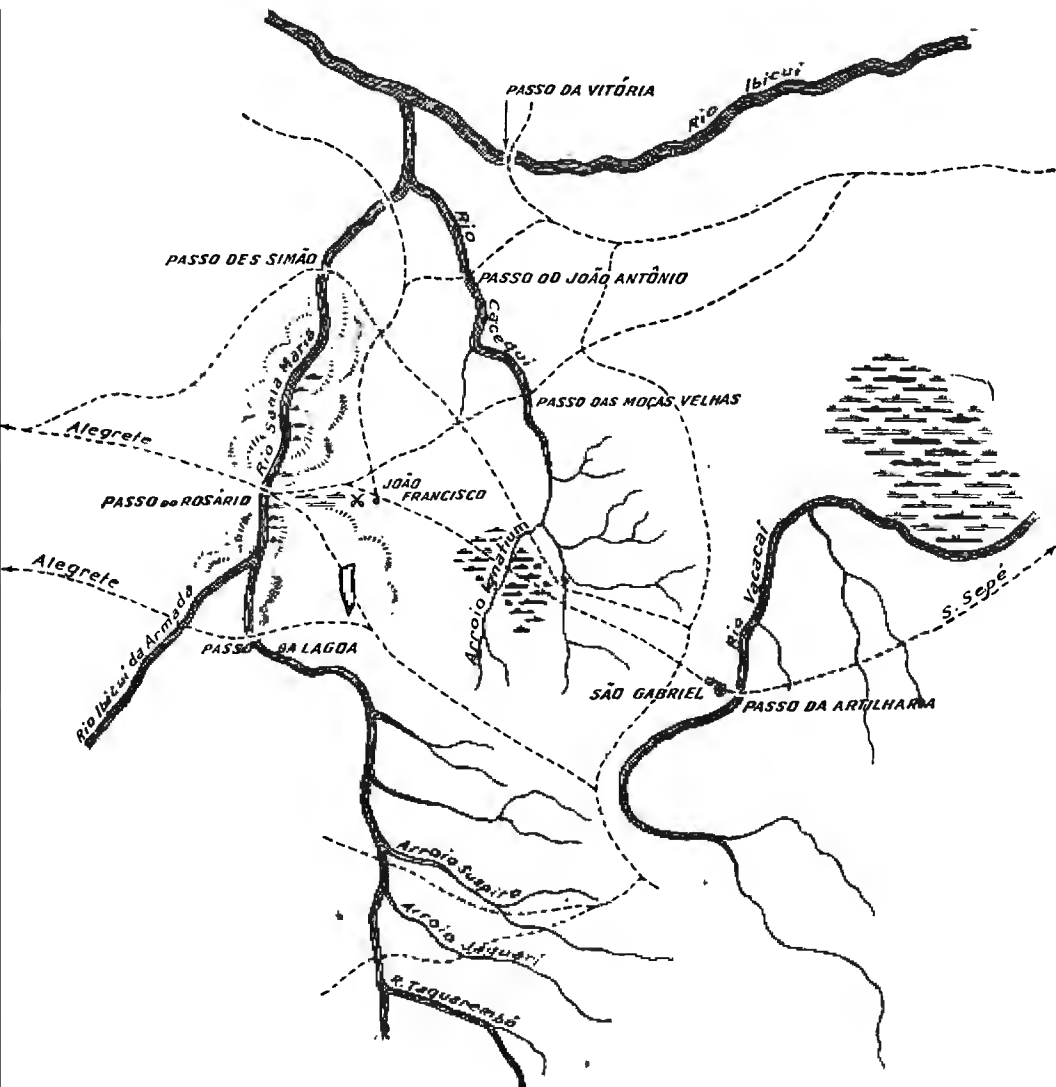


General Alvear.





General S. B. Pereira Pinto.

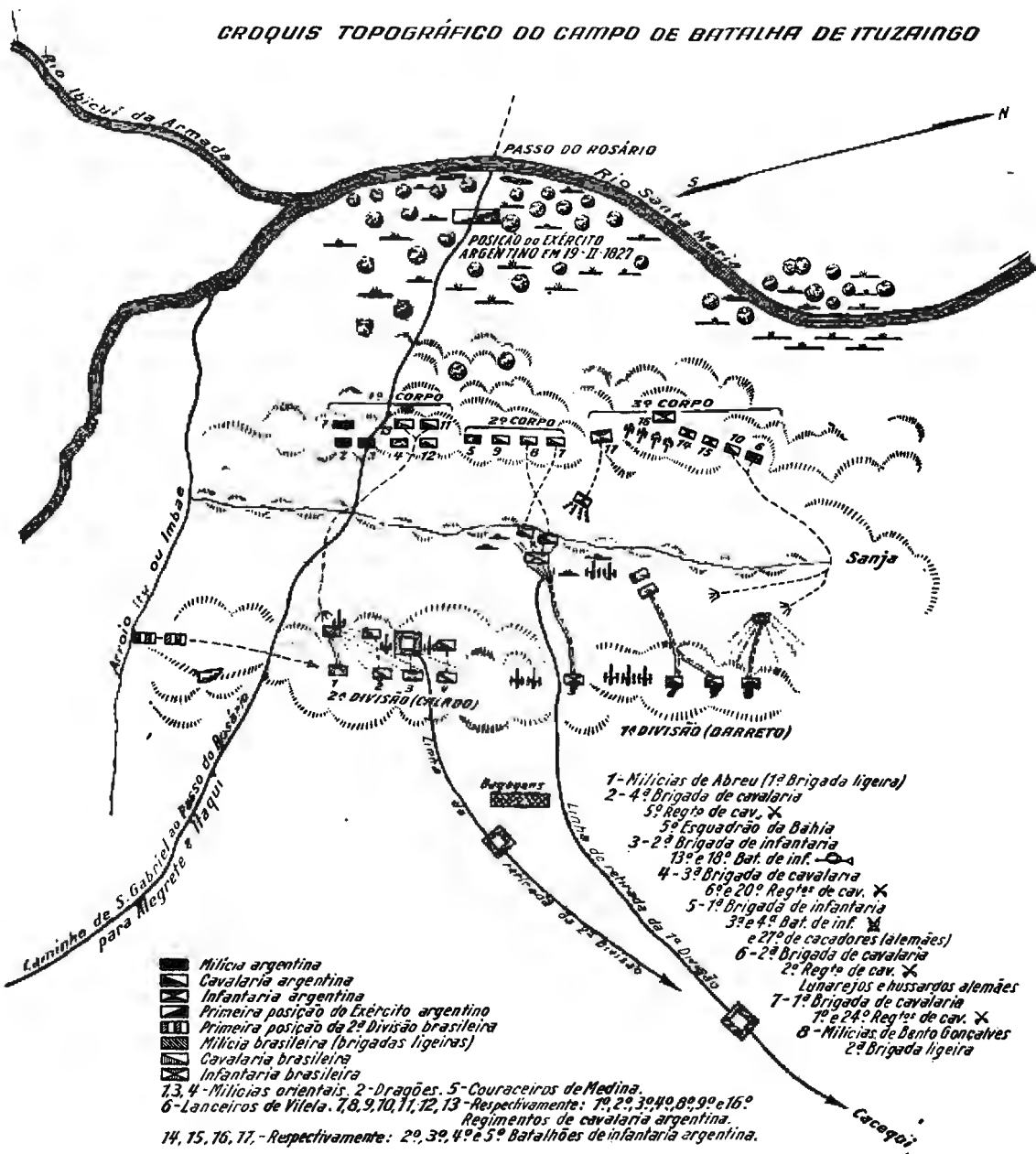


Situação do Passo do Rosário.



Marquês de Barbacena.

# CROQUIS TOPOGRÁFICO DO CAMPO DE BATALHA DE ITUZAINGO



- 1 - Milicias de Abru (1ª Brigada ligeira)
- 2 - 4ª Brigada de cavalaria
- 5º Regto de cav. ✕
- 5º Esquadrão da Bahia
- 3 - 2ª Brigada de infantaria
- 13ª e 18ª Bat. de inf. - ✕
- 4 - 3ª Brigada de cavalaria
- 6ª e 20ª Regtes de cav. ✕
- 5 - 1ª Brigada de infantaria
- 3ª e 4ª Bat. de inf. ✕
- e 27º de caçadores (alemães)
- 6 - 2ª Brigada de cavalaria
- 2ª Regto de cav. ✕
- Lunarejos e hussardos alemães
- 7 - 1ª Brigada de cavalaria
- 1ª e 2ª Regtes de cav. ✕
- 8 - Milicias de Bento Gonçalves
- 2ª Brigada ligeira





General João Christóvão Calado.



Marechal Gustavo H. Brown.



Almirante Brown.



Almirante Rodrigo Lobo.



Almirante Pinto Guedes.